



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

MARIA DO SOCORRO MELO ARAÚJO

# **ESTUDO TOPONÍMICO ANTROPOCULTURAL DE UIRAMUTÃ - RORAIMA**



ARARAQUARA – S.P.  
2019

MARIA DO SOCORRO MELO ARAÚJO

# **ESTUDO TOPONÍMICO ANTROPOCULTURAL DE UIRAMUTÃ - RORAIMA**

Tese de Doutorado apresentada ao Conselho, Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa: Estudos do Léxico**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti**

**Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odileiz Sousa Cruz**

ARARAQUARA – S.P.  
2019

Araújo, Maria do Socorro Melo  
Estudo toponímico antropocultural de Uiramutã -  
Roraima / Maria do Socorro Melo Araújo - 2019  
204 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) -  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",  
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)  
Orientador: Cristina Martins Fargetti  
Coorientador: Maria Odileiz Sousa Cruz

1. Estudos do Léxico. 2. Lexicologia. 3. Onomástica. 4.  
Toponímia Indígena. 5. Roraima. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA DO SOCORRO MELO ARAÚJO

## ESTUDO TOPONÍMICO ANTROPOCULTURAL DE UIRAMUTÃ - RORAIMA

Tese de Doutorado apresentada ao Conselho, Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estudos do Léxico  
**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Martins Fargetti  
**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odileiz Sousa Cruz

Data da defesa: 22/10/2019

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

**Presidente e Orientadora:** Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

**Membro Titular:** Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa - Unesp/Araraquara.

**Membro Titular:** Prof. Dr. Odair Luiz Nadin - Unesp/Araraquara.

**Membro Titular:** Prof. Dr. Angel Corbera Mori - Unicamp

**Membro Titular:** Prof. Dr. Antonio Carlos Silvano Pessotti – Escola de Música de Piracicaba

Participação por videoconferência

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras

Dedico este trabalho ao povo Makusi de Roraima e à *Sikîpak* (Odi).

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida que me permitiu chegar até aqui com saúde.

À minha orientadora professora Dra. Cristina Martins Fargetti pela paciência e crédito na minha capacidade, mostrando-me a força e as possibilidades de caminhar neste desafio.

À minha coorientadora professora Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz (Odi) que, com seu jeito seguro, faz-me refletir e vibra comigo a cada achado toponímico.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, por contribuir significativamente para as minhas ponderações.

A meus filhos, Samir e Sarah; Solon e Andréia; e Sávio, por me ampararem em todos os momentos, mesmo sentindo minha ausência na família, nos estresses da tese, quando o querer e o poder eram o alvo. São seus, meu intenso amor e gratidão.

À minha família, do Seu Clóvis e de Dona Socorro, que com pouco recurso conseguiu levar todos os filhos à Universidade, obrigada pela confiança na minha capacidade.

Aos meus irmãos e sobrinhos, especialmente, que esta tese possa servir de incentivo acadêmico, que percebam como crível a realização de um sonho.

Ao Brito, companheiro de longos anos, com o reconhecimento do incentivo diário.

Aos muitos amigos e colegas da turma do DINTER e de trabalho, que foram esteio nos momentos difíceis, em especial Isabella Coutinho, que se debruçou sobre o texto e fez excelentes considerações; Cristiane Dália, amiga de todas as horas; Elecy e Georgina, exemplos de atenção e cuidados, Fabricio e Eliabe, companheiros de muitas jornadas e vultosas discussões linguísticas.

Ao professor Dr. Assis Araújo, pelo apoio na confecção dos mapas e em longas escutas.

Aos amigos Giovany Sacramento que ciceroneou as visitas em Uiramutã e Raynia Carvalho pelo apoio no trabalho pesado e nas horas de descontração.

Aos colegas professores indígenas Alvino, Sobral, Leonardo Pereira e Denivaldo que contribuíram individualmente e por meio de seu povo Makusi, com quem aprendi que a vida está muito além do que se vê. O apoio de todos vocês que me receberam em suas comunidades foi definitivo para realização desta pesquisa.

A todos os profissionais que contribuíram de alguma forma nessa trajetória.

À UNESP-Araraquara e à UERR pela oportunidade de tornar tudo possível.

### **Pai Nosso**

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Vosso nome.  
Venha a nós o Vosso Reino.  
Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu.  
O pão nosso de cada dia nos dai hoje.  
Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.  
E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.  
Amem.

### ***Anna yun***

*Anna yun ka'po wanî, koneka'kî santo pe ayese,  
Aasîkî annapia. Kurenan ipîku aye'peru.  
Ikoneka yuse wanî, seuwani tarî nonpo.  
O'non wanî ka'po. Sîrîrîpe anna yu'ton.  
Antîkî tamînawîrî wei kaiisarî.  
Morî'pe nakî, Pemara kupî anna man, mîrîrî  
Waranî pemara'kunen. Morî'pe anna nanpîman.  
Iriya anna kenanen mîuni anna yenpakakî makui pia pai.  
Amém.*

(Oração do Pai Nosso rezada pela *kooko* Adélia Silva no encontro em Popó. Traduzida do Português para o Makusi pelo Prof. Sobral, Etnia Makusi.)

## RESUMO

Esta tese de doutorado apresenta os resultados da pesquisa sobre toponímia indígena na região de Uiramutã - Roraima, tomando por base principalmente Dick (1990) para fundamentar a descrição. A pesquisa busca nos topônimos e nas narrações dos mitos de Uiramutã, estratos linguísticos que mostram que os indígenas se encontram em um mundo repleto de conceitos e valores espirituais, indicando uma sobreposição linguístico-cultural nos nomes locais, especialmente naquelas comunidades que possuem topônimos anteriores. Mostramos aqui que o ato de nomear os acidentes geográficos e humanos é motivado por fatos históricos, sociais, culturais, conhecimentos de cosmovisão e elementos subjetivos do denominador, de modo a ter a importante função de batismo do lugar. A investigação se justifica pela necessidade de mais pesquisas na área de toponímia indígena em Roraima, onde estudos dessa natureza ainda são incipientes. A metodologia se deu pela pesquisa de campo com base em entrevistas e narrativas orais coletadas com informantes mais idosos das comunidades. O corpora constitui-se de 53 acidentes humanos (AH), incluindo a sede do município, e 68 acidentes físicos (AF) da região de Uiramutã, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS), em Roraima. Os resultados mostram que a motivação volta-se principalmente para as taxes Zootopônimo, Mitotopônimo, Fitotopônimo e Ergotopônimo, indicando as preferências dos indígenas Makusi pelas coisas de seu mundo físico, comunidades *Prododó* e Barreirinha e espiritual, comunidades São Mateus e Makunaima. A composição sintagmática dos topônimos apresenta na maioria estrutura simples [SN(N)] em português e posposição em língua indígena. Ficou evidenciado que topônimos em língua Portuguesa sobrepostos a outro na mesma língua coocorrem, como em rua Martiniano Vieira (oficial) e Rua do Comércio (espontâneo), ou que topônimos em língua Portuguesa sobrepostos a outros em língua Indígena também coocorrem, como em comunidade Milho (oficial) e *Parê worî ~ Parê wîri* (espontâneo), que significa ‘vulva da mulher’, nome ainda reconhecido no lugar. Essa motivação inusitada na toponímia de Uiramutã faz jus à proposta da subcategorização Gonotopônimo para a Taxe Somatopônimo.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Toponímia Indígena. Roraima



## ABSTRACT

This dissertation presents the result of the research on indigenous toponymy of Uiramutã - Roraima, based mainly on Dick (1990). The research analyzes linguistic strata that shows how indigenous people find themselves in a world full of spiritual concepts and values indicating a linguistic-cultural overlap in local names, especially in those communities that have previous toponym. We show here that the act of naming physical and human accidents is motivated by historical, social, cultural, worldview knowledge, and subjective elements of the denominator, in order to have the important baptismal function of the place. This investigation is justified by the need of more research on indigenous toponymy in Roraima, where it is still incipient. The methodology consisted on a fieldwork documentation and analysis of interviews and oral narratives, collected from older informants from the communities. The corpora analyzed consisted of 62 human accidents (AH), including the city headquarters, and 72 physical accidents (AF) of the Uiramutã Region, in Raposa Serra do Sol, an Indigenous Land (TIRSS), in Roraima. The results show that motivation turns mainly to the Zootoponym, Mitotoponym, Phytotonym and Ergotoponym taxes, indicating the preferences of the Makusi people of Uiramutã for the things of their physical and spiritual world. The syntagmatic composition of the toponymys has a [SN (N)] structure in Portuguese, with a postposition in the Indigenous Language. It was shown that toponyms in Portuguese cooccur with previous toponyms in the same language like Martiniano Vieira street (official) and Comércio Street (spontaneous), or toponyms in Portuguese cooccur with previous toponyms in the indigenous language like in Milho Community (official) and Parê worî ~ Parê wîri (spontaneous) that means 'vulva'. This unusual motivation in the Uiramutã toponymy justifies the proposal of the Gonotoponymous subcategorization for the Somatoponymous Taxe.

**Keywords:** Lexicology. Indigenous Toponymy. Roraima.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Situação geográfica do município de Uiramutã.....	25
<b>Figura 2</b> - Amostragem de classificação das línguas Karib .....	30
<b>Figura 3</b> - Esboço para orientação da pesquisa de campo .....	64
<b>Figura 4</b> - As rotas da pesquisa .....	67
<b>Figura 5</b> - Fanzine: atividade da Pós-graduação em Letras da UERR .....	72
<b>Figura 6</b> - Produção pedagógico-cultural – obra de Zezé Maku .....	72
<b>Figura 7</b> - Elementos que singularizam a região de Uiramutã .....	75
<b>Figura 8</b> - Rua Martiniano Vieira, a Rua do Comércio .....	79
<b>Figura 9</b> - Rua do Jatobá/Rua Nova (1).....	80
<b>Figura 10</b> - Rua do Jatobá/Rua Nova (2).....	80
<b>Figura 11</b> - Cachoeira do Urucá .....	82
<b>Figura 12</b> - Corredeiras Paiuá.....	83
<b>Figura 13</b> - Igarapé Uiramutã .....	84
<b>Figura 14</b> - Monte Roraima .....	86
<b>Figura 15</b> - Dificuldades de tráfego nas estradas.....	96
<b>Figura 16</b> - Roda de conversa em Camararen .....	103
<b>Figura 17</b> - Retiro São João do Galo .....	109
<b>Figura 18</b> - Comunidade São Mateus .....	110
<b>Figura 19</b> - Foto de Makuken .....	114
<b>Figura 20</b> - Cachoeira da Andorinha .....	117
<b>Figura 21</b> - Comunidade Monte Sião (Igreja da Aleluia).....	121
<b>Figura 22</b> - Comunidade Milho .....	126
<b>Figura 23</b> - Comunidade Prododó (Pedra do Piolho).....	128
<b>Figura 24</b> - Comunidade Prododó (rio Ayan kanan) .....	129
<b>Figura 25</b> - Comunidade do Popó (2).....	136
<b>Figura 26</b> - Comunidade Popó (1).....	137
<b>Figura 27</b> - Comunidade Uiramutã.....	140
<b>Figura 28</b> - Comunidade Nova Vida .....	143
<b>Figura 29</b> - Comunidade Paruê.....	144
<b>Figura 30</b> - Comunidade Tabatinga do Entroncamento (1).....	149
<b>Figura 31</b> - Comunidade Tabatinga do Entroncamento (barro Tawa) (2).....	149

<b>Figura 32 - Comunidade Makunaima</b> .....	152
<b>Figura 33 - Comunidade São Francisco (1)</b> .....	154
<b>Figura 34 - Comunidade São Francisco (elementos da cultura) (2)</b> .....	155
<b>Figura 35 - Representação dos donos do lugar em uma comunidade Makusi</b> .....	177

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Ficha lexográfico-toponímica de Uiramutã.....	75
<b>Quadro 2</b> - Resumo do aspecto etimológico dos topônimos da sede de Uiramutã.....	86
<b>Quadro 3</b> - Resumo da motivação e Taxionomia da toponímia da sede de Uiramutã.....	92
<b>Quadro 4</b> - Resumo dos aspectos onomásticos observados na toponímia das comunidades indígenas de Uiramutã.....	155
<b>Quadro 5</b> - Toponímia das águas e pedras - Acidentes Físicos.....	160

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AF** Acidente Físico
- AH** Acidente Humano
- AM** Amazonas
- Apoc.** Apócope
- ATB** Atlas Toponímico do Brasil
- ATEMIG** Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
- ATEPAR** Atlas Toponímico do Paraná
- ATITO** Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins;
- ATOBAB** Atlas Toponímico da Bahia
- Av.** Avenida
- BA** Bahia
- Cach.** Cachoeira
- Cid.** Cidade
- Cl.** Consoante de ligação
- Cf.** Conforme
- CIRR** Conselho Indígena de Roraima
- CNPq** Conselho Nacional de Pesquisa
- Com.** Comunidade
- Corred.** Corredeira
- Deriv.** Derivação
- Design.** Designação
- EMBRATEL** Empresa Brasileira de Telecomunicações
- Esp.** Espécie
- Etim.** Etimologia.
- FCLAR** Faculdade de Ciências e Letras da /UNESP
- Fr.** Francês
- FUNAI** Fundação Nacional do Índio
- FUNARTE** Fundação Nacional de Artes
- GPS** *Global Positioning System*
- Gr.** Grego
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**Ig.** Igarapé  
**It.** Italiano  
**Lat.** Latim  
**Lg.** Lago  
**Ling.** Língua  
**LT** Língua Taurepang  
**MA** Maranhão  
**MINC** Ministério da Cultura  
**MK** Língua Makusi  
**Mte.** Monte  
**N** Nome  
**Orig.contrv.** Origem controversa  
**PARNA** Parque Nacional (do Monte Roraima)  
**PB** Português Brasileiro  
**Pd.** Pedra  
**PNT EE** Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais  
**Posp.** Posposição  
**PPG** Programa de Pós-Graduação  
**Prç.** Praça  
**Prep.** Preposição  
**PROEXT** Pró reitoria de Extensão  
**Pron.** Pronome  
**R.** Rua  
**Ret.** Retiro  
**Rg.** Rego  
**RO** Rondônia  
**RR** Roraima  
**S.M.** Substantivo masculino  
**SA(A)** Sintagma Adjetival  
**SEBRAE** Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
**Sed.** Sede  
**SN** Sintagma Nominal  
**SN(N)** Sintagma Nominal, núcleo um Nome

**SNCT** Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

**SP** Sintagma Preposicionado

**SP** Sintagma Preposicional; São Paulo

**Sr.** Serra

**Suf.** Sufixo

**SV(V)** Sintagma Verbal, núcleo um Verbo;

**TIRRS** Terra Indígena Raposa Serra do Sol

**TIs** Terras Indígenas

**TISM** Terra Indígena São Marcos

**TP** Tupi

**Trad.** Tradução

**Trv.** Tavessa

**UERR** Universidade Estadual de Roraima

**UFRR** Universidade Federal de Roraima

**UNESP** Universidade Estadual Paulista

**USP** Universidade de São Paulo

**V** Verbo

**VI.** Vila

## LISTA DE SÍMBOLOS

- [] Colchete, segmento fonético
- // Barra, segmento fonológico
- ~ Flutuação, variação
- : Segmento alongado
- > Deriva
- ' Sílabas tônicas/fone glotal em MK
- () Acréscimo de informação acessória para a compreensão do sintagma.
- “ ” Citação direta
- ‘ ’ Realce de uma palavra
- ... Marcação de um pensamento inacabado
- Î ( î ) Vogal alta central
- Fonte itálico* Marcação de língua estrangeira
- Fonte Courier New Marcação de fala dos entrevistados



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>2 RORAIMA E UIRAMUTÃ: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIOLINGUÍSTICOS E HISTÓRICOS<sup>24</sup></b>	
2.1 Um território de tríplice fronteira e sua construção histórico-etnográfica.....	24
2.2 Diversidade cultural e linguística, famílias Karib e Aruak, em Roraima .....	27
2.3 Uiramutã: o encantado município dos roraimenses .....	34
<b>3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA OS ESTUDOS TOPONÍMICOS .....</b>	<b>38</b>
3.1 A arte toponímica: motivação e estrutura do signo.....	38
3.2 O modelo taxionômico de Dick.....	41
3.3 Diálogo entre linguagem, memória e mito .....	45
3.3.1 O estudo do nome do lugar .....	52
3.3.2 Presença africana na toponímia brasileira?.....	53
<b>4 DISPOSIÇÕES METODOLÓGICAS E ANTROPOCULTURAIS .....</b>	<b>57</b>
4.1 Abrangência Metodológica .....	57
4.2 Ficha lexicográfico-toponímica .....	59
4.3 Pesquisa etnográfica e o estudo toponímico .....	61
4.4 Trilhas toponímicas de Uiramutã .....	63
4.4.1 Suportes para o campo e para o texto.....	65
<b>5 UIRAMUTÃ: MEMÓRIA E CULTURA NA NOMINAÇÃO .....</b>	<b>68</b>
5.1 A mais viva história de Makunaima .....	68
5.2 Os irmãos Insikiran e Ani'kê.....	73
5.3 Elementos da toponímia de Uiramutã .....	74
5.3.1 Os topônimos e suas taxes .....	89
<b>6 AS ROTAS TOPONÍMICAS DE UIRAMUTÃ .....</b>	<b>94</b>
6.1 Batismo e oficialização do nome do lugar .....	94
6.2 Rota Camararen .....	96
6.2.1 Camararen .....	96
6.2.1.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	96
6.2.1.2 As histórias narradas .....	100
6.2.1.3 Aspectos linguísticos .....	103
6.2.2 Flechalzinho .....	104
6.2.2.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	104
6.2.2.2 Aspectos linguísticos.....	105
6.2.3 Retiro São Jorge .....	105
6.2.3.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	105

6.2.3.2 Aspectos linguísticos .....	106
6.2.4 Retiro Samaúma .....	106
6.2.4.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	106
6.2.4.2 Aspectos linguísticos .....	107
6.2.5 Retiro São João do Galo.....	107
6.2.5.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	107
6.2.5.2 As histórias narradas .....	108
6.2.5.3 Aspectos Linguísticos .....	108
6.2.6 Comunidade São Mateus .....	109
6.2.6.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	109
6.2.6.2 Aspectos linguísticos .....	110
6.2.7 Comunidade Triunfo.....	111
6.2.7.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	111
6.2.7.2 As histórias narradas .....	111
6.2.7.3 Aspectos linguísticos.....	112
6.3 Rota Makuken .....	112
6.3.1 Makuken.....	112
6.3.1.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	112
6.3.1.2 Aspectos linguísticos .....	113
6.3.2 Andorinha .....	115
6.3.2.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	115
6.3.2.2 As histórias narradas .....	115
6.3.2.3 Aspectos linguísticos.....	116
6.3.3 Barreirinha.....	118
6.3.3.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	118
6.3.3.2 As histórias narradas .....	118
6.3.3.3 Aspectos linguísticos .....	118
6.3.4 Monte Sião.....	119
6.3.4.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	119
6.3.4.2 As histórias narradas .....	120
6.3.4.3 Aspectos linguísticos.....	120
6.3.5 Caracanã .....	122
6.3.5.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	122
6.3.5.2 Aspectos linguísticos .....	122
6.3.6 Pato .....	122
6.3.6.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	122

6.3.6.2 Aspectos linguísticos .....	123
6.3.7 Milho .....	124
6.3.7.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	124
6.3.7.2 As histórias narradas .....	124
6.3.7.3 Aspectos linguísticos .....	125
6.3.8 Prododó .....	127
6.3.8.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	127
6.3.8.2 As histórias narradas .....	127
6.3.8.3 Aspectos linguísticos .....	127
6.3.9 Topa Pé .....	129
6.3.9.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	129
6.3.9.2 As histórias narradas .....	130
6.3.9.3 Aspectos linguísticos .....	130
6.3.10 Popó .....	131
6.3.10.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	131
6.3.10.2 As histórias narradas .....	132
6.3.10.3 Aspectos linguísticos .....	135
6.3.11 Comunidade Uiramutã .....	137
6.3.11.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	137
6.3.11.2 As histórias narradas .....	138
6.3.11.3 Aspectos linguísticos .....	139
6.4 Rota Nova Vida .....	140
6.4.1 Nova Vida I .....	141
6.4.1.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	141
6.4.1.2 As histórias narradas .....	142
6.4.1.3 Aspectos linguísticos .....	142
6.4.2 Paruê .....	143
6.4.2.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	143
6.4.2.2 Aspectos linguísticos .....	144
6.4.3 Caxirimã .....	145
6.4.3.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	145
6.4.3.2 As histórias narradas .....	145
6.4.3.3 Aspectos linguísticos .....	146
6.4.4 Tabatinga do Entroncamento .....	147
6.4.4.1 O contexto geográfico e a constituição social .....	147
6.4.4.2 Aspectos linguísticos .....	148

<b>6.4.5 Makunaima .....</b>	<b>150</b>
<b>6.4.5.1 O contexto geográfico e a constituição social .....</b>	<b>150</b>
<b>6.4.5.2 As histórias narradas .....</b>	<b>150</b>
<b>6.4.5.3 Aspectos linguísticos .....</b>	<b>151</b>
<b>6.4.6 São Francisco .....</b>	<b>153</b>
<b>6.4.6.1 O contexto geográfico e a constituição social .....</b>	<b>153</b>
<b>6.4.6.2 Aspectos linguísticos .....</b>	<b>153</b>
<b>6.5 O mundo toponímico das águas e pedras .....</b>	<b>157</b>
<b>6.5.1 Sobre toponímia indígena em Uiramutã .....</b>	<b>174</b>
<b>7 SOMATOPÔNIMO E GONOTOPÔNIMO: TAXE EM PROCESSO DE SUBCATEGORIZAÇÃO .....</b>	<b>178</b>
<b>7.1 Contribuição para a Taxionomia .....</b>	<b>178</b>
<b>7.1.1 Taxionomia de Dick, o desafio das contribuições .....</b>	<b>182</b>
<b>7.1.2 A subcategorização Gonotopônimo .....</b>	<b>183</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>197</b>
<b>APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....</b>	<b>198</b>
<b>APÊNDICE B - CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA.....</b>	<b>199</b>
<b>APÊNDICE C - RELAÇÃO DE COMUNIDADES PARA POSSÍVEIS VISITAS.....</b>	<b>200</b>
<b>APÊNDICE D – SOLICITAÇÃO DE APOIO À PESQUISA CIENTÍFICA .....</b>	<b>201</b>
<b>APÊNDICE E - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA .....</b>	<b>202</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A importância de desenvolver um trabalho que possa contribuir para o fortalecimento da história, da cultura e das línguas roraimenses, impulsionou esta tese a partir do seu problema de pesquisa: entender o que motivou uma sociedade/povo/denominador a escolher um determinado topônimo para batizar um elemento físico (serras, rios, lagos, e tantos outros.) ou humano (cidade, povoado, comunidade, entre outros). Deste modo, buscou-se saber qual a importância da atual denominação e, ainda, se o topônimo foi o primeiro, se é oficial ou se já recebera outro anteriormente e o que pode ter ocasionado a substituição.

Por razões muito peculiares, como ser eminentemente indígena, Uiramutã-RR, epicentro da Terra Indígena Raposa Serra do Sol - estado de Roraima, foi o lugar escolhido para a pesquisa. Nesse sentido, foram observadas as marcas dos elementos intracódigo (aspectos linguísticos) resultadas das transformações que as línguas tenham passado. Para a investigação toponímica esses sinais são determinantes porque permitem revelar, por exemplo, como os falantes fizeram, ou ainda fazem uso da língua na concepção do mundo em seu entorno. De outro modo, os elementos extracódigo (valores culturais, religiosos, políticos, crenças e até as relações de poder vividas por um grupo) são fundamentais para a análise onomástico-toponímica, portanto considerados. De igual relevância, pode-se observar uma relação mito-toponímica do município de Uiramutã, região ‘encantada’, descrita nesta tese.

O trabalho está orientado pela hipótese de que na toponímia indígena, mesmo daqueles topônimos em língua portuguesa, há quase sempre outro topônimo na língua indígena, subjacente ao topônimo atual, que se mantém, ou que se manteve socialmente por algum tempo até a total sobreposição toponímica, evidenciado pelos estratos linguísticos, por exemplo: *Parê worí ~ Parê wíri*, em MK, atual comunidade Milho. E que, assim como a toponímia, os mitos e lendas presentes nessa região, quase sempre ligados à escolha toponímica, também passam por processos de sobreposição, podendo ser observada nos estratos de narrações orais, por exemplo: a narrativa de Makunaima.

Diante disso, conjectura-se que o indígena sabe encontrar o que há de melhor na natureza para a sua sobrevivência física e espiritual. Entretanto, muitos questionamentos pairam sobre essa afirmação como, seria o indígena capaz também de saber o que está além de sua vida na terra? O que se sustentaria na cosmovisão de seu mundo? O que se passa no mundo subjetivo desse povo? Apesar de esse estudo não contemplar na totalidade esses questionamentos, o leitor pode encontrar uma reflexão acerca do mundo indígena.

Isto posto, o objetivo geral da pesquisa foi catalogar registros onomástico-toponímicos de acidentes de natureza física ou antropocultural cuja origem advém de línguas indígenas, em Uiramutã, com ênfase nos fatores sociolinguísticos e histórico-culturais motivadores dos topônimos, a fim de mostrar a importância da investigação para reconstituir uma história e contribuir para salvaguardar a memória de um grupo social.

Para alcançar esse fim, foram traçados os objetivos específicos, apresentar o contexto socio-histórico no ambiente geográfico; identificar os aspectos de memória e cultura nas narrativas e mitos; compreender a motivação toponímica resultante na diversidade étnica; reconhecer estratos linguísticos presentes nos topônimos da região de fronteira no município de Uiramutã e contribuir com os estudos toponímicos no Brasil. Para tanto, os conceitos e reflexões estão respaldados em base teórica da temática de linguagem, língua e cultura, fronteira, e especialmente da ciência Onomástica.

Os estudos científicos no Brasil, no que tange à questão indígena, têm sido tema das discussões que mais ocupam lugar privilegiado nas diversas áreas do conhecimento. Atualmente, trabalhos científicos nessa área são cada vez mais frequentes, esses já despontam em Roraima, que é o estado brasileiro com maior quantidade de terras indígenas, com cerca de 46,68% do seu território demarcado (IBGE, 2010). De modo que a presente tese foi motivada principalmente por um trabalho anterior, sobre a toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima (ARAÚJO, 2014), dissertação de mestrado cuja metodologia permeou pelas narrativas orais.

Do ponto de vista técnico-científico, o interesse por este tema deu-se em função de várias atividades de pesquisa e extensão das quais a pesquisadora participou, em ações nacionais de extensão como Saberes Indígenas na Escola, no Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais – PNTEE; no Programa de Formação Continuada e Etnodesenvolvimento nas Comunidades do Norte e Nordeste do Estado de Roraima – PROEXT/SIGPROJ/2013 e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia SNCT.

A base teórico-metodológica para este estudo está principalmente nos parâmetros propostos por Dick (1990), cuja classificação taxionômica proposta em 1990 é, atualmente, utilizada por praticamente todos os pesquisadores brasileiros dedicados ao tema. As obras da autora são a literatura principal para pesquisadores toponimicistas, em especial, “A motivação toponímica e a realidade brasileira” (1990), “Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos” (1992), “Investigação Linguística da Onomástica Brasileira” (2000) e “A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo” (1996).

Outros trabalhos científicos na área indígena podem ser citados como importantes para realização desta pesquisa, citam-se: “O Fato Lingüístico como Recorte da Realidade Sociocultural” (ISQUERDO, 1996); “As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana” (FARAGE, 1997); “A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo” (SEABRA, 2004); “Projeto narrativas orais indígenas: registro e análise na Terra Indígena do Alto São Marcos/RR” (FIOROTTI, 2006); “Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO” (ANDRADE, 2006); “A morada dos wapixana: atlas toponímico da Região Indígena Serra da Lua – RR” (CARNEIRO, 2007), “Os Monaikó: narrativas orais e registros linguísticos” (OLIVEIRA, 2012), e outros.

É importante dizer que a investigação da toponímia traz consigo, além da função de nomeação, a capacidade de (re)constituir uma história, contribuindo para salvaguardar a memória de um grupo social (DICK, 1990). Este trabalho foi motivado também pela necessidade de compreensão da toponímia indígena, em um espaço de relações entre língua, história e cultura diferentes, que se sustenta a partir das narrativas orais repassadas pelos mais idosos ou por representantes sociais, tuxauas e professores das comunidades.

Perante os primeiros resultados ficou comprovada a importância de investigações da toponímia indígena de Roraima, especialmente porque salvaguarda os valores históricos e identifica marcas linguísticas importantes para a compreensão das transformações da língua. Estudos dessa natureza levam em conta os valores culturais repassados, especialmente pelas histórias narradas e tradições mantidas.

O corpus do trabalho se compõe de 121 topônimos, sendo 53 acidentes humanos (AH) e 68 acidentes físicos, foram analisados topônimos anteriores ou que coocorrem com o atual em alguns acidentes. Nesse corpus inclui-se também a sede do município e a região de Uiramutã caracterizada em sua geografia física de cachoeiras, rios, igarapés, lagos, regos, serras, montes e pedras em consonância com seu aspecto cultural individualizado pelos mitos e tradições na Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS), em Roraima. O critério utilizado para a escolha dos entrevistados opta por pessoas mais idosas, mestres<sup>1</sup>, professores e tuxauas, indivíduos respeitados na comunidade. Os resultados revelam que a motivação toponímica se volta principalmente para as taxes de Zootopônimo, Mitotopônimo, Fitotopônimo, e Ergotopônimo, indicando as preferências dos indígenas Makusi.

---

<sup>1</sup> É reconhecida como mestre a pessoa que detém o saber da cosmologia indígena, da história e da cultura de sua etnia. Geralmente o mestre é uma pessoa idosa que goza de respeito dentro da comunidade.

A tese está organizada em sete capítulos, a Introdução que se inicia com a apresentação do problema de pesquisa e dá informações gerais sobre o interesse pelo tema e o que impulsionou esta pesquisa; a hipótese, que se confirma ao longo do trabalho e os objetivos geral e específicos. Nessa seção encontra-se também a apresentação do *locus* da pesquisa de forma contextualizada para que o leitor sinta interesse na leitura deste texto.

O segundo capítulo, Roraima e Uiramutã: aspectos geográficos, sociolinguísticos e históricos, descreve o *locus* da pesquisa nas perspectivas geográfica, política e histórico-etnográfica, as características sociais da tríplice fronteira, Brasil-Venezuela-Guyana, convergem para a diversidade linguística e cultural do extremo norte do Brasil. No item sobre diversidade linguística, o texto traz uma abordagem acerca das famílias linguísticas Karib e Aruak, em Roraima. E o capítulo se encerra com o item Uiramutã: o encantado município dos roraimenses, que apresenta o município *locus* da pesquisa.

No terceiro capítulo, o texto traz os fundamentos teóricos para os estudos toponímicos, embasados principalmente nos modelos teóricos metodológicos da pesquisadora Prof. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. A motivação da escolha toponímica, parte fundamental para estudos dessa natureza e a estrutura do signo estão descritas nesse capítulo, assim como o modelo taxionômico. Faz parte deste capítulo um diálogo entre linguagem, memória e mito, julgado muito importante para o estudo antropológico de Uiramutã, assim como o estudo do nome do lugar, item que trata da necessidade de levantar, por meio das narrativas, as possíveis transformações dos nomes de lugares, de sua fonética e ou variações de diversas ordens, visto que os aspectos do léxico toponímico retratam a história linguística e cultural de um grupo. O capítulo se encerra com uma rápida discussão acerca da presença africana na toponímia brasileira, com ênfase na fronteira das Guianas, onde se localiza a área em estudo.

O capítulo quarto trata das disposições metodológicas e antropológicas. Neste espaço apresenta-se a ficha lexicográfico-toponímica de Dick. Traz um diálogo entre a pesquisa etnográfica e o estudo toponímico, seus pontos convergentes. Nas trilhas toponímicas de Uiramutã são mostrados os caminhos percorridos e os percalços das estradas numa região de difícil acesso, mas um mosaico de língua e cultura. Também fica registrado o suporte recebido para que essa tese chegasse até aqui.

Os capítulos quinto e sexto tratam do exame dos topônimos propriamente em seus aspectos culturais e linguísticos dentro da ciência Onomástica. O quinto capítulo se reservou a tratar dos dados da sede do município e região, Uiramutã: memória e cultura na nomeação, que traz para o leitor as narrativas: A mais viva história de Makunaima e Os irmãos Insikiran e Ani'kê - esses mitos e muitos outros estão vivos no cotidiano dos indígenas de Roraima.



Makunaima é respeitado nas comunidades e está vivo, o espírito dele vive não se sabe onde, se no Monte Roraima ou em outra serra da região, segundo os Makusi. O capítulo segue com a análise dos elementos da toponímia de Uiramutã, acidentes físicos e humanos, com destaque para a motivação toponímica, seus aspectos linguísticos e taxonomia.

No sexto capítulo, seguem as análises com a descrição das Rotas toponímicas de Uiramutã. Essas rotas são campos norteadores criados pela pesquisadora para acomodar os dados coletados nas comunidades, conforme um roteiro traçado para as visitas. O critério utilizado para essa metodologia foi apenas estradas de acesso, sem que exista outro valor ou preferência. Para o texto valeu-se desse recurso ‘pedagógico’ para encaminhar a leitura. Resultou em três grandes rotas que se compõem por comunidades cujo acesso se dá pela mesma via, a saber, Camararen, Makuken e Nova Vida. Assim como em Uiramutã, no capítulo anterior, procurou-se iniciar a abordagem pelo contexto geográfico-social, seguidos das histórias fantásticas narradas pelos entrevistados. Pode-se inferir que todas elas tenham histórias que sustentam suas tradições, no entanto, em algumas delas não se teve acesso, ficando possivelmente para outra pesquisa. O capítulo segue com o estudo da motivação do topônimo e dos aspectos linguísticos, encerrando cada item com a taxionomia indicada.

O sétimo e último capítulo apresenta a contribuição para a Taxionomia em vigência intitulada Somatopônimo e Gonotopônimo: taxa em processo de subcategorização, o capítulo mostra os dados da pesquisa, emergidos das entrevistas, que levaram à proposta de subcategorização da taxa, justificando a terminologia sugerida. Fundamenta-se na própria Dick, que reconhece o surgimento de novas taxas (DICK, 1990). A Taxe Somatopônimo passa a agregar uma especificidade na toponímia indígena pesquisada, a subcategoria dos Gonotopônimos, que recebe topônimos designadamente das partes do corpo relativas aos órgãos genitais, masculinos ou femininos. Identificada a recorrência do topônimo, há necessidade de acomodá-lo, com possível fidelidade, na devida taxa. Assim, a pesquisa contribui com a atual taxa em efetivo uso pelos toponimicistas brasileiros.

O texto se encerra nas considerações finais ratificando que o percurso somado às interpretações e análises resultou numa contribuição relevante para a teoria. Em resumo, os resultados obtidos indicam para o valor de se dar continuidade a pesquisas dessa natureza.

## **2 RORAIMA E UIRAMUTÃ: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIOLINGUÍSTICOS E HISTÓRICOS**

### **2.1 Um território de tríplice fronteira e sua construção histórico-etnográfica**

A diversidade linguística e cultural do Brasil fez-se notar ainda no século XVI, quando aqui chegaram Cabral e suas caravanas, e encontraram um lugar habitado por autóctones falantes de línguas naturais. A necessidade de comunicação naquele contexto fez com que o contato entre as línguas e as culturas dos povos originasse uma nova sociedade brasileira, constituída pelos colonos portugueses, pelos negros que foram trazidos da África e pelos nativos. Com essa conduta, os viajantes, missionários e as expedições de demarcação e colonização foram adentrando no país e se espalhando por todo o território. Os estrangeiros, atraídos pelas riquezas do Brasil, iam descartando o uso das línguas indígenas, possivelmente pela dificuldade de diálogo, o que colaborou com a extinção de muitas delas. Assim, a passagem dos denominadores (índios ou não índios) e de seus grupos pelas terras brasileiras se comprova na possessão, dando nome aos lugares (CUNHA, 1992).

O colonizador, que constituía estabilidade e identidade social com características nacionais, contava com os jesuítas, que por meio da religião, estabeleciam contato mais sólido com aqueles que aqui viviam. A comunicação era mantida utilizando-se essencialmente o português, as línguas indígenas, de maneira especial as línguas gerais, e as línguas africanas dos escravos. Essa interação linguística afirma a sobreposição do português, considerando o número crescente de portugueses assim como de negros que vieram para o Brasil como escravos, durante os séculos XVII e XVIII (GUIMARÃES, 2005).

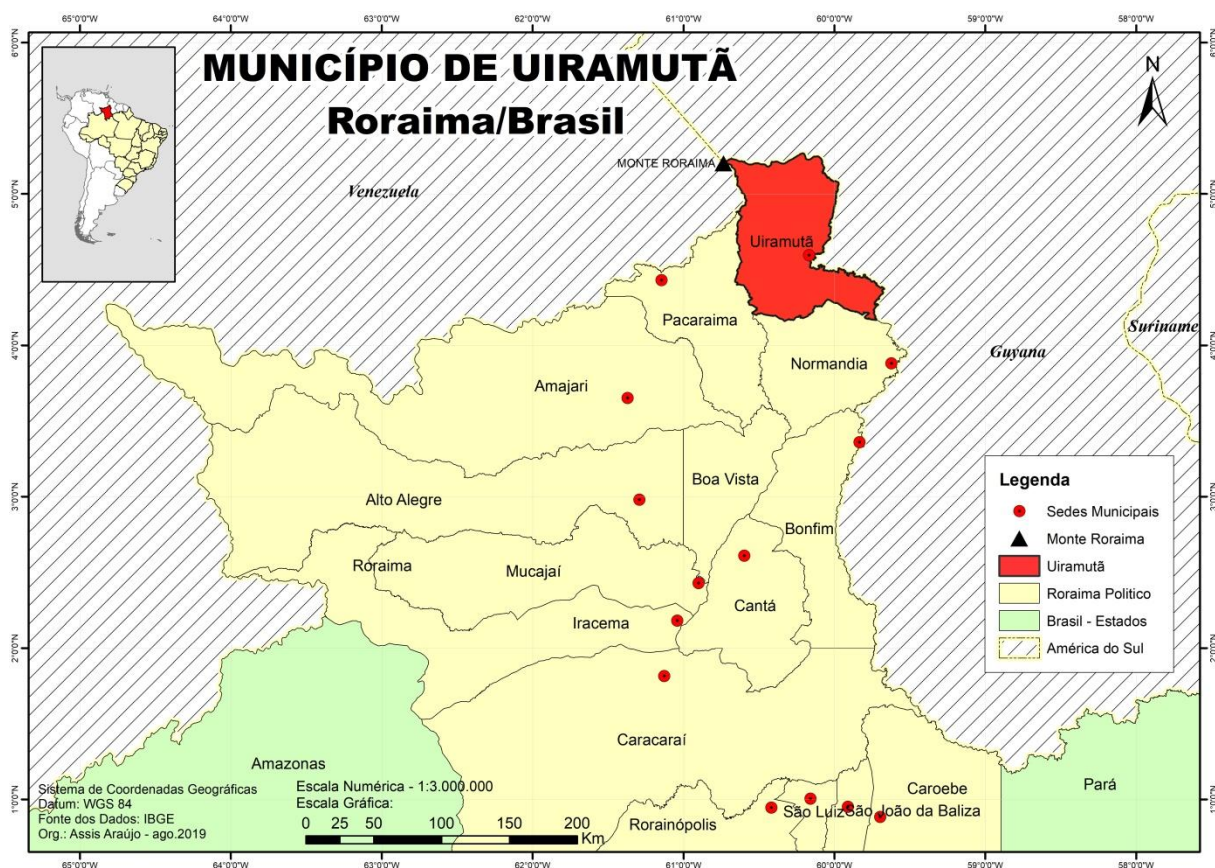
Numa tentativa de unificação da língua, àquele que desejava fazer algum tipo de negócio era lhe imposto o uso da língua portuguesa, a qual era ensinada como forma de se sobrepor às demais. Com a expansão da língua do colonizador, o português, mesmo com as contribuições das outras línguas faladas, constitui-se língua oficial e nacional brasileira no século XIX (GUIMARÃES, 2005). De acordo com Dick (2010, p. 185), “a proibição do uso de topônimos indígenas na colônia era decorrência da proibição do exercício da língua da terra pelos europeus”, no entanto, para a comunicação familiar, cotidiana, do povo brasileiro era usada uma língua originada da evolução do Tupi, cuja presença era marcante em toda a costa brasileira, a língua Geral (DICK, 2010).

Nesse processo de denominação dos lugares e das atuais fronteiras do enorme país tropical está o único estado brasileiro cuja capital está assentada no hemisfério norte, Roraima. Área de tríplice fronteira, Brasil-Venezuela-Guyana, estado com a maior população

indígena, seu território é ocupado por 50.406 indígenas das etnias: Makusi, Waimiri-Atroari, Wai-Wai, Taurepang, Ingaricó, Patamona, Yekuana, Sapará, Wapixana e Yanomami (IBGE, 2010), e um novo grupo de “índios isolados”<sup>2</sup>, os Pirititi, avistados no sul do estado em 2011. Esses, atualmente, já se encontram sob proteção da FUNAI, mas ainda não há registro sobre a que família linguística pertencem<sup>3</sup>. Dessa forma, a variedade étnica brasileira se junta a venezuelanos e guianenses formando a diversidade linguística e cultural na região.

Apresenta-se a figura 1, para visualização do município de Uiramutã, região locus da pesquisa, sua posição no estado e no país, suas fronteiras.

**Figura 1** - Situação geográfica do município de Uiramutã



Fonte: Assis Araújo, 2019<sup>4</sup>

Nesse contexto de fronteira, os homens estabelecem relação de interação e dependência uns com os outros, de tal modo que Martins (2009, p. 133), diz que “a fronteira é essencialmente o lugar de alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular”. Em

<sup>2</sup> “Índios isolados”, terminologia utilizada pela FUNAI para designar grupos ainda não contatados pelo órgão.

<sup>3</sup> <https://terrasindigenas.org.br/PB-br/terras-indigenas/5360>

<sup>4</sup> Contribuição de Francisco de Assis da Silva Araújo - Doutor em Geografia - UNESP.

Roraima, esse dinâmico contexto mostra a existência de uma agitação que de alguma forma integra a vida dos índios. Portanto, a diversidade étnica nessa região deve ser vista com ponderação em estudos dessa natureza, uma vez que essa explicação permite a construção de concepções não apenas de aspectos externos de localização e extensão, mas das relações sociais, culturais e linguísticas existentes entre as pessoas que tenham habitado ou que a habitem.

Essa linha invisível se transforma diariamente, sob as influências da diversidade de seus moradores. No entanto, é possível perceber pela toponímia que as representações identitárias, os mitos, a história, a geografia e especialmente a língua podem permanecer preservados nesse contexto, “muitos deles foram completamente esquecidos, e resgatá-los não só pela história, geografia e cultura da região em estudo, mas também pelo fortalecimento da identidade das comunidades indígenas que habitam os pampas”, afirma Prado (2018) ao resenhar o texto de Mollo quando se referiu a pesquisas de toponímia indígena desenvolvida na Argentina no Sul de Córdoba, sul de San Luis e sul de Santa Fé, regiões de fronteiras indígenas.

A ‘fronteira’ é não só o limite entre os diferentes, como o locus da pesquisa, tendo índios de um lado e não índios de outro, latifundiários e ou garimpeiros de um lado e pequenos agricultores de outro, povos de diferentes nacionalidades e etnias em lados opostos. Ao contrário, a fronteira é o lugar de influência mútua, descobertas e conflitos que envolvem todos que ali vivem (ARAÚJO, 2014).

Nessa região é fácil encontrar nomes de comunidades<sup>5</sup>, termo atualmente utilizado para designar malocas ou aldeias indígenas em Roraima, em Português (PB) como São Mateus, antes *Kambaru*, em Makusi (MK) e Triunfo, *Kutikiye*, em MK, com motivações diferentes para as escolhas toponímicas; ou topônimos aportuguesados<sup>6</sup>, demonstrando intensa relação entre línguas e culturas, como Uiramutã, Popó e Caxirimã entre muitos outros, o que confirma que há, muitas vezes, uma vinculação do topônimo com uma língua indígena.

Esses contatos permanentes entre indígena e não indígena foram percebidos e registrados, ainda no século XIX, por outros olhares como o dos viajantes, missionários e demarcadores. No início do século XX, o etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, em suas viagens pela Amazônia, no período de 1911 a 1924, parte de Manaus, via rio Negro, em uma

---

5 O termo *comunidade*, segundo IBGE, (2015) é utilizado para o extrato populacional que vive num dado lugar, geralmente ligado por interesses comuns.

6 Aportuguesados, o termo se refere a vocábulos de outra língua, ao qual foram agregados elementos da língua portuguesa.

lança a vapor que também transportava passageiros comuns da região, em direção aos “*campos gerais*”, área ao norte que vai além do rio Uraricoera até o Monte Roraima<sup>7</sup>, cuja descrição social e geográfica traduz a real impressão daquilo que ele via no extremo norte do Brasil e que possivelmente tenha sido motivação para os acidentes físicos e humanos daquela região (KOCH-GRÜNBERG - I, 2006).

O mundo para os indígenas é a representação de conceitos e valores espirituais e culturais, portanto, compreender cultura é reconhecer tradições que se projetam na língua de um povo. Como afirma Dick, (2007), o homem “cristaliza” conceitos como forma de registro do léxico social de uma língua, através do seu patrimônio cultural passado de geração a geração no ato de dar “nomes” a coisas, ideias e sentimentos.

Acrescenta-se ao panorama supracitado o contexto geopolítico da Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS) do qual a sede do município do Uiramutã foi subtraída. Importa lembrar que o governo federal ao homologar a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, por meio do Decreto s/n, de 15 de abril de 2005, gerou importantes iniciativas para políticas indigenista e ambientalista. Muitos foram os conflitos, as oitivas e discussões envolvendo política e legislação sobre o assunto que de diferentes formas têm impactado forte e diretamente a vida dos indígenas e não indígenas locais (FALEIRO 2015).

## **2.2 Diversidade cultural e linguística, famílias Karib e Aruak, em Roraima**

As pessoas e suas sociedades se transformam de acordo com as suas necessidades com o passar do tempo, algumas sociedades se desenvolvem outras podem ser até extintas, como mostra a história de algumas etnias ao longo do tempo. Nesse contexto, os indígenas têm enfrentado barreiras de diversas modalidades para garantir sua sobrevivência, como agressões à cultura, à língua, à territorialidade, entre tantas outras. Lutam incansavelmente por suas terras em defesa do seu ambiente e do seu povo, protegendo-os das agressões de uma sociedade diferente, contra males como a fome, a exploração de todas as formas, degradação da natureza, uso de drogas e de álcool, entre outros.

Atualmente, de acordo com os dados do censo do IBGE, 2010, 817.963 mil indígenas compõem a população brasileira. Segundo os dados, são registradas 274 línguas indígenas no Brasil, e cerca de 17,5% da população indígena não fala a língua portuguesa (FUNAI, 2019). São línguas que pertencem a troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê, bem como famílias como Karib e Aruak, estas muito presentes em Roraima. Os números apontados pelo censo de 2010,

---

<sup>7</sup> Montanha localizada na tríplice fronteira, Brasil-Venezuela-Guyana a 320 km de Boa Vista.

contudo, quanto à quantidade de línguas e de indígenas no país, não é consenso entre os linguistas, que, infelizmente, têm registros de quantidade bem menor de línguas. Segundo Meira (2006), a diversidade linguística do Brasil tem em sua composição cerca de 170 línguas indígenas.

Segundo Mori (2016), no Brasil há pelo menos seis línguas “isoladas”, que não compartilham suas características com nenhuma outra língua ou família linguística e cerca de 20 a 50 povos “isolados”, esses ainda vivem afastados da sociedade não índia. Em Roraima, há também ainda sem definição de família a língua dos Pirititi<sup>8</sup>, cujo grupo permaneceu isolado até 2011.

Certamente não se mensura quantas línguas havia no Brasil no século XV, evento da chegada dos portugueses no Brasil, como afirma Meira (2006, p. 166), “muitas das primeiras línguas Caribe (...) estão hoje extintas: das línguas mencionadas por Gilij em 1782, apenas o “caribe” (Karinya, ou Galibi) continua a ser falado”. Infelizmente há sinais de perda de muitas dessas línguas, como ficou claro nesta tese, pois, em quase todas as comunidades visitadas, somente os mais velhos se comunicam plenamente em MK, os jovens mesmo entendendo a língua, fazem preferência pela PB, e as crianças tentam aprender nas escolas as línguas de suas etnias, especialmente na região aludida as escolas ofertam a língua Makusi.

Embora medidas legais tenham sido tomadas através da Constituição Federal e das Leis e Diretrizes da Educação, e recentemente das Leis de Línguas (MORELLO, 2015), para proteger os povos originários, ainda se almeja que as pessoas consigam viver social e politicamente utilizando suas próprias línguas e culturas, visto que “os direitos linguísticos perpassam pelo reconhecimento da língua materna porque é a fonte da identidade étnica e cultural dos povos” (MORI, 2017, p. 89).

Nesse contexto, indígenas roraimenses lutam para manter viva a sua língua, de modo que, além de se ensinar os alunos da educação básica nas salas de aula, cursos de línguas indígenas são ofertados pela UFRR para indígenas que desejam atuar como professor em suas comunidades. Assim, para aquelas línguas cujos falantes sabem a importância de mantê-la viva, há uma possibilidade de vitória. Nessa direção, os traços linguísticos cristalizados na toponímia podem ser um caminho do léxico que leve a averiguações de etimologia e evolução da língua.

Retomando as famílias linguísticas, das três citadas anteriormente, Karib e Aruak estão presentes na região, com mais expansão às línguas Karib. Gildea (1998, p. 5) diz que

---

8 Já citado anteriormente nesta tese.

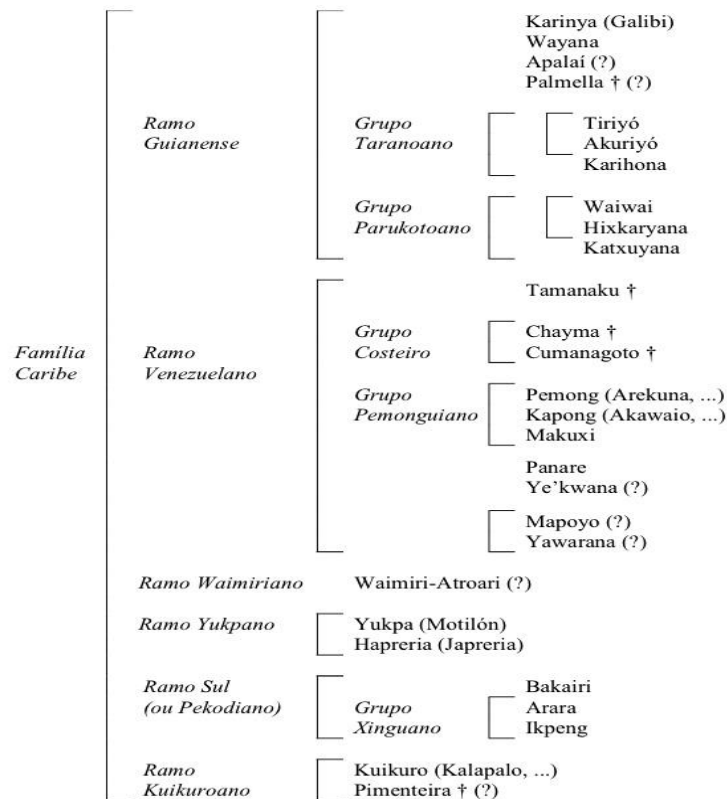
apesar dos problemas “com nomes e questões sobre o *status* destes como designações de nomes para “dialetos” *versus* “línguas”, pelo menos as classificações atuais são suficientemente detalhadas para serem avaliáveis: Girard (1971), Durbin e Kaufman (1989)”<sup>9</sup>. Com base nesses estudos, o pesquisador apresentou uma nova classificação das línguas Karib, com dezesseis línguas, a saber: Apalaí, Bakairi, Carib, Carijona, De’kwana, Hixkaryana, Kalapalo, Kapóng, Kuicúro, Makushi, Panare, Pemóng, Tiriyo, Waiwai, Wayana, e Yukpa, considerando as línguas faladas e respeitando o material que fora fonte de sua análise.

Meira (2006, p. 168) apresenta pontos divergentes para as classificações anteriores “as classificações mais recentemente publicadas Girard, (1971); Durbin, (1977); Kaufman, (1994) discordam em muitos aspectos importantes, e uma delas (a de Durbin) apresenta problemas de tal monta que deve ser rejeitada.” Para o pesquisador, a classificação atual retrata a “evolução histórica das relações entre as populações originais e os invasores europeus”. Novamente a presente pesquisa está em consonância com a afirmação de Meira, afinal as histórias narradas pelos indígenas mais idosos de Uiramutã mostram um percurso de submissão e de muita luta, inclusive entre os próprios indígenas de diferentes etnias. A seguir apresenta-se uma amostragem de classificação das línguas Karib, por Meira (2006, p. 169):

---

<sup>9</sup> “with names and questions about the status of these as names designations for “dialects” versus “languages”, at least theree recent classifications are suficiently detailed to be testable: Girard (1971), Durbin, and Kaufman (1989)”(GILDEA, 1998, p. 5).

**Figura 2** - Amostragem de classificação das línguas Karib



Fonte: Meira, 2006

Segundo Meira, a família Karib está formada por quarenta línguas, a contar com aquelas já extintas; afora também da presente abordagem estão os Yanomami de família análoga.

A família linguística Aruak é a segunda maior do estado, estende-se para a fronteira com a República Federativa da Guayana. Muitos indígenas vivem na capital, visto que há comunidades muito próximas de Boa Vista. Isso permite contato frequente com a sociedade não índia. A língua Wapixana, falada pelos povos desta região, pertence à família Aruak, também reconhecida por Arawák (RODRIGUES, 1986); na literatura norte americana a língua é descrita como *Arawakan* ~ *Arawakano* (CAMARA JR., 1989, p. 156, apud SANTOS, 2006).

Outro termo usado para designar a família Aruák é Maipuran. Esta denominação foi empregada primeiramente por Filippo Salvatore Gilij, em 1782 (NOBLE, 1965, p. 1; PAYNE, 1991; AIKHENVALD, 1999.), que reconheceu o parentesco genético entre a língua Maipure do vale do Orinoco e a língua Mojo, falada na Bolívia, e, então, passou a denominar o grupo de Maipure ou Maipuran. (SANTOS, 2006, p. 14).



Ainda segundo o autor, há outra classificação, a de Greenberg, de 1956, que fora muito questionada porque reunia em um macrogrupo línguas reconhecidas de diferentes origens. Atualmente, a classificação mais aceita é a de Payne (1991), cuja categorização coloca a língua Wapixana no grupo Northern da família Maipuran. A seguir apresenta-se a classificação de Payne, que segmenta as línguas do grupo Maipuran em cinco grupos:

Western, Central, Southern, Eastern e Northern, cabendo ao Wapixana integrar este último em companhia de dois subgrupos: Caribbean e Inland. O primeiro desses envolve a língua Garífuna e o subgrupo TA-Arawakan, que é composto das línguas Lokono e Guajiro. O segundo é composto do subgrupo North-Amazon, que reúne a língua Resígaro e o subgrupo Rio Negro (formado das línguas Achagua, Cabiari, Curripaco, Piapoco, Tariano, Yucuna) e da língua Yavitero (SANTOS, 2006, p. 16-17).

Em um contexto de fluxo de não índios dentro das aldeias, a partir do século XVIII, com fins de demarcação, catequização, escolarização, mão de obra para trabalhos em fazendas e aldeamentos, colonizadores, fazendeiros e religiosos proporcionaram profundas transformações de língua e cultura dos índios (FARAGE, 1997). Esse movimento também trouxe desigualdade social e violação dos direitos linguísticos da população indígena.

É visível, por exemplo, na não transmissão dos nomes a seus filhos nas próprias línguas; no campo espiritual continua-se, de forma cada vez mais sofisticada, cristianizando e domesticando as populações indígenas, principalmente a través das diversas igrejas fundamentalistas existentes (MORI, 2017, p. 102).

Nas entrevistas, ao adquirirem confiança, alguns idosos em seus relatos disseram que seus pais tinham receio de ensiná-los a própria língua e assim optaram por pressionar os filhos a aprenderem ‘a língua do branco’, numa demonstração clara submissão. Atualmente, essas pessoas que não sabem falar a sua própria língua incentivam os filhos a aprenderem-na na escola.

Nesse sentido, imbuídos de ética, os pesquisadores se preocupam em salvaguardar as línguas indígenas ainda faladas pelas etnias de Roraima. No município de Uiramutã são faladas atualmente quatro línguas, das famílias Karib e Aruak. A língua Makusi, da família Karib, é falada pela maioria das pessoas, tendo em vista que a região é da etnia Makusi. Geralmente os indígenas deste local falam o espanhol ou inglês, além da língua portuguesa e de sua língua materna. Foi observado que nas comunidades mais próximas da sede do município, como São Francisco, o número de crianças que dominam a língua indígena

diminui, enquanto que nas mais distantes do contato com o urbano, como em Monte Sião e Makuken, as crianças falam com mais frequência sua língua materna.

Os Makusi vivem na região das serras, Terra Indígena Raposa Serra do Sol – TIRRS, e no baixo e alto São Marcos, Terra Indígena São Marcos – TISM, na região do lavrado. Por isso também são chamados de Makusi das Serras e Makusi do Lavrado. Os primeiros têm contato imediato com a fronteira tripartite (Brasil - Guyana - Venezuela), o que lhes permite acrescentar o domínio dos idiomas espanhol e/ou inglês. Contudo, embora as comunidades Wapixana apareçam em vários espaços do estado, inclusive na área urbana da capital, pouco aparece nesta tese, cujo escopo de pesquisa abrange região distante de sua moradia.

O desejo de preservar a língua tem sido um desafio em todas as comunidades visitadas. Diante dessa realidade, as escolas têm tentado atender as crianças ofertando o ensino das línguas que ali estão representadas; às vezes até três línguas indígenas são ofertadas em uma única escola. Pode-se afirmar que para os indígenas a língua representa uma marca identitária e cultural de seu povo, no entanto não é determinante para a comunicação cotidiana entre os mais jovens.

Em todas as visitas, procurou-se conhecer um pouco acerca da vida dos entrevistados, da constituição da comunidade, população, escola, religião, festas (religiosas ou da cultura), hábitos e mitos. Alguns pontos que podem ter influência direta com a toponímia local, embora o cotidiano das comunidades se apresente semelhante em alguns pontos, como nos recursos de sustentabilidade, em outros, a exemplo dos mitos, são bem distintas. Talvez pela idade ou pela forma de constituição de cada uma delas, as comunidades não representam uniformidade de população, algumas são grandes, com 81 famílias, como Prododó, outras, como Paruê, formadas por apenas uma família.

Algumas histórias narradas são específicas de cada lugar, muito embora a crença no sobrenatural seja característica unívoca para todas as comunidades. Desse modo a informação converge com a FOIRN (2006, p. 34),

Cada uma das vinte e duas etnias que vivem no alto e médio rio Negro se diferencia de todas as outras, ainda que apenas em certos aspectos. Neste contexto de diversidade cultural encontra-se, porém, muitas características comuns entre as diversas etnias, principalmente no que diz respeito aos mitos, às atividades de subsistência, arquitetura tradicional e cultura material. Estas características comuns são mais evidentes entre os Tukano, Baniwa, Tariana e Baré, por um lado, e os Maku, por outro. Para simplificar, os primeiros serão agrupados sob a denominação "povos do rio" e os Maku serão apresentados separadamente.

Assim como os “povos do rio”, os Makusi, da serra e do lavrado, também apresentam características peculiares que os diferenciam, como variações da língua Makusi falada em cada região. Por isso, a melhor forma de compreensão dessa diversidade é respeitar o indígena e aprender com ele.

Quanto ao aspecto da geografia, a região é formada por serras e por grande quantidade de rios, o que remete a possíveis escolhas dos indígenas para formar suas comunidades. Esses povos se acomodaram espalhando-se ao longo dos rios, certamente pela funcionalidade. Possivelmente, um dos fatores que contribuiu para isso tenha sido a necessidade de locomoção, para a sobrevivência/alimentação, pelos grandes rios, como o Cotingo e Uailã. Outro ponto de escolha para assentamento das comunidades pode ter sido as serras onde, acomodados por trás delas, conseguiam proteger suas famílias em período de combates.

Esse contexto de formação social dos indígenas roraimenses favorece a grande diversidade linguística e étnica da região, a julgar pelas suas características socioculturais. Exemplo disso é que muitas comunidades são formadas por povos de etnias diferentes, que fazem uso de suas línguas maternas de famílias distintas, como é o caso da comunidade Camararen, na qual habitam famílias Makusi e Wapixana.

Nas comunidades visitadas, o meio de sustento das famílias pelo hábito da pesca é muito presente ainda. No entanto, a caçada que dava origem a grandes encontros - (...) naquele tempo que os caçadores que seguia para as caçadas... e tinha um ponto de referência para receber os convidados, era ali naquela serra (J.A. CAXIRIMÃ, 2018) - já não é mais tão recorrente em algumas comunidades. Ao ser indagado sobre a caça, o informante de Prododó, diz que não há mais caça disponível como antes, que se alimentam apenas de pesca, de caça, não tem não, já era essa matinha aí, o rio tem peixe (M. P. PRODODÓ, 2018).

Atualmente a sustentabilidade das famílias gira em torno da agropecuária, com atividades de criação de animais como gado, galinha e carneiro; e de pequenos plantios no sistema de roça de mandioca, feijão, arroz e milho. As comunidades, com a finalidade de ocupação das terras, criaram um meio de desenvolvimento econômico chamado de retiro<sup>10</sup>. Esses espaços são, muitas vezes, distantes das comunidades, uma constituição doméstica que visa adquirir bens para seu povo. O grupo designado a cuidar do retiro é alternado a cada dois ou quatro anos, conforme decidido por sua comunidade de origem. Esse espaço é importante

---

10 Os informantes chamam de ‘retiro’ a lugares de produção e de criação, formados por uma ou duas famílias daquele povo mais o vaqueiro, que em forma rodízio, permutam com outras famílias da comunidade num período de meses ou até anos (M. S. SAMAÚMA, 2018).

porque a sua administração se dá de forma rotativa e cria a conduta de propriedade do administrador, que se responsabiliza em buscar melhorias, multiplicando o rebanho e a produção agrícola.

### 2.3 Uiramutã: o encantado município dos roraimenses

Uiramutã é o único município roraimense com duas fronteiras internacionais, limita-se ao Norte e ao Leste com a República Cooperativista da Guyana, ao Sul com o município de Normandia e a Oeste com o município de Pacaraima e República Bolivariana da Venezuela, Figura 1. Município formado a partir de terras desmembradas de Normandia é o polo turístico de Roraima, e lá está Caburáí, o ponto extremo do norte do Brasil. E para aqueles que falam que índio não tem fronteira, mas tem sim. Eles não têm consciência de territorialidades, (...) mas de fronteira sim, exemplo, área Yanomami vai do Brasil à Venezuela, todos têm que ter consciência que aqui é Brasil, ali a Venezuela e ali Guyana... Até hoje (G. S. COMUNIDADE UIRAMUTÃ, 2018). O pedaço do Brasil na fronteira tem o privilégio de deitar-se na Cordilheira de Pacaraima.

[...] possui paisagens de rara beleza. Nela se encontra o ponto extremo do norte do Brasil: as nascentes do Rio Uailã no Monte Caburáí, a parte mais setentrional do Brasil. Também no Uiramutã, encontra-se o Monte Roraima com 2.875m de altura, ponto culminante do Estado e um dos mais altos do Brasil (SEBRAE, 2006, p. 12).

O município é relativamente novo, criado pela Lei nº 098 de 17 de outubro de 1995, deve sua formação ao desmembramento das terras de Normandia e de Boa Vista e está a 306 km da capital. Localiza-se nas coordenadas geográficas: 04° 35' 45" de latitude Norte e 60° 09' 46" de longitude Oeste, possui área territorial de 8.090,7 Km<sup>2</sup>, o que representa 3,9% da área territorial de Roraima. É um município eminentemente indígena e 97,96% de sua área total, que corresponde a 7.925,95Km<sup>2</sup>, são de Terras Indígenas – TIs (SEBRAE, 2006). Localizado dentro do Parque Nacional Monte Roraima (PARNA), pode ser considerado o município mais isolado de Roraima, tendo em vista o acesso à região íngreme ser bastante difícil (SEBRAE, 2006).

A população do município é superior a 8.375 pessoas, informação do último censo demográfico (IBGE, 2010). Além disso, vale lembrar que o fluxo migratório dos venezuelanos, desencadeado a partir de 2016, também chegou à sede desse município com expressivo número, pois é visível encontrar com venezuelanos nas poucas ruas centrais.

As terras indígenas do Uiramutã, ao longo da história, já foram alvo de garimpeiros em busca de ouro e de diamantes (1960), como as comunidades chave do garimpo, Socó, Mutum e Água Fria. A região visitada de Uiramutã foi ponto forte de garimpo e currutela<sup>11</sup>, tinha muito ouro e diamante aqui no município (D. S. Rua do Comércio, 2018), foram grandes as transformações na sede do município. Em 1994, a FUNAI retirou os garimpeiros da região e as terras passaram a ser ocupadas novamente pelos indígenas, no entanto, segundo relato, Quando eu saí daqui, em 89 (1989), tinha muita festa por aqui, apareceu muita gente de fora e, quando eu voltei em 95 (1995) para trabalhar aqui, percebi o deserto, porque tinha acabado o garimpo e os fazendeiros já estavam (G. S. Uiramutã, 2018).

Com a presença dos fazendeiros, os indígenas ficaram impossibilitados de fazer uso de suas terras, nem mesmo caçar ou pescar podiam, eram impedidos pelos novos donos da terra, Aí, com a chegada dos invasor, nós perdemo o direito da terra, não se podia mais pescar, não se podia mais caçar, não se podia botar uma roça, tudo era do fazendeiro, porque ali era deles, tanta coisa..., mas sem olhar para trás, quem morou primeiro na terra... (D. B. TABATINGA DO ENTRONCAMENTO, 2018). Esse fato gerou embates entre fazendeiros e indígenas que culminaram no episódio da demarcação das terras indígenas - TIs (2005). Além dessa luta por terras, o município tem recebido também imigrantes venezuelanos, dada a crise socioeconômica e política do país vizinho. Embora esses eventos tenham permitido contatos intensos de indígenas com não índios há muitos anos, esses povos conseguiram manter vivas as suas línguas maternas.

Considerando a área de dimensão geográfico-cultural e o fato de ter sido corpus de outros trabalhos anteriores, Uiramutã foi escolhido para esta pesquisa porque possui 61 comunidades indígenas cadastradas. A população, basicamente indígena e rural, conta com 51 escolas municipais e 77 estaduais, onde os filhos têm aulas de línguas indígenas Ingaricó, Makusi e Inglês<sup>12</sup>. Embora na região sejam encontradas línguas indígenas, na toponímia de Uiramutã, muitos topônimos são grafados em língua portuguesa.

Município de diversidade linguística, Uiramutã conta com as línguas indígenas Wapixana, Ingaricó, Patamona, Taurepang, Makusi, sendo esta última de maior representação

---

11 Currutela, assentamento de garimpeiros, com a presença de casas de prostituição.

12 Informações da Secretaria de educação do município de Uiramutã- RR.

no município, além do Espanhol, Inglês e do Português, língua oficial. Quanto à cultura, Uiramutã preserva costumes tradicionais representados por comidas, bebidas, artesanatos e danças. Os indígenas desenvolvem com muita criatividade o artesanato de fibra vegetal colorida e confeccionam cestarias em geral; essa característica do artesanato local singulariza-os porque é facilmente identificável, marcando sem dúvidas a identidade étnica (SEBRAE, 2006).

Os índios Makusi costumam fazer pinturas no corpo e no rosto, são marcas da cultura e servem para indicar alegria: *Você está recepcionando alguém com muita alegria, não pode ser com tristeza, aí a pintura é a pluma, o beija-flor* (G. S. Uiramutã, 2018); servem também para se proteger do mal, para o que usam muito as patinhas (as pegadas) de animal (G. S. UIRAMUTÃ, 2018). Normalmente utilizam a tinta de urucum, jenipapo e outros vegetais para realizar a pintura, que é entendida como uma espécie de roupa que os identifica, que transmite mensagens a outras etnias, e que se constitui como adorno especial que conversa também com os espíritos, afugentando os maus.

O uso da palha também tem outras significações, além do artesanato que identifica a etnia; no caso dos Makusi, a cestaria é a mais utilizada. A palha de buriti faz parte da vestimenta dos dançarinos de Parixara<sup>13</sup>, cuja roupa de palha deve ser incinerada logo após a recepção do convidado:

no ritual é obrigatório tirar a roupa depois, se você tá recebendo eles, todo mundo dança, se ele trouxe alguma coisa negativa, ficou na roupa. É obrigatório tirar a roupa e queimar no fogo, não deve levar para casa, nem usar de novo, porque quando Tukui recebeu ele, ele trouxe qualquer coisa lá de fora. Tukui é um canto de alegria, de festa (G. S. UIRAMUTÃ, 2018).

Outro aspecto importante do município são as mais belas cachoeiras do Estado, entre elas a Cachoeira do Paiuá, também citada na literatura com o elemento genérico do signo toponímico Corredeiras do Paiuá, possivelmente pelo rompimento das águas mansas de seu leito; Cachoeira do Urucá, Cachoeira das Sete Quedas, Cachoeira do Rebengue, Cachoeira João Tropeiro, Cachoeira do Caranguejo, Cachoeiras do Maú e Cachoeiras do Cotingo, entre outras, cujos nomes mostram uma mescla de línguas indígenas e portuguesa. Todas ainda têm pouca ou nenhuma estrutura para receber o ecoturista. Esse seria um meio promissor para os

---

<sup>13</sup> Parixara, dança religiosa da cultura indígena, está relacionada a agradecimento à mãe natureza.

moradores que se sentem inseguros e preferem recuar do empreendedorismo, não, porque aqui é proibido, vão contaminar nossa água, nosso rio (D. S. RUA DO COMÉRCIO, 2018).

Reitera-se que o município de Uiramutã ao ser flanqueado pelas fronteiras geopolíticas seja pelos limites da Guyana e Venezuela, Normandia e Pacaraima, por acolher uma vasta área de floresta imaculada, o Parque Nacional (FALEIRO, 2015; MLYNARZ, 2008) e na sua sede abrigar o 6º Pelotão Especial de Fronteira do Exército Brasileiro, além dos componentes étnicos, acaba por formar uma complexa estrutura de sobreposição física, política, cultural e linguística. Esse contexto demanda investigações em várias áreas do conhecimento cujo hibridismo não se esgota com o estudo toponomástico da região.

### 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA OS ESTUDOS TOPONÍMICOS

#### 3.1 A arte toponímica: motivação e estrutura do signo

O universo do discurso, segundo Pais (1998, apud BARBOSA, 2006, p. 48), é um conjunto infinito de todos os discursos que se renova permanentemente a partir de uma gama de afinidades intertextuais e interdiscursivas, de modo que as funções lexicais são determinadas dentro de um sistema. Assim, unidades lexicais assumem funções, se ‘norma’ ou ‘fala’, com base nisso tem-se a definição da função de ‘termo’ e ‘vocábulo’. Para a norma, o ‘termo’, de caráter específico para determinada ciência; e para a linguagem comum o ‘vocábulo’. No discurso etnoliterário, porém, em que a cultura pode ser vista como a própria cosmologia indígena, cristalizam-se valores sociais, semânticos e histórico-culturais.

Seus sememas não correspondem, pois, nem aos sememas da língua comum, nem aos sememas das linguagens dos domínios científicos. Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem (BARBOSA, 2006, p. 50).

Em consonância com a pesquisadora, os dados da pesquisa mostraram que as unidades lexicais têm caráter muito específico, “quase-termos técnicos”, para compreendê-los, necessita-se, por exemplo, do conhecimento sobre mitos, oriundos das narrativas. Por outro lado, têm valores referenciais, pragmáticos e simbólicos. Essa dupla característica do discurso etnoliterário está cristalizada na toponímia indígena, necessitando, pois, para o estudo toponímico, além da pragmática, de conhecimentos literário, cultural e histórico. De modo que ratifica o ponto de vista da autora quando diz que “as unidades lexicais pertencentes aos discursos etno-literários, por exemplo, têm um duplo estatuto, vocábulo e termo” (p. 51).

O estudo do léxico toponímico compreende o ramo da Onomástica que investiga a etimologia dos nomes dos lugares. Para Dauzat (1926, p.7), esse estudo unido à “história, indica os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou os seus traços”. O conceito de toponímia vai além da função de dar nomes aos lugares, é capaz de identificar marcas que podem reconstruir uma história através de seus aspectos linguísticos e antropoculturais. Assim, o signo toponímico tem a complexa função de traduzir a “fiel” imagem de uma realidade vivida por uma comunidade.



No que concerne à designação dos topônimos, optou-se pela nomenclatura ‘termo’, com base nos referenciais do IBGE (2015), “o nome geográfico constituir-se-á em um sintagma toponímico quando formado por um termo genérico (determinado) subordinado a um termo específico (determinante)” e em Dick (1992, p. 10) ao descrever a estrutura do signo toponímico

depreendem dois dados básicos, um que se convencionou denominar termo ou elemento genérico, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-adentre outras semelhantes.

A propósito, Carvalhinhos (2002; 2003, p. 173), considera que o topônimo seja um vocábulo que mudou de categoria gramatical no léxico, saiu da classe dos substantivos comuns para a classe dos substantivos próprios; “passou de lexia virtual (antes do momento da enunciação) a lexema (como ocorre com qualquer palavra-ocorrência) e a termo, quando se configura o sintagma toponímico, composto por dois termos”. Na língua portuguesa pode ser seguido por um componente que gera sua classe gramatical, e sua classificação é determinada pela natureza do elemento que constitui o seu núcleo. Assim, em português são classificados de Sintagma Nominal [SN(N)], o núcleo é um nome; Sintagma Verbal [SV(V)], o núcleo é um verbo; Sintagma Adjetival [SA(A)], o núcleo é um adjetivo e o Sintagma Preposicional [(SP)], formado por uma preposição mais um sintagma nominal, composição [SP(P)+(N)].

Em línguas indígenas, produtivamente na MK, o Sintagma Nominal tem o nome como núcleo, podendo ser seguido de posposição, como em *Apo’ po*, Popó, composição [SN(N) +(Posp.)]. Entre as línguas Karib é possível que a posposição assuma a posição de nome, ou seja, quando ocupar o núcleo do sintagma nominal e, por conseguinte receber também prefixos e sufixos inerentes a essa classe. Em Makusi isso ocorre também, contudo, no corpus envolvendo topônimo, a posposição se mantém produtivamente na mesma função e raramente ocupa o núcleo do nome. Em Juruna, língua do tronco Tupi, as funções se realizam também por meio de posposições, indicando lugar e localização de espaço e de tempo (FARGETTI, 2001, p. 132-139). Assim parece comum em línguas indígenas o uso desse recurso em funções gramaticais e locativas.

A estrutura proposta por Dick (1990) determina como elemento específico simples aquele formado por um elemento, normalmente um Substantivo ou Adjetivo, como em ‘Milho’; como topônimo composto ou elemento específico composto, o formado por mais de

um elemento de categorias diferentes, do ponto de vista do conteúdo, ‘Topa Pé<sup>14</sup>’ (Verbo + Substantivo) e topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, aquele formado por elementos de línguas diferentes, que segundo Dick (1992, p. 14), “a formação que se generalizou no país é a portuguesa + indígena ou indígena + portuguesa”, ‘Popó’ e ‘Uiramutã’. No entanto, de tal complexidade se envolve a toponímia que a busca pela origem e formação dos signos torna a investigação etimológica difícil de recuperar étimo de alguns designativos, em razão das transformações dinâmicas por que passam as línguas, especialmente na toponímia indígena.

O estudo do étimo de uma palavra “é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (VIARO, 2011, p. 99), a etimologia volta-se para explicar a história e a origem das palavras através de elementos de sua composição e de sua evolução histórica. É natural que palavras de uma língua sejam derivadas de outras línguas, e que as palavras fontes tenham sido modificadas no processo de evolução, é o que se chama de étimo. “Dadas duas línguas quaisquer, se um elemento de seu vocabulário é parecido ou idêntico, tanto no significante, quanto no significado, isso pode dever-se basicamente a três fatores distintos: coincidência, empréstimo ou origem comum” (VIARO, 2011, p. 98), por isso é preciso ter zelo com o estudo da etimologia científica, de outra maneira, faz-se apenas sensacionalismos e curiosidade desprovida de veracidade.

A procura por informações que cheguem o mais perto possível da origem do topônimo é o próprio estudo onomástico que trata do étimo da palavra, em uma concepção lexicológica e morfológica. Busca-se como foi se configurando o significado da palavra ao longo do tempo, e não exclusivamente os morfemas, num processo de formação ou de reconstituição de palavras. O estudo toponímico observa as transformações de uma língua, é um estudo sincrônico que pode explicar os processos de mudança por que passou a palavra. No rastreamento dentro da proposta variação e mudança observam-se os processos semânticos, as variações linguísticas e os diferentes significados, formas e etimologias, onde o que importa é o caminho que chegue mais próximo do sentido de origem (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

O fato do desconhecimento de como era a língua indígena no momento em que o étimo foi transferido para a PB, quando não há documentos que subsidiem o estudo de conhecimento da língua, dificulta a análise onomástica (VIARO, 2011). É, pois, por meio da narrativa oral, para os casos em que ainda não existem registros formais, que se sustentam de

---

14 Milho e Topa Pé, Popó e Uiramutã fazem parte desta tese.

geração em geração as histórias e a cultura do lugar. Nesse sentido, o estudo onomástico-toponímico é importante para recuperação e consequentemente documentação de histórias, cultura e língua de um povo.

Motivado, o homem dá nomes aos lugares, processo que se constitui de lexemas ressignificados, ou seja, um denominativo arbitrário, no uso normal da língua, passa a assumir uma referência de nome próprio, seja de acidente físico ou humano. Sob essa ótica é importante para uma descrição linguística de caráter onomástico-toponímica o pesquisador lançar mão de recursos sociais, quando apenas os elementos linguísticos não são suficientes para tal, como exige a toponímia indígena.

### **3.2 O modelo taxionômico de Dick**

Do ponto de vista de Dick (1990), o estudo onomástico-toponímico, a princípio sincrônico, perpassa por outras ciências como Antropologia, História e Geografia, em uma pesquisa a partir de dados de cartas geográficas, evitando o quanto possível na análise.

as necessidades de um constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo. Esse seria fornecido pela interpretação linguística de seus elementos formadores, tão somente. Por isso mesmo, todo o processo da pesquisa desenvolve-se em um nível sincrônico de averiguação dos fatos, reservando-se o levantamento diacrônico dos dados concorrentes para o estudo descritivo das taxes, isoladamente consideradas (DICK, 1990, p. 26).

Para tanto, a autora elaborou um modelo taxionômico que atendesse a toponímia brasileira, cuja interpretação das motivações dar-se-ia de maneira objetiva. Dick apresentou duas Taxionomias, a primeira em 1975, uma contribuição para a então classificação de toponímica de George Stewart, de 1954 que já não atendia satisfatoriamente às pesquisas na área. A segunda, de 1990, é a mais utilizada por pesquisadores na atualidade, traz a dicotomia de natureza física, com onze taxes, e antropocultural, com dezesseis, embasada em Sapir (1968, p. 74, apud DICK, 1992, p. 35). Como características do léxico, apresentam-se sob duas diretrizes.

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regimes de chuvas, bem como o que se pode chamar de base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Nesse caso, a escolha do topônimo pode estar inserida nas duas diretrizes de Sapir, primeiro como fator físico, como a forma do peixe traíra na Pedra *Aimará*, considerada determinante para toponimizar o acidente físico, e ainda como fator social, o hábito de tomar caxiri<sup>15</sup> dando o nome à comunidade Caxirimã.

Assim como a classificação de Steward, a Taxionomia de Dick também já recebe contribuições de outros pesquisadores. Conforme a estudiosa, esse é um fato normal, tendo em vista que

a medida, porém, que se vai penetrando nos segredos das designações, verifica-se que outras formas designativas podem ocorrer, não em detrimento das categorias propostas e já assimiladas, e, sim, em função da abrangência total e completa das taxionomias possíveis (DICK, 1990, p. 29).

É verdade que muitas vezes, diante de distância temporal, torna-se impossível chegar a esse fim, considerando as dificuldades de se recompor toda a linha da cadeia etimológica, visto que o sentido está cristalizado no topônimo atual. A autora adverte que

qualquer estudo dessa nomenclatura, todavia, não se deve limitar apenas a uma pesquisa etimológica que objetive, unicamente, o conhecimento do provável significado do topônimo. O valor de uma análise de tal natureza assume papel de relevo, quando dela puder obter dados que permitam um melhor conhecimento não só do próprio idioma envolvido, como do homem que o exercitava, em uma verdadeira perspectiva antro-po-sociológica (DICK, 1990, p.120).

Com isso, Dick (1990) apresenta o conceito de toponímia a partir da história, da língua e da cultura de um povo, somadas aos aspectos físicos, naturalmente. A estudiosa considera indiscutível a lição de que se deve recorrer sempre aos designativos autóctones para uma correta interpretação do termo.

Segue a classificação em dois grupos de Taxionomias de Dick (1990, p. 31-34), base para esta pesquisa. É importante esclarecer que muitos dos topônimos alocados para Roraima (RR) e que fazem parte do elenco abaixo, compondo os grupos A e B, são oriundos desta pesquisa de doutorado e de Araújo (2014).

#### **Grupo A: Taxionomias de natureza física**

1. Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex. “Serra da Lua (AF RR)” (ARAÚJO, 2014);
2. Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex. “Entre Rios (vila, AH RR)” (ARAÚJO, 2014);

---

15 “*Kasiri* = caxiri: bebida de massa de mandioca cozida” (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 129).

3. Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex. “Rio Branco (AF RR)” (ARAÚJO, 2014);
4. Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características das dimensões dos acidentes geográficos. Ex. “Igarapé<sup>16</sup> Profundo (RO)” (DICK, 1992, p.31).
5. Fitotopônimos: topônimos de natureza vegetal. Ex. Igarapé Buritizal (AF RR);
6. Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas. Ex. “Enseada do Sabiá (comunidade indígena, AH RR)” (ARAÚJO, 2014);
7. Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. “Igarapé Água Boa (AF RR)” (ARAÚJO, 2014);
8. Litotopônimos: topônimos de natureza mineral, topônimos relativos à constituição do solo. Ex. serra do Ururi (AF RR)<sup>17</sup>;
9. Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex. “serra do Vento (AF PB)” (DICK, 1992, p.32);
10. Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de formas geométricas. Ex. “Curva Grande (AH AM)” (DICK, 1992, p.32);
11. Zootopônimos: topônimos de natureza animal. Ex. Pato (comunidade indígena, AH RR)<sup>18</sup>.

#### **Grupo B: Taxionomias de natureza antropocultural**

1. Animotopônimos (ou Nootopônimos): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex. Triunfo (comunidade indígena, AH RR)<sup>19</sup>;
2. Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. Rua Martiniano Vieira (AF RR)<sup>20</sup>;
3. Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex. “Presidente Figueiredo (cidade, AH RR)” (ARAÚJO, 2014);
4. Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex. “Brasil (vila, AH RR)” (ARAÚJO, 2014);
5. Cronotopônimos: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho (a). Ex. Nova Vida I (comunidade indígena, AH RR)<sup>21</sup>;
6. Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações em geral. Ex. “Casa da Telha (AH BA)” (DICK, 1992, p.33);
7. Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. Cachoeira do Paiuá (AF RR)<sup>22</sup>;

---

16 Igarapé – Do tupi iara’pé; “caminho da igara”. (NASCENTES, 1966, p.394). Do tupi ygara, “canao” + apé “caminho”. (MACHADO, 1989, v. IV, p. 259).

17 Dado registrado nesta tese.

18 Dado registrado nesta tese.

19 Dado registrado nesta tese.

20 Dado registrado nesta tese.

21 Dado registrado nesta tese.

22 Dado registrado nesta tese.

8. Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. “Wai Wai (comunidade indígena, AH RR)” (ARAÚJO, 2014);
9. Dirrematopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos. Ex. “Makayapan<sup>23</sup>(comunidade indígena, AH RR)” (ARAÚJO, 2014);
10. Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex. Monte São (comunidade indígena RR, AH)<sup>24</sup>;
- 10.1. Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex. São Jorge (retiro, AH RR)<sup>25</sup>;
- 10.2. Mitotopônimos: entidades mitológicas. Ex. Makunaima (comunidade indígena, AH RR)<sup>26</sup>;
11. Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex. “Sete de Setembro (Rua de Boa Vista RR, AH)” (ARAÚJO, 2014);
12. Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex. Boca da Mata (comunidade indígena, AH RR) (ARAÚJO, 2014);
13. Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex. cachoeira Sete Quedas (AH RR)<sup>27</sup>;
14. Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos termos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex. “Vila Pereira Surumu” (comunidade indígena, AH RR) (ARAÚJO, 2014);
15. Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex. “Pracinha (AHSP)” (DICK, 1992, p. 34);
16. Somatotopônimos: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal. Ex. “Dedo (igarapé - RR)” (DICK, 1992, p. 34).

Cabe ressaltar que em Araújo (2014), foram respeitados os valores culturais, espirituais, mitológicos e linguísticos da sociedade indígena de Roraima, evidenciando que a motivação toponímica depende das relações sociais existentes entre o homem e seu grupo e entre este e a natureza, num processo, quase sempre natural, de nomeação. De acordo com

---

23 Segundo Araújo, (2014, p. 86), a interpretação para o termo Makayapan “é basicamente de uma expressão popular da língua que “diziam assim, exemplo: “Isso aqui é um caderno?” e a pessoa dizia: “Você não tá dizendo? Você não tá dizendo?!” Então Makayapan significa mais ou menos isso: “Você não tá dizendo?!” (AVELINO, 2013)”. Entretanto, ao aprofundar mais o estudo do Taurepang reanaliso a representação da estrutura de *Makayapan*:- *Mi ka-ya pan PRN VB-2PERG POSP..NEG*. Isso falar-erg não “Você não tá dizendo?! “Você não tá dizendo?!” (AVELINO, 2013). Assim Makayapan significa mais ou menos: Você não tá dizendo ISSO.

24 Dado registrado nesta tese.

25 Dado registrado nesta tese.

26 Dado registrado nesta tese.

27 Dado registrado nesta tese.

Dick (2007), os elementos da natureza, água e rios, assim como os elementos espirituais, fé, religião, uniram o homem e os mitos.

### **3.3 Diálogo entre linguagem, memória e mito**

A capacidade que o homem tem de se comunicar, pelos mais diferentes meios e sistemas de signos, é a linguagem. Com esse recurso que lhe é caro, externa sentimentos, perpetua conceitos e revela procedência das coisas, pelas histórias, memórias e mitos. Por isso, observar os signos que uma determinada sociedade utilizou, em seu tempo, como designativos de seus lugares, é revelar a cultura e o seu modo de vida. Afirma-se assim o diálogo manifestado entre linguagem, memória e mito, especialmente para o estudo do léxico toponímico indígena.

As línguas de povos indígenas foram estudadas na costa do Pacífico, ainda no século XIX, pelo antropólogo alemão Franz Boas, com o objetivo de relacionar língua e cultura. Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, o primeiro também antropólogo e o segundo, engenheiro químico, seguiram o estudioso alemão, procurando com clareza delimitar o objeto de investigação da linguística, a partir de hipóteses da formação do léxico de uma língua, especialmente para estruturas linguísticas e sociais em situações de comunicação (COSERIU, 1987, p. 19).

Para Sapir (1968) a linguagem como “simbolização da cultura” pode ser considerada uma bússola para a realidade social, visto que as pessoas estão à mercê da língua como ferramenta particular da comunicação. Nesse sentido, Chambers e Trudgil (1984, p.81-82 apud CARDOSO, 2010, p. 50), impulsionados pelas discussões acerca dos estudos dialetológicos, apontam que “a variação social na língua é tão comum e importante quanto à variação espacial. Todos os dialetos são tão espaciais quanto sociais”.

Tais considerações emergem no léxico toponímico remontando o ato de nomeação do lugar, com as devidas considerações sociais e espaciais. Deste modo, a investigação da linguagem e suas variações consegue mostrar como um grupo vivia em uma determinada época, se eram migrantes ou se receberam contribuições de outra língua em seu léxico.

Na opinião de Sapir, a linguagem “consiste numa relação simbólica (...) e fisiologicamente arbitrária” (1971, p. 22-23), visão que vai de encontro ao ato toponímico, que é uma ação totalmente motivada, seja por movimentos históricos, geografia do lugar, sentimento do denominador, ou por outra razão que identifica a sociedade e vivifica a língua. A investigação onomástica identifica estratos linguísticos, o objeto de investigação, que pode tanto ser elucidados por procedimentos intracódigo, que não correspondem à recuperação

total de um étimo ou de um conceito terminológico, quanto por processos no nível extracódigo, estes muitas vezes não explicitados no aspecto formal do topônimo (DICK, 2010), de tal modo que reconstrói os aspectos sociolinguísticos e histórico-culturais de um povo.

Os trabalhos toponímicos se encontram na relação entre a Dialectologia, com o objetivo de estudar as variações linguísticas apreciando o espaço geográfico, e a Onomástica. Deste modo, a ‘toponímia’ (do Grego *topos*, “lugar” e *onoma* “nome”) significa estudo dos nomes de lugares ou de designativos geográficos, em dois aspectos, a) físicos: rios, córregos, morros, dentre outros e b) humanos, antrópicos ou culturais: aldeias, povoados, cidades, dentre outros (DICK, 1992). Para a autora (1992, p. 25), o “vínculo estreito entre objeto denominado e o seu denominador é que remeterá a toponímia taxionômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica”.

A memória coletiva se fortalece com a ligação entre os membros de um grupo, com as interpretações do passado e com os valores de pertencimento daquele grupo, ao que se pode chamar de característica intrínseca do homem. Segundo Pollak (1989, p. 3), “servem para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”; os traços de singularidade que determinam se um indivíduo faz parte ou não de um grupo podem estar nos estratos linguísticos, na cultura e na memória de seus entes. Assim, de memória coletiva, pode-se dizer um processo consciente, que se constrói e se (re) constrói incessantemente no curso da história.

Uma das formas de manter memória coletiva é através do ato de recontar histórias, pois “o narrador carrega consigo os valores culturais e sociais de seu tempo e através da língua externa as ações do passado, relacionando-as e interpretando-as” (ARAÚJO, 2014). Nesse sentido, Cox e Assis Peterson (2007, p. 29-30) afirmam que “conhecer uma cultura é como conhecer uma língua. Ambas são realidades mentais. Descrever uma cultura é como descrever uma língua”. Portanto, para as autoras, conhecer uma língua não é apenas conhecer uma organização de pessoas ou de emoções, mas a organização de tudo isso a partir de uma realidade mental.

A função de passar a outras gerações os ensinamentos e as crenças da cultura indígena a partir do uso de expressões metafóricas foi também abordada por Dick (2010, p. 197) citando Alvar (1993, p. 99): “*Pensam os Tamanacos e os outros que o canto dos pássaros era*



*uma espécie de “aviso” dado do alto para as pessoas.*”<sup>28</sup>. Contudo, as formas de preservação da cultura indígena, embora não seja o foco principal deste trabalho, deverão fazer parte dele para ilustrar a capacidade que têm as narrativas orais de eternizar a história e quiçá mudar o futuro de um grupo.

O hábito de repassar para as gerações seguintes feitos históricos, mitos e aventuras de seus heróis, em princípio na língua materna e, depois, em línguas adquiridas posteriormente, liga o passado ao presente e unifica o povo indígena como no relato que segue:

[...] o índio mesmo, ele não usava pimenta, ... era medicamento, não era alimentação. Eles usavam para a vista, pra queimar a boca [...] e fazendo esse tratamento, nada te encontra, nada te faz mal. Aí, tu adocece [...] Mãe d’água, cruviana<sup>29</sup> [...] te olha, te espanta, e tu, perparado (sic) pra eles, não! Espanta eles também, espanta doença assim... Onde que índio sabia fazer caxiri? Não sabia não, não sabia, cheguei a viver, a comer junto com os índios... tudo mais era coisa assada, jurumum assado [...] mamão assado, banana, macaxeira, batata, tudo assado. O tabaco? Não tem como tabaco para mordida de cobra, para toda picada de animal doido. Pode amarrar o sumo em cima e [...] abaixo de Deus [...] (Entrevista realizada com D. GRACIELE, 2013).

Observa-se que os desejos de fortalecer a língua e de valorizar a história e a cultura demonstram que esses elementos permanecem entre eles. E que, embora as igrejas tenham adentrado às comunidades, não diminuiu entre os indígenas a crença nos mitos e na medicina do Pajé<sup>30</sup>. Esse entendimento é uma das contribuições específicas do trabalho etnográfico e antropológico de importância para esta discussão.

Antes de adentrar nas descrições toponímicas é importante dizer que uma abordagem sobre Mitologia, Antropologia e Linguística já se fez presente no final do século XIX com as teorias “que lembram manifestamente os velhos métodos da sofística grega” (CASSIRER, 2011, p. 17), como quis provar Spencer acerca da adoração aos fenômenos naturais como o Sol e a Lua. A conversa entre a Antropologia e a Linguística prossegue no início do século XX com os estudos do antropólogo Lévi-Strauss (1967), para quem os elementos da

28 “*Piesan los tamanacos y com ellos los demás que el canto de los pájaros era una especie de instrucción dada desde lo alto a las gentes*” Alvar (1993, p. 99).

29 Cruviana, vento muito intenso e gelado da madrugada, palavra usal no regionalismo do norte do Brasil (HOUAISS, 2009).

30 Especialista em cura na comunidade, dotado de conhecimentos espirituais e fitoterápicos.

linguística e da cultura são basicamente o mesmo fenômeno em realidades diferentes, cujas ações inconscientes levam o homem à interpretação de signos. Com isso, fica entendido que não é possível estudar os elementos da primeira, desconsiderando os da segunda, sob pena de obter-se um resultado não condizente com a realidade.

A Antropologia para Lévi-Strauss (1967, p. 56) “é fundamentalmente uma psicologia que se ocupa do funcionamento da mente humana”, procura compreender a cultura e a vida dos povos enquanto a linguística busca sustentação na antropologia para estudar todas as manifestações da linguagem humana, visa compreender, sistematizar e descrever uma língua. Sem a ambição de esgotar a complexa reflexão, cabe a concepção de que a antropologia e a linguística se constroem pelo viés de suas conexões e de suas oposições.

Continuando as conceptualizações relevantes a este trabalho, para Max Müller (1876, apud CASSIRER, 2011, p. 19), a Mitologia “no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, isto em todas as esferas da atividade espiritual”. Nesse diálogo, o poder se concretiza através da linguagem que busca uma imagem subjetiva a partir do conhecimento arquivado na memória, relacionando-a com o presente. Assim, as histórias narradas demonstram que “o homem vive com seus objetos fundamentais e até *exclusivamente*, tal como a linguagem lhos apresenta, pois neles o sentir e o atuar dependem de suas representações”, afirma Wilhelm von Humboldt (apud CASSIRER, 2011, p. 23).

Visto isso, aclara a compreensão de que os indígenas vivificam o seu passado a partir de representações de sua cultura realizadas pela linguagem como demonstra a narrativa metafórica de dona Graciele, que se sente parte de seu povo porque congratula da mesma espiritualidade.

Para Cassirer, (2011, p. 24), o homem tem tentado renovar e interpretar “a mitologia da alma ou da natureza, do sol, da lua ou das tormentas, como mitologia, simplesmente”, mas se esquece de que a informação mítica não pode ser findada, recortada em um objeto, o que se apreende desse conhecimento pode ser diferente da percepção empírica ou mesmo da explicação científica. É prudente, portanto, não tentar definir o sentido, por exemplo, de fenômenos da natureza, porque isto custaria limitar o seu valor empírico, especialmente em uma apreciação advinda de significações originais e mitológicas como as de uma etnia indígena.

Uma interpretação equivocada pode se dar pela essência humana de formalizar conceitos; é importante, pois, ficar atento quando a pesquisa envolve línguas diferentes, povos e culturas diferentes, como demonstra Cassirer, (2011, p. 50), embasado em Humboldt,

o modo de denotar que é o sustentáculo de toda formação verbal ou linguística, imprime (...) um caráter espiritual típico, seja um modo especial de conceber e apreender. Por isso a diversidade entre as várias línguas não é uma questão de sons e signos distintos, mas sim de diferentes perspectivas do mundo (grifo nosso).

Por diferentes pontos de vista também passam as interpretações de mitos, de modo especial o passar adiante as tradicionais histórias faz com essas recebam contribuições nas próprias narrativas e também em suas estruturas. Para Fargetti, 2006, o mito assim como a língua está em constante transformação, considerando que narrador e ouvintes nem sempre são os mesmos, e são também diferentes as situações do contar. Certamente, não apresentam sempre as mesmas mitologias, nem o mesmo sistema de referências para culturas diferentes, ainda que se possam talvez identificar estruturas comuns, o que faz surgir as suas derivações. Contudo,

muitos linguistas (em especial, gerativistas) também buscam universais, mas, do mesmo modo que análises aprofundadas das mais diversas línguas trazem um diálogo para as teorias, os mitos, acreditamos, na língua em que foram contados (e complementados por outras informações) podem trazer questões às estruturas propostas (ou mesmo questionar a possibilidade de existência de tais estruturas) (FARGETTI, 2006, p. 107).

Na visão de Eliade (2011, p. 8), “compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa da história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos”. Nesse sentido, é perfeitamente possível identificar em mitos, a partir de pesquisas científicas deste tema, o significado a eles atribuído, aceito e reconhecido pelas comunidades de povos indígenas. Em estudos linguísticos dessa natureza é possível recuperar nomes tradicionais a partir das narrativas dos informantes e do nome do lugar.

Aprender um pouco da língua e da cultura indígena é importante quando se pesquisa na área. Embora na pesquisa de campo se depare com dificuldades, por exemplo, de compreender alguns aspectos da cultura. Nesse sentido, Campos (2002), baseado em Geertz (1988), discute condutas definitivas para a pesquisa de campo etnográfica, posições como o ‘estar aqui’ ao analisar elementos observados da cultura de outro a partir de conceitos da ciência do pesquisador; e o ‘estar lá’, quando em campo o pesquisador se depara com diferentes culturas, códigos e classificações. Para o autor, “enfrentar o estranhamento e entender o outro partindo de uma ‘ferramenta’ disciplinar nossa, pode produzir um recorte enganoso e muito parcial da realidade de saberes do outro – todos já classificados e recortados por nós” (p. 48).

Fargetti (2018) reconhece as diversidades e questiona o que seria ciências em diferentes sociedades, posiciona-se contrária ao que é universal, global e sugere a existência de outras ciências a partir de conhecimentos de povos originários. A pesquisadora admite que “os relacionamentos não são negados entre culturas, que obviamente se refletem nas línguas, mas isso não aponta para a universal e invariável na definição do ser humano. Diversidade nos define, não a universalidade”.

Como ilustração dessa discussão, toma-se o mito da Mãe d’água, para o qual existem várias versões, algumas com características europeias, o que leva alguns antropólogos, historiadores e folcloristas a afirmarem que as versões mais contemporâneas divergem dos mitos indígenas, outras apresentam personagens da cultura indígena da Amazônia, possivelmente resultados do intercâmbio entre as culturas do índio e do não índio.

Anteriormente, já foram discutidos a importância e valor dos mitos para os povos indígenas, uma vez que estes se encontram em um mundo repleto de considerações espirituais. Em suas culturas são respeitados seres que se transformam, como homens em animais, pessoas em elementos da natureza e que convivem entre os humanos. Para Riviére, (1995, p. 192), “os povos nativos da Amazônia vivem num mundo altamente transformacional, onde as aparências enganam (ou como dizemos em inglês, *what you see is not necessarily what you get*)”. O autor justifica a frase dizendo que “as aparências enganam no sentido de que podem ser colocadas ou retiradas como uma roupa, que esconde a realidade, que encobre”. A sustentação desse e de outros conceitos valorosos se dá pela narrativa oral dentro do mundo indígena.

O mito tem a capacidade de revelar a procedência das coisas, de explicar fatos da cultura de um povo por meio de suas narrativas orais (natureza do mito) que levam à representação metafórica, simbólica e imagética como forma de identificação de posição social no grupo ou de distinção de ideologias. As tradições, por exemplo, do uso de pinturas corporais indicam alegria ou tristeza, expressam sentimentos; de adornos como penas e das cores são determinantes em algumas etnias e estão ligadas a rituais; as ações dos personagens quase sempre mostram a transformação, o poder, o domínio desses sobre determinada coisa (RIVIÉRE, 1995). Os Makusi utilizam pinturas no rosto ou no corpo, o desenho de pegadas de animal, para espantar o mal e de plumas e beija flor que indicam alegria; usam roupas confeccionadas em palha para rituais de dança de parixara (G. S. UIRAMUTÃ, 2018).

Sendo essa uma região soberana de sentimento espiritual e de histórias incríveis, o importante trabalho do antropólogo inglês Neil L. Whitehead que trata da história dos povos e línguas Caribe na América do Sul é também embasamento para este estudo antropológico.

Foi a partir dos rios Orinoco e Rupununi, marco de águas do espaço da tríplice fronteira, da região das Guianas e do lavrado, espaço geográfico de Roraima, que o pesquisador se dedicou à descrição de conflitos, guerras e conquistas desses povos, o que se pode chamar de guerra das religiões, da espiritualidade e do Xamanismo (WHITEHEAD, 1988, p.104 – 129).

Excepcionalmente para este trabalho, não é possível aprofundar-se nessa questão antropológica, uma vez que o foco aqui é a toponímica, a partir de elementos da cultura presentes nas narrativas. No entanto, é importante entender esse tema para se assegurar diante das investigações onomástico-toponímicas; com esse fim, segue uma história contada por uma indígena de etnia Makusi, referenciando a versão de

uma índia chamada Dinahí, que impressionava a todos da tribo dos Manau por sua coragem. A índia era mais valente do que muitos homens da tribo. Isso começou a causar inveja entre os guerreiros da tribo, que passaram a persegui-la de todas as formas. Numa noite, dois irmãos de Dinahí tentaram matá-la durante o sono, mas não conseguiram porque a índia tinha audição mais aguçada do que um felino. Dinahí acordou e para se defender acabou matando os irmãos. Com medo da fúria de seu pai, o velho Kaúna, a índia fugiu. Kaúna saiu na noite a perseguir Dinahí que durante várias luas conseguiu escapar. Mas sozinha e cercada pelos guerreiros de seu pai acabou sendo capturada. Kaúna ordenou que a filha fosse jogada nas águas, exatamente no encontro dos rios Negro e Solimões. Nessa hora, centenas de peixes vieram em socorro da índia guerreira e sustentaram seu corpo trazendo-o até a superfície. Os raios do luar tocaram a face de Dinahí e a fizeram se tornar uma bela princesa, com cauda de peixe e de cabelos tão escuros quanto às águas do rio Negro. A índia guerreira se tornou a mãe-d'água, representação da Beleza e coragem da mulher da Amazônia (EDITORIA DE PESQUISAS SITE DE DICAS, 2016)<sup>31</sup>.

Segundo Eliade (2011, p. 15), para os indígenas “tudo o que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles”. Deste modo, especialmente em Roraima, muitos fenômenos da natureza ou sociais são explicados pelo viés da cultura indígena; um deles é o frio da madrugada explicado pela história mitológica da Cruviana que

explica o frescor das madrugadas roraimenses. Durante todas as noites, a linda deusa do vento se transforma em brisa e seduz os forasteiros durante o sono. Na manhã do dia seguinte, os viajantes acordam encantados e apaixonados pela terra de Makunaima, de onde nunca mais vão embora (PORTAL AMAZÔNIA, 2016)<sup>32</sup>.

---

31 <http://sitededicas.ne10.uol.com.br/folclore-o-mito-da-iara.htm#link1>, acessado em 06/06/2016.

32. <http://portalamazonia.com/noticias-detalle/variedades/lendas-indigenas-desvendam-roraima/?cHash=9ff05b2753188e4b5852fbd59e71c3b1>, acessado em 06/06/2016.

As duas versões acima, publicadas na *internet*, são aceitas pelos povos indígenas de Roraima. Com essas explicações, é conveniente que se tenha parcimônia ao enveredar pelo estudo dos mitos e de seu valor espiritual para uma sociedade. Cabe a observação de que em Boa Vista, capital do estado, há um bairro com nome de Cruviana, possivelmente tenha recebido o nome pela motivação do mito referido, muito conhecido pelos roraimenses.

Por esse caminho é que trilham as pesquisas do etnoastrônomo Afonso<sup>33</sup>, que tem buscado informações sobre o conhecimento astronômico, embasado na mitologia e no cotidiano dos povos indígenas brasileiros.

Queria compreender as origens. "Ele deu uma aula de como a determinação das estações do ano e dos pontos cardeais permitia estabelecer o calendário de atividades de agricultura, caça e pesca", lembra. Essa iniciativa mudou sua metodologia de trabalho. A partir dali, aprimorou sua investigação de sítios arqueológicos e pinturas rupestres em diversos estados do país. (...) "Vi quatro ou cinco nomes que eu já tinha ouvido os guarani usarem também. Daí fui conversar com eles e pedi que me mostrassem onde ficavam as tais constelações" (...) "Eles apontaram as estrelas do mesmo jeito que o d'Abbeville descreveu. Eu achava que fosse encontrar um conhecimento particular para cada aldeia. Essa conversa me mostrou que dois grupos que nunca tiveram contato, vivendo a 2500 km de distância e com quase 400 anos de diferença, partilhavam o mesmo conhecimento." (AFONSO, *in* ENTREVISTA A PABLO NOGUEIRA, 20 DE MAIO DE 2016).

Dentre outras atividades do cientista está a criação do relógio de sol e um planetário indígena que orientam os povos do alto Rio Negro, o que para o cientista não passa de conhecimentos que já existiam e que permanecem restritos para poucos membros da etnia como os pajés. A forma diferente de ver o mundo impossibilita que pesquisadores analisem fatos sem que sejam considerados aspectos da cultura de uma etnia. Um dos grandes desafios do pesquisador tem sido fazer com que a cultura do indígena seja vista também como conhecimento, como se comprova com o depoimento acima.

### 3.3.1 O estudo do nome do lugar

É inegável que o nome do lugar carrega consigo uma gama de informações socio-histórico-culturais de uma comunidade, isso leva a entender que o denominador, mesmo que de forma involuntária, foi motivado sob algum aspecto para dar nome ao lugar. Dessa forma, os estudos toponímicos assumem a função de revelá-los a partir de uma investigação científica cujo foco volta-se a prováveis sentidos que tenham sido motivos para aquele fim, ou

---

33 Gemano Bruno Afonso, indígena guarani, formado na França, doutorado em mecânica celeste, professor aposentado de astronomia na UFPR. [https://motherboard.vice.com/PB\\_br/article/nzdjqk/astrologo-germano-afonso-homem-que-mapeia-o-ceu-dos-indios](https://motherboard.vice.com/PB_br/article/nzdjqk/astrologo-germano-afonso-homem-que-mapeia-o-ceu-dos-indios), acessado em 06/05/2018.

seja, o batismo do lugar historicamente é atributo de uma memória coletiva que emana. A intimidade entre o nome e o lugar resulta de uma relação mútua entre estes e o denominador, que pode ter sido apenas uma pessoa, ou um grupo, de modo a especificá-lo em um conjunto macro de outros acidentes físicos ou humanos, que por sua vez carregam consigo as suas características sociais, culturais e históricas.

O estudo da Onomástica recebeu grandes contribuições de Albert Dauzat, linguista francês que levantou traços da língua oral na toponímia, introduziu a toponímia francesa em dois campos da Geografia, o físico e o humano, e acatou o estudo diacrônico como forma de reconstruir o processo etimológico, a partir de estratos linguísticos observados em topônimos atuais (DAUZAT, 1926). Isso prova que não satisfaz apenas o estudo sincrônico, mas há a necessidade do retorno à história em seu aspecto mais antigo, especialmente para a toponímia indígena brasileira. Nesse viés percorreu o presente estudo, pela necessidade de levantar, por meio das narrativas, possíveis transformações dos nomes de lugares, de sua fonética e ou alterações de diversas ordens, visto que os aspectos do léxico toponímico retratam a história linguística e cultural de um grupo e são responsáveis pela formação da identidade de uma comunidade.

Salazar Quijada trouxe relevância aos estudos da toponímia na América do Sul com muitas publicações no tema. Em sua obra principal *La toponimia en Venezuela* apresentou uma Taxionomia que considera aspectos da semântica e descrição funcional que levam à motivação da escolha do nome do lugar (SALAZAR-QUIJADA, 1985). A Terminologia de Quijada, assim com a de Dick, é muito utilizada pelos pesquisadores da área.

### **3.3.2 Presença africana na toponímia brasileira?**

O processo de denominação dos espaços brasileiros se confunde com o período de demarcação e colonização. O colonizador deparava-se com sociedades organizadas que não necessitavam de leis para obter ordem, o papel do mais velho era conduzir os mais jovens. Contudo, a história mostra a exploração do indígena, muitas vezes dizimando etnias, e do africano que chegava ao país já na condição de escravo, seres vistos biológico e culturalmente como inferiores, que serviam com sua força para compor a sociedade sob o domínio dos estrangeiros europeus que adentravam o país pela costa (CUNHA, 1992). Esse contexto de desordem para os nativos rendeu ao país uma diversidade étnica, linguística e cultural que na visão de Dick (1990, p. 81),

a formação etno-histórica do Brasil acusa a existência de estratos populacionais diversos como os ameríndios, distribuídos em vários troncos e

famílias, os portugueses, os africanos e os de procedência estrangeira, já em época posterior a colonização propriamente dita. Essa origem heterogênea deixou reflexos diferenciados na língua, nos usos e costumes, nas tradições regionais e, conseqüentemente, na toponímia do país.

Segundo a autora, os exploradores europeus, portugueses e holandeses, ao se depararem com as pessoas que ali habitavam, obviamente encontraram uma toponímia indígena básica que passou a fazer parte da toponomástica estabelecida. No entanto, a nomenclatura dos elementos da costa brasileira foi tomada pelos bandeirantes que desconheciam a existência de uma toponímia anterior. Isso posto entende-se a presença expressiva do étimo indígena na toponímia brasileira, assim como topônimos de procedência estrangeira.

Os africanos trazidos para o Brasil eram de diferentes lugares e, portanto, tinham diferentes línguas,

Os negros eram capturados em qualquer região africana, mesmo no remoto interior, sem discriminação de procedência e embarcados em pontos da costa, que reuniam assim escravos de várias tribos e várias regiões, às vezes completamente afastadas umas das outras; os nomes trazidos para o Novo Mundo eram muitas vezes os destes portos de embarque, comportando, portanto, uma informação falsa. (DICK, 1992, p. 142),

De modo que, assim como os indígenas brasileiros, os africanos tiveram que instituir uma língua Geral para unificar a comunicação. Com isso havia diversidade também de culturas e crenças. Nina Rodrigues, em *Os últimos africanos: Nações pretas que se extinguem*, adverte que o negro crioulo ao chegar ao Brasil se nacionalizou, mas que o africano não, e prova que esse resguarda a própria língua.

Na América, eles se segregam da população geral em cujo seio vivem e trabalham, para se fechar ou limitar aos pequenos círculos ou colônias das diversas nações pretas. Conservam zelosamente a sua língua, as suas tradições, as suas crenças e sobretudo alimentam até à morte a suprema aspiração de ver ainda uma vez a terra dos seus maiores (RODRIGUES, 2010, p. 107).

Considerando a vida que levava, para alguns pesquisadores o negro não tinha interesse em marcar o lugar onde vivia. Essa contribuição, embora menos expressiva que as demais, indígena e europeia, veio pela formação de grupamentos de negros que fugiam dos engenhos e formavam os Quilombos, espécie de alojamentos de fácil desmonte no momento de perseguição. Uma vez instalados, havia necessidade de dar nome aos lugares, recorrendo à própria língua, não por imposição, mas pelo domínio do léxico africano, o qual teve



elementos da cultura e utensílios domésticos cristalizados na toponímia brasileira, mais precisamente nos estados do Nordeste.

Neste estudo não foi possível fazer registros de toponímia africana na região do extremo norte brasileiro. Porém, Cruz (2016) em trabalho acerca dos nomes de lugares e de pessoas da colônia Berbice<sup>34</sup>, apresenta toponímia de étimo indígena das famílias *Karib* e *Aruak* como *Guyana*, *Suriname*, *Rupununi*. Quanto aos nomes de pessoas da Colônia, a autora afirma que não havia a cerimônia do batismo, porque não havia missões religiosas à época da colônia. No entanto, nas colônias portuguesas o batismo era recorrente e os religiosos atribuíam nomes europeus aos jovens, desprezando nomes de origem. No estudo comparativo ficou evidenciada, em documentos referentes à Sociedade de Berbice (*Sociëleit van Berbice*), a repetição de nomes europeus entre as moças, “todas filhas de africanos que trabalhavam nas fazendas” (p. 170), nos anos de 1727, 1729 e 1735. A reverberação dessa Sociedade transcendeu séculos e fronteiras deixando muitos rastros na tríade roraimense-guianense-venezuelana, através de intercâmbio linguístico e cultural (africanos, índios e europeus), a despeito de uma predominância de nomes europeus atribuídos à população da época.

Outras pesquisas acerca do étimo africano na toponímia brasileira também mostram a pequena contribuição. Lima (2012, p. 209), estudando a toponímia africana em Minas Gerais, diz que “nosso *corpus* apresentou 1.480 topônimos de possível origem africana, o que corresponde a 1,7% dos 84.923 topônimos que compõem o banco de dados do projeto ATEMIG”; Farias, Pacheco (2015) em *Cartografia Toponímica e Silenciamento Afroindígena na "Terra da Liberdade": o problema do apagamento identitário em Benevides-PA*, conclui que embora a população seja construída por indígenas e africanos, “tanto o elemento indígena (que aparece de forma bem esparsa), quanto o africano (que sequer se evidencia) estão silenciados nos espaços de circulação de pessoas”.

Vale lembrar que o distanciamento da costa brasileira pode ser considerado uma hipótese para a modesta contribuição africana para a toponímia do Brasil; outra possibilidade seria considerar o menor número de africanos no país se comparado a outros contribuintes e por fim, o não interesse desse povo em cristalizar a sua língua em nomes de lugares ou de pessoas, analisando a condição de exploração a que foram submetidos.

---

34 O nome Berbice parece remeter ao Dutch Crioulo Berbice, língua falada ao curso desse rio (de mesmo nome), mais especificamente na Colônia Dutch estabelecida no final do século XVIII (KOUWENBERG, 1993). Trata-se de um crioulo de base Neerlandesa junto ao qual foram agregados falares da costa da Guyana, mas também de palavras de origem do Oeste africano e do lado Oriental do Ijo, hoje como parte do delta nigeriano (HOLLOS e LEIS, 1989, p. 10), entre outros (CRUZ, 2016, p. 158 - 159).

O percurso metodológico descrito na seção seguinte revela a dificuldade para pesquisas nesta área, Onomástica-toponímica, no extremo norte do Brasil.

## 4 DISPOSIÇÕES METODOLÓGICAS E ANTROPOCULTURAIS

### 4.1 Abrangência Metodológica

Este estudo refere-se à Dialetolegia e Toponímia brasileira, está embasado especialmente na Taxionomia de Dick (1990), (1992), (1996), (2000), (2004) e (2007), na etimologia de Sampaio (1904), Andrade (1954), Nascentes (1966) e nas literaturas regionais. As investigações toponímicas partem de informações coletadas em cartas geográficas - escala de 1: 50 000 e 1: 100 000 - do IBGE (2010), em documentos oficiais e especialmente em visita in loco. As informações foram armazenadas em fichas lexicográfico-toponímicas que passaram por adaptação pertinente à interpretação dos dados em referência. Após a sistematização, os dados foram analisados e classificados em categorias de acordo com Taxionomia em referência.

O método onomástico permeia pela análise documental e pela investigação de campo, considerando observações e interpretações do pesquisador, por isso o caráter indutivo. O trabalho busca a história do étimo e a explicação de sentido do topônimo por meio da análise dos elementos que o constitui, assim como procura, por meio de estratos identificados, a origem e ou as modificações da palavra até o nome atual. Desta maneira, pode-se reconstruir a história social, interpretar, examinar e classificar o topônimo conforme a taxionômica. Outras ciências, além da Onomástica, como a Geografia, História e Antropologia, estão em consonância para o reconhecimento de aspectos linguísticos, diversidades gramaticais e semânticas de natureza etnográfica.

As obras de Dick, em especial *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos* (1992), *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990), *A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo* (1996) e *Investigação Linguística da Onomástica Brasileira* (2000) figuram na literatura como principais referências para os pesquisadores da área no Brasil.

Outros estudos de igual importância como atlas toponímicos indígenas foram consultados para atender a revisão de literatura, por exemplo, o *ATITO - Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins*; *ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*; *Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: Gênese e Trajetória*; *ATOBAH - Atlas Toponímico da Bahia*, entre outros. Todos fazem, ou se propõem a fazer parte do grande *Projeto ATB - Atlas Toponímico do Brasil*, idealizado pela professora Dick (USP), e ampliado por diversos estados brasileiros. Por isso, o Estudo Toponímico Antropocultural de

Uiramutã - Roraima tem intuito de seguir pela linha investigativa dos estudos de base toponímica nacional.

Os aspectos que embasam a metodologia vão atender alguns critérios. A valorização do informante, pois conforme Chizzotti (2009), o informante tem o conhecimento do senso comum a partir de sua vivência, constrói conhecimentos e produz soluções para seus problemas, edificando sua identidade. Quanto mais se tratando de uma comunidade indígena com características específicas de língua e cultura.

Por outro aspecto observado, o da “neutralização”, em consonância com Tarallo (2007), o pesquisador deve preocupar-se em inibir o impacto entre ele e o informante. Isso pode ser alcançado no momento em que o pesquisador decide representar o papel de aprendiz interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. *A priori*, foram identificados alguns itens que pudessem diminuir o impacto da entrevista, por exemplo, a familiaridade com costumes e com as práticas da comunidade, se tem domínio de língua materna, as entrevistas fluem melhor ainda; assim como fazer visitas previamente agendadas. Contatos firmados a partir de um mediador, um indígena com maior acesso à comunidade, com o objetivo de facilitar o diálogo, e o mais importante, demonstrar sinceridade e respeito para com os informantes.

Como medida didática para coleta de dados, fez-se a opção de organizar a área em quatro grandes rotas, descritas a seguir, conforme o método de áreas de Albert Dauzat (1926), que permite o remapeamento do território em regiões. Desse modo, a investigação foi realizada na região Nordeste de Roraima, guiada, em princípio, por um mapa<sup>35</sup>.

Portanto, a pesquisa seguiu um padrão de abordagem qualitativa que, conforme Marconi e Lakatos (2000), inicia-se com a coleta de dados supostamente importantes para o problema levantado. Esse procedimento aconteceu em duas etapas: a primeira *in loco*, para coletar informações a partir de entrevistas semiestruturadas<sup>36</sup>, seguidas das narrativas dos informantes e, a segunda, tão importante quanto a anterior, requereu atenção e dedicação do pesquisador para trabalhar num ambiente de bilinguismo, ora o entrevistado falando em língua portuguesa, ora em língua Makusi, com necessidade de tradutores, muitas vezes.

Houve preocupação para a escolha dos informantes, esses foram necessariamente pessoas de mais idade e de credibilidade na comunidade, como o próprio tuxaua, mestre ou professor na comunidade. A maioria bilíngue, falante de língua MK e de PB. No entanto, em

---

35 Mapa confeccionado a partir de informações constantes na *Google Maps Plataforma*.

36 A entrevista ocorreu apenas como norteadora para motivar a narrativa oral do informante.

alguns casos, foi necessária a ajuda do intérprete para PB, que era sempre uma pessoa da família, filho ou neto do entrevistado, ou ainda professor de língua indígena residente na comunidade.

Todos os procedimentos metodológicos foram planejados com base em um Cronograma de atividades, considerando a complexidade de acesso ao objeto de estudo. Para tanto, foram tomadas medidas que antecederam a visita, como encaminhamento de documento aos órgãos de defesa e proteção indígenas no Estado de Roraima.

Algumas informações metodológicas para a leitura desta tese julgam-se necessárias: a) para citações em línguas estrangeiras optou-se por seguir no texto corrente a língua portuguesa traduzida pela autora e em nota de rodapé o texto em língua original; b) foi utilizada fonte diferente de letras (*Courier new*) para a fala dos informantes de modo a facilitar a identificação dessa fala para o leitor; c) na citação do informante, foram utilizadas as iniciais maiúsculas do nome do falante, seguidas pelo nome da comunidade de origem deste e do ano da entrevista, conforme o exemplo (M. L. CAMARAREN, 2018); d) as informações que constam nas fichas lexicográfico-toponímicas, no campo Estrutura Morfológica, passam a ser tratadas dentro do texto como ‘composição sintagmática’ porque melhor representa a descrição das análises realizadas nos sintagmas toponímicos.

Consta neste texto o modelo da ficha utilizado e apenas uma delas preenchida com os dados da Comunidade Uiramutã. É importante lembrar que as fichas foram igualmente aplicadas para todas as comunidades que constituem o corpora da tese. Todas as fichas lexicográficas, assim como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), assinados pelos entrevistados, fazem parte de um banco de dados, assinado pela autora, que doará ao acervo da Biblioteca Central da UERR. Todo o material estará disponível para consulta de acadêmicos, pesquisadores da área e comunidades indígenas.

#### **4.2 Ficha lexicográfico-toponímica**

A ficha é um instrumento importante para a organização dos dados toponímicos, e muitas vezes, é necessário mais de um modelo para atender às necessidades do trabalho. O instrumento deve ser preenchido com as informações coletadas pelo pesquisador em cartas ou em investigação de campo comum em pesquisas de toponímia indígena. Para este estudo foi utilizado apenas um modelo que fora adequado às especificidades do contexto. Segue uma ficha com a descrição teórico-metodológica de cada item que a compõe.

**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA**  
**ESTUDO TOPONÍMICO ANTROPOCULTURAL DE UIRAMUTÃ**  
BASE: DICK (2004)

**Município:** identificação do município sede.

**Natureza (AF/AH):** a categorização taxionômica dá-se a partir da proposta de Dick (1990a), dos topônimos em natureza Antropocultural (Humana) e Física.

**Topônimo:** Apreciam-se para este trabalho os topônimos do município de Uiramutã-RR.

**Taxionomia:** A classificação taxionômica baseia-se em Dick (1990a) e, se necessário, recorre a contribuições mais recentes que permitam interpretar os topônimos, o mais próximo possível da realidade, do ponto de vista semântico.

**Etimologia:** discute, a partir dos elementos formadores do signo, a história e/ou origem do topônimo. Estuda as classes gramaticais por meio da compreensão semântica e das regras de evolução histórica. Consulta em estudos clássicos de etimologia, em dicionários de línguas indígenas e em dicionários digitais e *online* da PB.

**Origem linguística:** língua base do topônimo.

**Entrada Lexical:** elemento de entrada do signo toponímico.

**Fonte:** fonte da informação.

**Estrutura Morfológica\*:** Signo toponímico pode se apresentar dividido em três categorias: elemento específico simples; elemento composto ou elemento específico híbrido. Neste caso, a estrutura morfológica deve ser apresentada em unidade mínima de significação, morfemas lexicais e gramaticais.

**Motivação:** reservado para a descrição sucinta da escolha do nome do lugar, com o objetivo de traçar um fio da história do lugar.

**Vocabulário em língua indígena:** outros vocábulos em língua indígena identificados na entrevista.

**Contexto:** destina-se ao resumo das características socio-históricas do topônimo.

**Histórias Narradas:** narrativas orais de cunho mitológico.

**Fonte:** Serão respeitados os dados dos autores consultados; as fontes de consultas como informantes, obras e sites.

**Dados dos informantes: características** (etnia, data de nascimento/idade, escolaridade, falante de línguas indígenas, função na comunidade/parentesco) do informante de modo a subsidiar um possível perfil dos que contribuíram para a pesquisa.

**Local e data de coleta:** informar o local e a data da entrevista.

**Coordenadas Geográficas:** com o recurso do GPS, identificar o local (caso seja na própria comunidade) para possível construção de mapas.

**Pesquisador (a):** deve constar o nome do pesquisador que fez a coleta.

**Revisora:** deve constar o nome da responsável pela pesquisa de doutorado.

Caso algum dos itens desta ficha não seja preenchido, utiliza-se “não se aplica”.

### 4.3 Pesquisa etnográfica e o estudo toponímico

Uma discussão sobre antropologia e estudos da linguagem e seu diálogo já foi tratada na Seção 2. No presente item, será tratada a metodologia do trabalho antropológico, a etnografia e a investigação toponomástica pelas quais se faz necessária visita in loco. Na prática etnográfica, a investigação de campo tem a capacidade de observar aspectos muito peculiares de um povo como as tradições, as crenças, os mitos, além da história do lugar. A pesquisa toponímica etnográfica conduz o pesquisador a um encontro de seus pontos de vista com os elementos do cotidiano dos indígenas e, desse modo, pode

articular um enfoque que seja ao mesmo tempo de longe e de fora, por apreender as relações estruturais e mais gerais, e de perto e de dentro, por preocupar-se com as atividades dos atores sociais em seu cotidiano urbano. Nem tão de longe a ponto de justamente, não identificar a atuação desses atores, nem tão de perto a ponto de confundir-se com as práticas particulares desses interlocutores da pesquisa (MAGNANI, 2012, p. 591-592).

Contudo, é imprescindível compreender a organização social, respeitar as crenças, observar as trocas linguísticas e culturais, para poder construir um novo ponto de vista, mais acurado. Esse método não difere da prática de trabalhos toponímicos, visto que para se chegar o mais perto possível do batismo do lugar, recorre-se a aspectos no nível extralinguístico, muito importantes na investigação onomástica. As relações entre língua, cultura e sociedade aparecem nos nomes dos lugares, das cachoeiras, rios, serras, entre outros acidentes físicos ou antropoculturais.

Dessa forma, a análise etnográfica tem como base a descrição e a interpretação das marcas encontradas, possibilita levantar hipóteses acerca das condições sociais de uma determinada sociedade, sua história e sua cultura. Mesmo os aspectos mais subjetivos de uma sociedade, como a sua crença, estão refletidos no léxico toponímico, portanto, cabe ao pesquisador ser o próprio agente de coleta de dados capaz de estabelecer relação de confiança e respeito com o informante.

A etnografia e a toponímia se utilizam de metodologias comuns quando envolvem trabalho de campo num estudo sincrônico, em interface com ciências como história, sociologia, arqueologia, entre outras. No entanto, em alguns momentos as pesquisas toponímicas necessitam do levantamento de dados para o estudo descritivo de suas taxas, o que permite de forma isolada um estudo etimológico diacrônico (DAUZAT, 1926), (DICK, 1990). Na sua ampla acepção, os estudos etimológicos têm abstraído topônimos antigos que estão subjacentes aos nomes atuais, por exemplo, os nomes motivados pela mitologia ou crenças religiosas como os nomes de santo. No caso deste estudo, a história da palavra explica sua utilização toponímica, muitas vezes, desconhecida pelo indígena roraimense.

Além de se considerar importante as informações fornecidas pelos moradores de mais idade, como mestre, tuxaua, ou professor, a etapa de coleta de dados exigiu do pesquisador um bom relacionamento com os representantes das etnias. A pesquisa demandou tempo do pesquisador e, muitas vezes, foi necessária a presença de um tradutor, por isso, utilizou-se também de entrevistas com professores falantes de língua Makusi.

Este trabalho apresenta as características peculiares do extremo norte brasileiro, município de Uiramutã, com suas heterogeneidades e semelhanças. No aspecto antropológico e cultural destaca-se a presença dos mitos que estão muito presentes na vida e na história dos indígenas de Roraima. Portanto, o trabalho se fundamenta, quanto à mitologia, em obra de Lévi-Strauss (1967) e de Cassirer (2011). A relação dos mitos com a toponímia é uma hipótese da pesquisa, pois várias histórias narradas e coletadas trazem à tona marcas do dinamismo linguístico-cultural dessas etnias, de forma que ratificam a crença unânime em entes mitológicos como o chefe da mata, do rio ou da serra.

De acordo com Guber (2011), o estudo etnográfico é essencialmente uma discussão acerca de um grupo de pessoas, e abarca três acepções, enfoque, método e texto. O enfoque busca entender os acontecimentos sociais, considerando ponto de vista dos agentes; o método envolve as técnicas do trabalho de campo, e o texto, organizado em uma estrutura, comporta a descrição do que ocorreu. Metodologicamente o trabalho de campo é, sem dúvida, a fonte mais real dos dados apresentados. Nesse viés, procura-se compreender o entrevistado, assim como a sua sociedade, as transformações, a organização política, a história e a cultura de um grupo. Para seguir com o trabalho científico de cunho etnográfico, como determina o método da pesquisa, ao fazer a leitura de mundo do outro se procura abster de pré-conceitos e de grandes impactos. Consequentemente, esta pesquisa em Toponímia indígena configura-se de cunho etnográfico.



A investigação da motivação primária para os topônimos teve como base a pesquisa de campo, o próprio indígena. No entanto, não foi possível resgatar completamente o corpus nos seus aspectos semânticos, o que se complementou com a busca pela motivação cultural e linguística tendo como fonte a língua portuguesa. Por conseguinte, algumas informações vieram de consultas a literaturas já registradas, tomando por base os respectivos nomes das comunidades que se confirmaram com o que está no campo. Fontes consagradas da literatura, dicionários etimológicos, reforçam a pesquisa.

#### **4.4 Trilhas toponímicas de Uiramutã**

Em 2013, Cruz e Araújo ministraram a oficina *Técnica e metodologia: cartas toponímicas de comunidades do Uiramutã*<sup>37</sup>. Naquele momento, o município passava por uma estruturação urbana no que diz respeito à toponímia local, e esse trabalho foi importante para que os moradores, na maioria indígena, valorizassem a memória e a história de seu município. Esse fato foi um dos itens considerados na escolha do corpus desta investigação, uma vez que ela buscava informações relevantes da cultura e da história dessa região e suas cartas geográficas que poderão ser usadas como material de ensino e de informações acerca de Uiramutã, diferente da região sul de Roraima que já possui mais registros, sejam por meio de visitantes ou de pesquisadores, dada à aproximação com o Amazonas.

O acesso a Uiramutã é complexo porque exige uma logística: se de carro, precisa ser de tração; se de avião, também não é simples para conseguir; portanto, os custos para as visitas de campo são muito caros, de modo geral. O contato com as comunidades também depende da estação do ano: no período de chuvas, por exemplo, não há acesso a algumas comunidades, por isso a coleta precisa ser feita em período de seca, ainda assim com acesso muito restrito a alguns lugares, o que ocasiona custos altos para a locação de veículos tracionados.

---

37 Essa oficina fez parte da VIII Semana Nacional Ciência e Tecnologia no Estado Roraima. VIII SNCT.

Para esta investigação, foi planejada uma rota pelas Rodovias Estaduais RR-202 e RR-171 até Uiramutã. Para tanto, foi traçado um mapa inicial de orientação com informações obtidas na *Google Maps Platform*, figura 3. No entanto, há muitas comunidades, novas, que se formam e que ainda não aparecem nos mapas. Destas, foram coletadas as coordenadas geográficas e farão parte das cartas topográficas deste trabalho. A seguir, a figura que não se configura mapa, apenas esboço de orientação utilizado para as visitas de campo, apresenta o primeiro roteiro de visitas às comunidades. A partir dele foi possível traçar as rotas que conduzirão o texto.

**Figura 3** - Esboço para orientação da pesquisa de campo



Fonte: Assis Araújo, 2019.

Com base no esboço a bordo, e respeitando a delimitação traçada, até oito quilômetros da rodovia, para o lado esquerdo ou direito, foram visitados comunidades e retiros. No entanto, pela dificuldade de acesso, ficaram de fora algumas que estavam do lado esquerdo, sentido sul-norte, do rio Cotingo. Isso se deve porque, embora se tenha saído da capital às quatro horas da manhã, o tempo era insuficiente para uma parada tão demorada de travessia

do rio, por isso o transporte que fora locado precisava deixar a nossa equipe em Uiramutã e retornar para Boa Vista.

Com o intuito de visitar as comunidades de beira de estrada, e obedecer à disponibilidade do motorista, optou-se por visitar primeiro àquelas mais distantes da sede do município e as mais próximas ficariam para o retorno; as demais comunidades foram visitadas, parte com carro locado no município, parte a pé. Assim, no trajeto de ida, foram visitados os retiros São João do Galo, Samaúma e São Jorge e a comunidade Tabatinga do Entroncamento. Outras, no alcance da rota estabelecida da estrada, foram visitadas no retorno; são elas: comunidade Caximirã, São Mateus e Triunfo. Durante a estada em Uiramutã, foram visitadas as comunidades Makunaima, São Francisco, Uiramutã, Popó, Makuken, Monte Sião, Milho, Prododó, Topa Pé, Nova Vida I, Paruê, Camararen. Algumas comunidades fazem parte da pesquisa porque antigos moradores ou os tuxauas se encontravam nas comunidades visitadas, o que permitiu a entrevista, embora não tenha sido possível a visita in loco; são elas: Flechalzinho, Barreirinha, Caracanã, Andorinha e Pato. A sede do município, em sua composição de Ruas e igarapés, parte urbana visitada, também fará parte deste trabalho.

No total, foram visitados 53 acidentes humanos, comunidades, retiros e área urbana do município de Uiramutã que é composta pelo nome da cidade mais 7 Ruas, 1 Travessa, 2 Avenidas e 1 Praça. Entre essas estão 4 Comunidades sem visita in loco e 16 topônimos anteriores identificados para as comunidades. A investigação se compõe também do estudo de 68 acidentes físicos, sendo coletados 14 de Cachoeiras, 25 de Igarapés, 1 de Lago encantado, com especial atenção para os 3 topônimos de Pedras, 2 de Regos, 4 de Rios e 19 de Serras. Totalizando, foram apreciados 121 topônimos, As histórias narradas e mitos também fazem parte desta investigação, visto que o município é eminentemente indígena e representa o cartão postal de encantamentos do norte do Brasil.

Nesse sentido, a pesquisa apresenta 24 histórias que, de uma forma ou de outra, compõem o perfil do locus da investigação, pois trazem respostas muitas vezes subjetivas da motivação toponímica da região. Ratificando que cada visita gerou uma ficha lexicográfica e todas as entrevistas foram transcritas, compondo um banco de dados que estará disponível no acervo da biblioteca da UERR e a maior parte dele em uso nesta tese.

#### **4.4.1 Suportes para o campo e para o texto**

Para a realização deste trabalho, no que se refere a campo, foram necessários deslocamentos, capital-município-capital, feitos por veículos tracionados, picape HILUX, ano 2018, com motorista cedido pela UERR e para a locomoção município-comunidades-

município utilizou-se picapes antigas, L200 e F1000, locadas pela pesquisadora, e um deslocamento para comunidade Popó foi feito com picape e motorista cedidos pela Prefeitura de Uiramutã. Para algumas visitas, obteve-se apoio de um servidor da Secretaria de Educação do município, que gentilmente acompanhou a equipe. A pesquisadora contou com o apoio da coorientadora Profa. Odileiz Cruz na coleta de dados, por ser falante de MK.

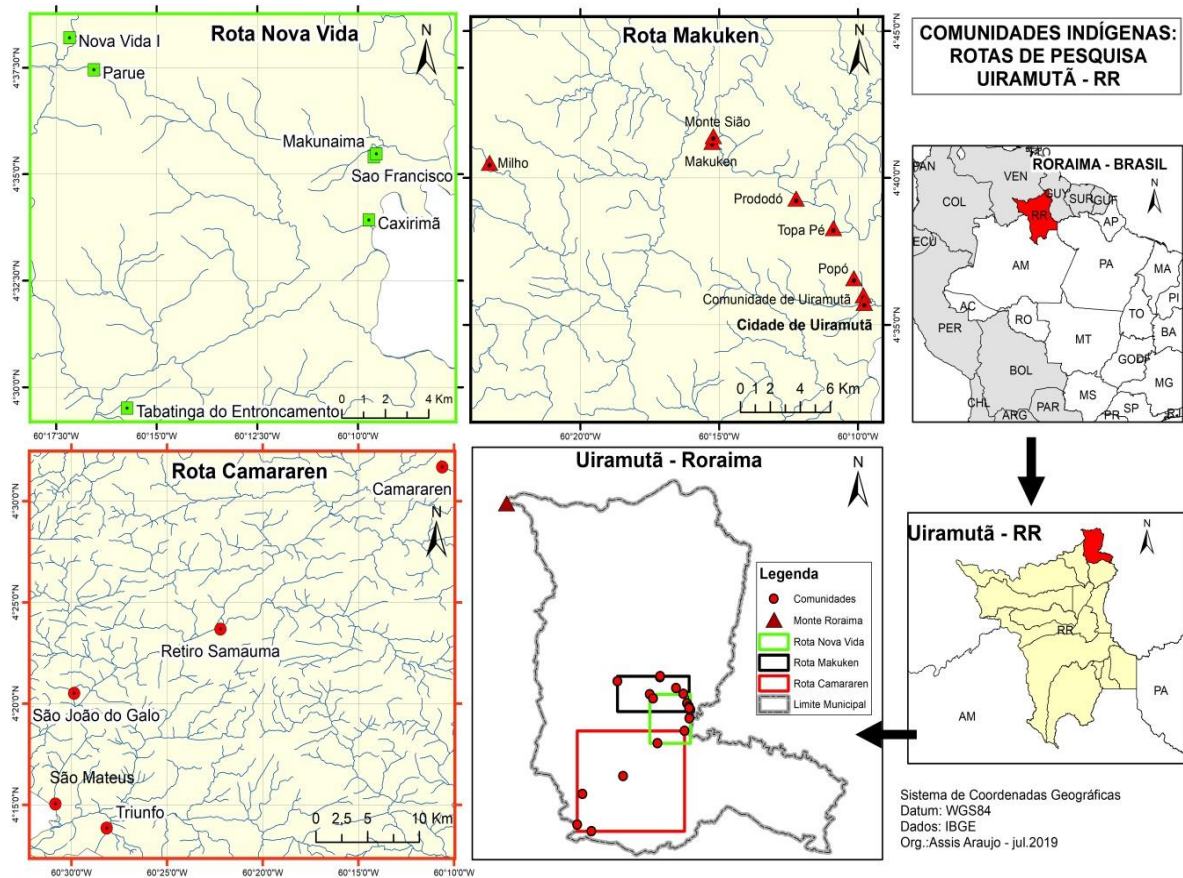
Para compor esse trabalho, foi utilizado um aparelho de GPS Portátil GARMIN, modelo GPSMAP64 para obtenção das coordenadas geográficas dos pontos visitados; um gravador de voz PHILIPS, modelo LFH 0615, para gravação das entrevistas; no entanto, algumas entrevistas, por motivo de viabilidade, foram gravadas em celular MOTOROLA, modelo MOTO G6; uma câmera SAMSUNG, modelo ES80, uma câmera do celular MOTOROLA, modelo MOTO G 6. Assim sendo, as gravações de áudio totalizaram 12 horas 41 minutos, 4 segundos de entrevistas, que resultaram em 68 laudas de transcrições de áudio, tarefa auxiliada pelo programa do aplicativo *Google docs*<sup>38</sup>; os registros fotográficos e vídeos feitos totalizam 541 fotos e oito pequenos filmes que somam 6 minutos e 47 segundos, os quais fazem parte do acervo da pesquisadora.

A título de organização da tese, mostra-se a seguir a disposição em macrotoponímia dos acidentes estudados. Primeiro a sede do município com a composição micro AH, Ruas, avenidas, praça e travessa e AF, cachoeiras, corredeira, igarapés e monte. Em seguida a macrotoponímia da região em três grandes rotas com a composição micro de comunidades visitadas no campo, que se organizam e se agregam conforme dispostas a seguir: **Rota Camararen**, com as comunidades Camararen, Flechalzinho, Retiro São Jorge, Retiro Samaúma, São João do Galo, São Mateus e Triunfo. **Rota Makuken**, com as comunidades Makuken, Andorinha, Barreirinha, Monte Sião, Caracanã, Pato, Milho, Prododó, Topa Pé, Popó e comunidade Uiramutã e a **Rota Nova Vida**, com as comunidades Nova Vida I, Paruê, Caxirimã, Tabatinga do Entrocamento, Makunaima e São Francisco.

---

38 <https://docs.google.com/document/u/0/>

**Figura 4 - As rotas da pesquisa**



**Fonte:** Assis Araújo, 2019.

A próxima seção dá início à apresentação e discussão dos dados da pesquisa. Conforme já mencionado, a seção está organizada em quatro blocos: primeiro, a toponímia da região sede de Uiramutã, seguida pelas três rotas, Camaren, Makuken e Nova Vida.

## 5 UIRAMUTÃ: MEMÓRIA E CULTURA NA NOMINAÇÃO

### 5.1 A mais viva história de Makunaima

Pode-se dizer que o Uiramutã é um lugar de índios, por isso é também de muita tradição mitológica. O mito de Makunaima<sup>39</sup>, que representa talvez a mais viva das histórias narradas pelos povos indígenas de Roraima, tem, como toda história oral, mais de uma versão, todas elas versam sobre o herói do lavrado<sup>40</sup>. Makunaima abre a discussão acerca da relação topônimo e mito embora não tenha sido constatado um elo específico com a toponímia de Uiramutã, mas porque ele é a representação cultural dos povos indígenas do estado. Outros mitos, muito presentes na vida desses povos, serão ainda abordados neste texto.

Uiramutã, que para alguns abriga ‘a casa de Makunaima’, o Monte Roraima, que é de grande carga espiritual, também conhecido como a ‘mãe de todas as águas’, fonte de águas cristalinas onde estão presentes os índios Makusi, do Brasil e os Pemón, da Venezuela. Conta-se que

nas terras de Roraima havia uma montanha muito alta onde um lago cristalino era expectador do triste amor entre o Sol e a Lua e que, por motivos óbvios, nunca os dois apaixonados conseguiam se encontrar para vivenciar aquele amor. Quando o Sol subia no horizonte, a lua já descia para se pôr. E vice-versa. Por milhões e milhões de anos foi assim. Até que um dia, a natureza preparou um eclipse para que os dois se encontrassem finalmente. O plano deu certo. A Lua e o Sol se cruzaram no céu. As franjas de luz do sol ao redor da lua se espelharam nas águas do lago cristalino da montanha e fecundaram suas águas fazendo nascer Macunaíma, o alegre curumim<sup>41</sup> do Monte Roraima. Com o passar do tempo, Macunaíma cresceu e se transformou num guerreiro entre os índios Makusi. Bem próximo do Monte Roraima havia uma árvore chamada de "Árvore de Todos os Frutos" porque dela brotavam ao mesmo tempo bananas, abacaxis, tucumãs, açais e todas as outras deliciosas frutas que existem. Apenas Macunaíma tinha autoridade para colher as frutas e dividi-las entre os seus de forma igualitária. Mas nem tudo poderia ser tão perfeito. Passadas algumas luas, a ambição e a inveja tomariam conta de alguns corações na tribo. Alguns índios mais afoitos subiram na árvore, derrubaram-lhe todos os frutos e quebraram vários galhos para plantar e fazer nascer mais árvores iguais àquela. A grande “Árvore de Todos os Frutos” morreu e Macunaíma teve de castigar os culpados. O herói lançou fogo sobre toda a floresta e fez com que

---

39 Macunaima é para os Makusi um personagem do bem, tido como o herói da fauna e da flora roraimense, desmistificando a relação com o personagem Macunaíma, reconhecido herói sem caráter, de Mário de Andrade.

40 Herói do lavrado: Makunaima é também reverenciado como o herói do lavrado. Utiliza-se o termo “lavrado” para denominação dos campos, savanas do nordeste de Roraima, que se diferenciam dos cerrados brasileiros pela forte presença de Cyperaceae e da baixa diversidade florística nessas áreas (VANZOLINI & CARVALHO, 1991).

41 Curumim, do tupi, variante nasalada de curumi, kuru'mi (NASCENTES, 1966, p. 225), menino, rapaz novo ou jovem (HOUAISS, 2009).

as árvores virassem pedra. A tribo entrou em caos e seus habitantes tiveram que fugir. Conta-se que, até hoje, o espírito de Macunaíma vive no Monte Roraima a chorar pela morte da “Árvore de todos os frutos” (REIS, 2006, p. 4).

Para os indígenas velhos ou novos não se discute o amor do Sol e da Lua, elementos personificados na narrativa, pois a história de um amor humanamente impossível fez nascer um herói, o curumim Makunaima, fecundado num eclipse que uniu o Sol e Lua. Outras passagens da narrativa deixam claro o poder do herói de transformar coisas e de se transformar. O herói transformou as árvores em pedras após a morte da Árvore de Todos os Frutos; o curumim - como representação da natureza humana - virou guerreiro protetor da flora e da fauna com indubitáveis poderes intrínsecos de autoridade, como o de colher as frutas; ou ainda castigar aqueles que desobedeceram às suas ordens, transformado em pedras as outras árvores da floresta, fazendo-os fugir ou morrer de fome.

Para Frikel (1971, p. 139, apud RIVIÉRE, 1995, p. 192), “o corpo humano é simplesmente um meio de manifestação, uma espécie de “vestimenta” que se recebe na hora do nascimento e se deixa ao morrer”, nessa visão, o homem transcende, é imortal e o corpo é apenas uma roupa. Nesse sentido, Reis (2006), traz outro aspecto importante, quando se refere ao espírito de Makunaima que, segundo ele, vive no Monte Roraima.

Corroborando, o mito de Makunaima se apresenta em várias versões, mas, para nós Makusi, chamamos *Kunaimã* e é apresentado como ‘do bem’, diz o informante S.D (2018), índio da etnia Makusi, professor e falante MK. Para esse povo, o herói vive na Pedra Pintada, outro ponto turístico de Roraima que guarda forte valor cultural, conforme a narração concedida em entrevista em maio 2018:

Kunaimã nasceu na água, lá tem muitos lagos, e depois ficou no monte do Marirari, serra do Surumu, é filho do Sol com a Lua. Depois se transformou em gente e quando ficou grande veio para a Pedra Pintada, lá pegou esse nome de Makuná, ele é coisa bom, como os Ingaricó chama de “capô”, que cuida, que é bom, Makuná. Alguns dizem que os três (Makunain, Insikiran e Anikê) são irmãos, mas no meu Makusi/Serumã, Anikê e Insikiran são filhos de Makunaima e nasceram na Pedra Pintada, tomaram conta para fazer arte. Eles subiram para o norte e nessa subida fizeram o rio Cotingo e o rio Iren, tem uma no Baixo Cotingo que é a casa de Anikê e Insikiran. Continuaram a subir rumo norte e encontraram o Monte Roraima e a árvore que chamaram de Roraimã (Roro = cajuí, imã = grande, que é cajueiro grande). Então esse Roraimã dava várias



frutas (banana, manga, cana, auroza<sup>42</sup> (que é de folha), cheiro verde, muitas frutas). E o que fizeram? Cortaram a árvore. Eles queriam ser donos da árvore, acho que quem cortou foi Insikiran que era mais danado ainda. Essa árvore jorrou água que correu pelos rios Cotingo e Maú, e, na época, tinha muitos peixes. E todos os peixes saiu. Esse peixe que vem pra cá, foi depois que eles colocaram (Anikê e Insikiran). A árvore era grande, não se sabe o tamanho, espalhou fruto para todo lado, inclusive lá perto tem banana, cana, auroza, tudo veio dessa árvore. Das folhas que caíram mais longe, que o vento levou, veio o alface, a cebola, o cheiro verde, tudo [...] Makunaima estava ensinando os dois a ser pajé, mas tinham que saber muito. Aí, Makunaima disse que para deixar eles aqui, tinha que fazer uma prova com eles. Então, ele trouxe uma cobra grande, uma serpente que eles (os irmãos) tinha que conseguir prender, tentaram a primeira vez, mas a cobra saiu, aí o pai falou “vocês ainda não estão pronto! Vocês têm que aprender ser mais pajé! Mais forte!”. E foi para a segunda prova que os dois conseguiram prender a cobra perto do Monte Roraima, onde mora Anikê e Insikiran, naquela região. O Makunaima foi embora, ele não morreu, uns dizem que ele morreu, mas para meu povo ele não morreu, um dia ele vai voltar. Não se sabe quando.

A “vestimenta” de humano assumida por Makunaima está expressa na fala de S. D. (2018) quando diz que ele se transformou em gente, confirmando que o espírito sobrepuja a roupa de humano e tem a capacidade de domínio sobre a árvore, os rios e os peixes. Ficam nítidas semelhanças e diferenças entre as duas narrativas apresentadas, o fato de que o Makunaima é do bem, que protege a região contra qualquer mal e que nasceu do casal Sol e Lua são informações semelhantes nos textos.

No entanto, as diferenças chegam a ser nítidas, a mais evidente e assegurada por S. D. (2018) está relacionada aos irmãos Anikê e Insikiran que aparecem, no primeiro como irmãos de Makunaima e no segundo como filhos desse; o lugar de moradia do herói, que para S. D. (2018), nos primeiros anos da vida do herói, era a Pedra Pintada e assegura que ele não mora no Monte Roraima, diferente do primeiro texto; o corte da árvore de todos os frutos, que no segundo texto tem o nome de *Roraimê*, deu-se pelos próprios filhos de Makunaima que eram muito danados, assim como a ausência de exploradores que cortaram a árvore no primeiro texto.

---

<sup>42</sup> Auroza, tipo de raminho, que se assemelha ao ‘cheiro verde’, utilizado como condimento na culinária indígena (SOBRAL, 2018).



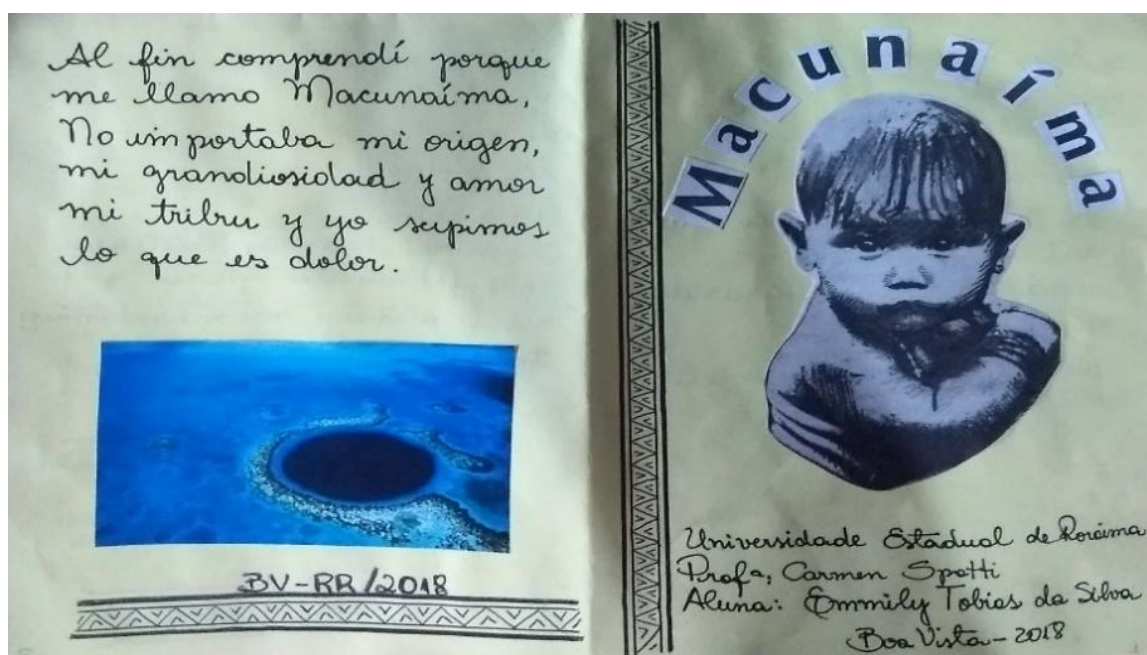
A crença no mito é tão forte que o informante atribui ao seu povo a fonte primária de sua narrativa, assumindo, por exemplo, que uns dizem que ele morreu, mas para meu povo ele não morreu, um dia ele vai voltar, não se sabe quando.

Outro elemento que se destaca são os símbolos que representam outros mitos como a Pedra Pintada e a Cobra Grande, mas que não serão abordados neste trabalho, uma vez que o foco é a relação mito-toponímica da região de Uiramutã. Apreciando de modo comparativo os elementos das duas narrativas, não se esgota e tão pouco há profundidade teórica acerca do tema porque se trata apenas de uma amostra que ilustra a vivacidade de Makunaima em Roraima.

Muitos e excelentes trabalhos de ordens literária e científica são desenvolvidos no estado cuja essência está no personagem que é o herói roraimense, Makunaima. Alguns desses trabalhos, citados a seguir, ilustrarão o texto e como os demais fazem apologia a Makunaima: A obra *Historiando a terra de Makunaima – a questão indígena*, de Alcir Gursen de Miranda; *Meu Avô Makunaima*, coleção composta por 15 telas de Jaider Esbell; do mesmo autor a obra *Terreiro de Makunaima – Mitos, lendas e estórias em vivências*, livro premiado pela Bolsa Funarte/MinC de Criação Literária; filmes e documentários como *A Vitória dos Netos de Makunaima - Raposa Serra do Sol*, de Ivonio Solon; desenhos e animações como o 3º e 4º DD Makunaima, de Natasha Gonçalves, esse atividade acadêmica do curso de Design Digital.

Das narrativas aqui expostas sobre a presença de Makunaima em Roraima, seguem dois destes recentes trabalhos sobre o mito, inclusive de formação acadêmico-pedagógica. O primeiro é uma produção de fanzine desenvolvida em um curso de pós-graduação Lato Sensu em que Silva (2018), utilizando a língua espanhola, cria uma história embasada no herói Makunaima.

**Figura 5** - Fanzine: atividade da Pós-graduação em Letras da UERR



**Fonte:** a autora, 2018

E o segundo, uma produção pedagógica do escritor cordelista Zezé Maku, a obra O reino de Makunaima e sua chefia da fauna, composta de alguns mitos conhecidos no Estado, entre eles o de Makunaima narrado em três idiomas, português, espanhol e inglês. Neste trabalho observa-se uma narrativa em prosa e versos que é apresentada em peça teatral pelo autor.

**Figura 6** - Produção pedagógico-cultural – obra de Zezé Maku



**Fonte:** a autora, 2018

O que se apresentou sumariamente neste texto não esgota a vasta produção acerca do mito, visto que a motivação é intensa. Até o pseudônimo “Zezé Maku” faz referência ao personagem, assim como a identidade dos indígenas que hoje se dizem netos do herói comprova que, com várias versões, Makunaima é a história mais viva entre todas de Roraima. Ainda sobre a força do Mito, esse teve seu nome cristalizado no topônimo de uma comunidade visitada e será analisado neste trabalho.

## 5.2 Os irmãos Insikiran e Ani'kê

Retomando a temática pertinente, o município de Uiramutã comporta o mito dos irmãos Makusi, Insikiran e Ani'kê, que é abordado sob vários olhares na literatura roraimense, portanto, conveniente ao estudo toponímico daquele designativo. Além das aventuras dos irmãos já narradas anteriormente, o que se pretende neste trabalho é relacioná-lo com a motivação toponímica e buscar marcas linguísticas que justifiquem essa interação entre a toponímia e a mitologia, visto que esse pode ser um caminho importante para se conhecer o porquê do determinado nome do lugar. Não é o foco deste trabalho, porém, explorar o mito em seu aspecto literário, vertente também bastante estudada por outros pesquisadores.

A história foi coletada em visita de campo, segundo Cruz e Larangera (2010) e narra que os dois irmãos Insikiran e Ani'kê estavam em pescaria quando Insikiran ordenou ao irmão Ani'kê que fosse buscar farinha *Uyi*, pois, no percurso, eles ficaram com fome. Essa versão se assemelha a uma das versões narradas por S. D. (2018), os dois irmãos estavam pescando o peixe “aimará ” (...) que entrou no buraco e eles foram cavando do rio Maú até onde surgiu o igarapé do Uiramutã. Segundo ele, irmãos ficaram com fome (...) e pediu pro irmão dele ir buscar a farinha *Uyra mîta* ‘vai buscar a farinha’, *Uiramutá* e, com o aportuguesamento mudou para *Uiramutã*.

A segunda versão é a de que o nome *Uiramutã* vem de *Iremutá*, *Iren*, nome do rio que em português se escreve ‘Irengue’ e *mîta*. ‘boca’, resultando em ‘na boca do rio Ireng’ Segundo o informante, há muito tempo, quando ainda não havia delimitações de fronteira entre o Brasil, Venezuela e Guyana, todos os povos de comunidades da região como Cancamon maloca grande que hoje está ressurgindo, Maturuca, Purucá, Camanarén, Canapã, Tapá (Guyana), Urinduque, Irenduá, Camaná, Kutí, Caracaranã, Flechal,

Carapuru, entre outras, vinham para as festas na Comunidade que hoje é Uiramutã, o pessoal que vinha até chegar nesse boqueirão aqui e se encontrar no *Iremutá* (boqueirão do rio Maú, *Iremutá*) S. D. (2018).

Retomando os filhos de Makunaima, que são lembrados nas mais diferentes histórias de travessuras em toda região,

Insikiran refere-se à cosmologia dos povos indígenas que habitam o Monte Roraima, região do noroeste do Estado de Roraima, sendo para os índios Makusi, Taurepang e Ingaricó (povos da família linguística Karíb) e, também os Wapichana (família Aruák) um dos filhos guerreiros de Makunaimã. O herói Makunaimã tem dois filhos, Insikiran e Anikê, integrando toda a cosmologia de criação dos índios dessa região, segundo a tradição e cultura desses povos (FREITAS; TORRES, 2017, p. 5).

Os irmãos Insikiran e Ani'kê aparecem em outras literaturas como irmãos e não como filho de Makunaima, como se vê em "... o local também estaria relacionado a um dos irmãos – “Insikiran” – do grande herói mitológico dos Makusi, Makunaimã” (AÇÃO POPULAR 3388)<sup>43</sup>.

### 5.3 Elementos da toponímia de Uiramutã

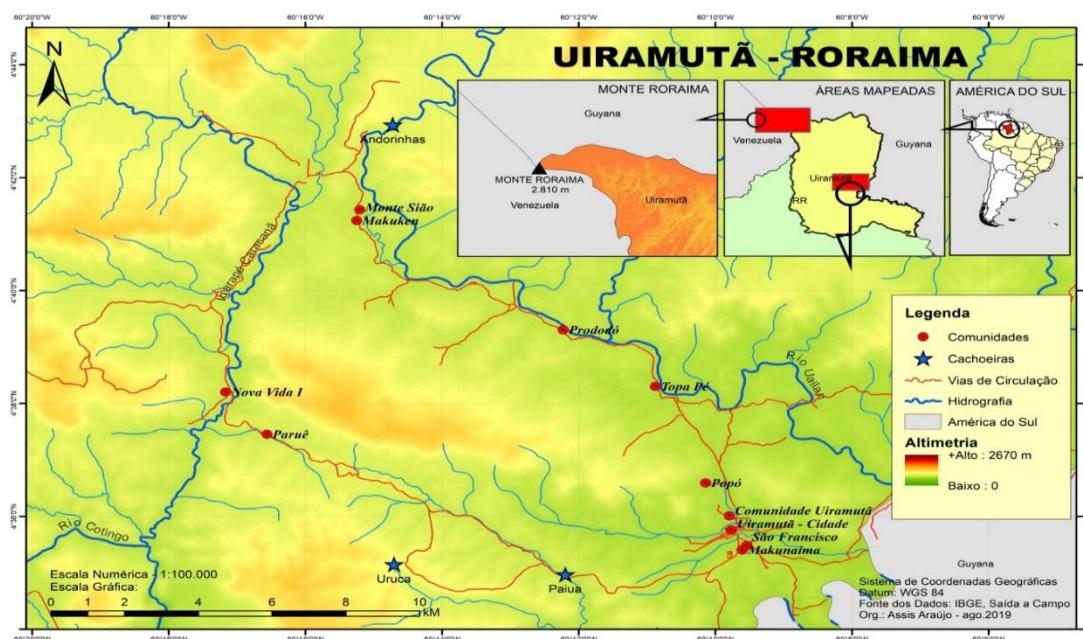
Neste item serão tratados alguns topônimos referentes a acidentes humanos e físicos de Uiramutã sede do município, ou região contextualizada. Foram escolhidos alguns topônimos, por amostragem, que identificam a região e a sede propriamente. O procedimento foi apenas por motivo didático de construção do texto, ficando para um próximo item a descrição toponímica das comunidades indígenas.

A seguir, a figura 7, para visualização dos pontos que singularizam a região do município de Uiramutã.

---

43 <https://site-antigo.socioambiental.org/inst/esp/raposa/?q=node/227>. Acesso em: 24 abr. 2019.

**Figura 7** - Elementos que singularizam a região de Uiramutã



Fonte: Assis Araújo, 2018

A partir deste item dá-se início à apresentação e à discussão dos dados. As investigações toponímicas têm como instrumento de armazenamento de dados a ficha lexicográfico-toponímica apresentada anteriormente. Dessa forma, na ficha lexicográfico-toponímica de Uiramutã, sede do município, consta da descrição teórico-metodológica do item investigado, seguida pela discussão e exame dos dados. Cabe a informação de que a partir do modelo teórico de Dick, foram feitas algumas adaptações para atender ao contexto da pesquisa.

**Quadro 1** – Ficha lexicográfico-toponímica de Uiramutã

<b>FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA</b>	
<b>ESTUDO TOPONÍMICO ANTROPOCULTURAL DE UIRAMUTÃ</b>	
BASE: DICK (2004)	
<b>Município:</b>	Uiramutã
<b>Natureza (AF/AH):</b>	AH – Comunidade indígena
<b>Topônimo:</b>	Uiramutã
<b>Taxionomia:</b>	Mitotopônimo
<b>Etimologia:</b>	<i>Uyi</i> = farinha, <i>mîta</i> = ir “vai buscar farinha” (MK); <i>Iren Mîta</i> = boca do rio; vincula-se também ao mito da boca do (peixe) <i>aymará</i> .
<b>Origem linguística:</b>	MK
<b>Entrada Lexical:</b>	MK
<b>Fonte:</b>	Relatório CNPQ (Processo CNPq nº 481540/2011-3) e entrevistas 2018.

**Estrutura Morfológica:** O topônimo passou pelo processo de aportuguesamento e apresenta outras variações em Makusi: Eremîtan, Arimutan, Aramutan, Iramutan > Uiramutã. PB [SN(N)] e/ou [SN(SN(N)+SN(N)] Farinha = boca e/ou [SN(N) + SV(V)] Farinha + pegar, em MK.

**Motivação:** foram identificados três motivos para Uiramutã, 1) refere-se ao Mito dos irmãos Makusi Insikiran e Ani'kê. Expressão proferida pelo Insikiran ao ordenar o irmão Ani'kê que fosse buscar farinha *Uyi*, pois, no percurso, de uma pescaria, eles ficaram com fome; 2) O topônimo foi motivado na MK: [*Iren mu'tá*] que significa a boca do rio, expressão metafórica para determinar a nascente do rio Maú; 3) a motivação trata de um mito do [*Aymará*] em MK, trairão em PB, um peixe de boca muito grande o peixe estava dentro desse igarapezinho.

**Vocabulário em língua indígena:** O topônimo passou pelo processo de aportuguesamento e apresenta outras variações em MK: *Eremîtan, Arimutan, Aramutan, Iren muta' Iramutan* > Uiramutã. Há uma comunidade *Eremîã Ken'* em MK, o braço do rio em PB, localizada na beira do Maú.

**Contexto:** os mitos (1, 2 e 3) são presentes no município. De forma que em condições simultâneas ele dá nome também à região, à comunidade e à sede do município. Os conflitos por terras entre os fazendeiros, seus vaqueiros e os indígenas, fizeram criar o município e as comunidades Popó, São Francisco, São Gabriel e Nova Esperança, antes apenas comunidade Uiramutã; o protagonista dessas lutas foi o Tuxaua Orlando Pereira da Silva, hoje com 74 anos. A língua MK é falada na comunidade pelos mais velhos, as crianças aprendem-na na escola. Há presença de igrejas evangélicas no município, mas o santo padroeiro da cidade é São Sebastião estão organizados em Movimentos da Juventude, Clube de Mães, entre outros. Economicamente vivem de roça e fabricam artesanato em palha. A comunidade é composta por 48 famílias, cerca de 280 pessoas. Têm a tradição de pintar, com tinturas naturais de urucum e jenipapo, o rosto e o corpo com pegadas de animais que espantam o mal olhado, além de pintarem também beija-flor e usarem plumas. 3. Na festa do Tukui, canto de Aleluia<sup>1</sup>, é obrigatório retirar o traje de palha e queimar, isso é importante para tirar o que houver de negativo, mau olhado.

**Histórias narradas:** 1. Serra do Colar, ao sul, havia muitas miçangas e pedaços de panelas de barro, resultado de guerras entre os antigos povos Makusi, Taurepang e Jaricuna, Índio não tem fronteira? Tem sim, eles sabem o que Brasil, Guyana e Venezuela. 2. A informante refuta o mito da farinha e acrescenta a

possibilidade do nome vincular-se ao mito da boca do (peixe) *aymará*.

**Dados do informante:**

Nome: Gerocina Pereira da Silva

Etnia: Makusi

Data de Nascimento/Idade: 45 anos

Escolaridade: Graduada em Interculturalidade UFRR

Falante de línguas: sim

Função na comunidade/parentesco: filha do Tuxaua e diretora/professora

**Local e data de coleta:** Escola Estadual Indígena Júlio Pereira

**Coordenadas Geográficas:** N 04° 35' 76", W 60° 09' 74"

**Pesquisadora:** Maria do Socorro Melo Araújo

**Revisora:** Maria Odileiz Sousa Cruz

No subitem a seguir encontram-se analisados os topônimos de natureza humana, ou aglomerado humano: cidade Uiramutã; vila *Eremîtã*; avenidas Ceci Mota e Manoel Vieira; praça Mariano Rufino; ruas: Rua do Comércio, Jatobá, Martiniano Vieira, Nova, Victor Mota e Maçaranduba; Travessa Quatro, e de natureza física: Cachoeira Urucá; corredeiras de Paiuá; igarapés: Buritizal, *Caxirimã* > *kasirimî*, *Paiuá* e Uiramutã; Monte Roraima.

**a) Toponímia de acidentes humanos da área urbana de Uiramutã**

O município de Uiramutã fora especialmente a grande comunidade *Iren mutá*.

Juízo ideia

A comunidade já existia antes de muitos conflitos, disputa de terra aqui. Era entre indígenas mesmo, Makusi e Taurepang, não tinha branco. O vovô mostrou para a gente aqui que os indígenas chamam de Serra da Torre, mas o nome é Serra do Colar, ao norte. (G. S, UIRAMUTÃ, 2018)

Segue explicando por que, em Serra do Colar, os antigos protegiam as mulheres e as crianças, o que é comprovado pela presença de cacos de panelas de barro e miçangas em seu topo. Antes da homologação, a comunidade *Iren mutá* já era conhecida por Vila Eremîtã, termo já em processo de aportuguesamento, mas somente na homologação do município é que a Vila Eremîtã passou a ter o nome aportuguesado de Uiramutã, disse o informante. Após a homologação do município, o Tuxaua Orlando resolveu retirar a sua família da sede e formou a comunidade do mesmo nome além do igarapé Uiramutã. Dessa forma, esse topônimo batiza o igarapé, a comunidade, a sede do município e a região como um todo.



Quanto à escolha do topônimo, foram identificadas três possibilidades de motivações; primeiro, há de se considerar o Mito da farinha dos irmãos *Makusi Insikiran e Ani'kê*, narrado anteriormente por duas fontes, Cruz (2013) e S.D. (2018), o que deixa claro a expressão da cultura do elemento farinha para este povo. A segunda que trata da metáfora ‘boca do rio’ [*Iren mutá*], entendo ali a nascente do rio Maú; e a terceira possibilidade refere-se também a um mito bastante conhecido pelos moradores, o qual trata de um peixe de boca grande chamado de [*Aymará*], em MK, trairão em PB. Dessa forma, a composição sintagmática pode ser em PB [SN(N)] e/ou [SN(SN(N)+SN(N)] Farinha = boca e/ou [SN(N) + SV(V)] Farinha + pegar, em MK

A avenida Ceci Mota, também conhecida como Rua da Prefeitura, tem seu nome como metodologia do trabalho antropológico tributo a Moacir da Silva Mota, de uma família de fazendeiros, considerada importante no município. Da mesma forma, a avenida Manoel Vieira, cujo pai Martiniano Vieira, também tem seu nome como homenagem a antigo morador que vivia de garimpo, de ‘currutela’. O sintagma tem composição [SN(N)+ SN(N)].

A praça Mariano Rufino, situada no centro, também tem seu nome aludido a um munícipe, não-índio. Esse era cearense, administrador da vila, antes do município ser homologado, que morreu de acidente; há um monumento com busto do homenageado – existe uma placa com o nome dele lá, se não quebraram (D. C. RUA DO COMÉRCIO, 2018). O topônimo tem composição sintagmática representada por [SN(N)+ SN(N)].

A Rua Martiniano Vieira, também conhecida como Rua do Comércio, seu primeiro topônimo que coocorre com o atual, é a primeira rua da cidade, quando ali era apenas uma vila, e ainda é a principal. Nessa rua há escola, agência bancária, frigorífico, lanchonete, mercado, lojas, bares e ambulantes, o que faz do lugar um ambiente de bastante fluxo dos munícipes, porque é ponto de chegada e partida de indígenas para suas comunidades. Para o topônimo Rua Martiniano Vieira, o sintagma pode ser representado por [SN(N)+SN(N)] e para Rua do Comércio tem-se [SN(SN) + (SP(Prep.+(SN)))].



**Figura 8** - Rua Martiniano Vieira, a Rua do Comércio



**Fonte:** a autora, 2018

Durante a entrevista, o informante deixou clara a intenção de ver a exploração do turismo ecológico, no entanto, emanava também a preocupação de parte dos indígenas que dizem, segundo o entrevistado, que turismo, não. Porque aqui é proibido, vão contaminar nossa água, nosso rio. Mas para o informante, Menina, tira isso da cabeça, isso pode ser um incentivo para vocês (D. C. RUA DO COMÉRCIO, 2018). Quanto à motivação do topônimo, é uma homenagem a um antigo morador, Martiniano Vieira, pai de Manoel Vieira.

A Rua Jatobá, em cuja placa na parede da casa de esquina lê-se Rua Nova, recebeu esse nome possivelmente pelo frondoso pé de jatobá que está preservado no meio da rua, mesmo depois da pavimentação. Os moradores não a reconhecem pelo topônimo Rua Nova, o informante assegura que o bairro também recebe o nome de Bairro Jatobá. Para Rua do Jatobá tem-se a composição sintagmática [SN(SN) + (SP(Prep.+(SN)))] e para Rua Nova, a composição sintagmática é simples [SN(N)].

**Figura 9** - Rua do Jatobá/Rua Nova (1)



**Fonte:** a autora, 2018

**Figura 10** - Rua do Jatobá/Rua Nova (2)



**Fonte:** a autora, 2018.

Rua Victor Mota, chamada de Rua da Pousada, seu nome homenageia o filho do fazendeiro Ceci Mota, que também dá nome a avenida, anteriormente mencionada. Para o sintagma Rua Victor Mota a composição sintagmática é [SN(N)+SN(N)].

A Rua Maçaranduba<sup>44</sup> é tributo a um indígena, morador antigo que vivia de garimpo, ele contava muito história de garimpo, mas não sabia dar valor, o ouro para ele não tinha valor, brincava pela rua com pepita de ouro. Morreu com mais de 110 anos (D. C. RUA DO COMÉRCIO, 2018). A composição sintagmática do topônimo é simples [SN(N)].

Outras ruas ainda estão aguardando o batismo, são chamadas de travessa Quatro, Cinco e seguem nessa nomenclatura, mas que provavelmente muitas receberão nomes de pessoas que por ali tenham deixado seu legado. Também se conclui que para alguns topônimos oficiais urbanos foram observados outros espontâneos como a importante Rua do Comércio, Rua da Prefeitura, Rua da Pousada, Rua do Jatobá, que permanecem com o seus topônimos espontâneos.

#### **b) Acidentes físicos de Uiramutã sede/região**

A cidade é circundada por igarapés que muitas vezes toponimizam outros acidentes físicos ou humanos, como é o caso dos igarapés Uiramutã e *Kasirimã*, étimo em MK, que são também nomes de outros acidentes humanos. Neste item, alguns deles, cachoeira, corredeira, igarapés entre outros serão tratados como amostragem, visto que representam o contexto geográfico de Uiramutã.

Cachoeira Urucá é um topônimo que nomeia uma das mais belas cachoeiras de Uiramutã, quedas d'água de aproximadamente 20 metros, e uma piscina de água cristalina. Para chegar lá se necessita de carro tracionado, e ainda assim o trajeto de caminhada dá-se num terreno extremamente íngreme<sup>45</sup>.

Quanto ao aspecto linguístico, da palavra em MK, significa “rio do ouro” e tem composição sintagmática *Uru ka' ya*, ‘ouro’ ‘céu’ ‘de dentro’, [((SN(N) + (SN(N)) + SP(Posp.))]. A segmentação dessa estrutura ainda foi possível, a despeito de seu aportuguesamento para Urucá [SN(N)] ‘ouro que cai do céu’. Em MK a Posposição ocupa posição posterior ao nome, ou segundo nome, quando estiver presente na estrutura; diferentemente do PB que ocupa posição intermediária entre dois nomes e é categorizado

44 Embora Maçaranduba, nesse contexto, seja um nome próprio de pessoa, a palavra, de origem tupi, refere-se a uma árvore, como explicado em sua etimologia no Quadro 2 desta tese.

45 <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2013/04/belezas-de-uiramuta-municipio-com-o-maior-numero-de-indios-de-rr.html>



como preposição. Em outra fonte pode ser visto como “*karuukuri*”, ‘ouro’ (AMÓDIO; PIRA, 2007), que sofreu um processo de aportuguesamento para Urucá.

**Figura 11** - Cachoeira do Urucá



**Fonte:** Cruz 2013

A corredeira de *Paiuá* dista 6 km da cidade de Uiramutã e compõe o complexo de rara beleza do município. O elemento genérico do topônimo também é encontrado como cachoeira, mas, tendo em vista as suas águas mansas, optou-se por corredeira (como o fez SEBRAE, 2006). O topônimo tem étimo na MK e sua etimologia é descrita como uma bebida da gastronomia indígena feita a partir do beiju de tapioca, cuja matéria prima é a mandioca, bebida apreciada para consumo em festas indígenas. O igarapé é singularizado pelo mesmo topônimo.

**Figura 12 - Corredeiras Paiuá**



**Fonte:** a autora, 2018

O igarapé Buritizal abastece de água pura e de pesca os moradores do lugar. Recebe esse nome porque há um buritizal nativo em sua encosta, o que o torna importante para as comunidades próximas porque em sua vazante se fazem cultivos de agricultura. O topônimo tem a sua composição sintagmática representada por [SN(N+Suf)].

O igarapé Caxirimã, PB, *Kasirimã*, MK nome de origem na língua MK, abastece algumas comunidades com a sua água, própria para consumo, o seu nome expressa uma bebida da cultura indígena feita da mandioca, *Kasiri*, com teor alcoólico. O nome *Kasirimã* significa o *Kasiri* no balde. Para os topônimos Caxirimã e *Kasirimã* tem-se uma estrutura simples [SN(N)].

Igarapé *Paiuá*, como outros também dá nome à corredeira, já descrita anteriormente, presume-se que o topônimo do igarapé possa ter sido anterior à corredeira. Considera-se, portanto, a mesma motivação, etimologia e composição sintagmática para os dois termos.

O igarapé Uiramutã separa a sede do município da comunidade de mesmo nome. Pela descrição dessa toponímia, possivelmente tenha sido o igarapé a receber primeiro o batismo que depois nominou os demais acidentes já citados. O termo específico do topônimo também dá nome à vila e à comunidade, já descrito anteriormente, considera-se, portanto, a mesma motivação, etimologia e composição sintagmática.



**Figura 13 - Igarapé Uiramutã**

**Fonte:** Sacramento, 2018<sup>46</sup>

Monte Roraima, a ‘Mãe de todas as águas’ ou ‘casa de Makunaima’, aparece não só como elemento da geografia do lugar, mas com grande força espiritual, e mais recente como rota de grande fluxo turístico internacional. Quanto à geografia, o monte está localizado na tríplice fronteira e sua maior elevação está do lado venezuelano, 2.875 metros de altitude (SEBRAE, 2006). O seu misticismo se realça em todas as histórias e mitos que o envolvem, como já foi narrado anteriormente por Reis (2006, p. 4), “as franjas de luz do sol ao redor da lua se espelharam nas águas do lago cristalino da montanha e fecundaram suas águas fazendo nascer Macunaíma, o alegre curumim do Monte Roraima”, visto como a Mãe de todas as águas. Também reconhecido por S. D. (2018) como a casa de Makunaima, quando diz que no Monte Roraima (...) mora Anikê e Insikiran, segundo ele, os filhos de Makunaima.

---

46 Contribuição de Giovany Lopes Sacramento - Geógrafo - UFG.

A etimologia do termo *Roraima* é complexa e muitos estudos no mote defendem diferentes pontos de vista. A pesquisa de Araújo, Mota, Cruz (2012) buscou outros autores para contribuir com esta difícil tarefa

além da grande biodiversidade foram sem dúvidas determinantes na escolha de topônimos, especialmente do nome do estado. Magalhães (1986, p. 64 – 65), por exemplo, sugere três versões para a palavra Roraima: A primeira, *loroi* = 'caju'/ *-ima* = 'serra'; Roraima seria “Serra do caju”; a segunda, *rorá* = 'verde'/ *-imã* = 'grande', daí “Verde monte” e a terceira, *rorá* = 'verde', mas de *rorô* = 'papagaio', significando “O pai dos papagaios”, de origem Taurepang.

Para Souza (1980, p. 71), o sufixo – *ima* - na língua geral, tupi-guarani, significa 'Serra'. Assim, *Roraima*, quer dizer “Serra do Caju”. Abre-se uma discussão quanto à origem da palavra ser em tronco Tupi numa região da família Karib, não Tupi. Para Lima Figueiredo, (p. 23, apud CARDOSO, p. 248, 1961), “os silvícolas que habitavam a região pronunciavam *rorôimã*, palavra composta *rorô*, verde e *imã*, monte, serra”, ponto de vista contestado por Cardoso (1961),

nem *rorô* significa verde, nem *imã*, segundo ele afirma, designa o monte, a serra. De fato - *rorá* e não *rorô* – no Taurepã, linguajar Caribe da região significa verde e, às vezes azul. (...) o sufixo *imã* significa umas vezes em inúmeros dialetos Caribes, o pai, o formador, o maior de todos e, outras vezes, aparece como um coletivo, significando coleção, reunião (CARDOSO 1961, p. 248-249).

A discussão está em se definir a etimologia da palavra composta e possivelmente de origem híbrida, que já fora aportuguesada. Em pesquisa recente ficou evidenciado que os roraimenses zelam pela pronúncia aberta para o nome do estado, ‘Roraima’, [ɔ] e não ‘Rôraima’, [o] ou outras variações. A pesquisa mostra a predominância de 83,75% da realização [Xɔˈrajmɐ], fica claro que os roraimenses pronunciam o nome do estado sem nasalizar a vogal [a], na segunda sílaba. Esse dado se justifica devido ao fluxo migratório, em grande parte de nordestinos, típico da região (ARAÚJO; MOTA; CRUZ, 2012). No entanto, hoje, a maioria dos falantes MK quase não reconhece a realização de “Roraima” como uma expressão locucional e sim como uma palavra não fragmentada. Dessa forma considera-se para a análise da estrutura sintagmática de Monte Roraima (elemento genérico e específico) tem-se a representação [SN(N)].

**Figura 14 - Monte Roraima**



Fonte: Jorge Macedo, 2017<sup>47</sup>.

Para esta investigação, buscou-se a motivação, a etimologia e a composição sintagmática dos topônimos. Como muitos aparecem em MK, foi observada a fonologia para a transcrição das entrevistas, como também para restaurar os significados recorreu-se a elementos intra e extracódigo, e consultas a dicionários etimológicos, como forma de garantir maior aproximação com a origem toponímica como determina a teoria; veja o quadro 2 a seguir.

**Quadro 2 - Resumo do aspecto etimológico dos topônimos da sede de Uiramutã**

Acidente	Topônimo	Etimologia	Composição sintagmática
	Cid. Uiramutã	<i>Uyi</i> = farinha, <i>mîta</i> = ‘ir’ ‘vai buscar farinha’; <i>Iren Mîta</i> = ‘boca do rio’; vincula-se também ao mito da boca do <i>aymará</i> ‘peixe’.	[SN (N)] e/ou [SN(N) +SN(N)] Farinha = boca e/ou [SN(N) + SV(V)] Farinha +pegar
	Vl. Eremítan		SN (N)
	Av. Ceci Mota	<b>Ceci</b> , do tupi, “ <i>ce-ci</i> ou <i>ce-aci</i> ”, meu pesar, minha dor, meu sofrer; <i>ce-cy</i> = minha mãe, minha origem. (MACHADO, 1989, v.II, p.106). Nome muito comum entre os indígenas, neste caso diminutivo do nome próprio Moacir da Silva Mota.	[SN(N)+ SN(N)]

47 <https://m.feriasbrasil.com.br/ideias/blog/post.cfm?IDConteudo=050417023472>



Acidente	Topônimo	Etimologia	Composição sintagmática
H U M A N O		<p><b>Mota</b>, (terra, quebra). Significado dos nomes próprios. De origem incerta. (NASCENTES 1966, p. 503); (MACHADO, 1989, v. IV, p. 172); (NEVES, 2008). Tem origem obscura, provavelmente pré-romana. (MACHADO, 1989, v. IV, p. 172). Há fontes que indicam que o mesmo seja português, espanhol ou italiano e que se trata de um nome categorizado como toponímico. Significa “nascido no monte de terra” (NEVES, 2008).</p>	
	Av. Manoel Vieira	<p><b>Manoel</b> – é uma variante de Manuel que é o mesmo que Emanuel, originado a partir do hebraico <i>Immanuel</i>, formado pela junção dos elementos <i>immánu</i> que significa (conosco) e El, que quer dizer “Deus, Senhor”, que significa “Deus está conosco” ou “Deus conosco”. (NASCENTES, 1966).</p> <p><b>Vieira</b>, do lat. <i>veneria</i>, molusco da família <i>Veneridae</i>, do gênero <i>Venus</i>. V. <i>Venera</i> (NASCENTES 1966, p. 775); (MACHADO, 1989, v. V, p. 395, 383); (NEVES, 2008). É um sobrenome presente na onomástica da língua portuguesa como de origem toponímica, ou seja, baseado em uma localidade ou referência geológica. Significa “molusco” ou “concha que produz pérolas”. (NEVES, 2008).</p>	[SN(N)+SN(N)]
	Prç. Mariano Rufino	<p><b>Mariano</b>, deriv. de la <i>María</i>, h. 1690. <i>Marica ‘hombre afeminado’, 1599; maricón ‘marica’, 1517 (sentido conservado en América, que en España ha pasado a sodomita); mariquita; amaricado; amariconado</i> (COROMINAS 1987, p. 382).</p> <p>O nome <b>Mariano</b> apresenta dois étimos. Um deles decorre de Mário, do lat. <i>Marius</i>, de <i>maris</i>, que significa “homem viril”. (NEVES, 2008).</p> <p><b>Rufián &gt; Rufino</b>. <i>Rufián</i>, S. XIV o XV. <i>Vocablo común a las principales lenguas romances, muy antiguo en Italia (ruffiano, S. XIII) y Sur de Francia (1243), y quizá nacido en el primero de estos países. De origen incierto. Tal vez procedente del lat. RUFUS ‘pelirrojo’, sea por la prevención vulgar que existe contra la gente de este color, o por la costumbre de las meretrices romanas de dornarse con pelucas rúbias. rufián propte. es el hombre que vive de las prostitutas. Deriv. Rufianear, 1495. Rufianería, 1495. Rufianesca; rufianesco. Arrufianad, 1530. Ruo ‘rufián’, h. 1500</i> (COROMINAS 1987, p. 515).</p> <p><b>Rufino</b> surge a partir do lat. <i>Rufinus</i>, que é diminutivo de <i>rufus</i>, palavra que significa “ruivo”. (NEVES, 2008).</p>	[SN(N)+ SN(N)]

Acidente	Topônimo	Etimologia	Composição sintagmática
H U M A N O	R. do Comércio	<b>Comércio</b> – Do lat. <i>commerciu</i> – tráfico, comércio, negócio, possibilidade (direito) de traficar, de comprar; artigo de comércio, mercadorias; lugar onde se faz comércio, praça de comércio. (MACHADO, 1989, v. II, p.191).	[SN(SN) + (SP(Prep.+(SN)))].
	R. Nova	<b>Nova</b> – Do lat. <i>novare</i> “fazer de novo” (NASCENTES, 1966.p.519). De novo, isto é, está por (notícia) nova. (MACHADO, 1989, v. IV, p. 223).	[SN (N)]
	R. Martiniano Vieira	<b>Martiniano</b> , variação do nome Martinho, que por sua vez deriva do nome Martim, que teve sua origem do lat. <i>Martinus</i> , nome romano derivado do deus da guerra. Marte, equivalente ao deus grego da guerra Ares. Por esse motivo o nome Martiniano está associado à guerra. (NEVES, 2008). <b>Martín</b> , como denominación del martín pescador, 1611 ( <i>martinete</i> , h. 1326), no se sabe por qué se le ha llamado com este nombre propio; y ni siqueira es bien seguro que sea ésta la verdadera etim. del nombre de esta ave. Deriv. <i>Martina</i> . <i>Martinete</i> ‘especie de mazo’, 1734, del fr. <i>Martinet</i> , 1315. <i>Martieta</i> , <i>Martiniega</i> , h. 1260 (COROMINAS 1987, p. 384). <b>Vieira</b> , mesma etim. de Avenida Manoel <b>Vieira</b> , neste quadro.	[SN(N)+SN(N)]
	R. Victor Mota	<b>Victor</b> , do lat. <i>Victor</i> , que deriva da palavra Victor, que quer dizer literalmente ‘vitorioso’ (NEVES, 2008). <b>Mota</b> , mesma etim. de Avenida Ceci <b>Mota</b> , neste quadro.	[SN(N)+SN(N)]
	R. Maçaranduba	<b>Maçaranduba</b> , do Tupi <i>mosarandi’iwa</i> ‘id.’. Árvore de até 20 m ( <i>Manilkara amazonica</i> ), nativa do Brasil (RR ao MA), de folhas glabras e pequenos frutos globosos e escuros; maparajuba [Foi muito us. para a produção de goma de mascar e é a mais frequente sp. do gên. na região do baixo Amazonas.](HOUAISS, 2009).	[SN(N)]
	R. do Jatobá	<b>Jatobá</b> , botânica, nome de origem tupi, <i>ietai-ýwa</i> , que significa ‘árvores com frutos duros’, nome científico <i>Hymenaea sp.</i> , encontrada na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal. (CERRATINGA, 2018)	[SN(SN) + (SP(Prep.+(SN)))].
	Tr. Quatro	<b>Quatro</b> , do lat. <i>quattor</i> , por <i>quattuor</i> . (NASCENTES, 1966. p.624). Do lat. <i>quattuōr</i> (forma melhor que <i>quatuōr</i> ). (MACHADO, v.V, 1989, p.12)	[SN(N)]
	Cach. Urucá	<b>Rio do ouro</b> <i>uru + ka’á</i> ; <i>Uru</i> =‘ouro’+ <i>ka’</i> =‘céu’, <i>ya&gt;a</i> =‘de dentro’. Em Amódio; Pira (2007) pode ser visto como	[((SN(N) + (SN(N)) + SP(Posp.)))]

Acidente	Topônimo	Etimologia	Composição sintagmática
F Í S I C O		<i>karuukuri</i> = 'ouro' cujo termo sofreu um processo de aportuguesamento para Urucá.	
	Corred. Paiuá	<i>Paiuá</i> > bebida da gastronomia indígena feita à base da mandioca (RORAIMA DE FATO, 2018) Em Diniz (2004, p. 231) tem-se <i>Paiurá</i> madeira pesada do alto Amazonas, de origem tupi (mirapinin), que se encontrada na região talvez possa ser a origem do nome dessa bebida.	Não se aplica*
	Ig. Buritizal	<b>Buriti</b> , do tupi <i>mburi 'ti</i> . (NASCENTES, 1966. p.118). Do Tupi <i>mbîriti</i> , nome da palmeira. (MACHADO, 1989, v. I, p. 475). <b>Buriti+z+al</b> , extenso aglomerado de buritis em determinada área (HOUAISS, 2009). Em MK, <i>kuwai</i> . <i>Kuwai eraImai uutî</i> 'Vou buscar buriti' (AMÓDIO; PIRA, 2007, 188).	[SN(N+Suf)]
	Ig. Caxirimã	<b>Caxirimã</b> , resultado de um processo de interação entre garimpeiro e indígena. Perguntava-se pelo Caxiri e o indígena respondia: em MK, <i>mî</i> 'está aqui!, é este!'; pode ser também bebida forte, grande, <i>Kasiri + mî(aumentativo) = Kasirimî</i> : bebida feita com beijuaçu fermentado em água, especiaria da gastronomia indígena. (AMÓDIO; PIRA, 2007). Etimologia de origem duvidosa (HOUAISS, 2009).	[SN(N)]
	Ig. <i>Kasirimî</i>		
	Ig. <i>Paiuá</i>	Mesma etim. da corredeira <i>Paiuá</i>	Não se aplica*
	Ig. <i>Uiramutã</i>	Mesma etim. da cidade e da vila	Mesma estrutura da cidade e da vila
Mte. Roraima	<b>Roraima</b> , <i>loroi</i> = 'caju' / <i>-ima</i> = 'serra'; Roraima seria 'Serra do caju' para MK; e <i>rorá</i> = 'verde' / <i>-ima</i> = 'grande', daí 'Verde monte' além de , <i>rorá</i> = 'verde', mas de <i>rorô</i> = 'papagaio', significando 'O pai dos papagaios', ambos de origem Taurepang (ARAÚJO; MOTA; CRUZ, 2012).	[SN(N)]	

\*Usou-se a expressão 'não se aplica' para os sintagmas em fase de definição ou que carecem de mais investigação, para somente depois definir-se sua estrutura.

Todo o percurso histórico registrado em marcas linguísticas, como a variação da língua de origem MK: *Eremîtan* ~ *Arimutan* ~ *Aramutan* ~ *Iramutan* e no processo de aportuguesamento, *Uiramutã*, mostra que os nomes de lugar transcendem o valor de signo linguístico (do valor lexical) para o topônimo (valor onomástico), carregando consigo a memória, a história e a identidade de um povo. Em Diniz (2004, p. 249) consta *Arimuta* e *Uruca*, nomes igualmente remetidos aos dessa abordagem.

### 5.3.1 Os topônimos e suas taxes

Os símbolos e as imagens são recursos da Onomástica para a composição de designativos. Como afirma Cassirer, (1987, p. 57 apud Dick, 2007).

Sinais e símbolos correspondem a dois universos diferentes do discurso: um sinal é uma parte do mundo físico do ser; Um símbolo é uma parte do mundo humano do significado. Os sinais são "operadores", os símbolos são "designadores" [...]; "Os símbolos têm apenas um valor funcional"<sup>48</sup>.

Assim, o nome do lugar não pode ser estranho ao ambiente, tampouco às condições socioculturais da comunidade. Contudo, segundo Dick (2007), a análise de uma nomenclatura geográfica não é tão simples, quanto mais complexas forem as camadas linguísticas, os estratos onomásticos, mais longe estão os pontos que lhes deram origem.

Faz-se necessário que as motivações dos topônimos em referência apareçam contextualizadas, com as descrições e as interpretações possíveis, final, “o mecanismo de nomeação, causado, portanto, por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diferentes origens e procedências” (DICK, 1990, p. 25). É determinante, neste tipo de investigação de campo, que se esteja atento às denominações indígenas, foco da pesquisa; elas quase sempre são descritivas, em sua maioria caracterizam o lugar, objeto denominado não só pelo aspecto físico, por seu contato com a natureza, como *igarapé Buritizal*; mas pelo aspecto subjetivo, como por recordações de guerras, de vitórias ou de derrotas, como em Popó e Nova Vida I; pelo aspecto cultural como *igarapé Kasirimã*; e pelo aspecto místico, como em *Uiramutã*.

Ao agregar os topônimos em suas respectivas taxes, observou-se que para os topônimos *Uiramutã* e *Eremítan*, caso não houvesse uma apurada observação acerca da motivação toponímica, possivelmente se classificariam como Ergotopônimos. No entanto, a pesquisa traz três possibilidades de batismo para os acidentes que levam esse topônimo, como fora abordado anteriormente.

Seria a história do “mito da farinha”, já descrito anteriormente; da “boca do rio Maú” ou da “boca grande do *Ayma’rá?*” A segunda versão possível do batismo do lugar baseia-se na “boca do rio”, usando-se o recurso da metáfora, considerando a nascente do rio, que poderia levá-lo à taxé Somatopônimo. No entanto, preferiu-se optar pela classe Mitotopônimo, considerando as duas outras possibilidades de mitos encontradas para o nome do município, a primeira e a terceira. *Uyi* = ‘farinha’, *mîta* = ‘vai’ ‘vai buscar farinha, *Iren*

---

48 *Señales y símbolos corresponden a dos universos diferentes del discurso: una señal es una parte del mundo físico del ser; un símbolo es una parte del mundo humano del sentido. Las señales son ‘operadores’, los símbolos son ‘designadores’ (...); ‘los símbolos poseen únicamente un valor funcional’* (CASSIRER 1987, p. 57 apud DICK, 2007).

*mîta* = ‘boca do rio’; vincula-se também ao mito do *Aymarâ* (da boca do peixe). Assim, a taxa mais indicada para esse topônimo é Mitotopônimo.

Quanto aos nomes de avenidas, praça e ruas de Uiramutã, observa-se clara a preferência pela taxa Antropotopônimo. Embora se tenha encontrado um topônimo que faz tributo ao nome de um indígena, não se identificou nenhuma marca da cultura, ou da língua indígena na toponímia de acidentes humanos no contexto urbano de Uiramutã. Foram identificadas ainda outras duas classes menos representativas: Fitotopônimo e Cronotopônimo.

A classificação taxionômica dos acidentes físicos pesquisados para esse contexto de Uiramutã, ou região, mostra a descrição física do que se via no lugar, o minério ouro, como ocorre em Cachoeira Urucá que se trata de um Litotopônimo, vez que *karuukuri* = ‘ouro’ (AMÓDIO; PIRA, 2007) > Urucá. O topônimo *Corredeira de Paiuá*, bebida da gastronomia indígena feita à base da mandioca (RORAIMA DE FATO, 2018), deve, portanto, ser acomodado na taxa Ergotopônimo, visto que se trata de uma bebida, elemento da cultura indígena, fabricada à base do tubérculo mandioca.

Quanto à Taxionomia para o igarapé Buritizal, ‘plantação ou agrupamento de buritis em uma determinada área’, buscou-se a etimologia para ‘buriti’, origem Tupi *mburi’ti*, buriti+z+al (HOUAISS, 2009). Em MK, *Kuwai* = ‘buriti’. *Kuwai era’ mai uutí*. (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 188) ‘Vou buscar buriti’, em PB. O topônimo descreve o ambiente, visto a presença da planta buriti em grande quantidade (D. C. RUA DO COMÉRCIO, 2018), e, portanto, agrega-se a taxa Fitotopônimo.

Para o topônimo do igarapé Caxirimã, termo que sofreu aportuguesamento, resultado de um processo de interação entre garimpeiro e indígena quando aquele perguntava pelo Caxiri e o indígena respondia: em MK, “*mî*” ‘está aqui! é este!’. *Kasiri + mî = Kasirimî*: (RELATÓRIO CNPQ Nº 481540/2011-3); caxiri é uma bebida feita com beijuaçu ‘beiju grande’ fermentado em água, especiaria da gastronomia indígena (AMÓDIO; PIRA, 2007). Acomoda-se, portanto, o topônimo na taxa Ergotopônimo, visto que a bebida em epígrafe faz parte da cultura do índio.

O topônimo Igarapé *Paiuá* é um Ergotopônimo, assim como a corredeira que recebe o mesmo nome. E, o igarapé *Uiramutã* acomoda-se na taxa do município e da vila de mesmo nome, Mitotopônimo.

Para Isquerdo (2011), inspirada em Dick (1990, p. 35), o topônimo “corporifica” uma soma de fatores linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos de um grupo que vive em um determinado espaço geográfico. Assim, depreendem-se dos topônimos

interferências e/ou influências de uma língua sobre outras e aspectos literários e mitos que sustentam as tradições de um povo.

*Monte Roraima* é um topônimo de natureza física de complexa definição etimológica. Para o elemento específico do topônimo *Monte Roraima* tem-se étimo do Caribe *rôro*, papagaio e *imã*, o pai, o formador (CARDOSO, 1961, p. 371); primeira, *loroi* = 'caju'/'-ima = 'grande serra'; *Roraima* seria 'Monte Serra do caju'; a segunda, *rorá* = 'verde'/'-imã = 'grande', 'Verde monte' e a terceira, *rorá* = 'verde', mas de *rorô* = 'papagaio', significando 'O pai dos papagaios', de origem Taurepang (ARAÚJO; MOTA; CRUZ, 2012). Porém a motivação de escolha do topônimo é determinante para a investigação onomasiológica, o que nem sempre é exatamente igual ao que a etimologia comprova. Considerando os dados da entrevista encontraram o Monte Roraima e a árvore que chamaram de Roraimã, Roro = cajuí, imã = 'grande', que é 'cajueiro grande' (...) esse Roraimã dava várias frutas (banana, manga, cana, auroza (que é de folha), cheiro verde, muitas frutas) (S. D. 2018). Assim, pode-se pensar em Mitotopônimo em PB; Fitotopônimo em MK e Zootopônimo em TR. A seguir, o resumo da Taxionomia da sede de Uiramutã.

**Quadro 3 -** Resumo da motivação e Taxionomia da toponímia da sede de Uiramutã

TIPO DE ACIDENTE	TOPÔNIMO	MOTIVAÇÃO	TAXIONOMIA
H U M A N O	Cid. Uiramutã	Mito	Mitotopônimo
	Vl. Eremitan	Mito	Mitotopônimo
	Av Ceci Mota	Antigo morador	Antropotopônimo
	Av Manoel Vieira	Antigo morador	Antropotopônimo
	Prç.Mariano Rufino	Antigo morador	Antropotopônimo
	R. do Comércio	Passagem de comércio	Hodotopônimo
	R.Martiniano Vieira	Antigo morador	Antropotopônimo
	R. Jatobá	Vegetal	Fitotopônimo
	R. Nova	Recém-pavimentada	Cronotopônimo
	R. Victor Mota	Antigo morador	Antropotopônimo
	R. Maçaranduba	Antigo morador	Antropotopônimo
	Tr. Quatro	Número apenas	Numerotopônimo
F Í S I C O	Cach. do Urucá	Minério ouro	Litotopônimo
	Corred. do Paiuá	Bebida típica indígena	Ergotopônimo
	Ig. Buritizal	Vegetal	Fitotopônimo
	Ig. Caxirimã	Bebida Kasiri	Ergotopônimo
	Ig. pé Paiuá	Bebida feita de beiju	Ergotopônimo
	Ig. Uiramutã	Mito	Mitotopônimo
	Mte.Roraima	Vegetal	Mitotopônimo PB; Fitotopônimo MK e Zootopônimo TR

É fato que na região de Uiramutã os mitos e lendas estão quase sempre ligados à escolha toponímica. Os povos que habitam esse lugar convivem diariamente com segredos e histórias, guardados pelos mais antigos, que justificam sua cosmologia. Com isso, pode-se dizer que não só os índios, mas, os moradores sustentam a origem e a evolução de um mundo chamado Uiramutã.

## 6 AS ROTAS TOPONÍMICAS DE UIRAMUTÃ

### 6.1 Batismo e oficialização do nome do lugar

Quando se trata de toponímia indígena, envolvendo narrativas, observa-se a preocupação dos informantes ao enfatizar a necessidade de manterem vivas sua cultura e língua. Muitas vezes, na oficialização dos nomes das comunidades, algumas delas fugiram da sua real fonologia ou da sua morfossintaxe, num processo exônimo (quando um nome próprio é conhecido em uma língua diferente da língua de origem) acomodando-se à fonologia do PB e não mais da língua de origem, recebendo um complemento do PB, ou ganhando nomes oficiais em PB; contudo, podem coocorrer com o nome em língua indígena.

Anteriormente, era comum traduzir os topônimos de uma língua para outra. Esses novos nomes, diferente do idioma original, chamam-se de exônimos. Um exemplo próximo é o seguinte: no *mapudungun* em sua variante *ranquel*, um topônimo frequentemente usado é *Wingka Rünganko* (que significa "Poço de água cristão"), o qual traduzido para o espanhol se escreve como *Huinca Renancó*, que soa semelhante, mas não idêntico. Ou seja, os exônimos distorcem o som original. Atualmente, as Nações Unidas recomendam que não sejam criados mais exônimos para novos topônimos, e que os nomes sejam respeitados no idioma original sempre que possível (MOLLO, 2015, p. 210)<sup>49</sup>.

Nesse sentido, cabe lembrar que Uiramutã, faz parte do norte do Brasil e que como aconteceu nos demais estados, os nomes dos lugares antes com apenas batismo pelo povo que os habitava, tiveram a sua oficialização a partir de dados coletados por cartógrafos, considerando a aproximação fonológica descrita, ou mesmo substituídos por outros nomes no PB. Desse modo, publicados em cartas oficiais, deixando esquecidos os nomes originais.

Em Araújo (2014) defendeu-se a hipótese de coocorrência de topônimos que operam no interior das comunidades, como em Bananal, topônimo atual que coocorre com o primeiro topônimo, *Makayapan* na Língua Taurepang (LT), nome ainda muito reconhecido dentro da comunidade e usado na literatura consultada em textos que datam de 1995 e de 2006. É importante assegurar que o mesmo processo se manifesta na presente tese: há topônimos como o da Rua Martiniano Vieira (topônimo oficial) que coocorre com Rua do Comércio

---

49 Anteriormente se estilaba traducir los topónimos de una lengua en otra. Esos nuevos nombres, distintos a lo de su lengua original se llaman exónimos. Un ejemplo cercano es el siguiente: en mapudungun en su variante ranquel, un topónimo utilizado con frecuencia es *Wingka Rünganko* (que significa "Pozo de agua del cristiano"), el cual traducido al español se escribe como *Huinca Renancó*, que suena parecido pero no idéntico. Es decir que los exónimos van desvirtuando el sonido original. Actualmente las Naciones Unidas recomienda que no se creen más exónimos para topónimos nuevos, y que en lo posible se respeten los nombres en el idioma original (MOLLO, 2015, p. 210).



(topônimo espontâneo paralelo); Rua Nova (topônimo oficial) coocorre com Rua do Jatobá (topônimo espontâneo paralelo); a comunidade Milho (topônimo oficial atual) e *Parê worî* ~ *Parê wîri* (topônimo anterior).

Embora a teoria indique levantamento toponímico no plano sincrônico, com a análise desses casos de recorrência no cotidiano das comunidades, a diacronia tem o papel relevante de manter informações oriundas de um passado histórico presente na memória física e espiritual dos grupos falantes. Cabe informar que na busca pela motivação do nome do lugar, no registro sincrônico, os informantes começam as narrativas pela história vivida, que justifica o uso dos dois topônimos, oficial e não oficial, para o mesmo lugar. Tal procedimento pode ser efêmero ou permanecer por muito tempo entre os moradores, ou mesmo o nome imposto nunca vir a ser aceito, são os nomes espontâneos que representam o verdadeiro sentimento dos moradores do lugar, como é o caso do popularmente conhecido Minhocão<sup>50</sup>, em São Paulo.

Retomando a descrição metodológica, optou-se por agregar os topônimos quatro macrocampos, a Sede/região de Uiramutã, descrita no capítulo V, e mais três rotas, a saber: foi composta por acidentes físicos e humanos que caracterizam a cidade e a região de Uiramutã. Neste capítulo, os itens estão marcados pelo elemento ‘rota’ constituído por comunidades visitadas em seu trajeto, de acordo com a disponibilidade de transporte e das orientações dos motoristas, que nem sempre puderam levar a equipe até ao local que desejava ir, especialmente pelas estradas perigosas. Fotos a seguir registram essas dificuldades.

De cada rota serão descritos e analisados os seguintes aspectos: o contexto geográfico e a constituição social, observando se há topônimos anteriores e a relação com as histórias narradas, algumas delas aparecerão em mais de uma comunidade, possivelmente porque são da mesma região e mesma etnia, isso faz com que existam histórias comuns e outras específicas de cada lugar. No campo linguístico, serão apresentados os aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico dos signos. Por fim, fundamentado em marcas intra e

---

50 Carvalhinhos (2003, p. 174) diz tratar-se de um fenômeno comum a nomes “espontâneos (em oposição aos sistemáticos, como o sistema de denominação das ruas das grandes cidades)”, referindo-se ao topônimo *Pessegueiro do Vouga*, Distrito de Aveiro em Portugal; outro exemplo da autora é o do viaduto Elevado Presidente Artur da Costa e Silva, do centro de São Paulo, popularmente conhecido como “Minhocão”, segundo a pesquisadora um clássico exemplo de topônimo paralelo espontâneo (CARVALHINHOS, 2011). É conveniente informar que o viaduto em referência já teve oficialmente o nome de Elevado Presidente João Goulart e atualmente recebe o nome oficial de Parque Municipal Minhocão pela Lei Nº 16.833, de 7 de fevereiro de 201850. Isso prova que o topônimo imposto pode perder o lugar, mesmo de forma oficial, para a toponímia espontânea. Ainda sobre o tema, Carvalhinhos desenvolve o projeto Criação de um banco de topônimos paralelos na cidade de São Paulo. Fase dois: Caxingui e Butantã, Butantã, Zona Oeste, na Universidade de São Paulo, com o objetivo de catalogar dados dessa variação toponímica.

extracódigo, acomoda-se o topônimo em sua classe taxionômica com base nos fundamentos teórico-metodológicos de Dick (1990; 2007).

## 6.2 Rota Camararen

A rota Camararen com as comunidades Camararen, Flechalzinho, Retiro São Jorge, Retiro Samaúma, Retiro São João do Galo, comunidades São Mateus e Triunfo. Este trajeto tem sentido Uiramutã Boa Vista e todas as comunidades estão dentro do município em referência.

**Figura 15** - Dificuldades de tráfego nas estradas



Fonte: Cruz, 2018

### 6.2.1 Camararen

#### 6.2.1.1 O contexto geográfico e a constituição social

Povo hospitaleiro da Comunidade Camararen, situada nas coordenadas geográficas 4°, 31', 41,0" N / 60°, 10', 36,9" W, próxima às serras dos Pontos, no Boqueirão do rio Maú, recebeu a equipe por duas vezes e na última visita a tuxaua foi de carona para Boa Vista, em não menos que sete horas de viagem numa camionete 4x4, percorrendo uma distância de 360 km.

Segundo o informante, ainda em 1888, entraram os brancos nas terras indígenas; entre 1912 e 1913, os primeiros missionários. Naquele tempo, os indígenas não pensavam em estudar e nem conheciam dinheiro. Informa que a comunidade é antiga, data de 1942, fundada por Marco e Mônica de Lima, líder e primeira tuxaua da comunidade, coincidência ou não, hoje a comunidade também é liderada por uma mulher, dona Wanilda Lima.

O lugar tem topônimo anterior em MK que é também o nome da serra, essa serra grande é *Kama´ran*, em Makusi, em Português colocaram Camararen e repete com firmeza (...), mas em Makusi é *Kama´ran*. Informa que o lugar antes era apenas uma passagem para a comunidade Maturuca, ou via de caça e pesca, porque tinha as condições favoráveis. Comunidade formada atualmente por uma população de 217 pessoas, possui dois retiros coletivos, *Pakará*, para criação de gado e Fazenda Novo Milenium, para criação de carneiros, além de outros retiros individuais. Atualmente vivem de agricultura no cultivo de milho, maniva<sup>51</sup>, cana, abacaxi e banana, no modelo roça, na vazante do rio.

São pessoas esclarecidas que gostariam de ver seu povo aprendendo a cultura do ‘branco’, mas que jamais esquecessem a deles. A comunidade possui Escola Estadual Indígena *Kooko Siye´* (MK), fundada em 1972. É católica e tem como padroeiro São Marcos, festejado no mês de junho. Diz com alegria que não perdemos a cultura não, temos Aleluia, Parixara, Ximidim, Tukui. A minha avó foi dançarina de Ximidim nas festas do Natal, ainda hoje tem esses cantos (W. L. CAMARAREN, 2018).

Ninguém nunca viveu de dinheiro (M. L. CAMARAREN, 2018), esta frase, proferida pelo informante, foi marcante porque toda a região da TIRSS é rica em minérios, ouro e diamante, e para o índio a Natureza tem valor maior do que dinheiro, significa vida. As histórias de lutas com outros povos invasores, com garimpeiros e fazendeiros para resguardarem as suas terras fazem parte de todas as entrevistas. É notória a consciência dos Makusi em proteger o meio ambiente. E, para isso, também sabem dos seus direitos às terras, assegurados nos artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988.

Artigo 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

---

51 Maniva: tolete ou folha da planta da mandioca; usa-se na alimentação da região Norte, especialmente no Pará. (maniuá, mairá). Fonte: Portal São Francisco (<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/maniva/>)

Artigo 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

Fazer parte de um grupo é se identificar com ele, culturalmente, usufruir das leis mesmo que tácitas daquela comunidade e de sua organização; desfrutar dos direitos e valorizar os deveres. Nessa lógica, os indígenas se mostram preocupados com suas terras para que sejam habitadas permanentemente, preservadas e necessárias para sobrevivência física e cultural de seu povo, como diz o informante de Samaúma o plano é ocupar as terras e aumentar a renda de forma manejável, cuidando do meio ambiente, sem destruir (M. S. RETIRO SAMAÚMA, 2018); que as terras sejam produtivas, também é preocupação, como se percebe na fala do 2º tuxaua de Camararen, Taí a Natureza livre, e se fosse cuidar, teria tudo. Isso sugere que tudo o que está na Carta Magna, está também na consciência dos indígenas.

Informações de indignação marcaram a entrevista quando M. L. Camararen (2018) se referiu às aulas de PB e de MK nas escolas indígenas,

eles querem estudo é para ganhar dinheiro, esquecer os direitos como indígena é o que vem acontecendo... isso não pode acontecer nessas escolas da comunidade. O conhecimento do branco está avançado, e a língua materna apenas uma vez; não tem merenda, não tem zelador e nem merendeira; aplicando muito cursos e esvazia a comunidade (...) que os estudos seja voltado para cultura indígena, os jovens que vai para Boa Vista aprende a beber cerveja, cachaça e desiste de estudar.

Para esclarecer os grifos acima, entenda que a maioria das crianças nessa comunidade não fala a língua materna, o informante atribui isso às aulas de língua indígena que acontecem apenas uma vez por semana. O fato de ‘esvaziar a comunidade’, refere-se aos os indígenas que saem para estudar na capital e aprendem hábitos do branco, como beber cerveja e cachaça. Mais um retrato comum para pesquisadores em línguas indígenas como mostra Fargetti (2001, p. 44), referindo-se aos estudantes Juruna que necessitam sair de sua comunidade,

estudar na cidade é sempre uma experiência difícil para os jovens. São discriminados, recebem um ensino não diferenciado (com aulas de religião, inclusive), passam necessidades (a comunidade não tem verbas para mantê-los) e são expostos às drogas e à prostituição.

O informante também não está satisfeito com a homologação das terras, desde que deixou em terras indígenas o município de Uiramutã:

Exemplo disso, é esse município, se tirasse esse município fora, o povo ia se organizar do jeito que queria, mas com esse município, é difícil. Então, a gente sofre através do município... não está bem para o índio desenvolver sua cultura, sua lavoura, sua criação, não está bem não! (M. L. CAMARAREN, 2018).

No entanto não só indignação marca a entrevista, para M. L. Camararen (2018) há orgulho da comunidade ao falar da natureza, tá aí essa serra, ao redor dela tem um monte de olho d'água, nascente de olho d'água, ao redor dela todinha que abastece as comunidades vizinhas Camararen, Lilás, até Pedra Branca.

A comunidade procura manter vivas as histórias da *kooko* Mônica e a cultura da Tanajura, espécie de formiga que quando voa é o tempo que os peixes estão desovando, os homens estão pescando e as mulheres e crianças pegando tanajura, uma espécie de diversão que dura apenas um dia no ano. Na época da revoada da tanajura, o Calendário Escolar é alterado para atender à colheita, quando chove, já sabe que tem tanajura, canorepa, lagarta também. Vão todos com sua vasilha para pegar tanajura (W. L. CAMARAREN, 2018).

Há consumidores de insetos em muitas regiões do mundo e no Brasil, por exemplo, a prática do consumo da formiga tanajura não é só dos índios, pois essa especiaria é também típica de outros estados brasileiros, como o Ceará. A tanajura é consumida torrada ou com farofa de mandioca. De modo geral, os consumidores não sabem o valor nutritivo desses invertebrados, aprecia-se o sabor que se assemelha ao do camarão tão degustado pelos brasileiros.

Diversos estudos têm mostrado que a “carne” dos insetos é composta das mesmas substâncias encontradas na carne dos animais vertebrados, como o boi, o porco, a galinha e o peixe (DeFoliart, 1988). Uma das principais diferenças está no valor quantitativo: um inseto, como a formiga da espécie *Atta cephalotes* L., por exemplo, possui 42,59% de proteínas contra 23% no frango e 20% na carne bovina (CONCONI E RODRÍGUEZ, 1977).

Da mesma forma, os indígenas de Camararen apreciam a *musiwa*, ‘espécie de larva que nasce nas folhas do buriti’ e a *kîyanorepa*, ‘espécie de formiga de asas’. Além dessas especiarias, a comunidade mantém também a tradição da damurida,

aqui a gente ensina as crianças que não é só pimenta não, seja carne ou peixe, frango, sal com pimenta e folha de cariru<sup>52</sup> é a folha grande, ele lava bem e depois cozinha, coloca ele na damurida<sup>53</sup>, ela é rica em ferro, esse cariru. Então, nossos avós comiam e viviam disso, eram fortes, a vovó viveu 115 anos e o vovô 110 anos, viviam assim. Meu pai morreu com 95 anos não tinha problema, morreu com coração grande (W. L. CAMARAREN, 2018).

Pode se observar uma dieta do indígena ajustada para o excelente funcionamento do organismo humano. O indígena mostra que sabe o que é melhor para a sua alimentação quando faz a relação da longevidade dos avós com a folha do cariru que já se confirma cientificamente seu alto teor nutritivo

amostras dessa verdura foram submetidas a determinações analíticas a fim de obter maiores informações sobre seu valor nutricional (...) essa folhosa pode ser considerada como excelente fonte de ferro, zinco e molibdênio, já que o consumo de 200 g/dia desse alimento atenderia às necessidades diárias desses nutrientes (MANHAES; MARQUES 2008 p. 307).

Pode-se dizer que a relação do indígena com a natureza faz com que a respeite e retire dela o melhor para sua sobrevivência. Em outros momentos do texto a gastronomia foi descrita pelos informantes, além de outras tradições como artesanato, pinturas no corpo e danças religiosas, também detalhadas. Dessa forma, os conhecimentos, antigas tradições, são repassados aos mais jovens para que não se percam.

### 6.2.1.2 As histórias narradas

A seguir, serão tratadas as histórias de espiritualidade. Estas histórias e mitos trazem a visão indígena do mundo que o cerca. Nada será questionado ou refutado, muito pelo

---

52 Cariru, *Talinum fruticos* é uma planta herbácea perene que os pesquisadores acreditam ser altamente nutritiva. nativa do México, Caribe, África Ocidental, América Central e grande parte da América do Sul. No Brasil a hortaliça é própria da região amazônica e de fácil obtenção. Site cultivohttp://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0044-59672008000200013&scriPB=sci\_abstract&tlng=PB

53 Damurida, prato da culinária indígena roraimense à base de caldo de peixe ou caça, tucupi (caldo da mandioca), pimentas e folhas de pimenta e cariru; servido quente em panelas de barro, acompanhado pelo tradicional beiju de mandioca.

contrário, diferentes visões poderão ser agregadas no hoje, e também num futuro pesquisacional. O objetivo é compreender os antecedentes míticos que podem explicar a trajetória das histórias orais da comunidade Camaren.

Essa serra tem uma história, os rituais. Então, essa serra tinha um bicho encantado... e então o pessoal sumiu e ninguém descobria quem é que ia sumindo, sumindo, sumindo com o pessoal, conta a nossa avó. Serra tem eco, muita pessoas escuta. Essa é a história da Serra da nossa avó, ela que colocou o nome da comunidade. (...) Tinha pajé naquele tempo, e descobriram que tinha um bicho encantado que tava devorando as pessoas... então, fizeram uma armadilha, deixaram uma velhinha para ver quem é mesmo que sumiu, de onde viram um bicho muito grande levando um para o buraco. Fizeram acompanhamento e fizeram um trabalho com o pajé, (o pajé) fez oração, fez defumação com pimenta, o trabalho dele. Amansaram esse bicho encantado para não estar atacando as pessoas mais. Então ficou esse nome Camararen (M. L. CAMARAREN, 2018).

Na serra *Kamaran*, onde há muitos olhos d'água, é muito rico este lugar, (...) a gente não vai lá de qualquer jeito, tem que respeitar. Respeitar quer dizer “temer” porque o lugar é sagrado e tem dono, por isso para ir nesses lugares deve-se primeiro voltar-se para

as pessoas que benze que faz oração, a crença faz bem para as pessoas da comunidade. Se você duvidar, ELE detona você com tempestade forma de chuva de arco-íris ele já vem... tá avisando que está mexido ali. Se você duvidar, ELE detona com o relâmpago... (e imediatamente acrescenta) vocês não morrem, mas nós sim, morremos! (M. L. 2018).

O informante retoma a descrição da serra dizendo que lá tem várias pedras enfileiradas e que seria lugar de encontro de caça de veado, o esperador ficava com a flecha enquanto os outros espantava, gritava, aí o veado saía para lá. A utilidade das pedras não era somente para espera de animais, o mais importante estava por vir, são pedras brancas, *tawa*, em MK, elas servem para remédio. Sente dor, se for flechado pelo bicho, faz defumação, bota no fogo (a pedra) e dentro d'água, não tem cheiro, faz a defumação debaixo do paciente. A informante garante que somente assim a pessoa flechada pelo bicho ficaria saudável novamente.

Para os Makusi de Camararen, há espírito chefe de peixe e de caça, do nada se a gente quiser, tem muito peixe aqui, a areia pode se transformar em peixe (M. L. CAMARAREN, 2018). O informante, 2º Tuxaua, mostra a preocupação com os mais jovens que não acreditam nesses espíritos da mata (...) Eu tenho medo dessas crianças novas, se levar naquele local, e eles podem destruir, se ELE se revolta, aí eles (as crianças) ficam doente, morre, morre (A.L. CAMARAREN, 2018).

Acreditar nas narrativas orais dos povos tradicionais é dar mérito ao passado e poder entender como essas crenças chegaram até aqui. Assim, desprezar a história é negar o passado. De acordo com Eliade (2011),

o que antes de mais nada nos interessa, é captar o sentido dessas estranhas formas de conduta, compreender a causa e a justificativa desses excessos. compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômeno de cultura, criação do espírito - e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade (ELIADE, 2011, p. 9).

A investigação toponímica se preocupa também em compreender a existência humana, a organização dos povos e os saberes tradicionais que muitas vezes estão cristalizados nos nomes dos lugares como em *Camararen*. Segundo o autor, fenômenos como esses, descritos acima, tendem a desaparecer, à medida que os povos se civilizam e saem do seu mundo em busca de independência política, o que se percebe na preocupação do entrevistado é que alguns jovens não querem aprender, estão se avançando muito na língua portuguesa e eles não querem aprender tradição. Segue foto da roda de conversa em Camararen.



**Figura 16** - Roda de conversa em Camararen



**Fonte:** Sacramento, 2018

### 6.2.1.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

A escolha toponímica Camararen, PB, está voltada a um primeiro topônimo em MK que se refere à serra *Kamaran*, conforme fora mencionado anteriormente, visto que a comunidade recebeu esse nome a partir da serra de mesmo topônimo. Dessa forma, buscou-se saber o sentido de Camararen e assim pode-se entender melhor a história narrada por W. L. (2018) acerca do bicho que sumia com as pessoas na serra.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O estudo fonológico e sintagmático é capaz de mostrar a mudança do termo toponímico, considerando o contato dos falantes de diferentes línguas que interagem na mesma região. Contudo, é possível pensar um momento em que a região tenha sido monolíngue, mas, o homem camineiro se expande e assim as línguas também se misturam por diversos motivos, especialmente pela necessidade de comunicação. Os interlocutores, de modo natural, ou por imposição, absorvem as regras de uma das línguas, normalmente é a língua dominante que se sobressai. Assim, a investigação se firmou na fala dos informantes e buscou apoio em dicionários e professores da língua MK, dando a devida importância à etimologia e à semântica dos termos.

Por se tratar de toponímia indígena, observou-se a preocupação do índio em manter viva a cultura e a língua através dos topônimos; alguns, muitas vezes, na homologação das comunidades, fugiram de alguma forma da sua real fonologia ou da sua morfossintaxe, recebendo um complemento do PB, outros receberam nomes oficiais em PB, mas que coocorrem com o nome em língua indígena. A investigação da toponímia indígena do povo Makusi apresenta sua história de luta, seu mundo através da fala dos seus mestres, como se mostra a seguir.

O topônimo Camararen, substantivo próprio, é resultado de um processo de aportuguesamento da palavra *Kama'ran*, MK, portanto em dicionários de MK tem-se um nome de estrutura sintagmática simples, podendo ter a seguinte representação [SN(N)].

A etimologia identificada parte da informação in loco, quando o entrevistado disse que o termo se refere a um pássaro que já não existe, é urubu-rei. Foram localizados dois outros sentidos, um que se refere a uma espécie de milho branco, *Pumí' pîuya*. (Plantei milho branco) (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 127), e outro que se refere ao eco, espírito que repete o som (mito), fenômeno físico que se manifesta por repetição mais ou menos distinta de vozes ou sons. Exemplo: *Kamaranya more yeekaton yapi'si'pî*. 'O eco pegou a sombra da criança' (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 70).

Esse fato confirma que a toponímia cristaliza não só os aspectos fonéticos da língua como registro linguístico, mas, neste caso principalmente, a concepção espiritual de grupo.

### c) Classificação taxionômica do topônimo

O desenho levaria um pesquisador apressado à taxa Zootopônimo, se apenas a informação do entrevistado, que se trata de um pássaro urubu-rei, tivesse sido suficiente. No entanto, a busca por publicações anteriores identificou a informação do mito do Bicho da Serra, o qual se confirmou na história narrada pelo próprio informante. Dessa forma, e sem dúvida, o topônimo pertence à taxa Mitotopônimo, visto que *Kamaran* é o Eco (personagem do mito) da serra que sumia com as pessoas.

## 6.2.2 Flechalzinho

### 6.2.2.1 O contexto geográfico e a constituição social

Segundo o informante, a comunidade foi formada em 1994, a partir de um desmembramento da comunidade Flechal e de alguns moradores da comunidade Lilás: Eles saíram do Flechal para o Flechalzinho, lugar antes chamado de "Boca da Mata" (N.S. 2018). A nova comunidade recebeu o nome que os novos moradores trouxeram de sua morada anterior. Atualmente, moram 18 famílias e a população é

de 110 pessoas. A comunidade é católica e no mês de agosto fazem três dias de festa (mas não disse o santo padroeiro) para arrecadar verba. Com isso, já construíram o posto de saúde, a igreja, a casa do tuxaua e pretendem construir uma escola municipal.

O sustento gira em torno da agricultura, as famílias plantam mandioca, milho, feijão, batata, melancia, mamão, cana, milho; e da pesca de peixe pequeno como aracu, PB, *kanmîsí'kî*, MK; traíra, PB, *pataakai*, MK. Na comunidade há um curso de fazer panelas, a matéria prima vem do retiro São Jorge, onde há um barreiro com barro de boa qualidade para esse fim. Além disso, há também, mesmo em pouca quantidade, o artesanato feito de palha, tranças que se transformam em peneira, tipiti, flecha, abano, jamaxim, entre outros. A comunidade possui também dois retiros, São Jorge e Salgado, este tem esse nome porque apresenta água salgada.

### 6.2.2.2 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome da comunidade foi motivado pelo nome da morada anterior e que, assim como essa, tinha grande quantidade de ‘pés de flecha’, uma planta também conhecida como ‘cana do rio’, *Gynerium sagittatum*<sup>54</sup>, que havia nas proximidades de um poço que abastecia toda a comunidade.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

A palavra Flechalzinho /fle. jaw.'zi. ɲu/, PB. Substantivo próprio, referente à comunidade Flechalzinho, tem sua morfologia: raiz -al - <z> -inho (raiz+suf+cl.+suf.). Trata-se de um elemento simples de composição sintagmática [SN(N)]. O topônimo se construiu a partir de “flecha”, nome da língua Francesa *flèche* 'id.', angiosperma cana do rio, *Gynerium sagittatum*.

#### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo acomoda-se na taxa Corotopônimo.

## 6.2.3 Retiro São Jorge

### 6.2.3.1 O contexto geográfico e a constituição social

---

54 Flecha: [https://www.google.com/search?safe=active&rlz=1C1CHBD\\_PB-PBBR831BR831&ei=7uJYXI7-ONCQ\\_QamooL4BA&q=flecha+significado&oq=flecha+&gs\\_l=psy-ab.1.0.35i39j0i67j0i8.4551837.4554038..4561957...0.0..0.361.2370.3-7.....0....1..gws-wiz.....0i71j0i131j0i131i67j0i10.hNz9Amipgiw](https://www.google.com/search?safe=active&rlz=1C1CHBD_PB-PBBR831BR831&ei=7uJYXI7-ONCQ_QamooL4BA&q=flecha+significado&oq=flecha+&gs_l=psy-ab.1.0.35i39j0i67j0i8.4551837.4554038..4561957...0.0..0.361.2370.3-7.....0....1..gws-wiz.....0i71j0i131j0i131i67j0i10.hNz9Amipgiw), acessado em 04 de fevereiro de 2019.

A antiga fazenda, hoje Retiro São Jorge, é um retiro coletivo, está situada à margem da estrada e a poucos quilômetros da comunidade Flechalzinho, a quem pertence. No retiro se trabalha com gado e com agricultura. Para tanto, conta com o serviço de um vaqueiro e de famílias da comunidade que se revezam para administrar o local. O tuxaua conta com orgulho que o abastecimento de água vem do pé daquela serra lá, a encanação vem até a comunidade para abastecer, já funcionando (N. S. RETIRO SÃO JORGE, 2018).

Há nas proximidades o igarapé Socó, que tem esse nome porque antigamente havia muito pássaro chamado de socó; esse topônimo é também de uma comunidade, que não foi visitada porque era mais distante e fugia muito da rota traçada, visto que a equipe estava em trânsito para o município de Uiramutã naquele dia. Foi identificado na comunidade um barreiro de onde as pessoas dessa e de outras comunidades tiram barro para fazer painéis.

### 6.2.3.2 Aspectos linguísticos

#### A motivação

O nome já existia ainda quando era Fazenda ‘do branco’, presume-se que o topônimo tem motivo no santo da igreja católica, visto que há um grande quadro, já envelhecido, da imagem de São Jorge na parede da sala da casa.

#### a) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo *São Jorge*, cuja representação fonológica /sãw.ʒɔɾ.ʒi/, em PB é um substantivo de estrutura complexa, formada [SN(Apoc.+SN(N))], São + Jorge.

A etimologia para São, do lat. *sanctum*, forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, empregado antes de nomes de santo que iniciam por consoante como São Jorge. Para o nome Jorge, do lat. *Georgius*, cujo significado volta-se agricultor, pessoa do campo.

#### b) Classificação taxionômica do topônimo

Por se referir a nome de santo do hagiológico católico romano, o topônimo acomoda-se na taxa Hagiotopônimo.

### 6.2.4 Retiro Samaúma

#### 6.2.4.1 O contexto geográfico e a constituição social

O retiro coletivo está localizado nas coordenadas geográficas 4°, 23', 40,7" N / 60°, 22', 12,2" W, pertence à comunidade Maturuca. Nesse momento, há apenas duas famílias que se alternam com os outros membros da comunidade, no total fazem parte do retiro 20 pessoas. Segundo o informante, o retiro foi criado para ocupação das terras e criação de gado, um

rebanho de 30 reses, além de 25 carneiros e galinhas. Produz também legumes e frutas, com cuidado de proteção ao meio ambiente, para o consumo da família. Muitos são os planos do Tuxaua para o futuro, sonha com escola, transporte e saneamento. A comunidade Maturuca possui ainda outro retiro chamado de Tatu. A língua MK é falada apenas pelos mais idosos, mas compreendida pelos mais jovens.

#### **6.2.4.2 Aspectos linguísticos**

##### **a) A motivação**

O retiro recebeu esse nome, segundo o sogro do informante, porque existe essa árvore samaúma do outro lado do rio Cotingo.

##### **b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo**

A representação fonológica do signo Samaúma em PB é /sa.ma.ú.ma/, *Kuma'ye*, *Kuma' ye*, 'samauma' 'pé de', 'pé de samauma' em MK, "*Kuma'ye mîrîrî kurenan*. A samaúma é grande" (AMÓDIO; PIRA, 2007). Nome próprio de composição sintagmática simples, [SN(N)]. A etimologia é Tupi *Sumaúma* ~ *samaúma* – Do Tupi *suma'uma*. (NASCENTES, 1966, p. 704). Provavelmente do Tupi – *Samaúma*. (MACHADO, 1989, v. V, p. 244).

##### **b) Classificação taxionômica do topônimo**

O topônimo pertence à taxa Fitotopônimo.

#### **6.2.5 Retiro São João do Galo**

##### **6.2.5.1 O contexto geográfico e a constituição social**

O retiro coletivo está localizado nas coordenadas Geográficas 4°, 20', 30,3" N / 60°, 29', 51,5" W. Segundo o informante quando chegaram os fazendeiros, 'lugar de fazendeiros', foram mudando o nome do lugar, da serra e do igarapé para a PB, Serra do Galo, Igarapé do Galo e Passagem do Galo. As terras foram homologadas em 2008, e voltaram para os índios, avós e pais do informante. Economicamente se mantêm de agricultura, no modelo de roça, mas possuem um retiro onde criam gado. São católicos e a população é de apenas 11 pessoas. Há Escola Estadual Indígena Luís Henrique Ribeiro, com ensino de 1º ao 5º ano. No entanto, a língua MK só é falada pelos mais idosos, embora seja compreendida pelos mais jovens (W. R. S. JOÃO DO GALO, 2018).

### 6.2.5.2 As histórias narradas

Há a história de um galo que existia lá na serra, diz o informante, mas não conseguiu contá-la. Mais tarde, em entrevista na comunidade Caracanã, outro informante acrescentou que há cachoeira Canta Galo, onde vovó encontrou galinhas brancas (W. R. S. JOÃO DO GALO, 2018). Percebe-se que a história está presente na região de Uiramutã, ratificando o trabalho anterior de Araújo (2014), que registrou essa mesma história na comunidade Canta Galo, do município de Pacaraima na TIRSS.

### 6.2.5.3 Aspectos Linguísticos

#### a) A motivação

A escolha do topônimo deu-se pela história da presença do galo, ou galinha, encantado (a) na serra. Com isso ficou muito claro a existência de topônimos anteriores para os acidentes humano e físicos do lugar. Anteriormente o lugar levava o nome *Kriwnakrî*, MK, ‘galinha’, ‘galo’, PB.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

/ˈsãw.ʒo.ãw.du.ga.lu/ , refere-se ao Retiro São João do Galo, anteriormente conhecido como *Kriwnakrî Saruru* proveniente da MK, com o sentido de ‘cachoeira pequena do galo’, ou seja, a palavra portuguesa é uma tradução adaptada da indígena. Como esse topônimo, foram traduzidos também *Kriwnakrî iwîtî ~ iwîftî*, igarapé do galo e *Kriwnakrî wî*, serra do galo. Assim, a composição sintagmática em PB é uma expressão prepositiva composta de [SN((Apoc.+SN(N)+SP(Prep.+N))]. A etimologia para São, forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado [abrev.: s.]; empregado diante de nomes de santo que iniciam por consoante como São João (HOUAISS, 2009). Santo, do lat. *del lat. SANCTUS* ‘sagrado’, ‘santo’, *propte. participio de SANCIRE* ‘consagrar, sancionar’. *Deriv. Santeiro, h. 1520. Santidad, h. 1140. Santoral, 1575 COROMINAS 1987, p. 524*).

O nome João tem origem no hebraico *Yehokhanan, Iohanan*, e significa “Deus é gracioso, agraciado por Deus, a graça e misericórdia de Deus, Deus perdoa” (NEVES, 2008). A etimologia para Galo, do lat. *gallus, i* ‘galo (ave)’, designação comum às aves galiformes, do gênero *Gallus*, da família dos fasianídeos, com espécies selvagens e domésticas, de crista vermelha e carnuda e rabo com longas penas coloridas e erguidas em forma de arco (HOUAISS, 2009).



### c) Classificação taxionômica do topônimo

Mesmo sendo levado pelo nome do santo, fica claro que o motivo da escolha não foi de caráter religioso e sim pelo mito do Galo na Serra. Dessa forma, o topônimo faz parte da taxa Mitotopônimo.

**Figura 17 - Retiro São João do Galo**



Fonte: Cruz, 2018

## 6.2.6 Comunidade São Mateus

### 6.2.6.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade está situada nas coordenadas geográficas: 4°, 15', 2,50" N / 60°, 30', 50,0" W. É uma comunidade antiga, composta por 23 famílias, totalizando 126 pessoas, e antiga, bastante conhecida como lugar de pesca. Faz parte das terras devolvidas aos indígenas, por isso cadastrada em 1995. Segundo o informante, bem antes dos fazendeiros, morava no lugar uma família que deu nome em MK *Kamburuká*, o informante disse apenas que poderia ser uma árvore, mas não se identificou ainda a etimologia do termo. Hoje, essa família mora em Pedra Branca e Barreirinha. A comunidade é católica e tem Igreja da Sagrada Família.

A escola funciona no Malocão e na Igreja, e a língua MK só é falada pelos mais velhos que também dançam e cantam em MK. Como economia a comunidade possui um retiro coletivo chamado de Santo Antônio, onde criam gado, pato e picote. E, na agricultura, cultivam batata, macaxeira, mandioca, milho, pimenta, cana e feijão.

Infelizmente não foi possível registrar nenhuma história de São Mateus. O informante diz ter muitas histórias e o vovô, que estava na comunidade, não quis contar porque estava cansado, visto que havia chegado de uma viagem. Esse acrescentou que já contara para os filhos e para os netos (D. S. SÃO MATEUS, 2018). Ficou entendido que na presença do avô, outra pessoa não tem autonomia para contar as histórias de seu povo.

### 6.2.6.2 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome atual é de motivação religiosa. A comunidade possui topônimo anterior, *Kamburuká*, em MK, Cambará em PB.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo São Mateus, cuja representação fonológica /sãw.ma.'tews/, em PB é formado por um elemento composto de representação [SN(Apoc.+SN(N)), São + Mateus. A etimologia do termo 'São' já descrita em São Jorge e São João do Galo; Mateus, do Hebraico *Mattiyyah*, cujo significado “dom de Deus”, “presente de Deus” é um nome masculino<sup>55</sup>.

O topônimo anterior, /*kamburuká*/ ~ /Kambaru/ ~ /cambará/, o mesmo que camará; do tupi *kama'rá* (NASCENTES, 1966, p.134,135). Do tupi *camará*, tira do tupi *caá*, “folha”+ *mbará*, “pintada, variegada, de vários cores” (MACHADO, 1989, v. II, p. 43).

#### c) Classificação taxionômica do topônimo

Para São Mateus, reverenciando o nome do santo, agrega-se na taxa Hagiotopônimo. O topônimo anterior [*kamburuká*], variação fonológica de Cambará, deve ser acomodado na taxa Fitotopônimo.

**Figura 18** - Comunidade São Mateus



**Fonte:** Cruz, 2018

<sup>55</sup> <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/busca.php?q=Mateus>



## 6.2.7 Comunidade Triunfo

### 6.2.7.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade Triunfo localiza-se nas coordenadas geográficas 4°, 13', 51,1" N / 60°, 28', 9,50" W, faz parte da terra indígena que voltou para os índios em 2006, ano em que a comunidade foi cadastrada. Tem o primeiro topônimo em MK *Kutikiye*, Igarapé do Caimbé, em PB. Atualmente é composta de 15 famílias, totalizando 90 pessoas. Quanto à língua materna, as crianças aprendem na Escola Estadual Indígena *Mooko* Fausto de Andrade, já não a falam como primeira língua, apenas os mais velhos têm domínio da língua. A economia está voltada para a agricultura, com o cultivo de mandioca, feijão, milho, macaxeira e criação de gado, galinha e capote. A comunidade tem um retiro de nome Paraná, para o qual troca de vaqueiro a cada dois anos. A religião é católica e a igreja é São José (R.E.O. TRIUNFO, 2018).

### 6.2.7.2 As histórias narradas

Foram narradas duas histórias respaldadas no Pajé Valdivino Lourenço que, segundo o informante, faz milagre, só ele indica que não se pode pegar nos objetos que há na enseada, louças e panelas de barro, são panelas grandes, conservadas dentro dessa mata, se a gente tocar nas panelas dá uma cólica danada. Tem caveira que ninguém toca, são muito antigos; e nem pode queimar a Serra da Lagarta, em MK *Rutî*, porque dá lagarta danada (R.E.O. TRIUNFO, 2018).

Observa-se importante conduta do tuxaua em deferência ao pajé, visto que ele é um ser dotado de poderes capazes de indicar ou não quem pega nos objetos. Lévi-Strauss (1989) apresenta considerações semelhantes do pensador indígena Fletcher (1904, p. 34, *apud* LÉVI-STRAUSS, 1908, p.27), “cada coisa sagrada deve estar em seu lugar”, ao se referir a uma cerimônia do Hako, dos índios *Pawnee*, norte americanos.

Poder-se-ia mesmo dizer que é isso o que a torna sagrada, pois, se fosse suprimida, mesmo em pensamento, toda a ordem do universo seria destruída; portanto, ela contribui para mantê-la ocupando o lugar que lhe cabe (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.27).

Para o antropólogo, a conexão dos “povos selvagens”- como antes era rotulado o homem indígena - com a natureza vai além da forma objetiva de suprimentos para a

sobrevivência, para eles esse “enraizamento” é uma forma subjetiva, de natureza qualitativa que somente se compreende respeitando o outro.

### 6.2.7.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O informante não sabe dizer com segurança, mas conta que o nome foi dado pelos fazendeiros e crê que quer dizer ‘vitória’.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

A representação fonológica do topônimo é /tri.uN.fu/<sup>56</sup>, em PB, elemento de estrutura simples, formado por [SN(N)]. Etimologia para Triunfo – do Lat. *triumphu*, por via erudita. (NASCENTES, 1966, p.750). Do lat. *triumphu*, que se liga a *triumpe*. (MACHADO, 1989, v. V, p. 342).

O primeiro topônimo, /Kutikiye/ ~ /Kura'tiki ye/, ‘pé do Caimbé’, planta, processo linguístico metátese. Etimologia, Caimbé, Do Tupi *kaa'imbe* 'cajueiro-bravo (Curatella americana)', arbusto ou árvore de até 15 m (Coussapoa asperifolia), da família das *cecropiáceas*, que ocorre na Amazônia, com madeira escura, de qualidade, resina amarelada, lactescente, com propriedades cicatrizantes, folhas obovadas, grossas, ásperas, flores em capítulos, e frutos de que se faz tinta pardo-escura (HOUAISS, 2009). Para Nascentes (1966, p.129), Caimbé, do Tupi *kai'be*, ‘erva rasteira’. Em MK, *Kura'* = ‘caimbé’; *tiki* = ‘pequeno’; conj. *ye'* = ‘pé’, ‘pé do Caimbé pequeno’, ‘caimbezal, extenso plantio de caimbé’.

#### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo atual, *Triunfo*, que denota vitória, pertence à taxa Animotopônimo Eufórico. E, para o topônimo anterior da comunidade, que também recebia o nome de *Igarapé Caimbé*, em MK, deve ser acomodado na taxa Fitotopônimo.

## 6.3 Rota Makuken

A rota Makuken é formada pelas comunidades Makuken, Andorinha, Barreirinha, Monte Sião, Caracanã, Pato, Milho, Prododó, Topa Pé, Popó e comunidade Uiramutã. Esse trajeto tem sentido comunidade Makuken à sede de Uiramutã.

### 6.3.1 Makuken

#### 6.3.1.1 O contexto geográfico e a constituição social

---

<sup>56</sup> /tri.uN.fu/, o ‘N’ em qualquer transcrição fonológica representa nasalização de vogal a que se pospõe.

A equipe chegou a Makuken, comunidade situada nas coordenadas geográficas 4°, 41', 14,4" N / 60°, 15', 15.0", 36,9" W, às sete horas da manhã, a tempo de aceitar o cordial convite para o café da manhã, composto de caxiri, damurida, beiju e 'farinha de caboco'<sup>57</sup>. A conquista do lugar, antes somente de indígenas, a despeito de invasões conduzidas por fazendeiros, diz o informante foi na luta que nós ficamos por aqui (...) Esses velho apanhava deles, desses fazendeiro né. (...) Esse meu tio lá, o primeiro tuxaua que teve, aquele teve muito coragem (C. P. MAKUKEN, 2018). .

Comunidade protegida por serras está nas proximidades do rio Ailã e do igarapé Makuken. O lugar antes dava nome à grande região, mas foi se dividindo e dando vida a outras comunidades como Monte Sião, Monte Moriá I e II, Andorinha, Barreirinha, Caracanã, entre outras. Segundo o informante, a comunidade foi formada em 1988 quando ele era ainda criança.

Atualmente a população é de 22 famílias, totalizando 120 pessoas, está dividida entre católicos e evangélicos. Essa comunidade é liderada pelo tuxaua Ozildo Clementino Joaquim que marcou no calendário assembleia da comunidade todos os dias 27 de cada mês e a comemoração do Dia da Colheita, 15 de setembro. A comunidade se alimenta basicamente da agricultura, caça e pesca. A língua MK é falada apenas pelos mais idosos, mas compreendida pelos mais jovens; o informante acrescenta que está aprendendo o PB.

No mês de agosto, conforme o costume, é planejada uma pescaria para comemorar o Dia dos pais. Os homens saem para pescar e as mulheres ficam em oração e a fazer beiju, caxiri, damurida para a chegada dos pescadores, que sempre acontece pela manhã. Fazem parte do evento todas as comunidades da redondeza, Monte Sião, *Ximaraw*, Caracanã e outras.

### 6.3.1.2 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

A motivação toponímica se deu pela presença da planta *Maku*, o que se confirma na entrevista com o informante que diz ser de Makuken tem um Cipó chamado *Maku*, cipozal, tem muito aí, tem foto de lá, já levaram para Boa Vista, aqui perto tem esse cipó, fruta da boca do igarapé (C. P. MAKUKEN, 2018).

---

<sup>57</sup> Farinha grossa de mandioca, muito apreciada na culinária da Amazônia.

### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo *Ma.ku'ken* na MK, é formado pelos substantivos *maku* em MK, 'taxi' em PB, + *iken* em MK, 'boca do rio' em PB (AMÓDIO; PIRA, 2007). A morfologia do termo se explica a partir do processo de aglutinação dos substantivos, com a perda do fonema /i/ de *iken*, em MK. Percebe-se que o signo *Makuken* já está incorporado em um só termo que dá nome ao Igarapé e à Comunidade. O signo pode ter a seguinte representação sintagmática, para o MK, [SN(N+SP (posp.)) *Maku (cipó), ken* 'boca do rio'.

Para *Maku*', 'taxi', tem-se *Maku' era'mai anna wítí* . 'Nós fomos buscar taxi', (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 134), e para *iken*, 'boca do rio', tem-se *Konai pe uutí sîrîrî iwítí ken pona*. 'Vou pescar na boca do igarapé' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 186). O que se confirma na entrevista quando o informante diz que tem um cipó chamado *maku* (...), fruta da boca do igarapé.

A etimologia para 'taxi' (planta) – Do tupi *ta'xi* 'cavado'. O nome da árvore é uma redução de *taxi'iwa* 'árvore das taxis', porque as formigas taxis lhe cavam o tronco, nela morando, alojando-se nos pedúnculos das folhas (NASCENTES, 1966, p. 718). E para 'boca', etimologia do lat. *bucca, ae* 'boca', abertura que permite a entrada ou saída de local de formato afunilado, circular ou côncavo. Ex.: boca de vulcão, de túnel especificamente no conceito de geografia, pode ser a entrada de golfo, baía, canal ou estreito (HOUAISS, 2009).

### c) Classificação taxionômica do topônimo

A investigação conclui que o topônimo está acomodado na taxa Fitotopônimo.

**Figura 19** - Foto de Makuken



**Fonte:** Cruz, 2018

## 6.3.2 Andorinha

### 6.3.2.1 O contexto geográfico e a constituição social

A entrevista com o antigo morador da comunidade deu-se em Monte Sião, porque não foi possível a visita in loco. Segundo o informante, a comunidade Andorinha teve sua criação na época de Deus, velhos tempos (H. C. ANDORINHA 2018), pelo desmembramento das terras de Makuken, mantém-se pela agricultura e pecuária. A comunidade possui uma das cachoeiras mais belas de Uiramutã, Cachoeira da Andorinha. Há a Escola Estadual Indígena ‘Merquió Sabino Souza’.

### 6.3.2.2 As histórias narradas

As histórias narradas durante as visitas são os tesouros das comunidades, além do turismo pelos acidentes físicos como rio Ailã e a cachoeira da Andorinha. Seguem algumas delas:

O informante descreve um monstro da serra,

lá vive um bicho grande conhecido por veado, tipo boboka. Ele é duas pessoas. Ele é dois irmão. Ele tem dois nomes e é resultado de cruzamento entre duas etnias, o nome dele é kariwakî, em Wapixana... Mas, ele é um só (H. C. ANDORINHA 2018).

O termo *kariwakî* não foi encontrado nos dicionários das línguas Makusi, Wapixana e de Pemon, talvez numa busca mais apurada da formação da palavra se possa chegar à etimologia.

Outra história narrada pelo informante foi o mito do monstro da Serra do Curupira, o *Atatai*.

Se os índios vão andando... aí e se vai com mulher, ele costuma pegar, pegar o homem e colocar no seu jamaxim de cabeça para baixo. Ele coloca o home nessa posição porque facilita ele comer esse homem. Já a mulher, ele pega e leva para casa para morar com ele. Atatai usa os pés diferentes, usa um para frente e outro pra trás, que é para confundir quem vai atrás dele. Isso acontece quando os home vão caçar e as mulheres costumam trazer pajuaru para os home beber. Uma certa vez, Atatai bebeu tanto caxiri dos caçadores e secou todos os baldes. Daí, esses baldes secos viraram pedras que até hoje podemos ver esses baldes perto da serra do Curupira, por isso, podemos saber por onde ele passou (H. C. ANDORINHA, 2018).

Para Armellada, Salazar (1981, p. 23), o mito “*Atatai*, s. Nombre de *Piaimá/Tatai*” é conhecido também por *Piai-má*. Assim, buscou-se

*Piai-má*, s. ser fantástico, que imaginavam morar nas florestas; é de tamanho descomunal (nos buracos de suas grandes orelhas, ele insere os pés dos índios levando-os nas costas); sua casa fica em desfiladeiros e desfiles abruptos. É antropofágico e muito ignorante dos costumes dos índios, que o superam em inteligência. Diz a lenda que foi feita de friura. Tem qualidades especiais, que os homens não adquiriram por aprisionamento.<sup>58</sup> (ARMELLADA; SALAZAR, 1981, p. 155).

A descrição de Armellada e Salazar leva a crer que o Monstro *Piaimá/Tatai*, comum aos índios Pemon da Venezuela, também está presente na mitologia dos Makusi de Roraima como *Curupira/Atatai*.

Mais uma história lembrada pelo informante, o Mito de *Tanoi tawkî*, ‘pênis-rabo’, que segundo ele (...) se o índio dorme muito, se não acorda cedo, ele vem e arranca o olho da gente... na ponta do chifre dele tem uma abelha tipo *missiguana* e é assim que ele arranca o olho da gente (H. C. ANDORINHA, 2018). Pode-se observar que a história narrada segue a mesma direção das narrativas anteriores, embora em tempo e geografia diferentes.

### 6.3.2.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome da comunidade refere-se a uma cachoeira lá, cheia de andorinhas que sai cedo e retorna no final da tarde (H. C. ANDORINHA, 2018).

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo Andorinha /ã. do.ʹri.ja/, PB. elemento de estrutura simples e de representação sintagmática [SN(N)]. *Suisui*, ‘andorinha/onomatopeia’, *Suisui mîkîrî kono’ era’mai itî kai*. ‘A andorinha vai buscar chuva’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 180); *Suisui meru*, ‘cachoeira da Andorinha’.

---

<sup>58</sup> *Piai-má*, s. ser fantástico, que imaginan vivir en los bosques; es de talla descomunal (en los agujeros de sus grandes orejas, para los zarcillos mete los pies de los índios que carga a la espalda); su vivienda está en barrancas y desfiladeros abruptos. Es antropófago e muy ignaro de los costumbres de los índios, quienes lo superan en inteligencia. Dice la leyenda que fue hecho de friura. Tiene con todo dotes especiales, que los hombres no adquirieron por imprudências (ARMELLADA; SALAZAR, 1981, p. 155).

Para *ataitai'yen*, *ataitai'ken*, (são duas palavras diferentes) pode ser compreendido respectivamente como ‘a casa do monstro’, ‘na boca da caverna do monstro’, na serra do Curupira. Para Amódio; Pira (2007, p. 200), *Atatai* é o próprio Curupira, *Atatai mîkîrî pimiro pînnen*. ‘O Curupira planta pimenteira’. Confirma-se mais uma vez o motivo de toponímia na taxa mitotopônimo para a serra do Curupira/Atatai.

O termo *Tanoi tawkî*, ‘pênis; rabo’, não foi identificado nos dicionários. No entanto pode sinalizar uma variação de *Tanoi tawkî* ~ *yaukî*, ‘rabo’, *Paaka yaukî ya'tisa to'ya man*. ‘Eles cortaram o rabo da vaca’. Dessa forma, é possível o acontecimento do processo de variação fonológica dos fonemas /t/ ~ /y/ dentro da língua MK.

*Tanoi tawkî*. ‘pênis’; *t-* pref. Reflexivo 3 pes. ‘dele’, *-awkî* ‘rabo’, ‘seu próprio rabo’, ‘pênis do próprio rabo dele’.

*Tanoi yaukî*. ‘pênis’; *y-* pref. 3 pes. ‘dele’, ‘rabo’, ‘pênis do rabo dele’.

#### b) Classificação taxionômica do topônimo

A classificação taxionômica do topônimo *Andorinha* revela-se na taxa Zootopônimo. A Taxionomia para a serra da *Atatai*, Curupira, será vista no quadro 5.

**Figura 20** - Cachoeira da Andorinha



**Fonte:** Marcos Cavalcante<sup>59</sup>

59 LEITE, Rudson. Rudson Leite Blogspot. 2008. Disponível em: <http://rudsonleite.blogspot.com>. Acesso em 12.05.2017.

### 6.3.3 Barreirinha

#### 6.3.3.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade já existia desde 1970. Primeiro se chamava *Kítapi*, (não encontrado em MK) assim como um cinturão e aí o branco chegou lá... e passou a ser a Fazenda São Francisco, segundo topônimo. Atualmente chama-se Barreirinha, há água em abundância, a perceber pelos igarapés e rios. (G. S. BARREIRINHA, 2018).

A escola atual é Estadual Indígena ‘Francisco Lisboa’. Quanto à língua MK, na minha comunidade, primeiro falava... agora mudou, é pouco falada... O informante diz que o PB é misturado, destacando certa fluência do MK sobre PB pelos moradores de Barreirinha.

#### 6.3.3.2 As histórias narradas

Foi narrada a história do Bicho do barranco, que pega arco íris.

Neste barranco tem bicho que existe, que pega o arco íris, Mariwá, mora nesse barranco. Quando mulher passa menstruada, o tempo da mulher, ele sai de lá e marca o arco íris. Mas tem reza pra isso. A rezadeira corta (o efeito do mal) para a mulher não ter muito sangramento, Mariwá da serra, mesmo assim (...) é gente mesmo. Diz meu pai que ele tem três dedos, só três. Diz que anda assim (...) sem mostrar a mão, mas quando vê mulher, só faz assim (mostra a mão escondendo um dos dedos) (E. S. BARREIRINHA, 2018).

O informante garante que é gente mesmo, é ômi. *Mariwá*, é como outros entes da mitologia indígena, transforma-se e tem poderes sobrenaturais. Assim como os demais personagens, o monstro recua diante das orações fortes da rezadeira. O termo */mariwá* / ~ */mauarí/*, “tem étimo do TP *mauarí*, uma divindade maléfica na teogonia dos Taurepã” teogonia dos Taurepã” *Mauarí*, segundo Cardoso (1961) também toponimiza uma cachoeira, no rio Maú, na bacia do Rio Branco, no estado do Amazonas.

#### 6.3.3.3 Aspectos linguísticos

##### a) A motivação

A comunidade atualmente recebe o nome de Barreirinha porque tem barranco, barro de cor branca (E. S. BARREIRINHA, 2018). Mas já teve topônimos anteriores, primeiro nome *Kítapi* ~ *tíkaapi*, que seria numa expressão metafórica como ‘um cinturão’, ‘é o barranco’. Após a chegada dos fazendeiros, recebeu o nome de Fazenda São Francisco,



segundo topônimo. Isto implica dizer que há dois nomes que se sobrepõem e com funções sociais diferentes, o português para atender às demandas do mundo do branco e o indígena que atende aos vínculos afetivos dessa comunidade e de todos os outros ao redor. Barreirinha é um local que aglomera, recebe *Makusi* vindo de várias partes, inclusive a movimentação mais expressiva vem dos parentes da Guyana (E. S. BARREIRINHA, 2018).

#### **b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo**

/ba.Re.ri.na/ em PB, lugar na beira do rio, ladeiro e sem mato, *Tikaapi*, em MK, *Tikaapi poi warana ena'pi*, 'A paca caiu no barranco da água'. (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 159). A etimologia para "barreira" (barro + -eira), local de onde se extrai barro; argileira, barral, barreiro; 'barro' orig.contrv.; base pré-romana, aponta-se para o latim vulgar *barru*, 'argila, lodo, barro' (NASCENTES, 1966), (HOUAISS, 2009).

Para o estudo fonológico da palavra [*tikaapi*] ~ /*kítapi*/, em MK, a apreciação mostra que pode ser resultado de uma variação regional de *tikaapi*, 'barranco'; Na segunda realização, o acento rítmico é marcado pela presença da vogal alongada na segunda sílaba, portanto, um processo fonológico.

A morfologia para Barreirinha (barro, barreira, barreirinha) apresenta uma palavra formada por sufixação, barro + eira + inha, (tema + suf. + suf.). O signo toponímico tem estrutura simples e pode ser representada por [SN(N)].

#### **c) Classificação taxionômica do topônimo**

Por se referir ao barro de coloração branca, o topônimo pertence à taxa Litotopônimo.

### **6.3.4 Monte Sião**

#### **6.3.4.1 O contexto geográfico e a constituição social**

Situada nas coordenadas geográficas 4°, 41', 25,8" N / 60°, 15', 12,4" W, nas proximidades do rio Ailã, das cachoeiras da Menina e Andorinha. A comunidade foi fundada no ano 2000 e o nome foi dado pelo primeiro tuxaua, Fidel. Há algumas construções como casa do Tuxaua; igreja de Aleluia, *Pepi pîreri yapon*, em MK, 'igreja do Banco da bebida'.

Atualmente a população é formada por 14 famílias, cerca de 67 pessoas que vivem de agricultura familiar, no modelo de roça, e da pesca. A festa da igreja é comemorada no dia 9 de outubro, com festa na comunidade, são convidadas todas as comunidades vizinhas para orar, cantar e dançar. Ainda há pessoas idosas fluentes da língua materna, mas as crianças já não falam MK de forma contínua e intensa (D. P. MONTE SIÃO, 2018).

### 6.3.4.2 As histórias narradas

Em Monte Sião, as histórias são muitas, mas especialmente duas chamaram muito atenção, a história da Cachoeira da Menina, *Wîrî'ma'pî*, em MK, (D. P. MONTE SIÃO, 2018) e a do rio Ailã. Conta-se que na cachoeira da Menina

existiu um homem que andava com duas mulheres, duas irmãs, são duas irmãs, repete o informante. O homem e as duas mulheres, a mais velha tava com ciúme ... e empurrou a mais nova. Empurra, menina cai, aí ela caiu na cachoeira, desceu e ficou para lá mesmo. Aí chamaram de *Wîrî'ma'pî*, 'a cachoeira puxou essa menina' pra lá, pra dentu... não acham mais não (S. C. MONTE SIÃO, 2018).

Para o mito da toponímia do rio *Ailã*, dizem que

Antigamente, os antigos espantava anta do mato para cachoeira do rio... e matava a anta... e só ficou a pica dele, ficou lá, empedrou, tá lá. A pica da anta é uma pedra, igual a do cavalo, pode ir lá bater foto, por isso é chamado em Makusi, Pica da Anta, *Waira'60sik'tî*, 'pica da anta' (S. C. MONTE SIÃO, 2018).

O rio *Ailã* ~ *waira*, anta, em PB, é também topônimo da cachoeira. No entanto, a pedra com o formato do pênis da anta, leva o nome em MK *Waira'sik'tî*, 'pica da anta', assim como o igarapé e a serra recebem o mesmo topônimo. Vale notar que os dados foram obtidos num momento de intereção com os falantes, portanto, os nomes podem, muitas vezes, ser subentendidos como anafóricos, por exemplo, a palavra *Waira'* que significa pênis em PB; outra observação importante é que se está diante de um par mínimo *waira* 'anta' e *waira* 'pênis'.

### 6.3.4.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

Em se tratando de uma comunidade religiosa, a igreja foi a pedido da *vovó*, fala o *tuxaua*, o nome se deu pela associação religiosa ao Monte Sião, em Jerusalém, história sagrada da Bíblia, somado ao privilégio da geografia do lugar, tá beirando essa serra para cá, essa outra serra para cá, porque

---

60 *Waira'* (tem uma glotal no final da sílaba).

tem um monte, montanha, declara o sogro do informante (S. C. MONTE SIÃO, 2018).

### **b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo**

Em PB, Monte Sião, /Mõ. tʃ. si. ãw/, para monte, trata-se de elevação de uma superfície em relação ao solo que a circunda, menos que uma montanha, morro ou serra. O signo toponímico tem estrutura composta formada que pode ser representada por [SN(SN + SN)]. Etimologia para Monte, do lat. *monte*, montanha, monte; qualquer tipo de proeminência rochosa. (NASCENTES, 1966, p. 500); (MACHADO, 1989, v. IV, p. 162), Para Monte Sião, referência bíblica, trata-se de uma colina de Jerusalém, conquistada pelo rei David.

Em MK, *Pepi pîreri yapon*, ‘igreja bebida banco’ na forma descritiva ou ‘igreja do Banco da bebida’ (S. C. MONTE SIÃO, 2018), a qual está vinculada à igreja Aleluia. Na vasta região de fronteira, todos reconhecem o Aleluia como um sincretismo religioso (CRUZ, 2008) construído ao longo de séculos sob a égide de interesses políticos e religiosos. Nos dias atuais pode-se dizer que há uma nova configuração dessa religião sob a vertente anglicana da Inglaterra.

### **c) Classificação taxionômica do topônimo**

O topônimo Monte Sião pertence à taxa Hierotopônimo.

**Figura 21** - Comunidade Monte Sião (Igreja da Aleluia)



**Foto:** Cruz, 2018

### 6.3.5 Caracanã

#### 6.3.5.1 O contexto geográfico e a constituição social

Caracanã era a antiga comunidade polo de toda a região, todas as comunidades vêm dela. O primeiro Tuxaua Clementino era também Pajé, hoje, quando necessitam de pajé, chamam o dos Ingaricó. Os Koping não queria se misturar com os Makusi, segundo o informante, mas eles são mais Portugueses do que Makusi. Ingaricó é carioca. Mas tudo é Raposa Serra do Sol (E. S. CARACANÃ, 2018). A comunidade fala a língua MK, é católica e atualmente tem uma população de cerca de 130 pessoas. Há Escola Estadual Indígena.

O informante afirma que na cachoeira Canta Galo, foi lá onde vovó encontrou galinhas brancas, mas não menciona a história do galo que canta. No entanto diz haver uma ave, gavião, *karaka* em MK.

#### 6.3.5.2 Aspectos linguísticos

##### a) A motivação

A escolha do topônimo refere-se à ave *karaka*, ‘espécie de gavião’, muito presente na região. O topônimo também batiza o igarapé.

##### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

Em MK, /ka.ra.ka.nã/ ~ [*Karaka*] , ‘espécie de ave, gavião’. O signo tem estrutura simples, representado por [SN(N)]. A etimologia para *Karaka*, em MK, *karaka*, cara cará, *karakaya kariwana more api’ sí’ pí*, ‘O cará-cará pegou o pinto’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 128).

##### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo faz parte da taxa Zootopônimo.

### 6.3.6 Pato

#### 6.3.6.1 O contexto geográfico e a constituição social

Comunidade localizada nas proximidades do igarapé de mesmo nome, Pato fazia parte do polo de Caracanã, hoje já homologada. Essa comunidade fica depois da cachoeira do *Waronka ye’*. Como já informado, não foi possível visitá-la, no entanto a entrevista aconteceu com o informante que diz orgulhoso porque existe até música para cachoeira da Andorinha e para a cachoeira do *Waronka ye’* (não foi possível buscar a música referida). A atividade

econômica não se difere das demais, está voltada para agricultura e pecuária. Há na comunidade sítios arqueológicos com desenhos de cobra e ‘coisas redondas’, possivelmente utensílios domésticos, nas pedras. E. C. acrescenta que o local é preservado em função da dificuldade de acesso que é de mata fechada.

Não foi possível ouvir novas histórias relacionadas com nome do lugar. No entanto, a história do peixe *Aymar*, em MK, ‘trairão’ em PB, já narrada anteriormente, ganha concretude em Pato, segundo o informante existe lá uma pedra grande em formato que se parece com peixe *Aymar* (E. C. PATO, 2018).

### 6.3.6.2 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

Refere-se à história de um senhor que estava pescando e viu um pato passando, por isso a comunidade recebe este nome (E. C. PATO, 2018). A resposta sobre a motivação para Pato pode ter de forma subliminar mais informações que in loco expliquem melhor a escolha do nome. O fato é que a presença da ave naquele lugar foi determinante para escolha do nome do lugar.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo Pato, /pa.tu/, onomatopeia remissiva ao andar pesado da ave (NASCENTES, 1966, p. 559); em Houaiss (2009), tem-se a designação comum às aves anseriformes da família dos anatídeos, aquáticas, que geralmente possuem grande porte. Termo de composição sintagmática simples representada por [SN(N)], cuja realização fonológica em MK é /*Maiwa*’/ [*Maiwa*’], *Munkuyamî’ pokai uuutî’pî*. ‘Eu fui flechar filhote de pato’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 233). *Maiwa meru*, em MK, ‘pato’; ‘cachoeira’, Cachoeira do Pato, em PB; [*Maiwa’paru*], em MK, igarapé do Pato, em PB.

A representação do peixe [*Aymar*] ~ *Aimar* ~ *Aima*, espécie de trairão. *Ipo mîikîrî aima*. ‘O trairão é gostoso’ (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 250) está cristalizada nos topônimos Pedra do Aimará e Cachoeira do Aimará, em PB.

#### c) Classificação taxionômica do topônimo

Embora o pato seja um animal do cotidiano do índio, o nome da comunidade aparece em PB. Como não se configurou um elemento da cultura o topônimo será acomodado na taxa Zootopônimo.

### 6.3.7 Milho

#### 6.3.7.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade caçula desta investigação está localizada nas coordenadas geográficas 4°, 40', 31,4" N / 60°, 14', 51,2" W. Teve a sua homologação em 16 de novembro de 2018, pelo Tuxaua Minuzani Albino Manuel, hoje com 59 anos de idade, com dificuldades de locomoção e de fala, mas recepciona com estima o visitante, conversa à vontade e com delicadeza oferece *caxiri*.

Por motivos particulares, parte da família do seu M. A. saiu do lavrado para a serra<sup>61</sup> e algumas pessoas da comunidade Milho do Lavrado que o acompanharam, levaram junto o nome da comunidade de origem, como sugestão para o novo lugar. Seu M. A, mesmo não tendo morado no Milho do Lavrado, aceitou de imediato a sugestão do novo nome por um motivo muito especial, aquele lugar tinha nome de imoralidade.

Atualmente, a comunidade é composta por 5 famílias, totalizando 28 pessoas, é liderada pelo Tuxaua Elizeu Albino, 37 anos, filho de Seu M. A. Na comunidade ainda não há escola, nem igreja, mas os moradores são evangélicos e frequentam a igreja da comunidade vizinha.

#### 6.3.7.2 As histórias narradas

A História motivadora do primeiro nome do lugar o informante não sabe, apenas se limitou em explicar a tal 'imoralidade'. Mas narrou, mesmo com dificuldade, com a ajuda da esposa S. S. algumas histórias.

Antigamente, meu pai caçava, pegava *aymará* grande, partiu no meio, quando o coração da *aymará* pulava saltava, ele engolia..., explica com gestos que com isso ficaria forte, guerreiro (M. A. MILHO, 2018).

Com um tanto de nostalgia o informante recorda as caçadas que aconteciam assim :

os homens ia caçar, as mulheres ficava fazendo o *caxiri*. Os homens deixava o calendário dos nó, todo dia as mulheres desmanchava um nó... até saber o dia que eles iam chegar (M. A. MILHO, 2018). Quando eles iam chegar, atirava lá de cima (aponta para a

---

61 Makusi do Lavrado e Makusi das Serras são duas categorias que caracterizam os indígenas da etnia Makusi, referindo-se ao ponto geográfico onde se estabelecem, se na serra ou no lavrado.

serra) o jamaxim<sup>62</sup> grande, eu não vivi isso com meu marido, isso é lá para trás da finada minha mãe, do meu pai (S. S. MILHO, 2018).

A informante segue contando que os homens, ao voltarem das caçadas, com o jamaxim, cheio de peixe e caça, comemoravam com uma briga. Antes que ela explicasse o esposo adiantou,

Isso que eles faz é bem controlado, orientado (...). Ela tava contando igual "briga", mas é cultura. Fazia isso (a briga) até no chão, o homem feito, em cima do outro com toda força... (gesticula com as mãos e braços) e tem que sustentar ele, suspender, se ele passar esse homem, ele entra na casa e cai dentro do pajuaru<sup>63</sup> de cabeça. Mas quando ele dominar, também esse homem entra na casa do outro, por isso que o chefe está orientando, não é para achar ruim, é briga de bater na cara do outro é uma festa é cultura (M. A. MILHO, 2018).

M. A. conta que viveu isso com os seus pais e avós, uma história que caracteriza a identidade desse povo. A relação das histórias com os antepassados tem sido observada em todas as entrevistas, seja de fatos históricos vividos, seja nas narrativas mitológicas. Na verdade, os créditos são dados aos mais velhos, pois é com eles que os mais novos aprendem os costumes.

### 6.3.7.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O topônimo atual Milho tem a motivação pela aceitação do nome de um outro lugar de mesmo nome, uma espécie de homenagem.

Para o topônimo anterior, o velho Tuxaua explicou sem embaraço que é assim que tem o nome desse lugar que chama de imoralidade da órgão genital da feminina, é porque eu não consegui chamar, traduzir em português, *Pare' worî* (M. A. MILHO, 2018). Embora com novo nome, o lugar ainda é conhecido pelo nome anterior, *Parê worî ~ Parê wîri*, em MK, 'vulva da mulher'. Assim, os topônimos coocorrem.

---

<sup>62</sup> Jamaxim, espécie de cesto feito de fibra de buriti que serve para os índios transportar as caças.

<sup>63</sup> Pajuaru, bebida feita a partir do beiju de mandioca, fermentado.



### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O nome *Milho*, /mi.lu/ topônimo, é um substantivo próprio cujo signo pode ser representado por [SN(N)]. A etimologia para *milho*, do lat. *milium*, erva anual, *Zea mays*, da família das gramináceas, nativa da América do Sul, folhas lanceoladas com espiguetas femininas que geram espigas com grãos nas cores branca, amarela, vermelha ou azulada. Foi apurada em outra entrevista que aquela região é rica em milho de produção nativa.

Para o topônimo anterior, em MK, *Pare' wori ~ Pare' wiri*, MK. *pare'*, vulva. *Tami' nawiri wisan pare'esanon*. Todas as mulheres têm vulva (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 254); *wiri* s.f. mulher. *Wiri' eseuruna' pi moriipe* 'A mulher fez um bom discurso (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 142). *Pare' wori ~ Pare' wiri* = vulva da mulher.

### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo atual Milho, caso não se tivesse ouvido as histórias in loco, levaria o pesquisador à taxa Fitotopônimo, no entanto, o nome lhe foi dado, como homenagem, a partir de outra comunidade de mesmo nome, assim, para essa comunidade especificamente a taxa é Corotopônimo.

Para o topônimo *Pare' wori ~ Pare' wiri*, que significa a vulva da mulher, a taxa mais indicada é a do Somatopônimo em sua subclasse Gonotopônimo.

**Figura 22** - Comunidade Milho



**Fonte:** Sacramento, 2018



### 6.3.8 Prododó

#### 6.3.8.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade Prododó está situada na beira do rio *Waiyan*, em língua Ingaricó, Ailã, em PB, nas coordenadas geográficas 4°, 39', 18,2" N / 60°, 12', 13,7" W, foi cadastrada em 2000. Possui topônimo anterior em MK, *Ayan kanan* 'mulheres catando piolhos', porém em MK literalmente *ayan*= 'piolho' *kanan*= 'também', incluído, o termo mulheres está em posição anafórica. Ainda não há escola, nem igreja, mas são evangélicos, e a língua MK só é falada pelos mais idosos.

O informante faz questão de reforçar que o nome é *Ayan kanan* em Makusi, só que nós registramos com o nome Prododó, mas o nome continua *Ayan kanan*, indicando que os dois topônimos coocorrem. Economicamente a comunidade vive de pesca e criação de gado, galinha e de roça. Possui um retiro coletivo chamado de Santa Cecília que funciona como suporte para manter a comunidade na criação de gado. Atualmente a comunidade está composta por 81 famílias (M. P. PRODODÓ, 2018).

#### 6.3.8.2 As histórias narradas

Embora o informante não saiba narrar a história da pedra encantada *Ayan kanan*, 'as mulheres catando piolho' o mesmo disse que se deve a mulheres que catavam piolhos ali junto àquela pedra. O hábito de catar piolho, que seria uma forma de livrar a cabeça das crianças dos parasitas, é também um traço de cultura indígena e indica um laço de afetividade. Munduruku (2006), narra na fala de um curumim, que ao redor da fogueira as mulheres catavam piolhos nas cabeças das crianças enquanto lhes faziam carinho e juntos ouviam as histórias dos mais velhos.

#### 6.3.8.3 Aspectos linguísticos

##### a) A motivação

O nome *Prododó* é em homenagem a um pássaro de porte pequeno, uma espécie de coruja, 'corujinha' que canta de madrugada e que parece com a cara de um gato.

Para o topônimo anterior, o entrevistado assegura que era esse nome aqui antes *Ayan kanan*, em Makusi, significa história das mulheres catando piolho na pedra, encantada. História já explicada anteriormente.

### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

Em /pro.do.dɔ/ ~ [poro'to'to], *Poró'to'to mĩkĩrĩ e' morono' pan* 'A coruja é dorminhoca', em PB (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 198). A fonologia apresenta variação mesmo em MK. O signo toponímico de estrutura simples é representado por [SN(N)].

Para o topônimo anterior também em MK, *Ayan kanan* ~ *Aranganã*, em PB. Em MK, [ayan], *Ayan man apu'pai pona* 'você tem piolho na cabeça', em PB (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 111). Em /aranganã/ percebe-se aportuguesamento, possivelmente pela dificuldade de pronúncia do termo.

### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo atual Prododó acomoda-se na taxa Zootopônimo. E o topônimo anterior, *Ayankanan*, que quer dizer 'mulheres catando piolho na pedra' pode-se acomodar na taxa Mitotopônimo.

**Figura 23** - Comunidade Prododó (Pedra do Piolho)



Fonte: Cruz, 2018

**Figura 24** - Comunidade Prododó (rio Ayan kanan)



**Fonte:** Cruz, 2018

### **6.3.9 Topa Pé**

#### **6.3.9.1 O contexto geográfico e a constituição social**

Topa Pé é resultante de desmembramento da comunidade de *Willimon*. Localiza-se nas coordenadas geográficas 4°, 38', 18,0" N / 60°, 10', 52,8" W, próxima à cachoeira do Magro e da serra Mato Verde. Para formar a comunidade, as pessoas vieram do Caracanã para este lado, começou morar aqui, *Innî non*, disse contrapondo-se ao nome da comunidade vizinha *Willimon*, Eles colocaram e não ouviram que a mãe, o avô dizia, *Innî non*. Atualmente, são 12 famílias, totalizando 80 pessoas. Ainda não há escola, nem igreja e a língua MK só é falada pelos mais

idosos, os mais novos estão aprendendo com os professores. A comunidade se abastece com a pesca e criação de gado, galinha e de roça.

### 6.3.9.2 As histórias narradas

A informante preocupa-se em passar os conhecimentos dos mais antigos como forma de preservar a cultura contando que

eles traziam da caça tudo no jamaxim, peixe, caça, lá de cima da serra. Agora não tem mais, não tem mais caça, peixe, não tem peixe não! Tomavam caxiri, dançava. Tomava bajar, bebida de mandioca, espremer mandioca no Tipiti e coloca em cima da foia de banana, aí vai amadurecendo (...) aí, toma, depois que levantar<sup>64</sup> né? (CL. TOPA PÉ, 2018).

E segue mostrando a sua atitude como detentora do saber e responsável pelo ensinamento de suas práticas, conta que disse categoricamente à neta que iria morrer, *vuvu vai morrer, eu vou morrer depois de amanhã, estou ficando velha, você tem que aprender! eu mandei ela fazer bajar, a netinha. Ela fiz, amanhã vai levantar* (CL. TOPA PÉ, 2018), disse com ar de felicidade pelo dever cumprido de ensinar.

### 6.3.9.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome refere-se a uma serra do mesmo nome, Topa Pé, o nome já vem da serra, (...) que as pessoas vão embora topando, por isso topa pé. A informante disse que há topônimos anteriores, *Innî non*, é um deles e o outro Tocantins, minha sogra falava para mim, mas ela (a serra) também tem o nome Tocantins, meu marido sabe esse nome porque o pai e a mãe falava para ele lá (CL. TOPA PÉ, 2018).

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

Em PB, /tɔ.pa 'pɛ/ é um elemento composto, com estrutura singular, formado por elementos de diferentes classes, verbo + substantivo. Para Dick (1990, p. 14), são “formações

---

64 Levantar o bajar, Bajur ~ pajuaru ‘bebida de mandioca’.

inusitadas” como Lava Roupa (Ribeirão, GO) que, talvez, somente a história local seja capaz de esclarecer a motivação do topônimo. A etimologia diz-se de uma onomatopeia de choque brusco ‘top + ar’, que significa deparar (-se), confrontar (-se), ‘Eu topei nas pedras do morro’. É a ação do verbo ‘topar’ que dá o nome ao lugar. Assim, dentro da estrutura portuguesa, identifica-se a sequência [SN (SV(V)+ SN(N))].

O topônimo da comunidade vizinha que deu origem a Topa pé é da MK, /*Willimon*/, o nome é resultado de um aportuguesamento e implica um nome descritivo /*Wei*=sol *rî*=asseverativo *man*=copulativo/, ‘o lugar que tem sol’, ‘aqui tem sol’, ‘nesse lugar tem sol’, nesse lugar tem sol em Makusi. *Wilimon* → aportuguesado, e *Weiriman* → MK, *Wüirimî* → Ingaricó. (RELATÓRIO PROCESSO CNPQ Nº 481540/2011-3). Esse topônimo também é do igarapé e da serra, pode ser resultado também de um topônimo formado em MK por [*Innî non*] ~ [*innî*] + [*non*], ‘panela’ + ‘barro’.

Buscou-se também a etimologia para o topônimo anterior, Tocantins. Esse é derivado da língua tupi *tó- o, cantim*, ‘nariz bicudo’ ou ‘pontudo’ (MARQUES, 1970, p. 602); remetendo a nariz de tucano, ave colorida e de bico longo.

### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo pode ser considerado raro, visto que se trata de uma expressão, uma frase, formada a partir de verbo mais substantivo, adequa-se à taxa Dirrematopônimo.

Os topônimos anteriores: /*Willimon*/ que faz referência ao astro rei, sol, acomoda-se na taxa Astrotopônimo; [*Innî non*], tema ‘panela de barro’, conforme o informante, esse se acomoda na taxa Ergotopônimo e o topônimo Tocantins pertence à taxa Zootopônimo.

## 6.3.10 Popó

### 6.3.10.1 O contexto geográfico e a constituição social

Popó é uma das comunidades desmembradas do Centro *Willimon* e está situada nas coordenadas Geográficas: 4°, 36’, 35,5” N/60°, 10’, 8,6” W. Teve topônimo anterior de Fazenda de Seu Deca por volta de 1985. Foi cadastrada em 2008 à época formada por 18 famílias, hoje constituída por 30 famílias, filhos, genros, primos totalizando 98 pessoas. As crianças entendem pouco o MK, e falam PB. A Escola Vovó Dedé ainda é improvisada pela comunidade, não é do município não, reforça o informante (E. S. POPÓ, 2018).

Algumas obras básicas para a comunidade estão em andamento como a construção de um posto de saúde e da casa do tuxaua; o campo de futebol foi feito com o intuito de tirar os jovens das drogas: ao invés de sair daqui da comunidade para a cidade... por lá não tem limite, a gente fez esse campo para



deixar os jovens aqui e assim nós vamos fazendo a organização social da comunidade sempre chamando os jovens o nosso projeto (E. S. POPÓ, 2018).

Quanto à religião, a comunidade é católica e tem como padroeiro São Miguel Arcanjo. A comunidade é abastecida por um olho d'água do Igarapé do Grilo. A economia está voltada para a plantação de banana, mandioca, feijão, macaxeira, milho e melancia, e para a criação de gado e de galinha. Só há pesca de peixes pequenos, peixes do lago Grande, piaba, sarapó.

### 6.3.10.2 As histórias narradas

As histórias foram contadas por vovó A. S. com o auxílio de sua filha R. S. e do professor E. S., muito simpática, vovó ia contando, emocionando-se e dando carinho a todos. E, no final da entrevista benzeu a pesquisadora com a oração do Pai Nosso em MK, momento muito especial.

Iniciou pela história do Bicho da Serra, que é uma serpente. Então, é assim eu vou contar (contribuição do professor), é o armador da rede da serpente, uma grande cobra, era amarrado de uma sumaúma forte a outra, mas caiu. A vovó retoma a história. aí a corda quebrou, a sumaúma morreu, e caiu, só ficou um lado... porque tem bicho da Serra, é perigoso entrar lá, tem que entrar com pimenta na boca... (A. S. POPÓ, 2018)".

Outra história é a da água, que fica cada dia mais escassa,

é do tempo do vô dela, quando ela era jovem não tinha mais água. Só sai uma água ali no Buritizalzinho, parece que é do fundo do mar. E ali dava todo tipo de animais, era difícil tomar água, caba<sup>65</sup>, era todo tipo de bicho, vinha tomar água. Elas (as pessoas) tomavam água com uma taboca furada no meio, tipo canudo bem grande para não assustar as cabas. Aí, como a água tava se acabando e os pai dela acharam por bem tampar essa água (o poço) com uma pedra, assim... chata. Colocaram em cima dessa água... baixou essa água. Ainda está lá, é bem limpinha um tipo de Olho d'água (E. S. 2018).

---

65 Caba, vespa social do Brasil. Do tupi *kaba* (MACHADO, 1989, v.II, p. 8).

As histórias narradas se misturam em relatos de mitos e de lembranças do passado. Se por um lado a vovó não consegue lembrar com nitidez das histórias, por outro ela tem certeza de tê-las repassado, e avaliza a história contada pela filha e pelo professor.

A história a seguir é a do Dono da Mata,

não sei se pode contar, mas a vovó fala que tem o dono da Mata aqui, ele existe. Essas horas, se você estiver andando lá naquela montanhazinha ali, ele fica assobiando para senhora, um assobio bem esquisitão, bem grosso... meia-noite. Se for pessoa estranha, ele passa... Ele não faz nada de mal, só se a pessoa tiver fazendo mal se não, se a pessoa faz bem, ele faz bem, esse é o dono da Mata. Ele quer dizer que ele está ali, eu falo isso porque eu já andei... se eu for no meio da Mata essas horas não tem mais ninguém, aí você escuta o mato quebrando, assobio como se fosse uma sirene mostrando que ele está ali. Muitos amigos diz assim "por que você não coloca uma roça bem aí naquela mata?". Como é que eu posso dizer, nesse lugar eu não posso botar a roça, eu respeito, é o lugar sagrado, essa beirada de Mata é a nossa proteção, a gente não desmata não, tem dono sim, nessa mata tem caça, tem veado, tem cutia, não se toca fogo. Lá tem muita orquídea, tem umas pedras de encantar, só olhando, professora, para ver como são lindas. A gente vê nessas matas coisas da natureza muito bom, as pedras partidas no formato de um pão bem feitinho, professora, parece gente que fez, estão lá, se a senhora tivesse um pouquinho mais de tempo a gente ia lá ... tem muita coisa que a mamãe não tá lembrando não. Tem uma pedra preta ali que serve de espera dos antigos, os esperador. Assim, é perigoso andar na serra tem que ter cuidado quando vai sair para trabalhar deve botar pimenta na boca ou fazer uma cruz nos pés com tição de fogo para se proteger do mal (E. S. POPÓ, 2018).

Algumas histórias remetem ao culto de espíritos da floresta e a lições para vida, em suma são recortes das memórias do povo Makusi.

Mari'pî, Mari'pî é perigoso, gente tem que ter cuidado... quando bota pimenta na boca. Então, eu pergunto para o meu neto "já botaram pimenta na boca de vocês, não?!" pois têm que botar, bota aí para livrar das doenças proteger do mal das sereias, do dono do tempo, do dono das Serras... para se proteger dos maus que as pessoas, às vezes pega doença do nada... e a pessoa (doente), às vezes tem mais força do que 4 ou 5 homens. Mas, só

que aqui não acontece não, ela (a pimenta) protege. Mariwá é a sereia, é o dono do tempo Mariwá. Se você sai por ali sem comer nada, ele (o dono do tempo) tá por ali, só no olhar dele (do dono do tempo), ele encanta. O Mariwá, ele é uma sereia em homem e em mulher, ele ou ela aparece mais linda que você nunca viu... , na Serra no Rio, no tempo, no redemoinho ao enxergar ela, você olha e acha que é só redemoinho e ela senta bem aqui. Se você se admirar com ela, ela já lhe encantou, ela lhe dá uma moleza... se ela conseguir te dominar ...vai morrer. Então, pronto, a cura só com pimenta. Ele aparece o nome da sereia em Makusi é trenmwonkon (A. S. POPÓ, 2018).

Percebe-se a preocupação com a proteção da pessoa, com bem estar. Foram citados ainda outros métodos de proteção do espírito mau é só pimenta não, para desviar do mal, é também alho, cebola, esses bicho aí não gosta de cheiro forte não, a gente passa alho nas janelas, a mamãe fala (E. S. POPÓ, 2018). E acrescenta que gostaria de contar mais uma história,

Mas antes a gente morava muito mais longe, nessa mata. E, antes de você sair (para trabalhar ou se divertir), ela (a mãe do informante, vovó Adélia) dizia "faça uma cruz com tição nos pés de vocês, embaixo dos pés de vocês, antes de sair". Era assim, tira um tição grande debaixo da panela, tira o fogo dele e aí, fazia assim (mostra o gesto da cruz na sola do pé) com fogo "thannn"... não queimava, era rapidinho, não queimava. Aí, você está protegido do mal dos que se arrastam pelo chão e de outras coisas. Então, são essas coisas, quando a gente ia sair para o trabalho, para entrar na mata, para ajúri<sup>66</sup> ... Naquele tempo, era assim. Naquele tempo não tinha sandália (E. S. POPÓ, 2018).

Com muito orgulho o neto, professor, segue pedindo para falar uma frase importante a vovó foi nossa professora de arte de construção de panela. Ela faz vaso, ela faz panela, ela sabe onde tem tudo, onde tem o barro. E ainda acrescenta que a vovó é parteira, benzedeira... (E.S. POPÓ, 2018). A seguir a narração de um parto pelas mãos da vovó

---

66 Ajuri, um trabalho coletivo de roça encontro de trabalho de roça para capinar roça capinar pé de feijão.



Nunca criança morre na minha mão, nunca. Eu não tinha nojo não, as minhas filhas, as filhas do vizinho, não tinha nojo não... agia como parteira. Professora, eu abro minha mão para pegar criança que está nascendo... quem me ajuda... o marido dela, empurra a criança para nascer e eu ali esperando devagar sair. Quando a criança não quer chorar, eu chupava com a minha boca para puxar coisa, o líquido da criança... cuspir... puxa de novo, cuspia, aí a criança chora, chora... aí nós não cortava o cordão assim não, "faz mais força, minha filha, faz mais força minha filha!" Aí, cai mais o resto ... Aí, eu amarrava o imbrigo com a palha e com a tesoura cortar. Aí, a mãe levanta, marido dela me ajuda, bota em pé, para o sangue arriar, para sair tudo... aí, sai, sai. Aí, Ela deita na rede... aí, a criança, não banho de noite quando nasce. Amanhã, amanhã se banha, porque essa criança nasceu da barriga quente, né?. Não pode banhar logo porque vai ficar doente, vai falecer se banhar logo, para pegar vento porque de noite pega, a gente morre. Ainda mama, da mama eu ajeito assim, minhas filhas já levantou minha filha, "já levantei", tá sentindo dor? Minha filha vai caminhar, levanta, fica de pé, consegue descer, não toma remédio não, deixa o sangue descer todinho... não pode tomar remédio não, eu cuido da minhas filhas sim, professora. Eu fui parteira, mas está com dor de barriga? Toma remédio não, não toma não, toma remédio não pode não, deixa cair todinho. Aí, fica aí com os curumins tudo saudável, aí por aí e nunca criança morreu na minha mão não. Agora eu não sei o que é que eu vou contar, que que eu vou contar... (A. S. POPÓ, 2018).

O fato de coletar dados, num trabalho de campo como este, leva o pesquisador ao contato direto com a cultura e a história de cada comunidade visitada. Em Popó, as histórias transbordam aspectos subjetivos de crenças, hábitos e rituais desse povo.

### 6.3.10.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome refere-se a um fato trágico: os branco queimaram a produção agrícola, as ferramentas e a casa de apoio (A. S. POPÓ, 2018), dizem em coro os informantes. A partir dessa tragédia que em MK é *apo'* 'fogo', 'queimar', com uma palavra do PB, pó, que significa 'cinza', formou-se o nome da comunidade Po'pó, Po' = 'fogo' po = locativo, 'em cima de algo, no caso, em cima do chão, fogo no chão'. Os informantes esclarecem que nada tem a ver com o pugilista brasileiro Popó. Apo' > Po' = 'fogo'; po = 'locativo', houve redução silábica da palavra 'fogo' perdendo a sílaba inicial,

processo fonológico muito comum em MK. O primeiro topônimo da comunidade, Fazenda Seu Deca, refere-se ao nome do proprietário.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

Este topônimo Popó comporta mais de uma interpretação: primeiro pela estrutura do MK visto que *Apo* ‘fogo’ + *po* ‘de, sobre’ tem sua estrutura como [SN (N) + Posp.] permite a interpretação de que a comunidade nasceu sobre as cinzas, em cima das cinzas, conforme a motivação narrada; um exemplo em MK *Apo’ ininen tuna* ‘A água apaga o fogo’. Segundo, pela explicação dos narradores, parece ser um termo híbrido, *Apo* ‘fogo’ + *po* ‘pó’ criado a partir de elementos de línguas diferentes MK e PB, portanto tendo sua estrutura representada por [SN(SN+SN)]. Notando que a realização fonológica de fogo perde um fonema /a/ de [apo], portanto, sugerindo uma redução do termo. A etimologia para a palavra “pó”, do lat. vulgar *pulvus*, por *pulvis*, à semelhança de *latus*, *onus*, *opus* e outros. Este *pulvus* teria passado à segunda declinação, dando um *pulvu*. Neste *pulvu* a semiconsoante foi absorvida pela vogal de timbre análogo, dando um *pulu*, donde o arcaico *poo*, contracto em *pó*. (NASCENTES 1966, p. 593).

Para o topônimo Fazenda de Seu Deca, /fa.zeN.da. di. sew. d ɛ. ka/, a estrutura composta de [SN (SN+SP(Prep. +Pron + SN))], a expressão ‘de Seu Deca’, denota a posse do fazendeiro.

#### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo Popó está representando o mesmo significante nas duas línguas, o ‘pó’, resultado de uma tragédia, o maldoso incêndio na comunidade, esse sentimento de dor está cristalizado no nome do lugar, portanto ele acomoda-se na taxa Animotopônimo Disfórico.

O topônimo anterior ‘Fazenda de Seu Deca’, pertence à taxa Antropotopônimo.

**Figura 25** - Comunidade do Popó (2)



**Fonte:** Sacramento, 2018

**Figura 26 - Comunidade Popó (1)**

### 6.3.11 Comunidade Uiramutã

#### 6.3.11.1 O contexto geográfico e a constituição social

A entrevistada narra que a comunidade Uiramutã já existia antes da presença do ‘branco’ por aqui, e que naquela época havia muitos conflitos entre indígenas de diferentes etnias. Os conflitos por terras entre um fazendeiro chamado Jair, seus vaqueiros e os indígenas, fizeram criar o município e as comunidades Popó, São Francisco, São Gabriel e Nova Esperança. Mas que antes desse conflito toda a região era apenas comunidade Uiramutã.

Tuxaua Orlando Pereira da Silva, hoje com 74 anos, foi o protagonista dessa luta.

A comunidade está estruturada com Escola Estadual Indígena, no entanto a MK só é falada na comunidade pelos mais velhos, as crianças aprendem-na na escola. A população é católica, tem como padroeira Nossa Senhora de Guadalupe, e estão organizados em Movimentos da Juventude, Clube de Mães, entre outros. Economicamente vivem de roça e fabricam artesanato em palha. A população é composta por 48 famílias, cerca de 280 pessoas (G. P. UIRAMUTÃ, 2018).

O lugar foi chamado de currutela, na década de 1980, devido ser assentamento de garimpeiros: há muitas famílias antigas na comunidade, pessoas de fora que foram chegando..., fazendeiros como seu Jair, ele tinha 50 mil cabeças (G. P. UIRAMUTÃ, 2018). E segue contando que pensando

nos índios, a igreja implantou um projeto de gado que ainda hoje funciona assim: a comunidade recebe 50 vacas e dois reprodutores e passa cinco anos para tirar semente, depois passa a mesma quantidade que recebeu para outra comunidade e assim sucessivamente.

Consoante às informações obtidas, o tuxaua Orlando Pereira da Silva, um dos fundadores do Conselho Indígena de Roraima – CIRR, pai da informante, é reconhecido pela capacidade de liderança e de cumprir alguns pleitos como extinguir o uso de bebidas alcoólicas na comunidade:

ninguém vê ninguém transitando bêbado na vista não, não aparece com latinha, com cachaça, (...) se tiver bebendo, dentro do mato; durante o jogo de futebol não há palavrões nem brigas no meio do campo, se tiver, a pessoa é suspenso, não pode ficar jogando. (...) Tuxaua Orlando quando resolveu ser tuxaua, percebeu que a comunidade era grande demais, e fez o desmembramento criando novas comunidades; fez surgir escolas nas comunidades e as coisas foram mudando, aqui tem o clube da mãe, projeto de gado, as roças comunitário e um calendário a ser seguido (G. P. UIRAMUTÃ, 2018).

A comunidade é muito próxima à sede do município e os feitos de Orlando, que vive com a família na comunidade, são reconhecidos por todos da região. As histórias narradas a seguir são um misto de lembranças e histórias de lutas.

### **6.3.11.2 As histórias narradas**

A explicação para o topônimo da Serra do Colar que os indígenas chamam de Serra da Torre, mas o nome é Serra do Colar, segundo a informante. O seu avô contava histórias enquanto arrancava capim para fazer vassoura e mostrava as miçanga e pedaços de panela de argila na serra. Recorda que a fala do avô, aqui foi lugar de muita luta e que quando tinha guerra a gente colocava as crianças e as mulheres em cima da Serra, protegendo elas. Acrescenta que as brigas se travavam entre os índios, Makusi e Taurepang e principalmente o Jaricuna, da Venezuela que não deixavam ficar aqui na fronteira não (...), era para defesa do território, foi Guerra Sangrenta nas três fronteiras indígenas Guyana-Venezuela-Brasil (G. P. UIRAMUTÃ, 2018).

Conforme a informante, quanto a tradições, os Makusi costumam pintar o rosto e o corpo com 'pegadas de animais' porque espantam o mau olhado, além de pintarem também 'beija-flor' e 'usarem plumas'. As pinturas significam expressões de alegria, tristeza e outros sentimentos. Na festa de receber as pessoas com alegria, costuma-se cantar o canto de Tukui é obrigatório tirar a roupa e queimar no fogo, não deve levar para casa, nem usar de novo, porque quando *Tukui* recebeu ele, ele trouxe qualquer coisa lá de fora. *Tukui* é um canto de alegria, de festa. O *Parixara* é o canto/dança de religião, os participantes usam roupas de palha, de fibra de Buriti, muitas vezes é de palha verde tudo muito bonito, mas, eles jogam fora. Pela lei indígena, tem que jogar fora, tem que queimar no fogo. Aí, é assim, muitos cantos que têm, não devem ser cantado porque são sagrados (G. P. UIRAMUTÃ, 2018).

### 6.3.11.3 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

Da mesma forma que a motivação descrita para a sede do município de Uiramutã, foram identificados três possíveis motivos, o mito da farinha, a boca do rio e a boca do peixe *aymará*. Já descritos anteriormente no item 5.3.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo Uiramutã é um nome próprio que entrou no português como empréstimo do Makusi e do Ingaricó, resultando como aportuguesado. É conhecido por todos como a "Terra da farinha" (SILVA; CRUZ, 2011). O topônimo apresenta outras variações em Makusi: *Eremîtan*, *Arimutan*, *Aramutan*, *Iren muta*, *Iramutan*, *Iren muta ken* > Uiramutã.

*Eremîtan* → verbo. *e-r-emîta-n* (2p.-?-vb. Emergir-?), indicar elevar-se, sair de onde estava mergulhado, fazer sair, por isso "cresça a farinha, tufe, emergir a farinha". Termo com morfologia verbal realizado nas línguas Makusi e Ingaricó. (RELATÓRIO PROCESSO CNPQ Nº 481540/2011-3). Considera-se para este item a mesma etimologia, descrição fonológica e composição sintagmática, do item 5.3 que trata da sede de Uiramutã.

### c) Classificação taxionômica do topônimo

Considerando que o topônimo da comunidade Uiramutã é o mesmo para a cidade e para o igarapé, já descrito no texto, ratifica-se a Taxionomia indicada, Mitotopônimo em PB.

**Figura 27** - Comunidade Uiramutã



**Fonte:** Cruz, 2018

## 6.4 Rota Nova Vida

Após percorridas as rotas Camararen e Makuken, descreve-se a seguir a rota Nova Vida, composta pelas comunidades Nova Vida I, Paruê, Caxirimã, Tabatinga do Entrocamento, Makunaima e São Francisco. Para melhor compreensão, a descrição da Rota Nova Vida I tem como trajeto sua origem na própria comunidade e chegada o município de Uiramutã. Isso posto, as comunidades descritas estão alinhadas ao longo do percurso.

Cada uma das comunidades apresenta peculiaridades que as identificam como formadoras do grupo. Nova Vida foi polo de outras comunidades as quais hoje são independentes, como as demais. Essa foi a rota cuja estrada se encontra em pior estado de conservação, pontes caídas, buracos e pedras soltas, em alguns lugares teve-se que passar por dentro dos igarapés, o que não foi fácil até para o carro tracionado. Soma-se à dificuldade carros para alugar para esse percurso, pois os motoristas temem por quebrar o transporte.



## 6.4.1 Nova Vida I

### 6.4.1.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade é antiga, está rodeada por serras e igarapés. Localizada nas coordenadas geográficas 4°, 38', 12,1" N / 60°, 17', 10,1" W. Foram identificados dois topônimos anteriores, o primeiro a que se teve alcance foi Fazenda Santa Rosa, depois Vista Nova e atualmente dividida em duas comunidades, Nova Vida I e Nova Vida II. O avô da informante foi o primeiro tuxaua da comunidade polo Nova Vida I, que liderava mais seis comunidades. A população é de 21 famílias nas duas comunidades, que chegam a 120 pessoas. A agricultura está voltada para plantação de maniva, feijão, milho, batata e para criação de gado, carneiro, galinha. Preservam a gastronomia indígena à base de *caxiri*, *pajuaru*, beiju, farinha e garapa de cana.

Na comunidade há uma escola municipal que atende aos estudantes de Arapá, Flechal e Nova Vida II. No entanto, a língua MK é falada só pelos mais velhos, os mais jovens compreendem-na, apenas. A informante, num depoimento de amor, disse que chora porque não consegue falar a língua do seu povo, mas tenta salvá-la por meio de seu pai que é fluente e tenta ensiná-la aos netos.

Segundo a informante, é lugar brabo, de mata fechada, de muita onça e tem muito minério, ferro e ouro, pensa um pouco e diz, antes os índios não sabiam o valor de ouro, por isso a serra recebeu o nome de Serra de *Ururi* 'ouro'. A informante relembra uma história triste, aqui já teve a morte de uma família, de raio, e segue justificando que o fato se deu possivelmente pela forte presença dos minérios, visto que caem raios com muita frequência no lugar.

O primeiro tuxaua, avô da informante, Davi de Souza que era mestiço, filho de uma índia Makusi com pai branco, teve duas mulheres, irmãs, que os pais lhe ofertaram para ele ficar na comunidade, aí ele ficou, só que era duas irmãs a mais velha e a outra tinha 10 anos quando entregaram para ficar junto com ele. Davi começou a exploração de garimpo, depois passou a trabalhar com agricultura e com a criação de gado, ficou conhecido por o tuxaua de duas mulheres... Tinha muita festa religiosa. Eles dançavam *Parixara*, *Tukuia* e *Ximidim* (J. S. NOVA VIDA I, 2018).

A informante, J. S, garante que lá embaixo tem uns colares de miçangas graúdas e muitos cacos de panelas. Tem uma loca 'desse tamanho' (abre os braços enfaticamente) de barro, que tem cabeça de

gente. Não se vai lá (...) tem uma palheta enorme de madeira dentro, talvez fosse mesmo de cemitério.

Observa-se que a história de Nova vida I não se difere das demais, é um misto de luta, espiritualidade e valorização da cultura. Durante a entrevista o pai da informante chegou e educadamente nos convidou para almoçar, demonstrando satisfação com a presença da equipe.

#### 6.4.1.2 As histórias narradas

Algumas histórias foram registradas, nelas podem-se identificar aspectos históricos e culturais da comunidade.

Antes dos Makusi, o lugar era habitado pelos Arian, que comiam gente. A maloca não tinha casa, só uma loca dos Insikiran. Teve uma gripe braba e febre, chama pajé para curar a doença. Essa doença acabaram com os Insikiran que comiam gente. Era assim, coloca a criança no caldeirão e quando os pai da criança chega, as criança tá cozida (J. S. NOVA VIDA I, 2018).

Nessa narrativa, percebe-se a preocupação de passar elementos da história que se mistura com o mito do Insikiran, filho ou irmão de Makunaima.

#### 6.4.1.3 Aspectos linguísticos

##### a) A motivação

Para motivação do topônimo há sentimento de esperança, visto que o lugar embora rico em ouro e ferro, pessoas morreram atingidas por raios. Assim, o nome Nova vida I pode ser o recomeço de uma vida para os moradores.

##### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo Nova Vida I, /nɔ.va vi.da/ é formado por um signo de estrutura composta por adjetivo mais substantivo, em PB, cuja representação é [SN(SN+SN)]. Etimologia para “nova”, do lat. *novare* “fazer nôvo”, por via erudita. (NASCENTES, 1966, p. 519). De novo, isto é, está por (notícia) nova (MACHADO, 1989, v. IV, p. 223). E para “I”, do Grego, *pus: V ípsilon*, termo apositivo ou numeral, com função de adjetivo, usa-se para indicar o nono elemento de uma série em ordem alfabética, sempre posposto ao item que modifica<sup>67</sup>.

---

67 MICHAELIS, Henriette. **Dicionário Michaelis**. Editora Melhoramentos. 1950. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 23.04.2018.



### c) Classificação taxionômica do topônimo

Os topônimos Nova Vida I e Vista Nova pertencem à taxa dos topônimos que encerram indicadores cronológicos representados pelo adjetivo: ‘nova’, Cronotopônimos. O topônimo Fazenda Santa Rosa, pertence à taxa Hagiotopônimo.

**Figura 28** - Comunidade Nova Vida



Fonte: Cruz, 2018

## 6.4.2 Paruê

### 6.4.2.1 O contexto geográfico e a constituição social

Pequena comunidade localizada nas coordenadas geográficas  $4^{\circ}, 37', 27,2''$  N /  $60^{\circ}, 16', 33,8''$  W, nas proximidades há o igarapé Paruê. Hoje contando apenas por um casal de idosos, ela indígena e ele ‘branco’, segundo eles a comunidade é cadastrada e já moram ali há muitos anos. Vivem de roça e de criação de gado. Pelo fato de ser apenas o casal de moradores, em todas atividades sociais os dois deixam a comunidade para participar em outras comunidades. A informante, L. F. é falante de MK e de PB, mas o esposo, L. B, piauiense, disse que nunca conseguiu a prender a língua MK.

### 6.4.2.2 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome do lugar possivelmente tenha sido dado a partir do nome do igarapé que se chama Paruê. Esse refere-se à banana *Paruru*, em MK, tendo em vista que nas proximidades da fonte há grande plantio de bananas nativas, que não acaba, ela não pode ser tirada de lá, se for fazer a muda normal, ela morre, por isso que o Igarapé tem esse nome Paruê, informação de J. B, Nova Vida I.

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo *Paruê*, /pa.ru.e/, está aportuguesado, considerando a motivação do nome do lugar, em MK *paruru*, *Paruru yeu 'nîpî 'pî ko 'koya*, ‘A vovó fez caribé’, em PB (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 99). Em MK *Paruru* ‘banana’ que é um termo genérico gerou “e” *paru'ye'* = *paru'* = ‘banana’ *ye'* = ‘pé’ ‘pés de banana’. Observando que houve uma redução silábica de *Paruru* > *paru'*, em MK é um Nome + Posp. Pode ser representado pela estrutura [SN(N+SP (posp.))].

#### c) Classificação taxionômica do topônimo

O topônimo *Paruê* que se refere à *Paruru* acomoda-se na taxa Fitotopônimo.

**Figura 29** - Comunidade Paruê



**Foto:** a autora, 2018

### 6.4.3 Caxirimã

#### 6.4.3.1 O contexto geográfico e a constituição social

Antigo lugar *Kasirimî*, a comunidade está localizada nas coordenadas geográficas 4°, 33', 55,4" N / 60°, 09', 43,8" W, segundo o informante, existe desde 1952, mas cadastrada em 2000. A história de sua fundação confunde-se com embates, entre os próprios indígenas e depois entre índios e brancos:

aí, expulsaram os parentes<sup>68</sup> daqui para Guyana, aí a família ficou o nome original *Kasirimî*, em MK, meu pai conta, hoje Caxirimã, em PB. Mas, tuxaua Orlando foi um cacique muito lutador no embate com o branco, aqui era impedido a tirada de palhas de uso da comunidade. (J.A. CAXIRIMÃ, 2018).

Hoje a comunidade está constituída por 12 famílias, totalizando 78 pessoas. Segundo o informante J.A, que também é professor, há uma escola Estadual Indígena *Amoo'ko* Pedro *Pakara*, que funciona há 17 anos. Quanto à religião, são católicos e têm como padroeira Nossa Senhora das Graças. Já a economia está em torno do cultivo de mandioca, feijão, arroz (G. P. UIRAMUTÃ, 2018), cará, inhame, banana e abacaxi; e da criação de gado, porco, galinha. Os produtores se organizaram e fazem anualmente a Feira Makusi, de produção local, orgânica, sempre nos dias 29 e 30 de agosto. A comunidade possui um retiro, reconhecido como Retiro Ariel, a 58 km da comunidade.

#### 6.4.3.2 As histórias narradas

A história do Rio *Mau* foi contada com muito entusiasmo pelo informante dizendo que esta ele sabia, diz animado:

Na verdade, antigamente, eles tinham tanto esse costume de andar, caçar, pescar, constituíram balde, canoa e diversos outras coisas. Certo dia descobriram essas pedras, as barra, é um trairão, nós chamamos de *aymará* aqui na nossa região. Foi o Insikiran com o Anikê que correram atrás do peixe *aymará*. Eles correram atrás do *aymará*, ali perto daquele Igarapé, aquele ali, onde é a comunidade, (...) lá o buraco onde eles tentaram tirar Aimará, em *Makusi*, *makabê*, é na língua Makusi. O *aymará* engoliu o irmão dele (um dos irmãos). (...) então, ele foi de frente entrou direto na barriga do peixe

---

68 Termo utilizado entre os indígenas para se referir a todos os membros da mesma etnia.

tinha boca muito grande não dava para ele se esconder.. Aí ele não conseguiu, né (...). Um pássaro, uma ave muito grande é que ajudou pegar o trairão e trouxe para aí. Cortaram toda barriga dele (do peixe) e tiraram o irmão dele (do Insikiran) ainda está vivo, ele tava vivo dentro da traíra. Aí, eles tiraram ele com a força do passarão, uma ave muito grande, *tararamu*<sup>69</sup>. (...) Então, foi nessa cachoeira rasa que pegaram ele (o peixe), conseguiram flechar e pegaram, tiraram, retalharam e hoje é uma barra de pedra de mais de 7 pedaços é no formato de um peixe retalhado, Essa pedra é Sagrada não pode desconfiar, não pode passar ali pessoas de luto, mulher menstruada, o lugar é sagrado não pode passar naquela pedra, né? Porque pode encantar, pode cair lá dentro, tem um poço feio, é uma coisa que não pode brincar com aquela pedra. Tem também a pedra do passarão que ficou lá como o vigia. Então, *Aymará* pode pegar, é o segredo, papai que conta. Ninguém pode brincar com ela (J.A. CAXIRIMÃ, 2018).

O informante acrescenta que o rio que era na fundura do rio *Maú*, só que aí, depois que tiraram aí *aymará*, o rio entupiu. Diz que a história é contada de várias formas e que somente o pai dele poderia contar, porque tem mais detalhes e coisas diferentes que ele não lembra, mas que há essa história escrita.

Citou ainda o *tarén*<sup>70</sup>, que são as orações de benzer e que podem fazer o bem, evitar os encantamentos da montanha, ou fazer o mal.

#### 6.4.3.3 Aspectos linguísticos

##### a) A motivação

O nome *Kasirimî* refere-se ao ato de colocar *kasiri* na cuia do *wai*<sup>71</sup>. A cultura de tomar caxiri é comum a outros povos indígenas brasileiros como os Juruna que em sua língua recebe o nome de “*iyaku'há*”, palavra que quer dizer “caxiri”, “bebida fermentada, alcoólica, típica dos juruna” (FARGETTI, 2001, p. 37)

69 *Tararamu*, passarão. *Tararamu mîikîrî moro' yapi 'nen*. O passarão é pegador de peixe (AMÓDIO; PIRA, 2007, p.158).

70 *Taren*, reza para doentes. *Taren punen pepîn uurî*. Não sei fazer reza para doentes. (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 158).

71 *Wai*, s. *Maatu*. *Tuna pintîto 'pe iku 'as'*. (Cabaça – fruto da cabaceira extraído e transformado como utensílio doméstico (cuia ou balde) para transportar água ou colocar vários tipos de bebidas). Ex. *Wai yannîpîpî wai' tunaake*. (Enchi as cabaças de água) (RAPOSO; CRUZ, 2016).

## b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo da comunidade indígena Caxirimã, em PB, tem étimo na MK. Conforme Cruz, Araújo, 2013, *Kasirimî* em MK → subst. *kasiri* ‘bebida’ *mî* (posp. demonstr. este, esta) seguido de uma posposição que funciona como uma locução, cuja estrutura poderia ser [SN(N+SP (posp.))] em função da tradução ‘pega essa bebida’, ‘aqui tá a bebida’, ‘pega esse *kasiri*’. No entanto, hoje, a maioria dos falantes Makusi quase não reconhece a realização como uma expressão locucional e sim como uma palavra não fragmentada. Portanto, em PB trata-se como um elemento simples [SN(N)], configurando-se a mesma representação para os dois topônimos, Caxirimã aportuguesado e *Kasirimî* em MK. O resultado desse diálogo é o aportuguesamento do termo *Caxirimã*.

## c) Classificação taxionômica do topônimo

Os topônimos *Caxirimã*, atual, e *Kasirimî*, anterior, em MK, que trazem como elemento principal a bebida *Kasiri*, em MK/Caxiri, em PB. Resultado da interação entre índios e garimpeiros que, dada a dificuldade de pronúncia da língua indígena, ao pedir a bebida *Kasiri*, o indígena respondia *mî* = *Kasirimî*, MK, que resultou em *Caxirimã*, termo aportuguesado. Acomodam-se, portanto, os dois topônimos na taxa Ergotopônimo, visto que a bebida em epígrafe faz parte da cultura do índio.

Nesse viés, Isquerdo (2011), inspirada em Dick (1990, p. 35), diz que o topônimo ‘corporifica’ uma soma de fatores linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos de um grupo que vive em um determinado espaço geográfico.

## 6.4.4 Tabatinga do Entroncamento

### 6.4.4.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade está situada nas coordenadas geográficas 4°, 29’, 30,4” N / 60°, 15’, 44,3” W, próxima às serras de nome do órgão genital feminino, *Piipu wî*, MK. Tabatinga do Entroncamento foi fundada pelo antigo Tuxaua que deixou para trás a comunidade Tabatinga (do Buritizal), mas trouxe o topônimo para o novo lugar, visto que há no lugar o barro colorido, *tawa*, em MK, ‘tabatinga’ em PB. Considerada uma comunidade jovem, com apenas 18 anos, localizada nas proximidades do boqueirão na Serra do Camararen, foi usada durante as guerras entre Makusi e Wapixana como ponto de chegada ou de combate. Atualmente tem como tuxaua o senhor Aniceto (D. B. TABATINGA DO ENTRONCAMENTO, 2018). A população atual da comunidade é de 40 pessoas.

O informante conta a história da comunidade se autodenominando ‘filho enjeitado’, Aí, minha irmã se ajuntou com garimpeiro e me criaram até eu



formar minha família, fala isso como uma introdução para dizer da tristeza de ver os netos sem se interessar em falar MK, que para ele traz felicidades, saber os nomes dos igarapés, das serras e de todos os animais, nunca o índio vai conhecer o nome dessa Serra, o nome do Igarapé, o nome dos pássaros, as caças, aí eu fico triste. (...) (D. B. TABATINGA DO ENTRONCAMENTO, 2018). Encerra dizendo que os filhos foram para a escola e esqueceram a língua.

A comunidade tem um pequeno comércio de venda de lanche a pessoas da estrada, possui também um retiro para criação de gado que é cuidado por um vaqueiro. Caçam e pescam para consumo da família. São católicos e a igreja é de Nossa Senhora Aparecida; a filha da informante trouxe a imagem da santa para apresentar, mas não informou a razão da preferência pela santa. Coincidência ou não, Nossa Senhora Aparecida é também a padroeira do Brasil.

Os entrevistados da comunidade Tabatinga do Entroncamento não souberam contar histórias encantadas, mas apresentaram outros topônimos de acidentes físicos que serão abordados no próximo item.

#### **6.4.4.2 Aspectos linguísticos**

##### **a) A motivação**

O nome *Tabatinga* refere-se ao barro, mineral de coloração branca, rosa e roxa, usado para pintura de casas e de pessoas. Esse mineral de coloração branca é muito comum no lugar.

##### **b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo**

O topônimo Tabatinga, *Tawa*, em MK, significa barro de cor branca, rosa e roxa. *Tawa ke wittí ki'pa* 'Vou pintar a casa com tabatinga', em PB (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 248). Etimologia para Tabatinga, do Tupi *tawa'nga* "barro branco" (NASCENTES, 1966, p.708). Para Machado (1989, v. V, p. 254) e Theodoro Sampaio (1901, p.151), do Tupi *tauá* 'barro' + *tinga* 'branco', aldeia branca. Para a formação do signo, considera-se a estrutura composta do Tupi *tawa-tinga* ~ *tauatinga* ~ *tobatinga* ~ Tabatinga, PB. Assim, pode-se representar o signo em PB como [SN(N) + SP(Prep.+N)].

##### **c) Classificação taxionômica do topônimo**

Claro está que o topônimo *Tabatinga do Entrocamento*, é de natureza mineral e faz parte da constituição do solo, portanto está na taxa Litotopônimo.

**Figura 30** - Comunidade Tabatinga do Entroncamento (1)



**Fonte:** Sacramento, 2018

**Figura 31** - Comunidade Tabatinga do Entroncamento (barro Tawa) (2)



**Fone:** a autora, 2018

## 6.4.5 Makunaima

### 6.4.5.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade encontra-se nas coordenadas geográficas 4°, 35', 24,3" N / 60°, 09', 36,5" W. Foi desmembrada de Uiramutã, há mais ou menos oito anos e recebeu o nome de Uiramutã II, depois passou a Makunaima, em deferência ao mito do herói defensor da flora e da fauna roraimense. Formada por 52 famílias, um total de 202 pessoas que se dividem em católicos e evangélicos. Na comunidade ainda não há igreja, nem escola, as crianças estudam na comunidade vizinha, São Francisco. Não há água tratada, mas já usufrui energia elétrica.

A comunidade ainda vive momentos que demandam discussões entre a prefeitura do município e o tuxaua, visto que a comunidade está ligada à zona urbana sede do município. Esse desejaria transformá-la em bairro da cidade, do que os indígenas discordam. Enquanto isso, somente indígena pode morar lá, participam das assembleias e de decisões da comunidade. Muitos têm residência na cidade porque os filhos estudam em escolas da sede.

### 6.4.5.2 As histórias narradas

Muitas são as aventuras de Makunaima e de seus filhos/irmãos Insikiran e Anikê, algumas delas já narradas anteriormente. Segue mais uma reafirmada e complementada por informantes das comunidades Caxirimã e São Francisco, respectivamente.

A história de Makunaima, o papai que conta, tem uma serra pelada dele, do Makunaima. Lá hoje do lado do quartel tem a comunidade Makunaima e tem história também, não sei se Makunaima morreu ali, mas tem um cemitério, tem uma pedra. Mas eu não sei qual é não, não perguntei dele. Eu acho que Makunaima morreu, mas não sei se fingiu, mas o espírito tá lá (J.A. CAXIRIMÃ, 2018).

Essa história foi reafirmada

Tem uma pedra na serra, antigamente os Makunaima se encostavam ... é eles faziam encontro e aí foi escorregado uma pessoa e deixou uma marca na pedra eu não sei direito se braço ou se é uma perna, por isso que foi surgerido pelo tuxaua Orlando esse nome, Makunaima (...) sempre minha avó colocava para a gente (I. P. SÃO FRANCISCO, 2018).

A referência é a mesma, a pedra do Makunaima, o cemitério, ou mesmo a possibilidade do herói estar vivo, já que ele tinha essa característica eu acho que Makunaima morreu, mas não sei se fingiu, mas o espírito tá lá



(J.A. CAXIRIMÃ, 2018). Com outro olhar, percebe-se que as duas histórias confirmam o valor espiritual tão presente na cultura indígena, são histórias contadas, umas são mitos, outras lendas dos espíritos da floresta, podem ser narrativas de memórias, de brincadeiras infantis, mas todas são lições de vida repassadas pelos mestres de suas comunidades.

### 6.4.5.3 Aspectos linguísticos

#### a) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

*Makunaima*, em MK, Macunaima, em PB. Há uma relação entre Macunaíma, ‘herói sem nenhum caráter’ de Mário de Andrade e Makunaima, figura mitológica, ‘herói dos povos Pemón’, que habita a tri fronteira - Brasil, Venezuela, Guyana. Sabe-se que o literato teve nas aventuras do mito de Makunaima inspiração para escrever o seu também índio personagem clássico de sua literatura (CARVALHO; JOBIM, 2013). Embora não se tenha encontrado uma definição a partir de sua morfologia, trata-se de um nome Pemon, pertencente à família Caribe.

nome dos índios lendários, filhos de Wei (o Sol), que habitavam essas terras e em seu entorno teceram muitos episódios. Eles são conhecidos heróis na América do Sul; deles, o mais pequeno é o mais esperto. *Mukunaima yerupapue*: fruta dos Makunaimas chamada leitosa<sup>72</sup>. / *Makunaima pantoni*, é intitulado a lenda dos Makunaima, a mais completa e mais importante da literatura pemón (ARMELLADA; SALAZAR, 1981, p. 117)<sup>73</sup>.

O pequeno herói é reverenciado em toda a região. Possivelmente só teve a sua personalidade a partir da obra de Koch-Grünberg, *Vom Roraima zum Orinoco*, cuja publicação principal, em três volumes, foi em alemão. A obra é resultado de sua viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913.

A fonologia do nome Makunaima, difere na prosódia Macunaíma visto que há um deslocamento da sílaba tônica. Os nortistas índios e não índios da região reconhecem um ditongo em Makunaima e um hiato em Macunaíma, conferido também por Carvalho e Jobim, (2013) e Barreto e Oliveira (2016). O signo é formado por um substantivo simples em PB, cuja representação é [SN(N)].

72 Leitosa, leite + -osa, fruta-de-manteiga, *Pouteria ramiflora* (HOUAISS, 2009).

73 nombre de los indios legendários, hijos de Wei (el Sol), que habitaron estas tierras y em torno de los cuales han tejido muchos episodios. Son heroes conocidos em Suramerica; de ellos el pequeño es el más inteligente. *Mukunaima yerupapue*: fruta de los Makunaimas llaman a la lechosa. / *Makunaima pantoni*, se titula la Leyenda de los Makunaima, la más completa y más importante de la literatura Pemón (ARMELLADA; SALAZAR, 1981, p. 117).

Reconhecido como defensor da fauna e da flora roraimense, mas também nas múltiplas savanas venezuelanas. Makunaima é também reverenciado como o herói do lavrado. Utiliza-se o termo ‘lavrado’ para denominar os campos, também chamadas de savanas de Roraima, “que se diferenciam dos cerrados brasileiros pela forte presença de Cyperaceae e da baixa diversidade florística nessas áreas” (VANZOLINI & CARVALHO, 1991).

O topônimo Uiramutã II segue a mesma descrição dos topônimos da cidade, da comunidade e do igarapé Uiramutã, acrescido do numeral “II”, indicando a ordem cronológica, a segunda comunidade com o mesmo topônimo da comunidade polo.

#### **b) A motivação**

A motivação do topônimo deve-se especialmente ao personagem Makunaima, o mais conhecido dos mitos roraimenses.

#### **c) Classificação taxionômica do topônimo**

O topônimo faz parte da taxa Mitotopônimo. Para o topônimo Uiramutã II, nome que precede o atual, classifica-se na taxa Mitotopônimo.

**Figura 32 - Comunidade Makunaima**



**Fonte:** a autora, 2018

## 6.4.6 São Francisco

### 6.4.6.1 O contexto geográfico e a constituição social

A comunidade está nas coordenadas geográficas 4°, 35', 28,8" N / 60°, 09', 32,7" W. Dada à necessidade de ocupação das terras, foi cadastrada em 2007, desmembrada das terras da comunidade Uiramutã. À margem direita da sede de Uiramutã e vizinha da comunidade Makunaima, nas proximidades do igarapé Flecha, em MK *Truüpê*.

Os moradores têm escola municipal, no entanto a língua MK é falada apenas pelos mais idosos e as crianças aprendem-na na escola. A comunidade tem igreja católica, cujo padroeiro é São Francisco de Assis que é festejado no período de 04 a 07 de outubro. Economicamente a comunidade vive da agricultura, com a produção de cana de açúcar, macaxeira, banana, batata e da criação de gado e galinha. A população é composta por 28 famílias, totalizando 168 pessoas, sob a liderança do tuxaua Ivaldo Pereira que trabalha com o Centro da comunidade e da região.

### 6.4.6.2 Aspectos linguísticos

#### a) A motivação

O nome da comunidade deu-se em homenagem ao avô do Tuxaua que se chamava Francisco, foi colocado o nome de São Francisco devido ao meu avô que já morava aqui, que se chamava Francisco Pereira, esposa Georgina Pereira (I. P. SÃO FRANCISCO, 2018).

#### b) Aspectos fonológico, sintagmático, etimológico e semântico do signo

O topônimo *São Francisco*, com representação fonológica /sãw frãsisku/, em PB é um signo de estrutura complexa, formada pela Apócope (do substantivo *santo*) + Substantivo Próprio masculino (São + Francisco). A etimologia para *São*, do lat. *sanctum*, forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, empregado antes de nomes de santo que iniciam por consoante como *São Francisco*. O santo recebeu primeiramente de sua mãe o nome de João 'Giovanni'. Ao retornar de uma viagem, o seu pai mudou-lhe o nome para 'Francisco' em homenagem à França, ou seja, refere-se 'ao que é da França', onde o pai nutria grandes negócios comerciais, por ocasião do nascimento do filho<sup>74</sup>. Trata-se, portanto, de uma

74 <https://formacao.cancaonova.com/diversos/a-vida-de-sao-francisco-de-assis-o-nascimento/>

palavra composta que tem o seu conteúdo representado sintaticamente por [SN(Apoc. +SN(N))].

### c) Classificação taxionômica do topônimo

A relação entre o denominador e o lugar é que determina a sua taxa, como afirma Dick, “a compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador é que remeterá a toponímia taxionômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica”. A comunidade tem nome de santo, o que levaria o pesquisador apressado a acomodá-lo na taxa Hagiotopônimo, no entanto, na entrevista fica claro que o nome se deve ao nome do primeiro tuxaua da comunidade, senhor ‘Francisco Pereira’. Dessa forma, o topônimo *São Francisco* deve ser acomodado na taxa Hagiotopônimo Aparente, considerando a subcategorização proposta por Lima (1997) à Taxionomia de Dick.

**Figura 33** - Comunidade São Francisco (1)



**Fonte:** Cruz, 2018



**Figura 34** - Comunidade São Francisco (elementos da cultura) (2)



**Fonte:** a autora, 2018

A discussão dos dados acima está organizada a seguir no quadro 4, de modo que permite a visualização dos aspectos onomásticos observados motivação, composição sintagmática e taxionomia dos topônimos.

**Quadro 4** - Resumo dos aspectos onomásticos observados na toponímia das comunidades indígenas de Uiramutã

ROTA	TOPÔNIMO	MOTIVAÇÃO	COMPOSIÇÃO SINTAGMÁTICA	TAXIONOMIA
C A M A R A R E N	Camararen	Mito	[SN(N)]	Mitotopônimo
	<i>Kama´ran</i>	Mito	[SN(N+SP(Posp.)) em MK	Mitotopônimo
	Flechalzinho	Homenagem à morada anterior	[SN(N)]	Corotopônimo
	Boca da Mata	Entrada da mata	[SN(SP(Prep.+SN))]	Hodotopônimo
	São Jorge	Santo do hagiológico católico romano	[SN(Apoc.+SN(N)]	Hagiotopônimo
	Samaúma	Vegetal	[SN(N)]	Fitotopônimo
	São João do Galo	Antigo morador	[SN((Apoc.+SN(N)+SP(P rep.+N)))]	Mitotopônimo
	<i>kriwana kîrî</i>	Mito	[SN(SN + Cóp + SA)] em MK	Mitotopônimo
	São Mateus	Santo do hagiológico católico romano	[SN(Apoc.+SN(N)]	Hagiotopônimo
	<i>kamburuká</i>	Vegetal	[SN(N)] em MK	Fitotopônimo
	Triunfo	Sentimento de Vitória	[SN(N)]	Animotopônimo Eufórico
	<i>Kutikiye</i>	Vegetal	[SN(N)] - em MK	Fitotopônimo

ROTA	TOPÔNIMO	MOTIVAÇÃO	COMPOSIÇÃO SINTAGMÁTICA	TAXIONOMIA
M A K U K E N	<i>Makuken</i>	Vegetal	[SN(N+SP (Posp.)) em MK	Fitotopônimo
	Andorinha	Ave	[SN(N)]	Zootopônimo
	Barreirinha	Barro	[SN(N)]	Litotopônimo
	<i>Tikaapi</i>	Barranco, buraco	[SN(N)] em MK	Geomorfotopônimo
	Fazenda São Francisco	Santo do hagiológico católico romano	[SN(Apoc. +SN(N))]	Hagiotopônimo
	Monte Sião	Referência Bíblica	[SN(SN + SN)]	Hierotopônimo
	Caracanã	Ave	[SN(N)]	Zootopônimo
	Pato	Ave	[SN(N)]	Zootopônimo
	Milho	Homenagem à morada anterior	[SN(N)]	Corotopônimo
	<i>Pare' wiri'</i>	Órgão genital feminino	[SN(N) + (N)]	Gonotopônimo
	<i>Prododó</i>	Ave	[SN(N)] em MK	Zootopônimo
	<i>Ayan'kanan</i>	Mito	[SN(N) + (?)]*	Mitotopônimo
	Topa Pé	Expressão da oralidade	[SN (SV(V)+ SN(N))].	Dirrematopônimo
	Tocantins	Ave	[SN(N)]	Zootopônimo
	<i>Imi non</i>	Panela de barro	[SN(N) + (N)]	Ergotopônimo
	<i>Willimon</i>	Astro sol	[SN(N) + (Suf) +(Cop)]	Astrotopônimo
	<i>Popó</i>	Sentimento de tristeza	[SN (N)+ Posp.] em MK; [SN (SN+SN)] em MK+ PB.	Animotopônimo Disfórico
Fazenda de Seu Deca	Dono da Fazenda	[SN (SN+SP(Prep.+Pron + SN)]	Antropotônimo	
<i>Uiramutã</i>	Mito	PB [SN(N)] e/ou [SN(SN(N)+SN(N)) Farinha = boca e/ou [SN(N) + SV(V)] Farinha + pegar, em MK	Mitotopônimo	
N O V A V I D A	Nova Vida I	Indicador cronológico	[SN(SN+SN)]	Cronotopônimo
	Santa Rosa	Santo do hagiológico católico romano	[SN(Apoc. +SN(N))]	Hagiotopônimo
	Vista Nova	Indicador cronológico	[SN(SN+SN)]	Cronotopônimo
	<i>Paruê</i>	Fruto	[SN(N+SP(Posp.)) em MK	Fitotopônimo
	Caxirimã	Bebida	[SN(N)] em PB	Ergotopônimo
	<i>Kasirimí</i>	Bebida	[SN(N) + SP (Posp.) em MK	Ergotopônimo
	Tabatinga do Entrocamento	Barro	[SN(N) + SP(Prep.+N)]	Litotopônimo
	Makunaima	Mito	[SN(N)]	Mitotopônimo
	<i>Uiramutã II</i>	Mito	PB [SN(N + Num)] e/ou [SN(SN(N)+SN(N)+ Num] Farinha = boca e/ou [SN(N) + SV(V) + Num] Farinha + pegar, em MK	Mitotopônimo
São Francisco	Nome do antigo Tuxaua	[SN(Apoc. +SN(N))]	Hagiotopônimo Aparente	

\*Usou-se '(?)' para indicar que o sintagma está em fase de definição e que carece de mais investigação, para somente depois definir-se sua estrutura.

Os topônimos atuais (25) e anteriores (16) de natureza humana (AH), apreciados nesta seção, em sua maioria, têm origem na língua indígena, embora modificados, como

*Camararen, Caxirimã, Prododó, Paruê e Uiramutã*; outros foram substituídos totalmente por nomes em PB como São Mateus, Triunfo, Barreirinha e Milho, o que se corrobora com a hipótese de que os nomes de lugar mesmo em PB têm na subjacência outro na língua indígena. Isso revela notações cristalizadas nos topônimos atuais ou em nomeações anteriores.

Outra observação é o fato do signo linguístico apresentar uma estrutura simples [SN(N)] na maioria dos designativos como Pato; Samaúma; Triunfo e *Caxirimã*, embora outras construções mais complexas se evidenciem, *Popó*, constituição híbrida de MK + PB, [SN (SN+SN)]; [SN (N) + Posp.] – MK; *Monte Sião*, [SN(SN + SN)]; *São Francisco*, [SN(Apoc.+SN(N)) e *São João do Galo*, [SN(Apoc.+SN(N)+SP(Prep.+N)], nesse contexto, a estrutura apresentada é a do PB, considerando ser um processo complexo a análise específica em línguas indígenas das composições sintagmáticas porque exige o conhecimento da língua. Observa-se, por exemplo, que as línguas MK e Ingaricó parecem não ter a classe dos adjetivos (PAYNE; PAYNE, 2013; ARAÚJO, CRUZ 2017). No entanto,

as línguas são sintaticamente produtivas na categoria de Sintagma Posposicional [SN(N) + SP (Posp.)] *Wa 'kasi ponkon* ‘machado’+‘coletivo’ ou como [SN(N)+SP (Posp.)] em *A 'na yen* ‘milho’+‘buraco, boca’, respectivamente em Makuxi e Ingarikó (ARAÚJO; CRUZ, 2017, p. 178).

As ocorrências em MK, neste trabalho, também se apresentam em situação de posposição, como em *Kasirimî* em MK → subst. *kasiri* ‘bebida’ mî (posp. Demonstr) (G. P. UIRAMUTÃ, 2018). ‘este, esta’, seguido de uma posposição que funciona como uma locução, cuja estrutura poderia ser [SN(N) + SP(Posp.)] em função da tradução ‘pega essa bebida’, ‘aqui tá a bebida’, ‘pega esse *kasiri*’.

## 6.5 O mundo toponímico das águas e pedras

Este espaço trata dos elementos que foram aflorando durante o trabalho de campo. São topônimos de natureza física, cachoeiras, igarapés, lagos, pedras, monte e serras cuja importância abriu espaço para compor este trabalho. A natureza é para os indígenas a Mãe de todos, dela se esperam sustento e proteção para a vida, como enaltece o A.L (2018), de *Camararen*, taí a Natureza livre, e se fosse cuidar, teria tudo, por isso também é referenciada nos topônimos. Cuidou-se, portanto, de olhar para esses designativos e correlacioná-los com a ideia de que o indígena tem uma forma muito singular de ver e sentir a natureza, materializando esse sentimento nos topônimos.

Nesse contexto apresentam-se muitos outros topônimos que foram identificados à medida que as visitas aconteciam, de tal modo que não poderia ficar à margem deste trabalho

a valiosa contribuição. Em São João do Galo: *Saruru*, MK, ‘cachoeira pequena’, PB; *Kriwnakrí iwîttî*, MK, ‘igarapé do galo’, PB e *Kriwnakrí wî*, MK, ‘serra do galo’, PB.

Em Barreirinha, Jenipapo dá nome ao igarapé, à serra e a um rego que vem de Normandia, município fronteira de Uiramutã; o igarapé do Panela, esse ligado no rio *Waikin* ~ *Uaiquin*<sup>75</sup>, em MK, ‘veado’, “animal que se alimenta de capim, sua carne é saborosa e muito recomendada como alimento para os atletas no passado por causa da força do referido animal” (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 128); igarapé *Tucumã*, e igarapé */kutikiye/* ~ */kura'tiki ye'*, MK, “pé do Caimbé”, igarapé do Caimbé. Tudo que entra aí, com essa expressão reforçando a abundância de água na região (G. S. BARREIRINHA, 2018). Outros topônimos em MK foram registrados: rio *Waikin* que significa, ‘veado’, animal que se alimenta de capim; igarapé *Wî' iwîttî*, do MK, ‘igarapé que corre’; *Kura'tiki ye'*, ‘igarapé do Caimbé’.

Em Monte Sião, topônimos de cachoeiras e rios, *Wîrî' Ma'pî* ‘cachoeira da menina’; *Suisui imeru* ‘cachoeira da Andorinha’ (D. P. MONTE SIÃO, 2018); rio *Waira-n si ka-pî* = *Waira-n* ‘anta-suf. origem do lugar’; *si* = ‘é’, *ka* = ‘para (água)’ - *pî* = suf. passado, ‘rio da Anta’, ‘a onça que caiu na água do rio’. Em Prododó, para rio Ailã, em PB, *Waiyan*, na língua Ingaricó, significa ‘lugar da anta’, similarmente ao MK, *waira* = *anta*.

Segundo o informante, com “r”, explica e dá exemplo, as Cachoeiras do rio *Waira*, em *Makusi* não têm “l”, uma delas, *Waira'sik'tî*, ‘pica da anta em português’ (S. C. MONTE SIÃO, 2018). A cachoeira recebeu esse nome, diz o narrador, porque os antigos caçadores espantavam as antas do mato para a cachoeira do rio, assim a anta era caçada. Segundo a história, o pau da anta virou uma pedra que tem seu formato, a pica dele, ficou lá, empedrou, diz o informante. Etimologia em MK, *Waira'*, ‘pênis’, em PB (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 235); *Waira*, ‘anta’, em PB (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 180); *tî*, ‘pedra’, em PB (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 234). *Waira'itî*, ‘pênis da anta’, “pica da anta” (S. C. 2018, MONTE SIÃO, 2018).

Houve risos nesta entrevista porque alguns diziam que *Waira'* que significa pênis (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 164), poderia ser também o nome do rio Ailã, em MK, rio *Waira*, (RAPOSO; CRUZ, 2016; AMÓDIO; PIRA, 2007). Seria aí uma discussão acerca do verdadeiro nome do rio Ailã? Topônimo perfeitamente aceitável, já que naquela região há

---

75 “Uaiquim, Rio, afl. m. d. do Majarí, da baía do Uraricuera, no Estado do Amazonas. Étimo: do Makusi uaiquim, veado capoeiro. Bibliografia: Nimuendajú, Makusi, 362; Braz de Aguiar, Fronteiras, 264”. (apud CARDOSO, 1961, p. 376).



outros topônimos como *Piipu yawî*, serras da ‘Vagina’ e uma comunidade cujo topônimo anterior é *Parê worî ~ Parê wîri*, ainda é reconhecido e significa ‘vulva da mulher’.

Na comunidade Pato, a Cachoeira do *Waronka ye*, s. bambu, em PB. *Waronka ye’ pîmî’ pîuya unmîri ya.* ‘Plantei bambu na minha roça’ (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 130). *Waronka* ‘bambu’, *ye* ‘pé’, ‘pé de bambu’, em PB. Em Topa pé, também foram identificadas cachoeira do Magro e as serras Topa Pé e Mato Verde. Já em Popó o regozinho *kari’sa*, em MK, ‘Grilo’, em PB, que é o mesmo igarapé do Grilo; o *Iku’pî*, em MK, ‘lago Grande’, em PB.

Em Nova vida I, ratificando as falas dos entrevistados acerca dos antepassados desconhecerem o valor de dinheiro, exemplificaram com a Serra de *Ururi* ‘ouro’ que recebera esse nome pela existência em grande quantidade do minério na região. E, em Caxirimã como elemento da cultura o topônimo *waito’pan* ‘igarapé tipo balde’ ~ *yatoban*. Em São Francisco há ainda o topônimo do igarapé Flecha em PB, *Truiupê ~ Prîupî*, o nome deve-se à presença do vegetal na beira do rio.

Em Tabatinga do Entroncamento foram identificados outros topônimos em MK: *marakana’tî* ‘pedra grande do rio’, ‘chefe do Maracaná’; *Menê spin* ‘serra do Menê’; *Menê ustî* ‘igarapé do menê’; *Piipu wî* ‘serra da Periquita’, ‘órgão genital feminino’, refere-se ao uso de vocábulo coloquial para a parte exterior do aparelho genital feminino dos mamíferos; vulva<sup>76</sup>; igarapé do *Paruê* “bebida feita de beiju queimado, diferente do *Pajuaru*, este é deitado, elevado; *pajuru* ‘elevado’ significa a forma de fazer a bebida a partir do beiju (a matéria-prima), o qual fica em repouso na folha da bananeira e depois de dois ou três dias, já fermentado, dá-se a retirada da massa, o que se chama ‘levantar o *pajuru*’ (DENIVALDO, 2019).

Os itens que estão dispostos a seguir compreendem os elementos pertinentes a acidentes geográficos, especialmente as águas e as pedras, os quais fazem parte da paisagem local. O quadro 5 descreve de forma genérica os subitens conforme cada coluna: Topônimo, Localização, Etimologia, Motivação e Taxionomia.

---

76 Etim. para vulva, do lat. *volva*, *ae* ‘vulva, útero, madre’, conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos (HOUAISS, 2009).

Quadro 5 - Toponímia das águas e pedras - Acidentes Físicos

TOPÔNIMO	LOCALIZAÇÃO	ETIMOLOGIA	MOTIVAÇÃO	TAXIONOMIA
<b>CACHOEIRAS</b>				
Andorinha <i>Suisui imeru</i> (MK)	Com. Andorinha.	<b>Andorinha</b> , do lat. diminutivo de <i>hirundina</i> , do lat. <i>hirundine</i> 'andorinha', com influência de andar por ser um pássaro andejo (NASCENTES 1966, p. 43). Do lat. <i>harundina</i> , de <i>harundo</i> , andorinha. (MACHADO, 1989, v. I, p, 249). <b>Suisui</b> , 'andorinha/onomatopeia', <i>Suisui mîkîrî kono' era 'mai itî kai.</i> 'A andorinha vai buscar chuva' (Amódio; Pira, 2007, p. 180).	Presença da ave	Zootopônimo
Canta Galo <i>Kriwnakrî imeru</i> (MK)	Com. Uiramutã	<b>Cantar</b> (verbo), Etim. do lat. <i>canto, as, ávi, átum, áre</i> 'cantar (o homem ou as aves); emitir (a ave) som audível, não necessariamente musical (HOUAISS, 2009). <b>Galo</b> , do lat. <i>gallus, i</i> 'galo (ave)', designação comum às aves galiformes, do gênero <i>Gallus</i> , da família dos fasianídeos (HOUAISS, 2009). Narrativa oral, cachoeira <b>Canta Galo</b> , onde vovó encontrou galinhas brancas (W. R. S. JOÃO DO GALO, 2018). Araújo (2014) registrou a mesma história na comunidade Canta Galo, do município de Pacaraima na TIRSS (ARAÚJO, 2014).	Presença do Mito do Galo que canta	Mitotopônimo
<i>Saruru imeru</i> (MK)	Com. São João do Galo	<b>Saruru</b> , Cachoeira pequena, <i>Saruruya moro 'yamî atta pinî pî man.</i> 'Os peixes estão pegando na cachoeira pequena' (AMÓDIO; PIRA, p. 153).	Refere-se às dimensões do AF	Dimensiotopônimo
Caranguejo	Sed. Uiramutã	<b>Caranguejo</b> , da esp. <i>cangrejo</i> , através das	Presença do animal	Zootopônimo

<i>Aya'imeru</i> (MK)		formas cangrejo, cranguejo e, com anaptixe, caranguejo. (NASCENTES 1966, p.148); (MACHADO, 1989, v. II, p. 69). <i>Aya'</i> , <i>Aya'ya uye ka'pi</i> . 'O caranguejo me mordeu' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 191).		
Cotingo <i>Kuwati-ko</i> (MK)	Com. Uiramutã	<b>Cotingo</b> , aportuguesamento de <i>Kuwatin</i> ~ <i>Kuwati-ko</i> , animal-lugar de origem da esp. (CRUZ, LARANGERA, 2010). <b>Kuwati-ko</b> , em MK > 'Cotingo' em PB, que significa quati.	Presença do animal	Zootopônimo
Da Menina, <i>Wirí'ma'pí</i> (MK)	Com. Monte São.	<b>Menina</b> , feminino de menino, de origem controversa. (NASCENTES 1966, p. 482). <b>Wirí'</b> , <i>Wirí'pe inre man</i> . 'A nenê dela é mulher' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 166).	História de duas irmãs narrada na Com. Monte São (D. P., 2018)	Mitotopônimo
<i>Maiú</i> (WP)	Sed. Uiramutã	<b>Maiú</b> , do tupi <i>ma'u</i> . (NASCENTES 1966, p. 476). Célebre rio fronteiro entre o Brasil e a Guyana Britânica, no Estado do Amazonas. Étimo: do Uapixana <i>maiú</i> , sapo (CARDOSO, 1961, p. 362); a palavra se refere, na ornitologia brasileira, à ave passeriforme, da fam. dos cotingídeos ( <i>Perissocephalus tricolor</i> ), de distribuição amazônica, com cerca de 35 cm de comprimento (HOUAISS, 2009).	Refere-se a animal	Zootopônimo
<i>Paiúá</i> (MK)	Sed. Uiramutã	<b>Paiúá</b> > bebida da gastronomia indígena feita à base da mandioca (RORAIMA DE FATO); bebida feita de beiju queimado.	Refere-se à bebida	Ergotopônimo
João Tropeiro	Sed. Uiramutã	<b>João Tropeiro</b> , um dos nove pais de família não índio que viviam na comunidade Água Fria (SOCIOAMBIENTAL 2019). Para este estudo não foi analisada a Antroponímia de 'João Tropeiro'.	Relativo a nome próprio individual	Antropotopônimo
Pato <i>Maiwa'meru</i> (MK)	Com. Caracanã	<b>Pato</b> , etim. de origem onomatopeia, desig. comum às aves anseriformes da família dos	Presença da ave	Zootopônimo

		<p>anatídeos, aquáticas, que geralmente possuem grande porte (HOUAISS, 2009); onomatopeia alusiva ao andar pesado da ave (NASCENTES, 1966, p. 559).</p> <p><i>Maiwa'</i>, em MK, /<i>Maiwa'</i>/ [<i>Maiwa'</i>] <i>munkuyamí' pokai uuutí'pí</i>. 'Eu fui flechar filhote de pato' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 233). <i>Maiwa'meru</i>, 'pato' 'cachoeira', em MK.</p>		
Do Magro	Com. Topa Pé	<p><b>Magro</b>, do lat. <i>macru</i>, 'magro, delgado, fino'. (NASCENTES 1966, p. 460); (MACHADO, 1989, v. IV, p. 23). O topônimo só aparece em PB, embora seja possível a construção: <i>Karawa</i> 'gordo', <i>pan</i> (Neg) em MK.</p> <p><i>Karawa</i> 'gordo' <i>pan</i> 'Neg' é [SP(SN) + SP(Posp.)]. Posposição em MK.</p>	Não se aplica	Não se aplica
<i>Waronka ye'</i> (MK)	Com. Pato	<p><i>Waronka ye'</i>, s. bambu, em PB. <i>Waronka ye' pîmî' pûya unmîrî ya'</i>. <i>Plantei bambu na minha roça</i> (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 130). <i>Waronka</i> 'bambu' <i>ye'</i> 'pé' em MK.</p>	Presença do vegetal	Fitotopônimo
Sete Quedas	Sed. Uiramutã	<p><b>Sete</b>, do lat. <i>septem</i>. (NASCENTES, 1966, p. 685). Do lat. <i>septe</i>. (MACHADO, 1989, v. V, p. 190).</p> <p><b>Queda</b>, arc. <i>caeda</i>, fem. do part. de <i>caer</i>, hoje cair massa de água que cai; cascata, queda-d'água (MACHADO, 1989, v. IV, p.13) (HOUAISS, 2009).</p>	Refere-se ao número de quedas da cachoeira	Numerotopônimo
Urucá, <i>Uru ka'</i> , (MK)	Sed. Uiramutã	<p><b>Urucá</b>, palavra que sofreu um processo de aportuguesamento <i>karuukuri</i> 'ouro', em MK para Urucá em PB. Composição decrita no quadro 2 desta tese.</p>	Presença do mineral	Litotopônimo

IGARAPÉ				
Caxirimã, <i>Kasirimî</i> , (MK)	Sed. Uiramutã	<b>Caxirimã</b> , é uma bebida feita com beijuçu fermentado em água, especiaria da gastronomia indígena. (AMÓDIO; PIRA, 2007, 129). Palavra que sofreu aportuguesamento, resultado de um processo de interação entre garimpeiro e indígena. Perguntava-se pelo <i>Caxiri</i> e o indígena respondia: em MK, <i>mî</i> ‘está aqui! É este!’. <b><i>Kasiri + mî = Kasirimî</i></b> : (RELATÓRIO PROCESSO CNPQ Nº 481540/2011-3).	Bebida	Ergotopônimo
Buritizal	Sed. Uiramutã	<b>Buriti+z+al</b> , extenso aglomerado de buritis em determinada área (HOUAISS, 2009). <b>Buriti</b> do tupi <i>mburi'ti</i> . (NASCENTES, 1966. p.118). Do Tupi <i>mbîriti</i> , nome da palmeira. (MACHADO, 1989, v. I, p. 475). <b><i>kuwai</i></b> . <i>Kuwai era'mai uutî</i> ‘Vou buscar buriti’, em MK, (AMÓDIO; PIRA, 2007, 188).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<i>Rati</i>	Com. Camararen	<b><i>Rati</i></b> ~ <i>Ra'ti</i> [ <i>Ra'di</i> ], esp. de peixe, <i>Xidaua</i> , perigoso por causa de seus dentes. <i>Rati kaiwan puusa ipoo</i> . ‘ <i>Xidaua</i> assado é saboroso’ (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 107)	Presença do peixe	Zootopônimo
Socó	Ret. São Jorge	<b>Socó</b> , do Tupi <i>só'kó</i> . (NASCENTES 1966, p. 695). Do tupi <i>ço= 'ir' + co = ‘batendo’</i> , socando ou manquejando: ‘bate vai ou batendo vai’; <i>on de çoó= bicho+có= “manter, apoiar ou arrimar: bicho que se arrima, ave que se apoia em um pé só”</i> . (Cf. Theodoro Sampaio). (MACHADO, 1989, v. V, p. 217).	Presença da ave	Zootopônimo
Flecha	Com. Flechalzinho	<b>Flecha</b> , etimologia do fr. <i>flèche 'id.'</i> , haste com uma das extremidades pontiaguda e a outra chanfrada, para ser arremessada com arco ou besta; frecha, seta (HOUAISS,	Presença do vegetal	Fitotopônimo

		2009). “... tem pés de flecha”, uma planta também conhecida como ‘cana do rio’” (N. S. FLECHALZINHO, 2018).		
Jenipapo	Com. Barreirinha	<b>Jenipapo</b> , do Tupi <i>ñandi’pab</i> . Mancha escura na região lombar dos mestiços lembrava aos índios a pintura de sua pele com óleo escuro de jenipapo (NASCENTES, 1966, p. 428). <i>Ruku, emí’as nanenwaikin</i> . ‘o veado come jenipapo maduro’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, 219).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<i>Kuratiki ye’</i> (MK)	Com. Triunfo e Barreirinha	<b><i>Kuratiki ye’</i></b> , / <i>Kutikiye/</i> ~ / <i>Kura’tiki ye’</i> /, ‘pé do Caimbé’. <i>Kura’</i> = ‘caimbé’, <i>tiki</i> = ‘pequeno’, conj. <i>Ye’</i> = ‘pé’ ‘pé do caimbé pequeno’, ‘agrupamento da planta’, ‘caimbezal’. <b>Caimbé</b> , do tupi <i>kai’be</i> , ‘erva rasteira’. (NASCENTES, 1966, p.129).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<i>Makuken</i> (MK)	Com. Makuken.	<b><i>Maku’</i></b> , em MK, ‘taxi’, em PB, tem-se <i>Maku’ era’mai anna wítî</i> . ‘Nós fomos buscar taxi’, (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 134), <b><i>Iken</i></b> , em MK, boca, ‘boca do rio’, em PB, tem-se <i>Konai pe uutî sîrîrî iwítî ken pona</i> . ‘Vou pescar na boca do igarapé’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 186).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<i>Wî’iwítî</i> (MK)	Com. Barreirinha	<b><i>Wî’iwítî</i></b> , do MK, ‘igarapé que corre’ (G. S, BARREIRINHA, 2018), uma metáfora para a água do igarapé. <i>Iwítî</i> = ‘igarapé’; <i>wî</i> = ‘serra’ trad.: ‘igarapé que corre da serra’. <i>Wî’pona iwononse uutî sîrîrî</i> . ‘Vou para a serra para caçar’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 166).	Presença de água corrente.	Litotopônimo

<i>Karaka</i> (MK)	Com. Caracanã e Nova Vida I	<i>Karaka</i> esp. gavião, em MK; ‘cará cará’, em PB. <i>Karakaya kariwana more api’ sî’ pî</i> . ‘O cará cará pegou o pinto’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 128).	Presença da ave	Zootopônimo
Panela	Com. Barreirinha	<b>Panela</b> , de <i>pannella</i> , dim. do lat. vulg. <i>panna</i> “frigideira”. (NASCENTES 1966, p. 548); (MACHADO, 1989, v. IV, p. 292). <b>Innî non</b> , ‘panela de barro’ em MK (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 232). A designação de panela em MK é muito usada, no entanto o topônimo é reconhecido apenas em PB.	Presença do utensílio	Ergotopônimo
<i>Tucumã</i> (TP)	Com. Barreirinha	<b>Tucumã</b> , do tupi <i>tuku’mã</i> . (NASCENTES 1966, p. 754; MACHADO, 1989, v. V, p.348).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
Canta Galo	Com. Caracanã	Narrativa oral. Mesma etim. de cachoeira Canta Galo, neste quadro.	Presença do mito	Mitotopônimo
<i>Prododó</i> (MK)	Com. Prododó	<b>Poró’to’to</b> [ <i>prododo</i> ] em MK, coruja. <i>Poró’to’to mĩlkĩrĩ e’morono’pan</i> . ‘A coruja é dorminhoca’(AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 198).	Presença da ave	Zootopônimo
<i>Maiwa</i> (MK)	Com. Pato	Mesma etim. de cachoeira do Pato, neste quadro.	Presença da ave	Zootopônimo
<i>Innî non</i> (MK)	Com. Topa Pé	<b>Innî non</b> , / <i>Innî non</i> / <i>Innî</i> =panela; <i>non</i> =barro em MK. <i>Innî konekasaiya man</i> . ‘Ele fez uma panela de barro’(AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 232).	Presença do barro	Litotopônimo
<i>Maipa</i> (MK)	Com. Nova Vida I	<b>Maipa</b> ~ / <i>waipa</i> ’, ‘ingá’ em PB. <i>Maipa enanen iwaika</i> . ‘O macaco come ingá’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 185).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<i>Wei</i> (MK)	Com. Nova Vida I	<b>Wei</b> , em MK; sol, em PB. <i>A’ne pe wei man</i> . ‘O sol está quente’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 165). Igarapé Sol em PB.	Refere-se ao astro sol	Astrotopônimo

<i>Waito'pan</i> (MK)	Com. Caxirimã	<p><b>Waito'pan</b>, /waito'pan/ ~ /yatoban/, igarapé tipo balde (JA, CAXIRIMÃ, 2018);</p> <p><b>Wai</b>, balde. <i>Maamaya wai yennasa man</i>. 'Mãe comprou um balde' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 185).</p> <p><i>waito'pan/ ~ /yatoban/</i>, wai='balde' - to'='instrumental' Posp.'de' 'É do', 'de', 'para balde'.</p>	Elemento da cultura	Ergotopônimo
<i>Mene'ne iwítí</i> (MK)	Com. Tabatinga do Entrocamento	<p><b>Mene'ne iwítí</b>, /menê/ ~ <b>Mene'ne</b>, 'cupim'. <i>Mene'ne ta aman ewoní'pí man</i>. 'A jiboia entrou dentro do cupim' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 136).</p> <p><b>iwítí</b>, 'igarapé' em MK (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 216)</p> <p>Para <i>Mene'ne</i> = 'cupim'; <i>iwítí</i> = 'igarapé'. <i>Mene'ne iwítí</i> 'Igarapé do cupim'.</p> <p>/menê ustí/ 'insetozinho' (D. B. TABATINGA DO ENTROCAMENTO, 2018).</p>	Presença do animal	Zootopônimo
<i>Waira'ití</i> (MK)	Com. Monte São	<p><b>Waira'ití</b>, A narrativa de S.C. (2018) diz que há a pedra em formato de pica da anta, item 6.3.4, desta tese.</p> <p>1. <i>Waira'ití</i>, pedra 'pênis da anta';</p> <p>2. <i>Waira'</i>, 'pênis', em PB (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 235 )</p> <p>3. <i>Waira</i>, 'anta', em PB (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 180 )</p> <p>4. <i>tí</i>, 'pedra', em PB (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 234).</p> <p>A partir das informações obtidas, a compreensão dos nomes é anafórica em alguns momentos. Recebem o mesmo topônimo o igarapé, a serra e a pedra.</p>	Refere-se ao órgão genital da anta	Gonotopônimo



<i>kari'as</i> (MK)	Com. Popó	<i>kari'sa</i> , <i>Ewaron kaisirê tenunkai mîkîrî kari'as</i> . 'Toda noite o grilo canta', em PB (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 215). <b>Grilo</b> , do lat. <i>grillus</i> , 'grilo (inseto)', design. comum aos insetos ortópteros da fam. dos grilídeos, que ger. possuem coloração escura e produzem som através de aparelho musical formado pelas nervuras das asas anteriores dos machos (HOUAISS, 2009).	Presença do animal	Zootopônimo
<i>Paiuá</i> (MK)	Com. Tabatinga do Entroncamento	Mesma etimologia de Cachoeira do <i>Paiuá</i> , neste quadro.	Refere-se a elemento da cultura	Ergotopônimo
Uiramutã	Sed. e Com. Uiramutã	<b>Uiramutã</b> , <i>Uyi</i> = 'farinha', <i>mîta</i> = 'vai' 'vai buscar farinha'; <i>Iren mîta</i> = 'boca do rio'; vincula-se também ao mito da boca do (peixe) <i>aymará</i> . Mesma etimologia da cidade de Uiramutã, quadro 2.	Presença do Mito	Mitotopônimo
<i>Paruê</i> (MK)	Com. Tabatinga do entroncamento	1. <i>Paruê</i> , em PB, <i>Paruwe ~ Paruru Ye'ka, Mararon pepin paruru ye'konpi' taato</i> . 'Bananal, lugar onde há plantação de banana' (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 99).	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<b>LAGO</b>				
Grande	Com. Popó	<b>Grande</b> (Adjetivo), do lat. <i>grande</i> . Suplantou <i>magnus</i> ; "de grandes proporções, de idade avançada, o estilo sublime, estilo de grandes proporções, imponente" (NASCENTES 1966, p. 364); (MACHADO, 1989, v. III, p.172). <i>Iku'pî</i> , lago em MK. <i>Iku' pî ka uutisîrîrî</i> . 'Vou para o lago' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 120). O topônimo aparece apenas em PB.	Registra a dimensão do lago	Dimensiotopônimo

PEDRA				
<i>Marakana 'tî</i> (MK)	Com. Tabatinga do Entroncamento	<i>Marakana 'tî</i> , 'pedra grande do rio', 'chefe do Maracanã' (D. B. TABATINGA DO ENTRONCAMENTO, 2018) <i>Marakan</i> , 'pássaro verde'. <i>Marakan mûkîrî kuwai enanen</i> . 'O maracanã come buriti'. (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 135) <i>Marakana</i> = 'passaro' 'tî' = 'pedra' 'pedra do pássaro verde'.	Presença da ave	Zootopônimo
<i>Waira 'itî</i> (MK)	Com. Monte Sião	Mesma etimologia do igarapé <i>Waira 'itî</i> , neste quadro.	Refere-se ao órgão genital da anta	Gonotopônimo
<i>Aimará</i> (MK)	Com. Caxirimã	<i>Aimará</i> , Certo dia, descobriram essas pedra, as barra, é um trairão, nós chamamos de Aimará aqui na nossa região, foi o Insikiran com o Anikê que correram atrás do peixe Aimará (JA, 2018). Peixe, esp. <i>Aimará</i> ~ <i>Aima</i> , 'trairão'. <i>Ipo mûkîrî aima</i> . 'O trairão é gostoso' (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 250).	Presença do Mito do Aimará	Mitotopônimo
REGO				
<i>kari 'as</i> (MK)	Com. Popó	Mesma etim. do Igarapé <i>kari 'sa</i> , neste quadro.	Presença do animal	Zootopônimo
Jenipapo	Com. Barreirinha	Mesma etim. do Igarapé Jenipapo, neste quadro.	Presença do vegetal	Fitotopônimo
RIO				
<i>Kambaru</i> (MK)	Com. São Mateus	<i>Kambaru</i> , /kambaru/ ~ /kamburuká/ ~ /cambará/. <b>Cambará</b> , o mesmo que camará. Do tupi <i>kuma 'rá</i> . (NASCENTESS 1966, p. 134,135). Machado (1989, v. II, p. 43), do tupi <i>camará</i> .	Presença do vegetal	Fitotopônimo

		Árvore frondosa ( <i>Vochysia divergens</i> ), da fam. das voquiáceas, nativa do Brasil (GO, MS, MT), de folhas coriáceas, flores amarelas em racemos terminais e frutos capsulares (HOUAISS, 2009).		
Uailã ~ Ailã; <i>Wairan</i> (MK)	Com. Monte Sião; C. Milho; C. Prododó	Uailã ~ Ailã; <i>Wairan</i> , em MK. Rio <i>Wairan Sika pî</i> 'rio da Anta'. <i>Waira-n</i> 'Anta-da', 'de origem do lugar' <i>Si-</i> 'ê', <i>ka</i> = para(água)'- <i>pî</i> = 'passado'; Trad.: 'era lugar da anta' 'a onça que caiu na água do rio'.	Presença do animal	Zootopônimo
<i>Waikin</i> ~ Uaiquin (MK)	Com. Barreirinha	<b><i>Waikin</i></b> ~ Uaiquin que se chama em MK, rio <i>Waikin</i> , 'veado', "animal que se alimenta de capim, sua carne é saborosa e muito recomendada como alimento para os atletas no passado por causa da força do referido animal", segundo Raposo; Cruz, 2016, p. 128 e Cardoso, 1961, p. 376.	Presença do animal	Zootopônimo
<i>Iren</i> (MK)	Com. Camararen; Uiramutã; Caxirimã	<b><i>Iren</i></b> 'rio' <i>Kanawa eseuronka pî iren ka</i> . 'A canoa afundou no rio' (AMÓDIO; PIRA 2007, p. 123). Trata-se do mesmo rio Maú, cuja etim. Já foi descrita em Cachoeiras do Maú neste quadro.	Presença do animal	Zootopônimo
<b>SERRA</b>				
Mato Verde	Com. Topa Pé	<b>Mato</b> , de mata. (NASCENTES 1966, p. 476); (MACHADO, 1989, v. IV, p. 78). <b>Verde</b> , a cor da relva. Etim. do lat. <i>virides</i> , e ' <i>verdejante</i> , planta ou mato que é verde, a cor verde' (HOUAISS, 2009).	Refere-se à vegetação	Fitotopônimo
<i>Kamaran</i> (MK)	Com. Camararen	<b><i>Kamaran</i></b> , espírito que repete o som (mito) (...) <i>Kamaranya more yekaaton yapi' sí pî</i> . 'O Eco pegou a sombra da criança' (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 70). <i>Kamara yen</i> . <i>Kamara</i> = 'pássaro', esp.	Presença do mito	Mitotopônimo

		<i>Yen</i> =’boca’, posp. Trad: ‘A boca do pássaro’.		
Lagarta	Com. Triunfo	<b>Lagarta</b> , de um lat. vulg. <i>lacarta</i> , em vez de <i>lacerta</i> , ‘lagarto’. (NASCENTES 1966, p.436). Para Machado (1989, v. III, p. 373), do lat. <i>lacartu</i> , por <i>lacertu</i> . No séc. XVI aparece como designação do ‘crocodilo’. Em MK, <i>Arari. Arari roraya kîsera yaku</i> . ‘A lagarta verde come maniva’ (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 220)	Refere-se à lagarta que infesta mata se esta for queimada	Zootopônimo
Monte Sião	Com. Monte Sião; Caracanã; Makuken	<b>Monte</b> , do lat. <i>monte</i> . ‘montanha, monte; fig., monte, montanha, grande quantidade, massa enorme, qualquer tipo de proeminência rochosa’. (NASCENTES, 1966, p. 500); (MACHADO, 1989, v. IV, p. 162). <b>Monte Sião</b> , referência bíblica, trata-se de uma colina de Jerusalém, conquistada pelo rei David.	Referência bíblica	Hierotopônimo
Curupira	Com. Andorinha	<b>Curupira</b> , do tupi <i>kuru’pir</i> , ‘o coberto de pústulas’. (NASCENTES 1966, p. 225). Para Machado (1989, v. II, p. 269), do tupi <i>curupyra</i> , ‘o chagado, o coberto de feridas e tumores. Gênio da mitologia selvagem que presidia os maus sonhos e pesadelos’. O mito “Atatai, s. Nombre de Piaimá/Tatai” é conhecido também por Piai-má (ARMELLADA; SALAZAR 1981, p. 23), o monstro da Serra do Curupira.	Refere-se ao ente fantástico da Floresta	Mitotopônimo
Topa Pé	Com. Topa Pé.	<b>Topa</b> (verbo), deverbais de topar. Da onomatopeia ‘top’, que representa um choque brusco. (NASCENTES 1966, p. 736,737); (MACHADO, 1989, v. V, p. 315). <b>Pé</b> , do lat. <i>pes</i> , <i>pèdis</i> ‘pé’ extremidade do	Refere-se à ação de topar	Dirrematopônimo

		<p>membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar (HOUAISS, 2009).</p> <p><b>Topa pé</b>, a partir das informações obtidas, a expressão é usada porque as pessoas topavam muito nas pedras da serra (CL. TOPA PÉ, 2018).</p>		
<i>Piipu yawi</i> (MK)	Com. Tabatinga do Entroncamento	<p>Informações obtidas na narrativa oral. Diz-se do topônimo de duas serras que juntas têm formas populares para órgão genital feminino.</p> <p>1. <i>Piipu ya wî</i>, ‘serras da Periquita’ ‘vagina’ (C. L.TABATINGA ENTRONCAMENTO, 2018);</p> <p>2. <i>pi’pu</i>, vagina. <i>Wirî pi’pu erekatasa man</i>. ‘vagina da mulher está ferida’ (AMÓDIO; PIRA, 2016, p. 253).</p> <p>3. Periquita ‘parte íntima da mulher’ ‘órgão genital feminino’ (C. L.TABATINGA ENTRONCAMENTO, 2018).</p> <p>Trad.: <i>Piipu ya wî</i>, <i>Piipu</i>= ‘vagina’ <i>ya</i>= ‘da’ <i>wî</i> ~ <i>wîrî</i>= ‘mulher’. Trad.: ‘vagina da mulher’.</p>	Refere-se ao formato das serras	Gonotopônimo
<i>kamaara</i>	Com. Popó	<i>kamaara</i> ~ <i>kamaran</i> , considera-se a mesma etim. da Serra <i>kamaran</i> , neste quadro. Em PB recebe o nome de Serra do Eco, pelo mesmo motivo da MK. Camararen,	Presença do mito	Mitotopônimo
Torre	Com. Uiramutã.	<b>Torre</b> , do lat. <i>turre</i> (clássico turrin) (NASCENTES 1966, p. 789); (MACHADO, 1989, v. V, p. 318). Diz-se de ‘torre em madeira (com andar, obra de sítio), torre levada por um elefante, casa elevada, castelo,	Diz-se do formato da serra	Geomorfotopônimo

		palácio, pompal, quadrado (formação de combate)’ (MACHADO, 1989, v. V, p. 318).		
Jenipapo	Com. Barreirinha	Mesma etim. do Igarapé Jenipapo, neste quadro.	Presença do vegetal	Fitotopônimo
<i>Mo'mo</i> (MK) serra do Colar	Com. Uiramutã; Tabatinga do Entroncamento	<b>Mo'mo</b> . Colar. <i>Ko'ko'yamî'mo'mo konekasa man</i> . 'Vovó fez um colar' (AMÓDIO; PIRA, 2016, p. 196). <b>Colar</b> , do lat. <i>collare</i> , do pescoço (Nascentes, 1966, p. 187). Ornato que se usa no pescoço e que é constituído por uma enfiada de pequenos objetos ou se apresenta em forma de cadeia (HOUAISS, 2009).	Presença de artesanato – colar feito de miçangas.	Ergotopônimo
Canta Galo	Ret. São João do Galo	Considera-se a mesma etim. Cachoeira Canta Galo, Narrativa oral, neste quadro.	Presença do mito	Mitotopônimo
Serra da Onça	Com. Nova Vida I	<b>Onça</b> , do gr. <i>lygx</i> 'lince', através do lat. <i>Luncera</i> (onde o y deu u) e do it. <i>lonza</i> , com deglutinação do artigo (NASCENTES 1966, p. 531) <b>Kaikusi</b> . Onça. <i>Kaikusi mîkîrî nari</i> . 'A onça é perigosa' (AMÓDIO; PIRA, 2016, p. 230).	Presença do animal	Zootopônimo
<i>Ururi</i> (MK)	Com. Nova Vida I	<b>Ururi</b> , em MK <i>Uru</i> = 'ouro' -ri= 'é', 'de' Trad.: 'ouro da serra' <b>Ouro</b> , lat. <i>aurum</i> , i 'ouro; objeto de ouro' (HOUAISS, 2009). Trata-se de uma adaptação fonética do português.	Presença do mineral	Litotopônimo
Serra do Balde; <i>Waito'pan</i> (MK)	Com. Caxirimã	<b>Balde</b> , "cubo para água", 1587.vocablo primitivamente marítimo, de origen incierto (COROMINAS 1987, p. 81). <b>Waito'pan</b> , considera-se a mesma etim. do Igarapé <i>Waito'pan</i> , neste quadro.	Elemento da cultura	Ergotopônimo
<i>Mene'ne wî</i> (MK)	Com. Tabatinga do Entroncamento.	Mesma etim. do Igarapé do Igarapé <i>Mene'ne iwîî</i> , neste quadro.	Presença do animal	Zootopônimo
<i>Kiwa wî</i> (MK)	Com. Tabatinga do	<b>Kiwa</b> , em MK. <i>Kiwayamî' mararonkon pepî</i>	Presença do animal	Zootopônimo

Serra do Caracol	Entroncamento	<i>iku' pî ka</i> . 'Tem muito caracol no lago'. (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 191). <b>Caracol</b> , de origem incerta. (NASCENTES 1966, p. 147); (MACHADO, 1989, v. II, p. 66); (HOUAISS, 2009).		
<i>Waira' wî</i> (MK)	Com.Tabatinga do Entroncamento	Mesma etim. do Igarapé do Igarapé <i>Waira'itî</i> , neste quadro. A toponímia do igarapé, da serra, da pedra com o formato do pênis da anta, leva o nome em MK.	Refere-se ao órgão genital da anta	Gonotopônimo
Monte Roraima	Com. Flechalzinho; Makunaima	<b>Roraima</b> : étimo do Caribe <i>rôro</i> , papagaio e <i>imã</i> , o pai, o formador (CARDOSO, 1961, p. 371); <i>rorá</i> , verde, cor. <i>Rora pe pu'kuru u'as'ra man</i> . 'Minha maniva está muito verde' (AMÓDIO; PIRA, 2007, p. 151); Magalhães (1986) indica três versões para a palavra Roraima: a primeira, <i>loroi</i> = 'caju', -ima = 'serra'; Roraima seria "Serra do caju"; a segunda, <i>rorá</i> = 'verde', <i>imã</i> = 'grande', 'Verde monte'; e a terceira, <i>rorá</i> = 'verde', <i>rorô</i> = 'papagaio', 'O pai dos papagaios', de origem Taurepang. Referindo-se à força do mito, o Monte Roraima é a 'Mãe de todas as águas' ou 'casa de Makunaima'.	Presença do vegetal; presença da ave	Mitotopônimo PB Fitotopônimo MK e Zootopônimo TP

### 6.5.1 Sobre toponímia indígena em Uiramutã

Os estudos iniciais da toponímia indígena no Brasil datam do início do século XX, estão voltados especificamente para a investigação da língua e da geografia, tomando por base os boletins geográficos e os relatórios de demarcadores e de geógrafos como Levi Cardoso, Marechal Rondon, Basílio de Magalhães e Carlos Drumond de Andrade.

Outro fator que nos levou à elaboração destas notas, além do inicialmente apontado, foi o desejo de aproveitar os topônimos quase integrais, isentos dos fenômenos de deturpação, que fatalmente os atingirão com o decorrer do tempo. É imprescindível, sem dúvida, que se estudem, o mais rapidamente possível, os nomes de localidades, especificamente os de origem indígena, pois, como já o dissera Teodoro Sampaio, em *O Tupi na Geografia Nacional*, as “denominações geográficas explicáveis e naturalíssimas em determinadas épocas, serão para as gerações vindouras verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis (ANDRADE, 1954, p. 23).

A preocupação com a língua diz-se da grande possibilidade de um pesquisador que desconhece a língua do referido topônimo escrever uma palavra de forma corrompida, deformada, por vários motivos, fonológicos, gráficos e até a pressa de fazer o registro toponímico. Essa atitude pode resultar em “verdadeiros enigmas (...) indecifráveis”, como afirmou Drumond (1954), especialmente quando a busca pela verdadeira motivação do topônimo já está distante do ato de nomear. As línguas possuem estruturas sintáticas diferentes por isso é importante compreender que apresentar um possível sentido para um sintagma pode requerer a compreensão da totalidade e não a soma dos significados de cada elemento do composto (FARGETTI, 2001, p. 112).

Os toponimicistas observaram que naturalmente o indígena batiza os lugares pela descrição do espaço que o circunda, seja o meio ambiente em seus aspectos geográficos; das formas de vida onde as lutas, a caça e a pesca são preponderantes; ou ainda a cosmologia que é muito presente na toponímia.

Esses trabalhos reconheceram ainda como importantes os registros de fatos históricos, lutas e *modus vivendi* de um grupo. A história e a tradição permanecem vivas na Serra da Torre, lugar onde os guerreiros se mantinham em prontidão para dar alerta aos demais em tempo de lutas; Serra do Colar, que pela presença de pedrinhas e miçangas é determinante para recontar a história de mulheres que ali, protegidas de ataques dos inimigos, confeccionavam artesanatos; assim como a Serra da Panela, lugar que abriga ossadas de antepassados dentro de panelas de barro. Lugares como esses foram citados em várias



entrevistas e acrescenta-se o respeito dos atuais moradores em não tocar nestes utensílios, salvo com autorização do pajé.

Ratificando trabalhos anteriores, a toponímia de Uiramutã revela que os elementos físicos da área estudada recebem, em sua maioria, nomes de seus componentes e de suas formas. Por exemplo, em Lago Grande, demonstra nitidamente a forma e o tamanho do seu composto; o igarapé que corre é capaz de fornecer a imagem da movimentação do percurso de suas águas; a pedra cuja forma é a do pênis da anta que foi capturada no rio, *Waira' si'ti*, em MK, *Waira'* significa 'pênis'; duas serras que juntas têm a forma da vagina, *Piipu ya wi'*, MK, que significa 'vagina da mulher'; e a comunidade, cujo nome anterior, ainda recorrente, *Parê wori ~ Parê wiri'*, em MK, que significa a 'vulva da mulher'.

A predominância ficou para a caça, são muitas pedras, serras, cachoeiras, rios, igarapés denominados por nomes de animais da região, como serra do *Aimará*, onde há pedras em forma das postas do trairão que foi recortado para que se retirasse de sua barriga um dos filhos de Makunaima; Cachoeira da Andorinha, Serra da Lagarta, Serra do Caranguejo, Rego do Grilo, rio e a cachoeira *Waiyan*, na língua Ingaricó 'anta', 'rio da Anta', em PB, entre outros. A pesca está representada pelo topônimo das pedras do *Aimará* certo dia, descobriram essas pedras, as barra, é um trairão, nós chamamos de *Aimará* aqui na nossa região, foi o Insikiran com o Anikê que correram atrás do peixe *Aimará* (JA, CAXIRIMÃ, 2018).

Em segundo lugar, em termos de preferência para denominar os elementos físicos da região visitada, ficou a vegetação do lugar, considerando a presença da planta, ou mesmo esta enquanto matéria prima para produção de comidas e bebidas. O Igarapé *Kuratiki ye'*, igarapé Caimbé, em PB, apareceu em duas comunidades Triunfo; Barreirinha, com etimologia do Tupi *kaa-imbé* 'árvore' (*Coussapoa asperifolia*), da família das cecropiáceas, encontrada na Amazônia, atribui-se característica cicatrizante à resina que produz, e em MK *Kura'* = 'caimbé'; *tiki* = 'pequeno'; conj. *ye'* = 'pé', 'pé do Caimbé pequeno', caimbezal, extenso plantio de caimbé; o Monte Roraima, cujo nome, advindo da flora e da fauna setentrional, tem demandado várias investigações linguísticas, abriga o maior mito do povo roraimense, o Makunaima, já descrito neste texto; os igarapés, *Kasirimî*: bebida feita com beijuçu fermentado em água, especiaria da gastronomia indígena. (AMÓDIO; PIRA, 2007) e *Paruê*, *Paruru Ye'ka. Mararon pepin paruru ye'konpi' taato'*. 'Bananal, lugar onde há plantação de banana' (RAPOSO; CRUZ, 2016, p. 99), entre outros que nem sempre ficam na sua taxa Fitotopônimo, porque deles se sustentam nos mitos narrados.

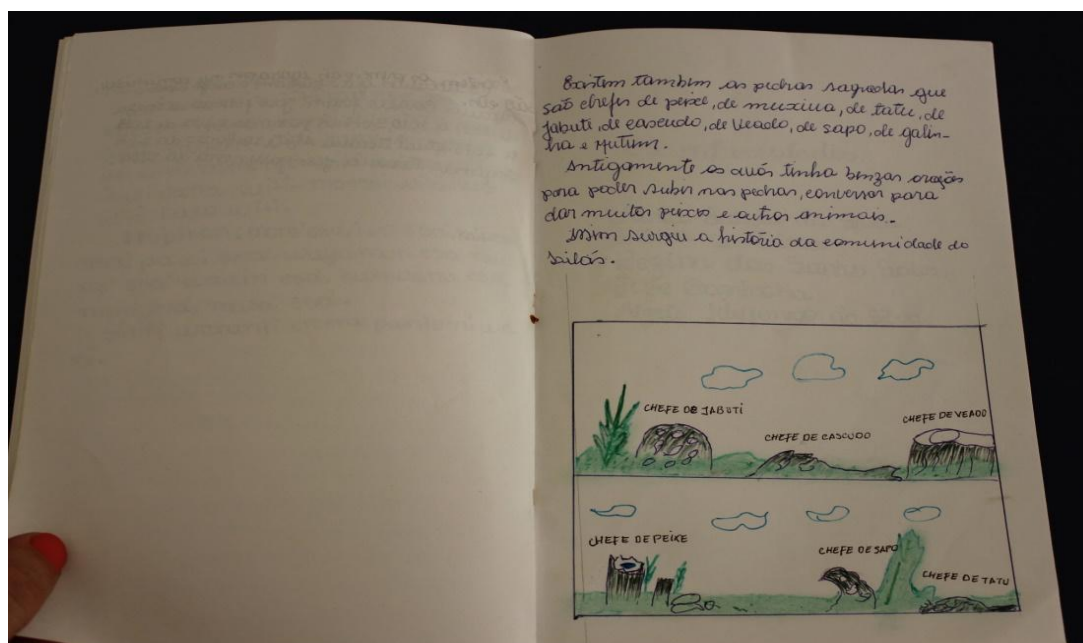
O indígena vive numa sociedade organizada a partir de vários fatores, entre eles, especial lugar assumem seus elementos antropolinguísticos, quando os valores são repassados, por meio das histórias narradas oralmente pelos mais velhos aos mais jovens, ao recontar, por exemplo, os mitos da Cachoeira Canta Galo, da serra da Menina, do igarapé Uiramutã, Serra Camararen, Serra do Curupira, esses valores são cristalizados nos elementos que os recebem como batismo.

Assim, aqueles que eram apenas componentes do léxico de sua língua passam a um significado específico, único, de nome próprio do lugar, tornando-se o instrumento valioso da cultura e da língua de um povo em determinada época, como se vê nos topônimos *Serra do Colar*, *Serra do Balde*, *Igarapé Caxirimã*, entre outros. São elementos da cultura representados na toponímia física da região, os motivos que os levaram à toponímia, sejam da pessoa que deu o nome ou do grupo a que pertence, são parte da sua história. Da mesma forma, se comprova as transformações e interferências por que tenham passado a língua.

Importante mencionar que há uma acentuada presença de topônimos de acidentes humanos, comunidades, retiros e fazendas com nomes de santos e santas em Uiramutã, como Santo Antônio, São Francisco, São Mateus, São Jorge, São João do Galo, Santa Cecília, Santa Rosa. Esse é um fato muito comum nas cartas topográficas atribuído aos portugueses colonizadores que ao tempo que catequizavam os índios, fixavam sua devoção na toponímia brasileira.

Não são somente a comunicação e a interação as principais funções da língua. Ela é capaz de emitir juízo, demonstrar domínio, expressar pensamentos e emoções. Como em ‘Pedra das mulheres que catavam piolho’, esse nome mesmo, exatamente naquele lugar, a cada final de tarde, em roda de contação de histórias, as mães aproveitavam para catar os piolhos e fazer carinho nos filhos; a Cachoeira da Menina, que fala da história trágica da moça que fora empurrada no rio; o rego do Olho d’água, que foi capaz de sustentar as pessoas e os animais com água durante uma seca impiedosa; a Pedra gêmea, lugar sagrado que se passar por cima, terá filhos gêmeos sempre; a Serra do Camararen, lugar protegido pelo bicho do Eco, que atrai e desaparece com as pessoas. Todos esses topônimos montam a cosmologia indígena baseada em fatos e em histórias fantásticas, vivos na memória e no nome dos lugares.

**Figura 35** - Representação dos donos do lugar em uma comunidade Makusi



Fonte: Cruz, 2018

A figura apresenta a ilustração da história da comunidade Lilás, aqui não descrita por impossibilidade de entrevista com uma pessoa da comunidade. Mas pode ser vista contada pelos alunos em livreto, resultado de uma atividade pedagógica da Escola Estadual Indígena Júlio Pereira da Comunidade Uiramutã. A imagem remete à compreensão da cosmologia do povo Makusi da TIRSS. Foram muitas narrativas a cerca de donos do lugar, da pedra, da passagem, da serra, esta, por exemplo, descreve a Pedra como elemento principal do lugar.

Pode-se considerar que, nos topônimos estudados, a preferência de escolha toponímica deu-se a elementos do meio em que vivem os indígenas, visto que as taxes foram assim representadas em número de ocorrências, Zootopônimo 27, Mitotopônimo 22, Fitotopônimo 22, seguidos por Ergotopônimo com 13 representações e as demais classes com números menores de topônimos. Isso mostra que os lugares são batizados especialmente a partir da fauna, da espiritualidade e da flora, liderando o *ranking* da representação. Em seguida a valorização da cultura pelo indígena, seguida pelas demais. Essa resposta ratifica que o indígena roraimense toponimiza a partir da visão de seu mundo e de seus valores culturais, relacionados ao contexto geográfico e àquilo que os olhos veem.

## 7 SOMATOPÔNIMO E GONOTOPÔNIMO: TAXE EM PROCESSO DE SUBCATEGORIZAÇÃO

### 7.1 Contribuição para a Taxionomia

A motivação é que determina o nome que passa a representar um lugar, essa normalmente “vivifica”, através da soma de vários fatores linguísticos ou extralinguísticos, um momento da história, ações, emoções, sentimentos; uma descrição do meio ambiente e de seus elementos constituintes como a fauna e a flora; ou uma situação qualquer que tenha sido importante, como uma expressão comunicativa, que por isso se elegeu o nome do lugar, no conceito do denominador. Por isso, diz-se que “esses aspectos se corporificam nos topônimos que se pode mesmo, muitas vezes, estabelecer a correlação entre o “nome” dos acidentes e o “ambiente” em que ele se acha inscrito” (DICK, 1992, p. 35).

A investigação toponímica discute essas interfaces entre cultura, história social e língua num aspecto local. Nesse caso, especificamente em contexto indígena, pode se observar que estão assinaladas modificação, influência e sobreposição de línguas na construção do sintagma toponímico.

A chegada dos não índios à região causou um impacto linguístico, histórico e cultural junto aos quais diferentes modalidades de contatos entre falantes de língua portuguesa e indígenas puderam ser visualizados ao ponto de justificar um pouco do cenário toponomástico. De forma contínua, a prática trivial do branco é ainda marcante, ou seja, nomeia tudo em português por não conseguir falar as línguas indígenas locais (ARAÚJO; CRUZ, 2017, p. 182).

De fato, pesquisa lexicológica toponímica estuda a construção do sintagma, com base na Onomástica, o que permite constatações como essa. De tal forma que o branco, desprovido da língua indígena, permite-se aportuguesar ou dar outro topônimo em Português ao lugar, desprezando muitas vezes o nome de origem. Para Cardoso (1961, p. 19), “um dos fenômenos mais sugestivos para o estudioso das questões da etnologia brasileira é o da superposição linguística de sua toponímia”, para o autor, um dos elementos mais instigantes do estudo toponímico do “passado pré-cabralino” está justamente na história das migrações e nos deslocamentos sucessivos dos diferentes grupos humanos.

Nesse contexto de investigação dos termos, incentivados por Rodolfo Garcia (*apud* CARDOSO, 1961, p. 77), estudiosos da área seguem buscando “apurar as afinidades porventura existentes, deduzir a evolução efetuada desde a dispersão do grupo primitivo e reconstituir, ao menos aproximadamente, a língua matriz que o dominava”, a partir dos étimos

identificados nos topônimos, muitos já distantes de sua motivação e até de sua língua de origem.

Outros topônimos aqui estudados corroboram com a afirmação de clássicos da toponímia indígena brasileira, como Cardoso que advertiu para o fato de

poder estabelecer, enquanto é tempo, por seu intermédio, a verdadeira origem de muitos topônimos já aportuguesados, da geografia brasílica, da Amazônia e de Mato Grosso principalmente, topônimos êsses que poderiam passar, aos menos inadvertidos (*sic*), como originários da língua dos conquistadores, quando são, muito ao contrário, apenas uma literal tradução do velho e característico nome ameríndio... (CARDOSO, 1961, p. 91).

No caso da toponímia indígena, esse desconhecimento da língua do outro faz ainda maior a distância do verdadeiro sentido do nome do lugar pelos conquistadores; por isso, repetindo aqui, Cardoso mostra que muitas vezes os topônimos em PB são “apenas uma literal tradução do velho e característico nome ameríndio”. Os resultados mostram que frequentemente o novo nome passa muito longe dessa possibilidade, apagando totalmente o sentido do topônimo anterior, pois o que acontece é a sobreposição da língua e da cultura do branco, dentro de sociedades diferentes.

Confirmando isso, faz-se necessário apresentar algumas peculiaridades deste trabalho quanto à classificação dos topônimos em suas respectivas taxes. Primeiro, porque foi constatada a ocorrência de dois topônimos para o mesmo elemento, um em língua indígena e outro em língua portuguesa, ou vice versa, como Rua Martiniano Vieira, também conhecida como a Rua do Comércio; Milho cujo topônimo anterior *Pare' worî ~ Pare' wîri'*, em MK, significa a vulva da mulher, coocorre para designação do lugar; *Prododó*, cujo topônimo anterior é *Ayan kanan*, em MK, e refere-se a ‘mulheres catando piolho’ e serra da Torre que é reconhecida pelos mais idosos por serra do Colar.

Fato idêntico foi constatado em investigações anteriores: comunidade Morro, em PB, o termo parece estar ligado a um acidente geográfico de pequena elevação. Entretanto, o local é conhecido pelos moradores como *Mariitîkîrî*, em MK, embora antes mesmo desses dois nomes ele também tenha sido conhecido por *Pinkî ponkon* na língua Taurepang (SILVA; CRUZ, 2011). Outro caso semelhante, para a comunidade *Makayapan*/Bananal e comunidade Bala/*Maruai*, ambas do município de Pacaraima (RR) possuem motivações distintas para as escolhas que levaram a classes taxionômicas diferentes para *Maruai*, Mitotopônimo e Fitotopônimo; portanto, topônimos híbridos em suas taxes e etimologia (ARAÚJO, 2014).

Retomando a análise, para o topônimo da comunidade Popó que também ilustra a diversidade cultural e linguística de Uiramutã e, como os exemplos acima, traz reflexões para

toponímia indígena brasileira. Para Popó a composição sintagmática do termo que pode ser vista de duas formas, estrutura do MK onde *Apo* ‘fogo’ + *po* ‘de, sobre’ com estrutura representada como [SN (N) + Posp.] e, de outro modo, pela explicação dos narradores como um termo híbrido de MK e PB, *Apo* ‘fogo’ + *po* ‘pó’ tendo sua estrutura representada por [SN (SN+SN)].

As considerações e os casos citados anteriormente permitem pensar que o que pode significar obsceno ou repugnante para o branco, para o indígena poderia ser uma apologia, ou mesmo uma simples referência. Um exemplo é a tradição das mães catarem e comerem piolhos da cabeça dos filhos durante uma roda de histórias, costume entendido como um afago para as crianças. Na toponímia, a substituição de um topônimo, acidente humano, em MK, *Parê worí ~ Parê wîri* por outro em PB, Milho, sem nenhuma relação com o primeiro, deu-se pelo fato do primeiro representar o órgão genital feminino. Ao que explicou com timidez a mudança do nome do lugar o velho tuxaua, pois é assim que tem o nome desse lugar que chama de imoralidade da órgão genital da feminina. Assim, com o pretexto de minimizar o impacto para os não índios, ocorrem novos nomes, o que pode ser entendido como um tipo de agressão à cultura e à língua dos nativos, infelizmente, cada vez mais frequente, apontando unicamente para a pesquisa o poder de resgatar informações tão importantes, quer seja para a identidade das comunidades de fala, quer seja para estudos históricos e comparativos, e mesmo para a salvaguarda da memória da região.

O fato de dar nome relacionado ao sexo não é algo recente entre os indígenas, pois Cardoso (1961, p. 210-211), ao referir-se à região “raiana do Brasil com a Guyana Holandesa”, diz que a partir dos demarcadores, a comissão chefiada pelos militares, Capitão Braz Dias de Aguiar e Almirante Konrad C. Kaiser, ambos encontraram mais de um locativo com as terminações “*quiri* e *ueri*, que além de significarem, primordialmente, homem e mulher, funcionam às vezes com o significado de macho e de fêmea”.

O próprio autor diz que próximo ao marco 24, da mesma fronteira, encontrou em língua karib, no dialeto Pianocotó, os igarapés *Ocoimãquiri*, que significa, *ocoimã*, ‘cobra’ e *quiri*, ‘macho’ e o igarapé *Acarapi-quiri*, para *Acarapi* o autor não traz o significado, mas entende-se que é *-quiri* ‘macho’ (CARDOSO, 1961, p. 210-211). Não exatamente se trata de órgão genital do homem, mas, pode-se perceber que este fato já existe de forma natural dentro da cultura indígena. *Ocoimã=ikîmî* em MK, é a mesma palavra, ‘cobra grande’, ‘sucuri’.

O parágrafo anterior trata do tema, mas do sexo dos animais e não do ser humano. A singularidade levou a uma busca, via *internet*, por nomes de lugares dessa natureza, foram

muitas indicações, na maioria por dois motivos: ou o topônimo se assemelhava ao sobrenome dos denominadores ou por aproximação fonética com a palavra de sentido torpe. Apenas um deles fará parte deste texto, trata-se de uma aldeia do Oblast de Tiumen, nos Montes Urais, na Rússia, Vagina, escrita em russo *Вагина* e reconhecida nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa<sup>77</sup>.

Retornando ao tema sexo na toponímia de Uiramutã, qual foi a surpresa ao entrevistar um casal de idosos na comunidade Tabatinga do Entroncamento, que afirma, mostrando duas serras, juntas têm o formato da vagina da mulher, *Piipu ya wi'*, em MK. A entrevistada com um sorriso envergonhado disse que em PB é Periquita - grifo nosso indicando um termo depreciativo na PB, justificando ser a parte íntima da mulher. Na sequência, o esposo confirmou, amenizando que tudo serra, igarapé, aqui tem nome indígena (D. B. TABATINGA DO ENTRONCAMENTO, 2018).

Ao chegar à comunidade Monte Sião o tema volta novamente, desta vez para indicar uma pedra cujo nome refere-se ao pênis da anta, *Waira'itî*, pedra pica da anta<sup>78</sup> - grifo nosso indicando um termo depreciativo na PB, diz o entrevistado tentando ser mais claro na explicação (S. C. MONTE SIÃO, 2018).

Este trabalho correlaciona os signos toponímicos, sobretudo, a partir da concepção dos entrevistados, pessoas que ali nasceram e vivem, respeitando as tradições e sua própria história. O fato da abordagem do tema sexo, especificamente os órgãos genitais, como motivação para a toponímia indígena da região estudada, merece atenção especial. Trata-se de um tema que na PB causa constrangimento em se discutir e que talvez por isso, o lugar que hoje se chama Milho, logo perderá essa informação referente ao seu primeiro topônimo, ainda recorrente por ali. O constrangimento foi também motivo de mudança do nome do município de Sexmoan na Província de Pampanga que mudou para município de Sasmuan, pela Lei nº 6976 de 15 de janeiro de 1991, da República das Filipinas. O ato se deu porque a tradução do termo remete para 'gemido no sexo'<sup>79</sup>. Percebe-se que a sociedade tem sim preconceito com assuntos relacionados a sexo, isso faz com que providências sejam tomadas no sentido de minimizar impactos sociais, preferindo assim mudar o nome a ter que sustentar a história da motivação toponímica.

<sup>77</sup><https://www.google.es/maps/place/Vagina,+%C3%93blast+de+Tium%C3%A9n,+Rusia/@56.740674,68.609619,7z/data=!4m5!3m4!1s0x43a54dd8ed2f5765:0xdc61f2402dbc57f!8m2!3d56.7381188!4d68.6094636?hl=es>

<sup>78</sup> História narrada anteriormente.

<sup>79</sup> [https://www.lawphil.net/statutes/repacts/ra1991/ra\\_6976\\_1991.html](https://www.lawphil.net/statutes/repacts/ra1991/ra_6976_1991.html)

### 7.1.1 Taxionomia de Dick, o desafio das contribuições

Compreende-se Taxionomia também nos estudos toponímicos como a sistematização de informações toponomásticas em um grupo macro (taxe/classe), formado por especificidades que se agregam em pequenos grupos (subtaxe/subclasse) de acordo com suas características comuns, constituindo uma classificação de subordinação, hierárquia. Com o avanço das pesquisas, percebeu-se a necessidade de aperfeiçoamento dessa Taxionomia.

Antes de 1954, os estudos já exigiam uma forma de organização em estruturas macro. Naquele ano Stewart buscou apoio nas ciências humanas com afinidade à toponímia e apresentou uma ordem de nove taxes no ano de 1954, com mecanismos de classificação toponímica, procurando sistematizar os topônimos em categorias distributivas, conforme a própria nomeação: “Nomes descritivos; 2. Nomes possessivos; 3. Nomes de incidentes; 4. Nomes comemorativos; 5. nomes eufemísticos; 6. Nomes manufaturados; 7. Shift nomes; 8. etimologias populares e 9. nomes de erros”<sup>80</sup>. Essa classificação se sustentou até 1975 (DICK, 1990).

Continuamente esta Taxionomia tem recebido aportes; Dick em 1975, apresentou uma proposta com 19 taxes, portanto 10 a mais que Stewart (1954), que se estabeleceu até 1990, quando a própria pesquisadora sentiu necessidade de complementar o quadro de Taxionomias vigente. Procurando suprir a demanda das pesquisas, estabeleceu uma bipartição na Taxionomia, considerando duas ordens de implicação, uma natural/física e outra antropocultural, acomodando 27 taxes. Essa Taxionomia tão formidavelmente construída vem sendo base para pesquisas toponímicas no Brasil, no entanto, não se esgotam as possibilidades para seu enriquecimento. Dick sabe da necessidade de atender a categorias que dantes não foram pesquisadas, assim sendo, algumas contribuições têm sido incorporadas às suas taxes.

Na taxe Nootopônimos, na categorização Animotopônimos, Isquerdo (1996, p.112) contribuiu com “uma configuração *sui generis* em decorrência das características étnicas, históricas, sociais, físicas e geográficas da Região”, considerando os dados da microtoponímia dos seringais do Acre. A pesquisadora propôs a subcategorização à taxe Animotopônimos em ‘eufóricos’ que indicam topônimos que invocam temas positivos, Nova Vida (RR), Alegria, Esperança, Felicidade, Horizonte, Independência, Liberdade, Nobreza, Porvir, Realeza, Redenção, Triunfo, União, Vitória, Bom Destino, Bom Futuro, Bom Levar, Bom Princípio, Campo Esperança, Deus é Bom, Fonte Nova; e Animotopônimos ‘disfóricos’, os que se

---

80 “1. Descriptive names; 2. Possessives names; 3. Incident names; 4. Commemorative names; 5. euphemistic names; 6. Manufactured names; 7. Shift names; 8. Folk etymologies e 9. Mistake names”. Esta classificação se sustentou até 1975 (DICK, 1990). Tradução da autora.



reportam a conotações negativas, Amansa Brabo, Apertado, Bagaço, Cachorra Magra Dois, Cachorra Magra Um, Caco da Cuia, Carrasco, Cavalo Velho, Centro dos Brabos, Chora Menino, Confusão, Deserto, Encrenca, Encruzilhada, Fim do Mundo, Já com Fome, Livrenos-Deus.

Lima (1997), em estudos voltados à taxie Hagiopônimos, optou por subdividi-lo em Hagiopônimos ‘autênticos’, que remetem à motivação religiosa, por exemplo, Nossa Senhora dos Remédios; Hagiopônimos ‘aparentes’, que remetem a uma segunda interpretação que também leva o nome de santo, por exemplo, comunidade São Francisco (RR), referindo-se ao nome do primeiro tuxaua, senhor Francisco Pereira; Rio São Luiz, homenagem a um padre.

A equipe do Projeto ATEPAR, com a participação dos professores Vanderci de Andrade Aquilera, Ignez de Abreu Francisquini e Aluízio Fávaro, contribuiu com a classificação taxionômica, acrescentando sob a mesma justificativa dos autores anteriores, com o acréscimo de outras taxes: ‘Acronimotopônimos’, topônimos formados por siglas, por exemplo, EMBRATEL; ‘Estamatotopônimos’, topônimos relacionados aos sentidos, ex.: Seringal Vista Alegre; ‘Grafematopônimos’, topônimos formados por letras do alfabeto, ex.: Avenida D; ‘Higietopônimos’, topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico, ex.: Bairro da Saúde, e ‘Necrotopônimos’, topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais, ex.: Rio da Morte (ZAMARIANO, 2006, p.154).

Recentemente Pereira e Nadin (2017, p. 239-240) apresentam a taxie Parentistopônimo que contempla os topônimos de lugares que remetem a parentes, “sugerimos uma Taxionomia para nomes de lugares que fazem referência a grau de parentesco. Essa proposta se justifica pelo fato de encontrarmos trabalhos em que topônimos como Irmão Brasil/Bodoquena (MS), Tio/São Gabriel do Oeste (MS), Vó Chica/Nova Andradina (MS)”, entre outros muito facilmente encontrados em qualquer estado brasileiro, agregados aos Axiotopônimos. Os pesquisadores justificam que “não julgamos pertinente essa classificação porque irmão, tio e vovó não são títulos e dignidades que são atribuídas a uma pessoa por convenção social”. A taxie Parentistopônimo faz com que as designações com essa motivação realmente homenageiem o parente querido.

### **7.1.2 A subcategorização Gonotopônimo**

Com base nisso, a tese apresenta a seguir proposta de subcategorização para a atual taxie Somatopônimos. Para tanto, julgou-se pertinente para a construção da léxia um radical grego que transmitisse o sentido daquela toponímia. Sobre uso de radicais de outras línguas,

cujas traduções não são perfeitas, mas são capazes de reconhecer o próximo sentido do pensamento, Reale (1999), diz que

a linguagem é muito mais que um instrumento com o qual o pensamento exprime a coisa, à medida que é a própria linguagem que traz à luz a coisa e permite ao pensamento pensá-la. Uma língua não é nunca passível de tradução perfeita em outra porque para alcançar a compreensão e a expressão perfeita das mensagens comunicadas com aquela linguagem, seria preciso ser diretamente participante do mundo que se exprime naquela linguagem (p. 9).

Dito isso, Bezas e Werneck (2012), esclarecem que o termo ‘Soma’ por exemplo, que significa ‘corpo’ na Grécia moderna, para Homero, o grego antigo, não designava nada do homem vivo, seu significado estava relacionado à morte, “para os dias de hoje, seria “cadáver”” (BEZAS; WERNECK, 2012, p. 9, 27). O radical ‘Soma’, com muita categoria, hoje compõe a taxa dos topônimos que se referem à parte do corpo humano ou animal, aplicada em relação metafórica, ex. “Dedo (igarapé - RR)” (DICK, 1992, p. 34).

Com base nisso e apropriada na nítida presença do tema específico aqui tratado, propõe-se a composição da subcategorização para a taxa Somatopônimos, a partir do radical ‘Gono’ [elem. comp.; grego]: gônada, órgãos genitais, reprodução<sup>81</sup>, para a classificação específica de topônimos que se referem a órgãos genitais masculino e ou feminino. De modo que quando a metáfora fizer essa relação específica, o topônimo deverá ser acomodado na taxa Somatopônimos, na subcategorização Gonotopônimo. A terminologia sugerida procura seguir em sua constituição o padrão da taxa maior.

---

81 [https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/16/pdf\\_16.pdf](https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/16/pdf_16.pdf)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de um estudo antropocultural toponímico de Uiramutã se consolidou pela vontade de prosseguir com a temática desenvolvida no mestrado, Toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima, unindo-se à parca produção de pesquisas nessa área no extremo norte do Brasil, especialmente em Uiramutã (RR). O estudo está embasado, sobretudo, no arcabouço teórico-metodológico de Dick. As respostas desse trabalho serão úteis para novos estudos e especialmente para o povo indígena roraimense pelo registro de suas histórias, cultura e línguas.

O caráter do estudo onomástico-toponímico parte de observação dos aspectos linguísticos presentes na toponímia local, especialmente pela motivação que levou o lugar a receber o nome de batismo, tornando-se a referência do seu povo. A tese caracteriza a cosmovisão dos Makusi das Serras e seus aspectos antropológicos, suas organizações social e política, lutas, tradições, religião e língua.

Os caminhos foram traçados a partir do objetivo geral da pesquisa, catalogar registros onomástico-toponímicos de acidentes de natureza física ou antropocultural cuja origem advém de línguas indígenas, considerando os fatores sociolinguísticos e histórico-culturais motivadores da escolha toponímica, para mostrar a importância da pesquisa na reconstituição da história e da memória dos indígenas de Roraima. E os específicos, apresentar o contexto socio-histórico no ambiente geográfico; identificar os aspectos de memória e cultura nas narrativas e mitos; compreender a motivação toponímica resultante na diversidade étnica; reconhecer estratos linguísticos presentes nos topônimos da região de fronteira no município de Uiramutã e contribuir com os estudos de Toponímia no Brasil.

O corpus do trabalho foi constituído de 121 topônimos, incluindo Acidentes Físicos - AH e Acidentes Humanos - AF. Desses, alguns dão nomes a mais de um elemento, por exemplo, a serra, o igarapé e a comunidade têm o mesmo nome, de modo que se pode atribuir que as pessoas, ao chegarem para compor a sua comunidade no lugar, adotaram o nome dos elementos geográficos existentes ali. Exemplo disso é Uiramutã que dá nome a igarapé, comunidade, cidade e região; Camararen dá nome a serra e comunidade, e muitos outros. Os informantes, por serem normalmente as pessoas mais idosas, ou representantes da comunidade, gozam sempre de respeito da comunidade. Em alguns casos foi necessária ajuda do intérprete, nem sempre o informante era bilíngue. Com isso percebe-se a diversidade linguística na região de fronteira de línguas portuguesa, inglesa, espanhol, Makusi e outras línguas indígenas.

O estudo confirma a hipótese de que há sempre outro nome em MK para os topônimos, mesmo para os aportuguesados como Caxirimã, Uiramutã e Camararen, evidenciando a sobreposição linguística entre os topônimos. Do mesmo modo, demonstrando variação, as narrativas trazem novas versões como em Makunaima, Atatai e Bicho Eco, mas ainda sustentam a versão principal de suas histórias. O mito de Makunaima, o mais forte, tem marcas sob todos os aspectos, cultural, socio-histórico e geográfico, o que se comprova com o estudo toponímico da comunidade Makunaima, e vale retomar que o mito é de interesse em muitos temas de pesquisa na academia. Os donos das serras e das matas são figuras recorrentes em quase todas as narrativas; eles são responsáveis por guardar lugar de possíveis predadores. Para livrar-se desses males somente com tição, pimenta, alho, cebola ou rezas de seres que tenham o poder de acalmá-los.

O sentimento de submissão ao branco fica evidente nas narrativas a ponto de haver substituição dos nomes dos lugares como em Milho e Prododó. A troca dos nomes nas comunidades se deu sob a justificativa de que o nome anterior era ‘imoral’, numa visão depreciativa do sentido dos nomes na cultura do ‘branco’. Por outro lado, a comunidade Popó revela em seu nome histórias de combate com o ‘branco’, do qual renasceu sobre as cinzas, como *Fênix*, e se fez marcar no próprio nome que traz duas possíveis interpretações, uma na própria MK e outra num processo híbrido de MK e PB. A comunidade Nova Vida I é também um ressurgimento, recebe o batismo, após a queda de um raio que dizimou uma família. Acidentes naturais desse gênero são muito comuns na região que é cercada de pedras magnetizadas e, por conseguinte, rica em minérios.

Quanto aos aspectos da lexicalização e das funções de termos, os dados mostram que a composição do signo, na maioria, são substantivos simples que passam a substantivos próprios, formados por estruturas simples de sintagmas nominais [SN(N)], como em Andorinha, Pato, Barreirinha, *Prododó*, *Paruê*, independente da língua, se PB ou MK. No entanto, foram identificados casos inusitados de topônimos formados a partir de verbos como comunidade Topa Pé e Cachoeira Canta Galo, com estrutura [SN((SV(V)+ SN(N))].

É importante destacar que no ato de oficializar, cadastrar a comunidade no órgão de proteção indígena, a alteração fonológica acontece em forma de sobreposição linguística, de modo que a língua indígena perde elementos fonéticos, como em Popó. Apo´ > Po´ = ‘fogo’ po = ‘locativo’, havendo redução silábica da palavra ‘fogo’, portanto, perdendo a sílaba inicial ‘a’, processo fonológico muito comum em MK. Nesse caso, o topônimo aceita duas interpretações quanto à composição sintagmática Apo´ ‘fogo’ + po ‘de, sobre’ tem sua estrutura como [SN (N) + Posp.] indicando que a comunidade nasceu sobre as cinzas, em

cima das cinzas, conforme a motivação narrada e o entendimento de um termo híbrido, *Apo* 'fogo' + *po* 'pó' criado a partir de elementos de línguas diferentes MK e PB, portanto, tendo sua estrutura representada por [SN(SN+SN)]. Isso caracteriza com vivacidade que a sociedade de diversidade pesquisada na fronteira está preocupada em manter suas tradições cultural e linguística.

Tratando de Taxionomia, vale lembrar que na toponímia urbana da sede do município de Uiramutã a taxa que lidera os nomes de Ruas e Avenidas é a de Antropotopônimos. O espaço anteriormente fazia parte da grande comunidade indígena de Uiramutã, com a definição do município, fica clara a vontade dos administradores, indígenas ou não, por toponimizarem as ruas com nomes de pessoas. Dos homenageados, nas ruas pesquisadas, apenas a Rua Maçarandura tem nome de morador indígena, indicando uma subposição política de nomes que pouco homenageiam indígenas locais.

A classificação da Taxionomia deu lugar privilegiado a Zootopônimo, seguido por Mitotopônimo e Fitotopônimo, duas grandes representações com igual recorrência, em terceiro lugar a taxa Ergotopônimo. Isso se deve à composição da paisagem natural geográfica de Uiramutã e ao respeito à cultura indígena, mostrando a preferência dos denominadores pelos elementos da natureza física e subjetiva. Assim, fica clara a intimidade entre linguagem, história, mito e nome do lugar em Uiramutã, confirmando-se o cognome de 'município encantado dos roraimenses'.

Há nas comunidades a presença de igrejas. Especialmente a católica faz parte do rol toponímico com nomes de santo, como acidentes humanos, comuninades ou retiros, por exemplo São Francisco, São Mateus, São João do Galo, Santa Cecília, São Jorge, Santo Antônio, Santa Rosa. Entre esses São Francisco é um Hagiotopônimo aparente, visto que o nome se dá pelo nome do primeiro tuxaua que se chamava Francisco. Pode-se remeter a constatação à presença da igreja no evento de colonização e catequização da Amazônia, tendo se firmado na toponímia indígena de Uiramutã.

O estudo provou que a língua indígena MK continua firme diante do PB na toponímia de Uiramutã, isso apareceu nos nomes que permanecem em língua indígena ou naqueles que tenham sido aportuguesados, mas que permanecem com étimo indígena, tanto em acidentes humanos, *Uiramutã*, *Paruê*, *Makuken*, *Caracanã*, *Popó*, *Caxirimã*; como em acidentes físicos, Cachoeira do *Urucá*, corredeiras de *Paiuá*, Serra do *Ururi*, Serras *Piipu yawi*', Rio *Iren*, e muitos outros. Por outro viés, é fundamental destacar que na realização deste trabalho, a análise da motivação toponímica se deu pelos aspectos extra e intracódigo. Foi observado também que os elementos formadores dos topônimos indicam que há

sobreposição de línguas pelos processos fonológicos de substituição e de assimilação de fonemas, ou mesmo pela substituição de todo o sintagma toponímico de língua indígena por outro em PB.

Retoma-se pelo estudo toponímico aspectos da história e da cultura do lugar; tratando-se de área indígena, as marcas são evidentes a observar pelos topônimos anteriores registrados, como nos acidentes humanos, comunidades *Parê wîri'*, *Ayan kanan*; e nos acidentes físicos, Serra *kamaara*, Serra *kaikusi*, Serra *Waito 'pan*, rio *Waikin*, Rego *kari 'as*, entre outros. Em algumas comunidades não foi possível identificar topônimos anteriores, como em Tabatinga do Entrocamento, São Francisco, Samaúma, e outros.

A tese traz uma contribuição para a Teoria por considerar ser de importância que os Makusi se utilizam de uma terminologia de gênero aplicada ao corpo humano (partes íntimas), cujas realizações motivaram a criação de uma nova subcategoria, Gonotopônimo, para a Taxe Somatopônimos. Vale notar que para os não índios os termos podem ser depreciativos e estigmatizados, enquanto para os Makusi podem ser expressões sem conotação negativa, visto ocorrerem em comunidades que suportam simbologia cultural e histórica. De modo que se precisa olhar para as expressões históricas dos falantes com respeito, por isso, a cada achado há uma oportunidade de contribuir cientificamente para os estudos toponomásticos.

Por fim, o estudo antropológico da toponímia de Uiramutã mostra a relação homem-meio-espírito que emerge nos nomes de seus acidentes físicos e humanos. Ao tratar de toponímia indígena em tríplice fronteira, os aspectos extralinguísticos efervesce nos mitos que dão nome aos lugares como em Uiramutã e Camararen. Esta tese ratificou o conceito de que o estudo toponímico não pode ser tomado apenas como referencial, embora tenha também essa função.

Dessa forma, a pesquisa contribuiu para o estudo da toponímia de Roraima, este ainda em caráter incipiente, tendo em vista que estudos deste tema surgem no Estado. Além disso, poderá favorecer a consulta de interesse acerca do tema a órgãos institucionais ou não e a pesquisadores. Como também, impulsionará o ensino de línguas e proporcionará uma gama de informações relacionadas à cultura e à história dos indígenas de Roraima. Em razão disso, a partir desta leitura, mais pesquisadores adentrarão a este campo de estudo. Em especial, servirá como motivador aos indígenas, roraimenses e de outras localidades, que venham a se interessar pelo tema.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. **La Gramática Mosca de Lugo**. Thesaurus, 1945, Tomo I, Santafé de Bogotá, 1993.
- AMÓDIO, Emanuele; PIRA, Vicente. **Makusi Maimu Língua Makusi (guia para aprendizagem e dicionário makuxi)**. 3 ed. Manaus: Valer, 2007.
- ANDRADE, Carlos Drumond de. **Uma “ilha” borôro na toponímia brasileira**. In Boletim Paulista de Geografia. Nº 17, julho, 1954. São Paulo, 1954.
- ANDRADE, K. Santos. **Atlas Toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins – Projeto ATITO**, 187 f. Tese Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. SP, 2006.
- ARAÚJO, M. S. M. **Toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima**. Dissertação (mestrado). 157 f.: il. Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Letras. Boa Vista, 2014.
- \_\_\_\_\_. M. S. M.; MOTA, Fabricio Paiva; CRUZ, M. O. S. **Um olhar dialetológico sobre Roraima: variações na cidade de Pacaraima**. In II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística. II CIDS. Belém. 2012.
- \_\_\_\_\_. M.S.M; CRUZ, Maria Odileiz Souza. Rede de contatos entre línguas portuguesa e indígenas através de topônimos. In Onomástica e identidade do homem em seu meio/Maria Sueli de AGUIAR, Maria Célia Dias CASTRO; Ana Lourdes Cardoso DIAS (Org.). **Coleção Encontros da Língua Portuguesa**. Edição Instituto Politécnico de Santarém /Escola Superior de Educação Escola Superior de Educação de Santarém /Universidade de Hamburgo / Universidade de Aveiro, Santarém, PB. 2017. ISBN: 978-972-9434-10-5.
- ARMELLADA, Fr. Cesáreo de; SALAZAR, Fr. Mariano Gutiérrez. **Diccionario Pemon**. Editora: Corpoven. Caracas. 1981.
- BARBOSA, M. A. **Para uma etno-terminologia: Recortes epistemológicos**. In Ciência e Cultura. On-line version ISSN 2317-6660. Cienc. Cult. vol.58 no. 2. São Paulo, Apr./June 2006.
- BARRETO, Renato Amado; OLIVEIRA, Ana Lúcia Machado de. **Makunaima e Macunaíma: dois tricksters**. 277 - Caderno de Letras, nº 26, Jan-Jun – 2016. ISSN 0102-9576.
- BEZAS, G.; WERNECK A. L. **Idioma grego: análise da etimologia anatomocardiológica: passado e presente**. Rev Bras Cir Cardiovasc; 27(2): 318-26, 2012.
- CAMPOS, Márcio D’Oliveira. **Etnociência ou etnografia de saberes técnicos e práticas?** In Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais, Rio Claro, SP. 29/11 a 01/12/2001/Editores: Maria Christina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva. – Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq, 2002. ISBN: 85-902432-1-4.
- CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia Brasília**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. Acesso em: 20 out. 2018.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo. Parábola. 2010.
- CARNEIRO, João Paulo. J. A. A morada dos Wapixana: **Atlas Toponímico da Região Indígena Serra da Lua- RR**. Dissertação de Mestrado. FFLCH. USP: 2007.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: **o léxico toponímico comocatalisador e fundo de memória**. Estudo de caso: os Sociotopônimos de Aveiro (Portugal). Revista USP, São Paulo, nº 56, p. 172-179, dezembro/fevereiro 2002-2003.

\_\_\_\_\_. Patrícia de Jesus. **Criação de um banco de topônimos paralelos na cidade de São Paulo**. Fase dois: Caxingui e Butantã, Butantã, Zona Oeste. Projeto de Pesquisa. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. 2011.

CARVALHO, Fábio Almeida de; JOBIM, José Luis. **Makunaima/Macunaíma**: os caminhos de um personagem transnacional. In: JOBIM, José Luis. Literatura e cultura: do nacional ao transnacional. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e Mito**. Tradução J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CERRATINGA, Instituto Sociedade, produção e natureza (ISPN). Disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/jatoba/>. Acesso em: 22. Nov. 2018.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10 ed. Biblioteca da educação. Série I Escola; v. 16. São Paulo: Cortez, 2009.

CONCONI JRE, RODRÍGUEZ HB. **Valor nutritivo de ciertos insectos comestibles de México y lista de algunos insectos comestibles del mundo**. In Anales del Instituto de Biología de la UNAM, Serie Zoología 48: 165-186, 1977.

COROMINAS, Joan. Breve diccionario etimológico de la lengua castellana. Tercera edición muy revisada y mejorada. Editorial Gredos, S. A. Madrid. España. 4ª Reimpresión, marzo de 1987. ISBN 84-249-1331-0. Guaflex. Rústica/ ISBN 84-249-1332-9.

COSERIU, Eugenio. **Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolingüística**. In: I CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA. João Pessoa: UFPB, 1987.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

CRUZ, Maria Odilez Sousa. The Ingarikó (kapon) on the Raposa Serra do Sol indigenous land. In: **Tensões Mundiais**. São Paulo; Annablumme, v.4, n.6, p.155-188, Jan./Jun.2008.

\_\_\_\_\_. Maria O. S. (Org.) LARANGERA, M. S. I. **Relatório do projeto de pesquisa O nome das águas na Raposa Serra do Sol, porção Ingarikó**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC. CNPq (481540/2011-3/Universal). Agosto de 2009 a Julho de 2010.

\_\_\_\_\_. Maria O. S. (Org.). ARAÚJO, M. S. M; OLIVEIRA, I. R.; SILVA, G. B. da; OLIVEIRA, R. G. de; BARBOSA, A. R. V; CARNEIRO, HULSMAN, L J.A. **Relatório técnico final do projeto Topônimos: reflexos dos contatos linguísticos**. CNPq (481540/2011-3/Universal 14/2011), 2014. Disponível em: <<http://www.carloschagas.cnpq.br>>. Acesso em: 20. Jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Veredas da(s) Guiana(s), águas e terras no espaço social, Berbice e seus **nomes** In HULSMAN, Lodewijk A. H. C; CRUZ, Maria O. S. Org. **Fazenda e trabalho na Amazônia, mão de obra nas Guianas: o caso de Berbice (1726-1736)**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.



CUNHA, Manuela Carneiro. (Org.). **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: FAPESP/Companhia das Letras/SMC, 1992.

DAUZAT, A. **Les noms de Lieux: Origene et évolution**. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. Edições Arquivos do Estado de São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **Toponímia e antropologia no Brasil: Coletânea de estudos**. FFLCH/USP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

\_\_\_\_\_. **Investigação Linguística na Onomástica Brasileira** In: GARTNER, Eberhard. HUNDT, Christine. SCHONBERGER, Axel. Estudos de Língua Portuguesa III. TFM, 2000.

\_\_\_\_\_. A toponímia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, Ieda M. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol III. Campo Grande, MS: UFMS, 2004.

\_\_\_\_\_. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto Atesp (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, Campo Grande: UFMS, 2007.v. 3.

\_\_\_\_\_. Etnia e Etnicidade. Um outro Modo de Nomear. Projetos ATESP/ATB. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMG; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

DINIZ, Edson Soares. **Etnologia indígena da Amazônia brasileira**. Belém-Pará: Gráfica Editora Meridional. [1934], 2004, p. 454.

**EDITORIA DE PESQUISAS SITE DE DICAS**, 2016. Disponível em:

<http://sitededicadas.ne10.uol.com.br/folclore-o-mito-da-iara.htm#link1>. Acesso em: 06. Jun. 2016.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ESBELL, Jaider. **Galeria Jaider Esbell**. 2015. Disponível em:

<http://www.jaideresbell.com.br/site/2018/02/22/mitologia-e-arte-em-familia-na-amazonia/>. Acesso em: 21. Abr. 2018.

FALEIRO, Rodrigo Paranhos. **Alegorias das políticas de territorialidade: uma análise comparada da sobreposição do Parque Nacional do Monte Roraima e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol em terras Ingarikó**. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, 2015.

FARAGE, N. **As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana**. Tese de Doutorado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FARGETTI, C. M. **Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna**. Tese de doutoramento em Linguística. Unicamp, Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. C. M. **Céu e Terra: relações em um mito juruna**. In Impulso, Piracicaba, 17(43): 105-119, 2006.

\_\_\_\_\_. C. M. Estudios del léxico de lenguas indígenas: ¿Terminología? In: Manuel Gonzáles González; María-Dolores Sánchez-Palomino; Inés Veiga Mateos. (Org.) **Terminología: a necessidade da colaboración**. Madrid: Vervuert, 2018, p. 342-368.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues; PACHECO, Agenor Sarraf. **Cartografia Toponímica e Silenciamento afroindígena na "Terra da Liberdade": o problema do apagamento identitário em Benevides-PA**. In 2V REA (Reunião Equatorial de Antropologia) e XIV ABANNE (Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste). 2015.

FIOROTTI, Devair, A. **Projeto Narrativas orais: registro e análise na Terra Indígena do Alto São Marcos (RR) CNPQ – UERR**, 2006.

FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. **Povos indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. Mapa-livro. ISA - Instituto Socioambiental. 3ª edição atualizada. 2006.

SOCIOAMBIENTAL On line. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/PB-br/osa/publicações/mapa-livro-povos-indigenas-do-rio-negro> . Acesso em: 20 jan. 2019.

FREITAS, Marcos Antonio Braga de; TORRES, Iraildes Caldas. **Os filhos de insikiran: da maloca à universidade**. In: 41º Encontro Anual da ANPOCS. Núcleo Insikiran da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2017.

FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. On line. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>. Acesso em: 16. Abril. 2019.

GILDEA, Spike. **On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax**. New York: Oxford University Press, 1998.

GONÇALVES, Natasha. **3º e 4º DD – Macunaíma**. Produção de Natasha Gonçalves. Boa Vista – RR. 2012. Disciplina: animação 2D. Professor: Diogenes Ostuni. 1 vídeo (4:25). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Osa7MQXKfCE>. Acesso em: 23. Set. 2018.

GUBER, Rosana. **La etnografía: Método, campo y reflexividad**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. **A língua portuguesa no Brasil**. In: Ciência e Cultura, On-line version. Cienc. Cult. vol.57 no.2 São Paulo Apr./June. 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015). Acesso em: 22. Nov. 2019.

HOUASSIS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houassis da Língua Portuguesa 3.0**. 2009.

IBGE – **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil** / IBGE, Coordenação de Cartografia. Vol.2 – Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE-CENSO DEMOGRÁFICO 2010. On line. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/tab\\_3\\_01.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/tab_3_01.pdf)>. Acesso em: 15. Mar. 2017.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista - UNESP. 409 p. 1996.

\_\_\_\_\_. Aparecida Negri. **Os animotopônimos na toponímia brasileira: um estudo de caso**. Análisis de estructuras lingüísticas. In XVI Congresso Internacional de la ALFAL. UFMGS... **Anais...** Brasil – Alcalá, 2011. p. 471

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. (1872-1924). **Do Roraima ao Orinoco**. Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913. v. I: São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LIMA, Emanoela Cristina. **A toponímia africana em Minas Gerais**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – Poslin. 2012.

LIMA, I. A. de. **A motivação religiosa nos topônimos paranaenses**. In: Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. **Anais...** 45, Campinas, GEL/UNESP, 1997, v.1, p. 422-428.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 5ª ed.: v. I, II, III, IV, V. Livros Horizonte, LTDA. Lisboa, 1989,

MAGALHÃES, D. de R. **Informações históricas**. Rio de Janeiro: *Graphos*, 1986. 160p.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. *Revista de Antropologia*. [online]. São Paulo, USP, 2013, v. 56 n° 2. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012, 349 pp. Disponível em: file:///C:/Users/Socorro%20Melo/Downloads/82543-Texto%20do%20artigo-114053-1-10-20140630%20(1).pdf. Acesso em: 23.05.2019.

MAKU, Zezé (Pseudônimo de José Miranda de Aquino). O Reino de Makunaima e sua chefia da fauna/El Reinode Makunaima y su jefe de la fauna presenta/The kingdom of Makunima and it's chief of fauna presents/ **Texto e músicas da Trilha sonora Zezé Maku**; ilustrações de Augusto Cardoso. 1. ed. Boa Vista – RR> Gráfica Ioris, 2015.

MANHAES, L. R. Trajano; MARQUES, Mônica de Moraes and SABAA-SRUR, Armando Ubirajara O. **Composição química e do conteúdo de energia do cariru** (*Talinum esculentum*, Jacq.). *Acta Amaz.* [online]. 2008, vol.38, n.2, pp. 307-310. ISSN 0044-5967. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672008000200013>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 3 ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2000.

MARQUES, Augusto C. **Dicionário Histórico Geográfico da Província do Maranhão**. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Cia Editôra Fon-Fon e Seleta 1970.

MARTINS, José de S. **Fronteira: a degradação do ouro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MEIRA, Sérgio. **A família lingüística Caribe (Karíb)**. In *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI*, Brasília, v.3, n.1/2, p.157-174, jul./dez. 2006.

MIRANDA, Alcir G. de. **Historiando a terra de Makunaima (a questão indígena)**. **Boa Vista: Faculdade Atual/ Instituto Gursen De Miranda, 2002.**

MLYNARZ, R. B. **Processos participativos em comunidade indígena: um estudo sobre a ação política dos Ingarikó face à conservação ambiental do Parque Nacional do Monte Roraima**. Dissertação (mestrado). São Paulo: PROCAN-Universidade de São Paulo, 2008.

MOLLO, Noberto. **Toponímia Aborígen Del Departamento General Roca, Provincia de Córdoba**. In, Arqueología y etnohistoria del centro-oeste argentino: publicación de las X Jornadas de Investigadores em Arqueología y Etnohistoria del centro-Oeste del País /Catalina Teresa Michielli... [et al.]; compilado por Antonio Austral ... [et al.]; coordinación general de Ana María Rocchietti. – 1ª ed. – río Cuarto: UniRio Editora, 2015. Libro digital, PDF.

MORELLO, Rosângela (Org.). **Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015.

MORI, Angel C. **Línguas indígenas faladas no Brasil**. Palestra apresentada na abertura do evento PFILNU/21/3/2016.a Escola Avançada de Ciências – FAPESP. “Putting Fieldwork in Indigenous Languages to New Uses”. IELUNICAMP, Campinas, SP. 21/03-02/04/2016.

\_\_\_\_\_. Angel. C. **A diversidade linguística e cultural latino-americana, os direitos linguísticos dos povos originários e o papel social do linguista**. In LIMA, Emanuel Fonseca; WATSON, Carmen Soledad Aurazo de (Orgs.). Identidade e diversidade cultural na América Latina [recurso eletrônico] / Emanuel Fonseca Lima; Carmen Soledad Aurazo de Watson (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Catando piolhos contando histórias**. Editora Brinque-book, Vila Madalena, São Paulo, 1ª ed. 2006. ISBN: 9788574121451

NASCENTES, Antenor. Coleção Dicionários Especializados. **Dicionário Etimológico Resumido**. Instituto nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1966.

NEVES, Orlando. **Dicionário de Nomes Próprios**. 2ªed. [S.I]: Casa das Letras, 2008. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/sonia/>. Acessado em: 20 Jul.2019.

OLIVEIRA, Idelvânia R. **Os Monaikó: narrativas orais e registros linguísticos**. Dissertação (mestrado). 127 folhas: il. Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Letras. Boa Vista, 2012.

PAYNE, David L. **A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions**. In: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum. Handbook of Amazonian languages. Berlin/New York: Mouton – De Gruyter 3: 355-499, 1991.

PAYNE, Thomas E.; PAYNE, Doris L. **Typological grammar of Panare - a cariban language of Venezuela**. Leiden-Boston: Brill, 2013.

PEREIRA, Renato R. NADIN, Odair L. Taxionomias toponímicas e as relações com a terminologia. Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte, v.25, n.1,p. 217-243. 2017. ISSN: 2237-2083. DOI: 10.17851/2237-2083.25.1.217-243.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. In: “La gestion de l’indicible”, Actes de la recherche em sciences sociales, 62/63, p. 30 e seg.

**PORTAL AMAZÔNIA**. Disponível em: <http://portalamazonia.com/noticias-detalle/variedades/lendas-indigenas-desvendam-roraima/?cHash=9ff05b2753188e4b5852fbd59e71c3b1>. Acesso em: 06. Jun. 2016.

**PORTAL CANÇÃO NOVA**. 2002. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/diversos/a-vida-de-sao-francisco-de-assis-o-nascimento/>. Acesso: 18. Ago. 2018.

**PORTAL SÃO FRANCISCO**. 1998. Disponível em: [www.portalsaofrancisco.com.br/dicionariotupiguarani\\_](http://www.portalsaofrancisco.com.br/dicionariotupiguarani_) Acesso em: 23. Mai. 2018.

- PRADO, D. Reseña del libro de Norberto Mollo. **Toponimia indígena. Sur de Córdoba, sur de San Luis y sur de Santa Fe.** Río Cuarto: UniRío, (2017), 150 pág. Revista TEFROS, vol.16, Nº 2, julio-diciembre 2018: 205-210.
- RAPOSO, Celino Alexandre, CRUZ, Maria Odileiz Sousa. **Dicionário da Língua Makuxi.** 2. ed. rev. ampl. Editora da UFRR: Boa Vista, 2016.
- REALE, G. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão.** São Paulo: Paulus; 1999.
- REIS, N.J. Monte Roraima, RR - **Sentinela de Macunaíma.** In: Winge, M.; Schobbenhaus, C.; Berbert-Born, M.; Queiroz, E.T.; Campos, D.A.; Souza, C.R.G.; Fernandes, A.C.S. (Edit.) *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil.* Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/sitio038/sitio038.pdf>. Acesso em: 13. Nov. 2018.
- RIVIÈRE, Peter. **AAE na Amazônia.** In Revista de Antropologia, v. 38, nº 1. Publicação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, 1995.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Loyola, 1986.
- RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 18. Jul. 2019. ISBN: 978-85-7982-010-6.
- RORAIMA DE FATO. Disponível em: <http://roraimadefato.com/main/2016/02/10/uiramuta-o-paraiso-das-cachoeiras-no-extremo-norte-brasileiro/>.
- SALAZAR-QUIJADA, A. **La Toponímia en Venezuela.** Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.
- SAMPAIO, Theodoro. Da Evolução histórica do vocabulário geographico no Brasil. **Typographia do Diário Oficial.** v VIII, ed. 1903, São Paulo, 1904.
- SANTOS, M. G. **Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe.** UNICAMP: Tese de Doutorado, 2006.
- SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala.** 2 ed. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Roraima. **Município Uiramutã/SEBRAE.** 2. Ed. BOA Vista – RR, 2006.
- SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência.** Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- SCIELO – Scientific Electronic Library Online. 2002. Disponível em: Site [cultivohttp://www.scielo.br/scielo.php?pid=S004459672008000200013&scriPB=sci\\_abstract&tlng=PB](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S004459672008000200013&scriPB=sci_abstract&tlng=PB). Acesso em: 16. Set. 2018.
- SEABRA, M. C. T. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo.** Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.
- SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas em Roraima. Município de Uiramutã / Serviço de Apoio às Micro e Pequenas em Roraima. 2ª ed. série: **diagnósticos municipais.** – Boa Vista – RR: SEBRAE-RR, 2006.

SILVA, Emmily Tobias da. Makunaima. Produção acadêmica Fanzine in Curso de especialização em Língua Portuguesa e Literatura. UERR, maio, 2018.

SILVA, Gilmar Brasil da; CRUZ, Ma. Odileiz Sousa. **Topônimo em makuusi na terra da farinha** (Uiramutã). UFRR-PRPPG, IX EPIC. Anais. BVB de 7-10 de junho de 2011.

SILVA, Sivaldo Correia da. **Toponímia Afro-indígena do Vale do Ipojuca**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife: O Autor, 2014.184 p.: il. 2014.

SOLON, Ivonio. Ivonio Solon Wapichana blogspot. 2009. Disponível em: <http://ivoniosolon.blogspot.com/2012/11/documentario-vitoria-dos-netos-de.html>. Acesso: 19.Ago.2018.

SOUZA, Antônio F. **Roraima: fatos e lendas**. [S.l.: s.n], p 97. 1980.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

VANZOLINI, P.E.; CARVALHO, C.M. Two sibling and sympatric species of *Gymnophthalmus*. In **Roraima, Brasil** (Sauria, Teiidae). Papéis Avulsos de Zoologia, USP, 37:173-226. 1991.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WHITEHEAD, Neil L. **Lords of the tiger spirit**. A History of the Caribs in Colonial Venezuela and Guyana (1498 1820). Koninkluk Instituut. Voor Taal, Land en Volkenkunde. Caribbean Series 10. Foris Publications. Dordrecht – Holland Providence – USA. 1988.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia Paranaense** no período de 1648 a 1853. 2006, 269 fl. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, 2006.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO - TCLE**

**TOPONÍMIA ANTROPOCULTURAL DE UIRAMUTÃ – RR**

Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido pela pesquisadora **Maria do Socorro Melo Araújo**, em relação a minha participação no projeto de pesquisa intitulado **Toponímia antropocultural de Uiramutã – RR**, cujo objetivo é e analisar traços histórico-culturais, linguísticos e etimológicos dos topônimos indígenas no município de Uiramutã – RR. Os participantes desta pesquisa serão pessoas acima de 50 anos das comunidades indígenas e sede do município de Uiramutã. Serão realizadas entrevistas baseadas em narrativas orais com os informantes citados anteriormente e que moram nas comunidades. Com base na entrevista e em uma ficha léxico-gráfico-toponímica. As perguntas não oferecem riscos nem aos sujeitos informantes nem ao inquiridor. As comunidades indígenas terão acesso aos resultados da pesquisa através das respectivas lideranças locais. Uma cópia deste TCLE será entregue a cada um dos informantes e outra arquivada pela pesquisadora. Estou ciente e autorizo a realização dos procedimentos acima citados e a utilização dos dados originados destes procedimentos para fins didáticos e de divulgação em revistas científicas brasileiras ou estrangeiras, contanto que seja mantido em sigilo informações relacionadas à minha privacidade, bem como garantido meu direito de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de dúvidas acerca dos procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, além de que se cumpra a legislação em caso de dano. Caso haja algum efeito inesperado que possa prejudicar meu estado de saúde físico e/ou mental, poderei entrar em contato com o pesquisador responsável/ou com demais pesquisadores. É possível retirar o meu consentimento a qualquer hora e deixar de participar do estudo sem que isso traga qualquer prejuízo à minha pessoa. Desta forma, concordo voluntariamente e dou meu consentimento, sem ter sido submetido a qualquer tipo de pressão ou coação.

Eu, \_\_\_\_\_, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Professora Maria do Socorro Melo Araújo, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE em participar do mesmo.

Uiramutã, \_\_\_ / \_\_\_ / 2018.

\_\_\_\_\_ .

Eu, **Maria do Socorro Melo Araújo**, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao paciente.

Nome:	_____	Maria do Socorro Melo Araújo
Endereço:	_____	Rua Sete de Setembro, 231 CEP 69 306 530
Bairro:	_____	Canarinho
Cidade:	_____	Boa Vista Rorai
Fones:	_____	95 991580779 F: ma
	_____	araujomsocorro@gm
	_____	-mail: ail.com



**APÊNDICE B - CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA**

Boa Vista, 13 de setembro de 2018.

Ao Coordenador Geral do Conselho Indígena de Roraima – CIRR  
Enock Barroso Tenente  
Prezado Coordenador,

Apresentamos a Vossa Senhoria MARIA DO SOCORRO MELO ARAÚJO, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (número LLP160458) - Universidade Estadual de Roraima – UERR/Universidade Federal de Roraima - UFRR/ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP - nível de doutorado, com o projeto intitulado **Toponímia Antropocultural de Roraima - Uiramutã**.

O objetivo do projeto é mostrar a importância da toponímia para reconstituir a história e contribuir para salvaguardar a memória de um grupo social; reconhecer os topônimos roraimenses de origem indígena; compreender a motivação da diversidade étnica; identificar influências do contato de línguas e da cultura regional.

Informamos que parte deste trabalho já foi realizado com alunos bolsistas do INSIKIRAN sob orientação da profa. Ma Odileiz S. Cruz com as comunidades Pedra Preta, Pedra Branca, Morro, Monte Murià, Lilas, Placa, Maturuca, Agua Fria, Uiramutã. Deste modo, solicito a Vossa colaboração no sentido de autorizar a referida aluna a realizar visitas e entrevistas com membros das comunidades listadas em anexo, junto ao qual segue o projeto e mapa de planejamento da viagem de reconhecimento para o período de **26/09/2018 a 06/10/2018**.

Este projeto está sendo co-orientado pela professora Ma. Odileiz S. Cruz do atual projeto Saberes Indígenas na Escola do Núcleo IFRR.

Ficamos à disposição para maiores esclarecimentos.  
Atenciosamente.

Ma. do Socorro Melo Araújo (assinatura subtraída)  
95 991580779  
[araujomsocorro@gmail.com](mailto:araujomsocorro@gmail.com)

Maria Odileiz Sousa Cruz (assinatura subtraída)  
[odileiz@mandic.com.br](mailto:odileiz@mandic.com.br)  
95 981278214

**APÊNDICE C - RELAÇÃO DE COMUNIDADES PARA POSSÍVEIS VISITAS**

TRIUNFO

SÃO MATEUS

SÃO LUIS

ENSEADA

SÃO JORGE

TABATINGA

FAZENDA BANANA

SOCO

FLEXALZINHO

URAI

CAMARAREM

TRABAUIA

POPO

UIRAMUTÃ

**APÊNDICE D – SOLICITAÇÃO DE APOIO À PESQUISA CIENTÍFICA**

Uiramutã, 28 de setembro de 2018.

De: Maria do Socorro Melo Araújo  
Prof(a) da Universidade Estadual de Roraima  
Boa Vista - RR

Para: Secretário Municipal de Educação  
Prof. Abraão Oliveira da Silva  
Uiramutã – RR

**Assunto:** Solicitação de apoio à pesquisa científica.

Exmo. Senhor Secretário,

Apresentamos a Vossa Senhoria MARIA DO SOCORRO MELO ARAÚJO, professora da Universidade Estadual de Roraima – UERR e aluna do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa sob o número LLP160458 da UERR/UFRR/ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP - nível de doutorado, com o projeto intitulado **Toponímia Antropocultural de Roraima - Uiramutã**.

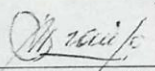
O objetivo do projeto é mostrar a importância da toponímia para reconstituir a história e contribuir para salvaguardar a memória de um grupo social; reconhecer os topônimos roraimenses de origem indígena; compreender a motivação da diversidade étnica; identificar influências do contato de línguas e da cultura regional.

Informamos que parte deste trabalho já foi realizado com alunos bolsistas do INSIKIRAN sob orientação da profa. Dra. Maria Odileiz S. Cruz (UFRR/IFRR) com as comunidades Pedra Preta, Pedra Branca, Morro, Monte Muriá, Lilás, Placa, Maturuca, Água Fria, Uiramutã.

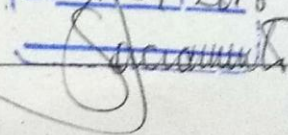
Tendo em vista a grande dificuldade de acesso às comunidades do município, solicitamos apoio de sua Secretaria para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, seria importante a disponibilização de um carro para o traslado Uiramutã/Comunidades/Uiramutã e a liberação do geógrafo da área de geotecnologia, Giovany Lopes Sacramento, autor do Atlas do Balanço Hídrico Climático do Estado de Goiás, cuja metodologia é fundamentação deste trabalho de campo.

Desse modo, informamos que a nossa estada em Uiramutã será até dia 04/10/2018. Ficamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente.

  
\_\_\_\_\_  
Maria do Socorro Melo Araújo

RECEBIDO  
Em 28/09/2018



## APÊNDICE E - FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

### FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

Base: Dick (2004)

**Município:** Uiramutã

**Natureza (AF/AH):** AH

**Topônimo:** Comunidade Caxirimã/ *Kasirimî*

**Taxionomia:** Ergotopônimo

**Etimologia:** Caxirimã, resultado de um processo de interação entre garimpeiro e indígena. Perguntava-se pelo Caxiri e o indígena respondia: em MK, *mî* ‘está aqui!, é este!’; pode ser também bebida forte, grande, *Kasiri* + *mî* (aumentativo) = *Kasirimî*:

bebida feita com beijuacu fermentado em água, especiaria da gastronomia indígena. (AMÓDIO; PIRA, 2007); bebida alcoólica, muito apreciada pelos indígenas produzida a partir da mandioca fermentada.

**Origem linguística:** MK

**Entrada Lexical:** PB

**Estrutura Morfossintática:** [SN(N)] em PB; [SN(N) + SP (Posp.)] em MK

**Fonte:** Campo dia 03/10/2018

**Motivação:** o nome *Kasirimî* refere-se ao ato de colocar caxiri na cuia do *wai* (MK), ‘balde’ em (PB).

**Vocabulário em Língua indígena:** em MK, *Kasiri* ‘caxiri’; *wai* ‘balde’; *waito pan* ‘igarapé tipo balde’.

**Contexto:** a comunidade é antiga, existe desde 1952. Mas foi cadastrada em 2000. Na história de sua fundação houve muitos embates, o informante enaltece o líder, tuxaua Orlando foi um cacique lutador. Há uma escola Estadual Indígena *Amooko Pedro Pakara*, que funciona há 17 anos. São católicos e tem como padroeira Nossa Senhora das Graças. A economia está em torno do cultivo de mandioca, feijão, arroz, cará, inhame, banana e abacaxi; e da criação de gado, porco e galinha. Fazem a Feira Macuxi (de produção local, orgânica), nos dias 29 e 30 de agosto. A comunidade possui um retiro, Retiro Ariel a 58 km da comunidade. Atualmente a comunidade está constituída por 12 famílias, totalizando 78 pessoas.

#### **Histórias Narradas:**

1. O filho de Makunaima, Insikiran, vive no rio Maú.
2. No rio *Eremîtan* há um *aymará* (peixe traíra) na Pedra Grande, Tuxaua Orlando conta que cavaram o rio e tiraram o *aymará*, fecharam o peixe grande no Passarão.
3. Na serra há o cemitério de Makunaima, lugar sagrado.
4. Taren são orações de benzer que podem fazer o bem, evitar os encantamentos da montanha, ou fazer o mal.

#### **Dados dos informantes:**

##### **Colaborador 1**

Nome: Jaime

Etnia: Macuxi

Data de Nascimento/Idade: não informada

Escolaridade: educação básica

Falante de línguas: sim.

Função na comunidade/parentesco: professor

**Local e data de coleta:** Comunidade Caxirimã, 03 de outubro de 2018.

**Coordenadas Geográficas:** N 4°, 33', 55,4" / W 60°, 09', 43,8"

**Pesquisadora:** Maria do Socorro Melo Araújo

**Revisora:** Maria Odileiz Sousa Cruz

## FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

Base: Dick (2004)

**Município:** Uiramutã

**Natureza (AF/AH):** AH

**Topônimo:** São Francisco

**Taxionomia:** Antropotopônimo

**Etimologia:** A etimologia para *São*, do lat. *sanctum*, forma apocopada de santo, aquele que foi canonizado, empregado antes de nomes de santo que iniciam por consoante como *São Francisco*. São Francisco recebeu primeiramente de sua mãe o nome de João ‘Giovanni’. Ao retornar de uma viagem, o seu pai mudou-lhe o nome para ‘Francisco’ em homenagem à França, ou seja, refere-se ‘ao que é da França’, onde o pai nutria grandes negócios comerciais, por ocasião do nascimento do filho.

**Origem linguística:** PB

**Entrada Lexical:** PB

**Estrutura Morfossintática:** [SN(Apoc. +SN(N))]

**Fonte:** entrevista em campo 01/10/18

**Motivação:** o nome da comunidade se deu em homenagem ao avô do Tuxaua que se chamava Francisco.

**Vocabulário em língua indígena:** igarapé Flecha: *Truiipê ~ Prîupî*

**Contexto:** a comunidade foi cadastrada em 2007, não possui topônimo anterior dada à necessidade de ocupação das terras, desmembrada das terras da comunidade Uiramutã. O seu nome é em homenagem ao avô do atual tuxaua. Situada à margem direita de Uiramutã e nas proximidades do igarapé Flecha, em MK *Truiipê ~ Prîupî*. A língua MK é falada pelos mais idosos e as crianças aprendem-na na escola. A comunidade tem igreja católica, cujo padroeiro é São Francisco de Assis que é festejado no período de 04 a 07 de outubro. Economicamente a comunidade vive da agricultura, com a produção de cana de açúcar, macaxeira, banana, batata e da criação de gado e galinha. A população é composta por 28 famílias, totalizando 168 pessoas, sob a liderança do tuxaua Ivaldo Pereira que trabalha com o Centro da comunidade e da região.

**Histórias narradas:** 1. Há na região uma serra (não lembrou o nome) onde os indígenas se encontravam para reuniões. Em uma dessas reuniões na serra, uma pessoa escorregou, e lá ficou um de seus membros que virou pedra, conta o entrevistado e afirma o meu avô contava que tem um braço, perna ou pé lá, mas nunca fui porque lá é lugar sagrado.

### **Dados dos informantes:**

#### **Colaborador 1**

Nome: Ivaldo Pereira

Etnia: Macuxi

Data de Nascimento/Idade: 41 anos

Escolaridade: alfabetizado

Falante de línguas: não

Função na comunidade/parentesco: Tuxaua da comunidade

**Local e data de coleta:** Comunidade São Francisco, em 01/10/18.

**Coordenadas Geográficas:** N 4°, 35', 28,8" / W 60°, 09', 32,7"

**Pesquisadora:** Maria do Socorro Melo Araújo

**Revisora:** Maria Odileiz Sousa Cruz

## FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

Base: Dick (2004)

**Município:** Uiramutã**Natureza (AF/AH):** AH**Topônimo:** Milho**Taxionomia:** Gonotopônimo**Etimologia:****Origem linguística:** PB**Entrada Lexical:** PB**Estrutura Morfológica:** N= SN**Fonte:** entrevista em campo 28/09/18**Motivação:** o nome Milho deu-se em homenagem a um lugar de morada anterior das famílias que constituíram a nova morada.**Vocabulário em língua indígena:** A comunidade tem topônimo anterior que se refere aos órgãos genitais femininos, *Parê worí* ~ *Parê wíri*, em MK, 'vulva da mulher'**Contexto:** a comunidade foi cadastrada em 16/11/18, pelo Tuxaua Minuzani Albino Manuel, portanto a caçula da pesquisa. Por motivos de desentendimentos familiares parte da família saiu do lavrado para a serra como diz o entrevistado algumas pessoas da Comunidade Milho do Lavrado que ouvia que eu ia embora, deu nome Milho, mas eu não morei lá não. Atualmente é liderada pelo Tuxaua Elizeu Albino, 37 anos, filho de Seu Minuzani Albino. A comunidade tem topônimo anterior que se refere ao órgão sexual feminino (genitália), tem nome que se chama imoralidade *Parê worí*, em Macuxi, que o informante diz não saber a palavra em PB. Ainda não há escola, nem igreja. A comunidade é evangélica e composta por 5 famílias, totalizando 28 pessoas.**Histórias narradas:**

1. A História do nome do primeiro nome do lugar o informante não sabe, apenas se limitou em dizer que é imoralidade.

2. Seu Minuzani com orgulho que antigamente, meu pai caçava, pegava *aymará* grande, partiu no meio, quando o coração da *aymará* pulava saltava, ele engolia ...

3. As caçadas: os homens ia caçar, as mulheres ficava fazendo o caxiri, os homens deixava o calendário dos nó, todo dia as mulheres desmanchava um nó... até saber o dia que eles ia chegar. Quando eles ia chegar, atirava lá de cima o jamaxim grande, eu não vivi isso com meu marido, isso é lá para trás, da finada minha mãe do meu pai... Os homens ao voltar das caçada, com o jamaxim, cheio de peixe e caça, comemorava com uma briga, diz dona Sara, esposa de Seu Minuzani. A esposa foi interrompida pelo marido, Isso que eles faz é bem controlado, orientado(...). Ela tava contando igual briga, mas é cultura. Fazia isso até no chão, o homem feito, em cima do outro com toda força e tem que sustentar ele, suspender, se ele passar esse homem, ele entra na casa e cai dentro do pajuaru de cabeça. Mas quando ele dominar, também esse homem entra na casa do outro por isso que o chefe está orientando não é para achar ruim, é briga de bater na cara do outro é uma festa é cultura.

**Dados dos informantes:****Colaborador 1**

Nome: Minuzani Albino Manuel

Etnia: Macuxi

Data de Nascimento/Idade: 69 anos

Escolaridade: não alfabetizado

Falante de línguas: sim

Função na comunidade/parentesco: Mestre da comunidade

**Colaborador 1**

Nome: Sara dos Santos

Etnia: Macuxi

Data de Nascimento/Idade: 53 anos

Escolaridade: não alfabetizada

Falante de línguas: sim

Função na comunidade/parentesco: Mestre da comunidade

**Local e data de coleta:** Comunidade Milho, em 28/09/18**Coordenadas Geográficas:** N 4°, 40', 31,4" / W 60°, 14', 51,2"**Pesquisadora:** Maria do Socorro Melo Araújo**Revisora:** Maria Odileiz Sousa Cruz